

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

DENISE SANTANA

**A CRISE DO PERTENCIMENTO RELIGIOSO, PESSOAS DESIGREJADAS NAS  
REDES SOCIAIS E OS REFLEXOS NA IGREJA EVANGÉLICA  
CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE À LUZ DA TEOLOGIA PRÁTICA**

São Leopoldo  
2024



DENISE SANTANA

**A CRISE DO PERTENCIMENTO RELIGIOSO, PESSOAS DESIGREJADAS NAS  
REDES SOCIAIS E OS REFLEXOS NA IGREJA EVANGÉLICA  
CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE À LUZ DA TEOLOGIA PRÁTICA**

Tese de Doutorado  
Para a obtenção do grau de  
Doutora em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de concentração: Teologia, Religião  
e Linguagens  
Linha de pesquisa: Teologia e Práxis  
Religiosas

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Adam

São Leopoldo  
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S232c Santana, Denise

A crise do pertencimento religioso, pessoas desigrejadas nas redes sociais e os reflexos na Igreja Evangélica contemporânea: uma análise à luz da teologia prática / Denise Santana; orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo: EST/PPG, 2024.

196 p. ; 31 cm

Tese (Doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2024.

1. Teologia prática. 2. Desigrejados. 3. Comunicação de massa em religião. 3. Redes sociais. 4. Secularização. I. Adam, Júlio César, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

DENISE SANTANA

**A CRISE DO PERTENCIMENTO RELIGIOSO, PESSOAS DESIGREJADAS NAS REDES SOCIAIS E OS REFLEXOS NA IGREJA EVANGÉLICA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE À LUZ DA TEOLOGIA PRÁTICA**

Tese de Doutorado  
Para a obtenção do grau de Doutora em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia, Religião e Linguagens

Data de Aprovação: 13 de dezembro de 2024

PROF. DR. JÚLIO CÉZAR ADAM (PRESIDENTE)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. WILHELM WACHHOLZ (EST)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. ONEIDE BOBSIN (EST)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. TIAGO SAMUEL LOPES DE CARVALHO (FN)  
Docente visitante

PROF. DR. ANDRÉ AUGUSTO DINIZ LIRA (UFCG)  
Docente visitante

Assinado digitalmente por:  
Júlio César Adam :  
XXX.195.000-XX  
Date: 17/12/2024  
13:35:08 -03:00



Assinado digitalmente por:  
WILHELM  
WACHHOLZ :  
XXX.192.369-XX  
Date: 06/01/2025  
07:11:48 -03:00



Assinado digitalmente por:  
Oneide Bobsin :  
XXX.386.130-XX  
Date: 06/01/2025  
09:48:14 -03:00





*A Deus, meus pais, irmãos,  
cunhados e sobrinhos.*



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela vida. Aos amigos e alunos que me incentivaram. Aos meus professores, em especial meu orientador, que foram farol para me direcionar rumo ao conhecimento. Agradeço à minha família que foi abrigo, amor, força e sustentação. Sem a minha família eu não teria conseguido. Obrigada!



*Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns. Mas procuremos encorajar-nos uns aos outros ainda mais quando vocês veem que se aproxima o dia.*

Hebreus 10:25



## RESUMO

Tendo como base a Teologia Prática, o objetivo da pesquisa é analisar o movimento das pessoas desigrejadas que é parte de um cenário maior de crise de pertencimento religioso que afeta as igrejas evangélicas e protestantes brasileiras gerando a evasão na comunidade de fé e a desinstitucionalização. A tese é que o desigrejamento é fruto da crise institucional que a igreja atravessa, uma falta de pertencimento que se expande para todas as esferas da sociedade, inclusive na área religiosa. A metodologia foi a revisão bibliográfica e a netnografia. Redes sociais, Facebook e YouTube, foram estudadas por ser um espaço de tempo onde se pode avaliar como as pessoas desigrejadas se manifestam a respeito da igreja. Também tendo a netnografia como base metodológica, duas igrejas evangélicas foram acompanhadas, por dois anos, para analisar como é realizada a transmissão dos cultos pela internet onde muitas pessoas desigrejadas buscam alimento espiritual. Depois da introdução, o primeiro capítulo traz o conceito de desigrejados, os subgrupos existentes e as razões pelas quais abandonaram a igreja. No segundo capítulo foi abordado a internet como espaço da midiatização da religião e enfocadas as redes sociais, Facebook e YouTube, como locais de comunidades das pessoas desigrejadas. O terceiro capítulo é sobre a crise do pertencimento religioso que a sociedade atravessa hoje e que afeta a área religiosa. O último capítulo enfoca a Teologia Prática como ferramenta para analisar a igreja atual e cinco possíveis ações para a liderança enfrentar o desigrejamento (autoavaliação da liderança, educação religiosa, busca ativa, a reunião em casa e o culto on-line), as vantagens e as desvantagens do culto on-line e exemplos de duas igrejas que desenvolvem ministérios virtuais com a transmissão de culto pela internet. Por fim, a conclusão. O resultado desta pesquisa aponta para os principais motivos que levam as pessoas a abandonar a congregação. As pessoas desigrejadas discordam: da institucionalização da igreja; da variedade de denominações religiosas; da secularização das igrejas históricas; profissionalização do pastorado; busca pelo diploma de Teologia reconhecido pelo Ministério da Educação; a variedade de métodos de crescimento das igrejas onde os líderes buscam quantidade de pessoas em detrimento da qualidade espiritual dos membros; ministérios que têm somente foco em reuniões que visam bater metas da liderança; disputa entre as pessoas para atingir as metas; abuso espiritual dos líderes; estrutura organizacional (templo, culto regular aos domingos, tesouraria, ofícios, oferta, dízimo, CNPJ, clero oficial, confissão de fé, rol de membros, propriedade, escola ou seminário); a hierarquia que não permite viver o sacerdócio de todo o crente; a igreja empresa com pastores que buscam lucro financeiro; Teologia da Prosperidade; e escândalos sexuais e financeiros. O resultado do estudo revela que é preciso dialogar com esse público sendo necessário que a liderança faça autoanálise para corrigir problemas na igreja que levam as pessoas a deixar as comunidades; investir em educação religiosa; fazer uma busca ativa dos membros que abandonaram a congregação; investir em reunião em casa para proporcionar cuidado entre as pessoas; e o engajamento das igrejas na transmissão do culto on-line como uma forma de ajudar as pessoas desigrejadas a não perder o vínculo com a congregação.

**Palavras-chave:** pessoa desigrejada; crise do pertencimento religioso; redes sociais; desinstitucionalização; igreja evangélica e protestante; Teologia Prática



## ABSTRACT

Based on Practical Theology, the objective of the research is to analyze the movement of unchurched people, which is part of a larger scenario of crisis of religious belonging that affects Brazilian evangelical and Protestant churches, generating evasion in the community of faith and deinstitutionalization. The thesis is that unchurching is the result of the institutional crisis that the church is going through, a lack of belonging that expands to all spheres of society, including the religious area. The methodology was a bibliographic review and netnography. Social networks, Facebook and YouTube, were studied because they are a space of time where one can evaluate how unchurched people express themselves regarding the church. Also using netnography as a methodological basis, two evangelical churches were monitored for two years to analyze how the broadcast of services is carried out over the internet, where many unchurched people seek spiritual nourishment. After the introduction, the first chapter presents the concept of the unchurched, the existing subgroups and the reasons why they left the church. The second chapter addresses the internet as a space for the mediatization of religion and focuses on social networks, Facebook and YouTube, as places where unchurched people live. The third chapter is about the crisis of religious belonging that society is going through today and that affects the religious area. The last chapter focuses on Practical Theology as a tool for analyzing the current church and five possible actions for the leadership to face unchurching (leadership self-assessment, religious education, active search, home meeting and online worship), the advantages and disadvantages of online worship and examples of two churches that develop virtual ministries with the transmission of worship over the internet. Finally, the conclusion. The result of this research points to the main reasons that lead people to leave the congregation. Unchurched people disagree with: the institutionalization of the church; the variety of religious denominations; the secularization of historical churches; the professionalization of the pastorate; search for a Theology degree recognized by the Ministry of Education; the variety of church growth methods where leaders seek the number of people to the detriment of the spiritual quality of the members; ministries that only focus on meetings that aim to meet leadership goals; competition among people to achieve goals; spiritual abuse of leaders; organizational structure (temple, regular Sunday worship, treasury, offices, offerings, tithes, CNPJ, official clergy, confession of faith, membership list, property, school or seminary); the hierarchy that does not allow the priesthood of all believers to be lived; the church as a company with pastors who seek financial profit; Prosperity Theology; and sexual and financial scandals. The results of the study reveal that it is necessary to dialogue with this public and that the leadership must do a self-analysis to correct problems in the church that lead people to leave the communities; invest in religious education; actively seek out members who have abandoned the congregation; invest in home meetings to provide care among people; and the engagement of churches in broadcasting worship online as a way to help unchurched people not lose their connection with the congregation.

### **Keywords:**

unchurched person; unchurched christian; crisis of religious belonging; social networks; deinstitutionalization; evangelical and protestant church; Practical Theology



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 CONCEITO DAS PESSOAS DESIGREJADA, SUBGRUPOS E AS RAZÕES POR QUE ABANDONARAM A IGREJA .....</b>	<b>23</b>
2.1 CONCEITO DE PESSOAS DESIGREJADAS .....	23
2.2 OS SUBGRUPOS DE PESSOAS DESIGREJADAS .....	26
2.3 AS RAZÕES QUE LEVARAM AS PESSOAS DESIGREJADAS A ABANDONAR A IGREJA E AS CONSEQUÊNCIAS .....	31
2.4 DIFERENCIAÇÃO E COMPARAÇÃO ENTRE AS PESSOAS DESIGREJADAS, OS DESVIADOS E OS SEM RELIGIÃO .....	44
<b>3 A INTERNET COMO ESPAÇO DA MUDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO: AS REDES SOCIAIS COMO LOCAL DE ENCONTRO PARA AS PESSOAS DESIGREJADAS .....</b>	<b>57</b>
3.1 AS CARACTERÍSTICAS DAS COMUNIDADES VIRTUAIS, AS VANTAGENS E AS DESVANTAGENS DO USO DAS REDES SOCIAIS .....	57
3.2 A NETNOGRAFIA COMO MÉTODO DA PESQUISA E A SISTEMATIZAÇÃO DOS DEPOIMENTOS DAS PESSOAS DESIGREJADAS .....	67
3.3 A OPINIÃO DAS PESSOAS QUE ABANDONARAM A IGREJA E O ENGAJAMENTO NAS REDES SOCIAIS .....	73
<b>4 A CRISE DO PERTENCIMENTO RELIGIOSO .....</b>	<b>95</b>
4.1 DIFERENÇA ENTRE RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE .....	95
4.2 A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO E A DESTRADICIONALIZAÇÃO DA RELIGIÃO .....	98
4.3 CRISE NO SENTIDO DE VIDA E CRISE NAS IGREJAS EVANGÉLICAS .....	103
4.4 ASPECTOS QUE EXPLICAM A CRISE INSTITUCIONAL .....	107
<b>5 A TEOLOGIA PRÁTICA COMO FERRAMENTA PARA ANALISAR A IGREJA ATUAL DIANTE DO DESIGREJAMENTO .....</b>	<b>115</b>
5.1 O PAPEL DA TEOLOGIA PRÁTICA HOJE DIANTE DO DESIGREJAMENTO .....	116
5.2 CONTRAPONTO DE TEÓLOGOS AO MOVIMENTO DAS PESSOAS DESIGREJADAS .....	117
5.2.1 A visão “eu sou a igreja” .....	118
5.2.2 A visão de que o cristianismo foi influenciado pelo paganismo .....	120
5.2.3 Sobre a organização da igreja .....	122
5.2.4 A visão sobre o templo .....	126
5.2.5 A falta de visão sobre os concílios, a hierarquia na igreja, as confissões de fé e os credos .....	128
5.2.6 As pessoas desigrejadas não citam os problemas dos primeiros cristãos .....	130
5.2.7 Ideias separatistas na história da igreja .....	134

<b>5.3 A NECESSIDADE DE AÇÃO DIANTE DO DESIGREJAMENTO: AUTOAVALIAÇÃO DA LIDERANÇA, EDUCAÇÃO RELIGIOSA, BUSCA ATIVA, A REUNIÃO EM CASA E O CULTO ON-LINE .....</b>	<b>141</b>
<b>5.4 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO CULTO ON-LINE .....</b>	<b>147</b>
<b>5.5 NECESSIDADE DE SUPERAR A RESISTÊNCIA À TRANSMISSÃO DO CULTO ON-LINE .....</b>	<b>153</b>
<b>5.6 DICAS PRÁTICAS AO REALIZAR CULTO ON-LINE .....</b>	<b>162</b>
<b>5.7 EXEMPLOS DE IGREJAS QUE DESENVOLVEM MINISTÉRIO VIRTUAL....</b>	<b>163</b>
<b>5.8 INTOLERÂNCIA DOS EVANGÉLICOS PARA COM AS PESSOAS DESIGREJADAS .....</b>	<b>169</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>177</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>183</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O contexto geral desta pesquisa é o movimento das pessoas desigrejadas no Brasil, a crise de pertencimento religioso e a formação de comunidade que esse grupo está desenvolvendo nas redes sociais. A análise das redes, Facebook e YouTube, é um diferencial deste estudo, pois a literatura brasileira existente na atualidade não apresenta esse aspecto. Define-se por pessoas desigrejadas protestantes e evangélicos que não querem ser membros das igrejas e frequentar os cultos, assumindo uma religiosidade autônoma e longe da tutela institucional.

O fenômeno da desinstitucionalização é analisado à luz da Teologia Prática. A desinstitucionalização<sup>1</sup> religiosa é o resultado de uma mudança social. Anteriormente as pessoas eram engajadas nas igrejas, mas agora a tendência é que pratiquem a religiosidade de forma autônoma, longe da igreja institucional, sem interesse na membresia das comunidades de fé. O individualismo explica a desinstitucionalização. Acontece agora uma redução dos vínculos institucionais dos fiéis para com as igrejas e a consequência é um distanciamento das pessoas das comunidades de fé.

A Teologia Prática questiona em que medida se alcança a finalidade última da Teologia que é de se tornar prática eficaz da fé cristã e servir para transformar o mundo e a própria igreja para não perder a vinculação com o Evangelho. A Teologia Prática é porta-voz da comunidade evangélica e precisa representar seus diversos públicos, sendo voz também daqueles que, de fora da igreja, apontam para a coerência ou a incoerência de sua prática. Por meio da Teologia Prática a igreja precisa refletir sobre o atual momento e promover o diálogo com os diversos agentes sociais. A pesquisa está relacionada à Teologia Prática na linha da edificação de comunidade. Teologia Prática<sup>2</sup> é discurso, ação comunicativa, atividade comunitária, ajudadora no aperfeiçoamento do trabalho da igreja, sendo uma disciplina que faz uma relação entre a teologia acadêmica e a prática da fé. Ajuda a organizar as áreas

---

<sup>1</sup> HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 170.

<sup>2</sup> ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da Teologia Prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 8.

de ação da igreja como, entre outras funções, culto, pregação, a vivência da comunidade, diaconia e aconselhamento pastoral.<sup>3</sup>

O objetivo desta pesquisa é analisar porque as pessoas desigrejadas estão abandonando as igrejas. Para isso, foi estudado como a crise do pertencimento influencia a vida das pessoas desigrejadas levando-as ao afastamento da comunidade, as discordâncias do grupo para com as igrejas, os motivos que levaram ao afastamento e relaxamento do laço institucional e as redes sociais, Facebook e YouTube, que são meios de comunicação usados pelo grupo para formar comunidade e criticar a igreja institucional. É preciso fazer essa ligação entre teologia e comunicação, pois as pessoas desigrejadas têm atuação na internet pregando contra doutrinas, a forma como as igrejas são administradas, denunciando abuso espiritual da liderança, entre outras críticas.

A pesquisa se justifica por ser um tema atual que ainda precisa de mais estudo para analisar o cenário brasileiro (porque muitos trabalhos abordam o desigrejamento no exterior), por mostrar o problema da evasão nas igrejas evangélicas, a perda de valores tradicionais que a sociedade atravessa (que também repercutem na comunidade de fé) e a crise do pertencimento religioso que se evidencia com a negação da instituição como reguladora do crer e se recusa à vivência comunitária de fé. Essa crise que as pessoas vivem mostra a questão do pertencer e do não pertencer. Os sem igreja negam-se a ser membro de um grupo, não aceitam que a instituição cumpra seu papel de ditar as normas da fé e não querem pertencer à comunidade local. Pertencer é fazer parte, ser membro. O conceito de membro<sup>4</sup> é uma das pessoas que compõe uma sociedade ou comunidade. Pertencer está ligado ao sentimento das pessoas de fazer parte de algo maior, à necessidade de se agrupar, o que traz consequências emocionais e desenvolvimento social. O não pertencer é a não filiação, não ser membro, distanciar-se da instituição. É a crise axiológica que as pessoas vivenciam hoje (ou seja, a queda, o declínio, a decadência de valores e o descrédito pessoal e nas instituições) que leva os evangélicos e protestantes ao afastamento da convivência na igreja.

---

<sup>3</sup> HARPPRECHT, Christoph Schneider; ZWETSCH, Roberto E. (org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. 3 ed. ver. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. p. 19.

<sup>4</sup> PFEIFFER, F. Charles; VOS, Howard F; REA, John. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2ª edição, 2023. p. 1248.

Atualmente acontece a desinstitucionalização que é definida como uma “proliferação de igrejas, movimentos e grupos informais, que não mais se prendem aos protocolos de autorização, bem como na disseminação do religioso para além das fronteiras reguladas pelas instituições religiosas.”<sup>5</sup> Parte desse movimento de desinstitucionalização<sup>6</sup> da religião significa o afrouxamento dos vínculos institucionais e afetivos dos membros às suas respectivas comunidades de fé e às atividades lá realizadas. Com o avanço da negação de ser parte integrante de uma igreja, o que acontece é um distanciamento dos membros das práticas comunitárias e a evasão. A secularização, a crise do pertencimento, a defesa da desinstitucionalização geraram várias consequências. Uma dessas consequências é o desigrejamento que é o resultado de um fenômeno maior de crise institucional, religiosa e social. Uma crise de pertencimento em todas as esferas da vida, uma crise axiológica.

O interesse por pesquisar o assunto surgiu depois de a pesquisadora orientar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o tema. Além disso, outro interesse por pesquisar o conteúdo foi depois de fazer uma postagem no Facebook defendendo a membresia. Vários seguidores da pesquisadora fizeram comentários justificando porque tinham abandonado a frequência aos cultos. As pessoas diziam estar insatisfeitas com a igreja cristã e que não frequentavam as reuniões. Em conversas informais com essas pessoas, foi possível notar que muitas estavam engajadas em comunidades virtuais no Facebook. Foi necessário entrar nas comunidades para observar os motivos pelos quais as pessoas deixaram de frequentar as igrejas. A relevância do tema é grande porque dá visibilidade para um público que está esquecido e desassistido pela liderança eclesial haja visto que não se sabe onde estão e quantas são as pessoas desigrejadas brasileiras.

Optou-se pela metodologia da pesquisa bibliográfica e também nas redes sociais (Facebook e YouTube) baseado na netnografia que é um método de pesquisa qualitativa que adapta técnicas da pesquisa etnográfica para o estudo de culturas e comunidades emergindo por meio das comunicações mediadas por computador. As técnicas etnográficas têm sido apropriadas em pesquisas on-line, ou seja, realizadas

---

<sup>5</sup> BURITY, Joanildo. Religião e Política na Fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 4, p. 27-45, 2001, p. 34.

<sup>6</sup> ADAM, Júlio César. Batismo e iniciação cristã frente à desinstitucionalização da religião. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 390-402, 2012, p. 392-393. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/977>. Acesso em: 20 nov. 2023.

por meio da e na internet. A pesquisadora engajou-se nas comunidades de pessoas desigrejadas no Facebook para dialogar e entender os motivos que as levaram a abandonar a igreja institucional, também pesquisou canais no YouTube e acompanhou, por dois anos, duas igrejas evangélicas que fazem transmissão do culto pela internet. A metodologia usada permitiu esse engajamento da pesquisadora na internet.

A tese defendida, tendo como base a Teologia Prática, é uma análise sobre o movimento das pessoas desigrejadas brasileiras que aponta para a evasão nas igrejas evangélicas e protestantes e para a desinstitucionalização. As redes sociais foram estudadas por ser um espaço onde as pessoas desigrejadas criticam a igreja institucional. A tese apresenta cinco possíveis caminhos para que a liderança da igreja desenvolva diálogo com as pessoas desigrejadas: autoanálise da liderança para corrigir problemas na igreja que levam as pessoas a deixar a comunidade, necessidade de investir em educação religiosa, busca ativa dos membros que abandonaram a congregação, reunião em casa para proporcionar cuidado entre os fiéis e o engajamento das igrejas na transmissão do culto on-line como uma forma de ajudar as pessoas desigrejadas a não perder de vez o vínculo com a comunidade de fé.

A pesquisa tem quatro capítulos, além da introdução e da conclusão. O capítulo um traz o conceito de pessoas desigrejadas, os subgrupos existentes no movimento, os motivos pelos quais as pessoas abandonaram a igreja institucional, a diferença entre desigrejamento, desviados e as pessoas sem religião. Os principais autores deste capítulo são Idauro Campos, Augustus Nicodemus Lopes, Nelson Bomilcar, Frank Viola e Paulo Brabo.

São apresentados, no capítulo 2, a relevância das redes sociais (Facebook e YouTube) como espaço de interação mundial e de encontro das pessoas desigrejadas, as vantagens e as desvantagens do uso das redes sociais, o método usado nesta pesquisa (a netnografia) e os depoimentos das pessoas desigrejadas colhidos nos grupos on-line. Os autores destaque desta parte da pesquisa são Raquel Recuero, Antonio Spadaro e Moisés Sbardelotto.

O capítulo 3 enfoca a crise do pertencimento religioso. Discorre sobre a secularização, a diferença entre religião e religiosidade e a desinstitucionalização. Ainda sobre a crise axiológica e a crise que as igrejas evangélicas atravessam com a

evasão dos membros. O capítulo traz alguns aspectos que ajudam a explicar a crise institucional. Foram pesquisados autores como, entre outros, Daniele Hervieu-Léger, Flávio Senra, Júlio César Adam, José Álvaro Campos Vieira e Ricardo Mariano.

O capítulo 4 trata sobre a Teologia Prática e seu papel na fundamentação de uma análise do e para o cenário atual da igreja evangélica. São abordados os contrapontos dos teólogos sobre o movimento das pessoas desigrejadas. Esses contrapontos são uma análise crítica sobre os principais pontos doutrinários e de organização eclesiástica que as pessoas desigrejadas defendem e que os teólogos questionam. O capítulo também aborda a intolerância sofrida pelas pessoas desigrejadas e os aspectos que precisam ser observados pela liderança eclesiástica que debate sobre o desigrejamento. O culto on-line é destacado, pois tem sido um dos meios usados para manter o vínculo com as pessoas pela internet. São citadas as vantagens e desvantagens do culto on-line e mostrados exemplos de duas igrejas que desenvolvem trabalho on-line por meio da transmissão dos cultos pelo YouTube. O ministério virtual é desenvolvido pela Igreja do Amor, na cidade de Paulista, em Pernambuco, e pela Igreja Memorial Batista de Brasília, no Distrito Federal. Por dois anos a pesquisadora acompanhou os cultos on-line das duas igrejas para embasar esta pesquisa. O método usado para analisar a transmissão dos dois cultos on-line, nas duas igrejas pesquisadas, foi a netnografia<sup>7</sup> que é a junção (ou adaptação) de técnicas de pesquisa etnográfica ao estudo de comunidades que se comunicam via computador, sendo uma nova metodologia de pesquisa qualitativa. As técnicas etnográficas têm sido apropriadas em pesquisas realizadas por meio da/na internet (a pesquisa on-line). No capítulo ainda é focado a necessidade de superar a resistência à transmissão do culto on-line e dicas para realizar a reunião. As principais referências usadas, que já publicaram obras sobre a Teologia Prática, são os autores Júlio Zabatiero, Roberto Zwetsch e Christoph Schneider-Harpprecht.

---

<sup>7</sup> POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, Brasília/DF, n. 3, p. 61-71, 2014, p. 62.



## 2 CONCEITO DAS PESSOAS DESIGREJADA, SUBGRUPOS E AS RAZÕES PORQUE ABANDONARAM A IGREJA

Este capítulo aborda aspectos centrais da pesquisa como a definição de pessoas desigrejadas, os vários grupos existentes dentro do movimento, as razões que levam as pessoas a se tornarem sem igreja, as ideias de autores que criticam a institucionalização da igreja evangélica e protestante e o conceito de igreja.

### 2.1 CONCEITO DE PESSOAS DESIGREJADAS

Pessoas desigrejadas são cristãos evangélicos e protestantes que se desligaram das igrejas, não desejam mais ser membros e expressam críticas à instituição, optando por cultivar uma fé autônoma. O teólogo Bomilcar os chama de sem igreja e diz que são uma “tribo informal, com pessoas que desistiram da igreja, seja ela de qualquer expressão, mas especialmente as reunidas em templos ou instituições eclesiais.”<sup>8</sup> A palavra desigrejado é um neologismo, correspondendo ao inglês *unchurched* (sem igreja). Não está no dicionário e não faz parte do léxico. É um termo pejorativo que o brasileiro pegou emprestado dos Estados Unidos da América. Esse grupo também é denominado de *the churchless christian* (o cristão sem igreja). Ao contrário do termo pessoa desigrejada, existe a igreja, ou seja, quando a pessoa pertence ao grupo, sendo membro de uma igreja.

Erickson<sup>9</sup> diz existem diversos usos do termo igreja. Nesta pesquisa o conceito de igreja é abordado à luz do Novo Testamento. A palavra “igreja é uma tradução da palavra grega *ekklesia* que nunca se refere a um lugar de adoração, mas tem em vista uma reunião de pessoa. (...) Indica uma associação local de crentes.”<sup>10</sup>

Para Santo Agostinho, a igreja é o “corpo de Cristo unificado pelo amor do Espírito”.<sup>11</sup> Afirmou que existe uma igreja invisível (os eleitos que somente Deus

---

<sup>8</sup> BOMILCAR, Nelson. **Os sem igreja**: buscando caminhos de esperança na experiência comunitária. São Paulo: Mundo Cristão, 2012. p. 16.

<sup>9</sup> ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo, Vida Nova, 2015. p. 993.

<sup>10</sup> PFEIFFER; VOS; REA, 2023. p. 949.

<sup>11</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**. Uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 921.

conhece) e uma visível (a igreja na Terra). Martinho Lutero<sup>12</sup> reafirmou a distinção entre a igreja visível e a invisível. Deu ênfase na fé como sendo uma marca das pessoas que realmente fazem parte da igreja e a importância da pregação do texto bíblico. Igreja é formada de santos e ovelhas que ouvem a voz do pastor. A igreja verdadeira era o povo de Deus, a comunhão dos santos, a comunidade de cristãos. Lutero não entendia igreja como uma construção ou instituição, mas como comunidade, assembleia. Mais que seus antecessores, João Calvino<sup>13</sup> desenvolveu a relação entre igreja invisível e a visível e disse que a igreja verdadeira era reconhecida por meio de duas marcas: a correta pregação da Palavra e a fiel ministração dos sacramentos. Essa doutrina de Calvino é tida, em geral, como a mais sofisticada declaração de uma eclesiologia protestante no século XVI.

A igreja evangélica e protestante passou por mudança porque antigamente existiam os católicos romanos praticantes e os não praticantes, mas os evangélicos eram praticantes. Não era de conhecimento público existir evangélico e protestante que não fosse fiel à igreja. Hoje existe o evangélico e protestante que não quer mais ir à igreja institucional, que ficou conhecido popularmente como desigrejado. Segundo Wirth,<sup>14</sup> a palavra evangélico vincula-se a um conceito que abrange mais denominações (pentecostais, neopentecostais e protestantes ligados à Reforma Protestante que aconteceu no século XVI, que também são chamados de igrejas históricas). Historicamente falando, ambos os termos, protestante e evangélico, são vistos na Reforma e na pós-Reforma.

A noção popular denomina todo segmento de evangélico, mas existe diferença entre ambos os grupos (protestante e evangélico). O termo protestante tem origem nos príncipes luteranos que protestaram, na segunda Dieta de Espira (ou Speyer), em 1529, contra a tirania nos assuntos de fé e de consciência. O protesto, no Sacro Império Romano Germânico, foi uma reação que os príncipes alemães tiveram para com o rei Carlos V e para com a Dieta. Os príncipes fizeram o pronunciamento que significou uma discordância para com o poder estabelecido, o

---

<sup>12</sup> FERREIRA; MYATT, 2007. p. 924.

<sup>13</sup> MCGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 549.

<sup>14</sup> WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais. In: FERREIRA, Cesário Leonel Ferreira (org.). **Novas Perspectivas sobre o Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009. p. 14 e 3.

que originou o termo protestante. O protesto foi assinado por cinco príncipes<sup>15</sup> imperiais e ainda por quatorze cidades imperiais.

O reformador Martinho Lutero usava o termo evangélico. Mesmo já usada pelos reformadores, a palavra evangélico, como é entendida hoje, vem das igrejas datadas do século XVIII quando aconteceram os grandes despertamentos ou avivamentos nos Estados Unidos da América. O nome evangélico está mais ligado ao despertar do século XVIII, vindo do movimento evangelical ou evangelicalismo,<sup>16</sup> do que com os reformadores. Neste trabalho ambos os termos serão usados como sinônimos. O termo evangélico será usado de maneira geral, pois as pessoas desigrejadas são membros das mais variadas denominações. Será usada a palavra evangélico desigrejado para se referir aos cristãos que estão deixando as igrejas. Segundo Almeida, no Brasil, os protestantes receberam esse nome, mas os próprios não se chamavam assim. “Os protestantes se consideravam simplesmente evangélicos.”<sup>17</sup> No Brasil, os evangélicos surgiram no século XIX. O termo evangélico é uma referência, que se opõe em ideias e doutrinas, aos cristãos católicos romanos e ortodoxos.

Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, a antropóloga Regina Novaes diz que encontra semelhança entre evangélicos que não frequentam mais a igreja e os católicos não praticantes. “Ambos usufruem de rituais e serviços religiosos, mas se sentem livres para ir e vir.”<sup>18</sup> Diana Lima, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos, ao analisar o fenômeno da falta de vínculo e associação a uma instituição, disse que “a suspeita é que as distinções denominacionais talvez não façam para a população o mesmo sentido que fazem para os religiosos e cientistas sociais. Tendo um Jesus Cristo ali para iluminar o ambiente, está tudo certo.”<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. p. 267.

<sup>16</sup> GERONE JUNIOR, Acyr de. Evangelicalismo brasileiro. *In: Apostila da Pós-Graduação em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão*. Apostila. Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil/FABAT – Faculdade Batista do Rio de Janeiro (s.d).

<sup>17</sup> ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: a religiosidade, o papel feminino, as denominações e suas pioneiras**. Viçosa: Ultimato, 2022. p. 27.

<sup>18</sup> GOIS, Antônio; SCHWARTSMAN, Hélio. **Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 de agosto de 2011. Disponível em: <https://www1.folha.u>

<sup>19</sup> GOIS; SCHWARTSMAN, 2011.

## 2.2 OS SUBGRUPOS DE PESSOAS DESIGREJADAS

Os pesquisadores não chegam a uma única conclusão sobre quantos são os subgrupos de pessoas desigrejadas. Cada autor classifica os tipos de pessoas desigrejadas de uma maneira diferente. Para Nicodemus, por exemplo, existem três subgrupos. Para Bomilcar, são sete subgrupos. Para Xavier, são cinco. Para Silva e Campos, são dois. Agreste cita quatro. Esta pesquisadora entende que são três subgrupos. Não existe um único tipo de público quando se comenta sobre as pessoas desigrejadas. Existem pessoas, com os mais variados discursos e das mais diferentes denominações, justificando a saída da igreja. O público é diversificado.

Para Nicodemus,<sup>20</sup> as pessoas desigrejadas se dividem em:

- 1) As pessoas que abandonaram a igreja e a fé. Esse grupo primeiro torna-se desigrejado e depois pode se tornar desviado;
- 2) Existem aqueles que abandonaram a igreja e mantêm a fé. São os cristãos sem igreja, os decepcionados por terem vivido algum problema na comunidade. Tentam continuar a ser cristãos sem pertencer ou frequentar um templo. São pessoas que amam a Cristo, mas preferem viver longe dos pastores e das pessoas que frequentam a igreja. Esses não se consideram fora do corpo de Cristo. Querem servir a Jesus, mas não aceitam a tutela institucional;
- 3) O terceiro grupo é o mais radical. São os que não frequentam culto e pregam o fracasso da igreja organizada. Defendem o cristianismo sem igreja. Afirmam que as pessoas devem sair da igreja para encontrar Deus. Querem que as igrejas acabem em todo o mundo e fechem as portas. Pregam o fim da instituição.

Há diferença entre os dois últimos grupos, que são os decepcionados e os radicais. Apesar de ter pessoas que abandonaram a igreja em todos os grupos, a diferença principal entre eles é que o segundo grupo não faz militância pelo fim da organização como faz o terceiro grupo. Os decepcionados estão desapontados por ter vivido algum tipo de problema dentro das igrejas, mas não defendem o fechamento

---

<sup>20</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. Os Desigrejados. **Tempora! Mores!** 2010. Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com.br/2010/04/os-desigrejados.html>. Acesso em: 22 abr. 2018.

dos templos. Geralmente as pessoas decepcionadas acabam migrando para projetos como reuniões nos lares ou células, por exemplo.

Silva lista dois tipos de pessoas desigrejadas: os feridos em nome de Deus (que tendem ao vitimismo) e os críticos do sistema (que tendem à síndrome de Messias). Os que tendem ao vitimismo acham que a igreja não os entende.

São os que acham que a igreja não os compreende, os excluiu. A igreja não foi humana comigo quando eu mais precisei. A igreja pisou na bola, teve preconceito, me traiu. Eu não nego que injustiças às vezes são cometidas na igreja. As injustiças que eu sofri não me autorizam cair no vitimismo. O vitimismo é o inchaço da minha causa, é a totalização da minha causa. O vitimismo é achar que a minha causa é a principal. No outro espectro têm os crentes críticos do sistema que têm a síndrome de Messias. Eles detonam o sistema. [...] Querem fazer uma reforma. Quando você os rejeita ou rejeita o que eles estão falando, têm a síndrome de Messias e dizem que Jesus também foi rejeitado.<sup>21</sup>

Campos<sup>22</sup> diz que são dois os tipos principais: os decepcionados e os críticos do sistema. Os decepcionados deixaram de congregar por algum problema pessoal que envolve a relação direta com a liderança. Os críticos do sistema são os que afirmam que a institucionalização da igreja com os templos, a liturgia e os programas são um empreendimento humano sem relação com o Evangelho.

O pastor Agreste,<sup>23</sup> da Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, em Campinas, São Paulo, cita quatro tipos de pessoas desigrejadas:

1. Os feridos, que foram abusados emocionalmente por líderes religiosos;
2. Os cansados, que se desinteressaram por achar a igreja irrelevante e que não responde aos seus questionamentos;
3. Os consumidores, que são pessoas que acham fácil ir à igreja quando querem, na que querem e desejam ouvir o pregador que escolhem. É o consumidor de igreja;

<sup>21</sup> SILVA, Rodrigo. A falsa teologia dos desigrejados. **Youtube**, 2 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTYiUTakOFM>. Acesso em: 14 set. 2024.

<sup>22</sup> Blog da Ultimato. **Desigrejismo**: “anomalia” ou opção? Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2018/11/13/desigrejismo-anomalia-ou-opcao/>. Acesso em: 21 set. 2022.

<sup>23</sup> ULTIMATO. **O que afasta as pessoas da Igreja?** Diálogos de Esperança. Participantes: Fernanda Salviano e Ricardo Agreste. Mediador: Valdir Steuernagel. [S./], 14 jun. 2022. Youtube: publicado pelo canal Editora Ultimato, 1 vídeo (60min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0wle-uRZGAA>. Acesso em: 21 set. 2022.

4. Os ideologizados (não é ideologia somente política). Muitos são jovens que estão se distanciando da igreja e afirmando que a igreja não tem espaço para diálogo, que é exclusiva e não inclusiva. Pegaram causas, como, por exemplo, ideologias raciais e de gênero, e tornaram essas causas maiores do que o Evangelho. Muitos rompem, pois querem que a igreja aceite o que biblicamente não se pode aceitar.

Bomilcar<sup>24</sup> chama as pessoas desigrejadas de cristãos sem igreja. Diz que alguns são levados a sério e outros são estigmatizados com descrédito. O autor diz que ele mesmo sofreu essa discriminação e descreve os subgrupos:

- 1) Os que se assumem sem igreja, sem vínculo, parcerias ou compromissos institucionais com denominações;
- 2) Os que são usuários, em algum momento, dos serviços e eventos oferecidos pela igreja como os congressos, por exemplo. Mas mantêm a distância preventiva da instituição formal;
- 3) Há os que estão firmados na igreja institucional. Fazem parte de toda programação e até assumem cargos. Mas desenvolvem relacionamentos superficiais. Ainda não entenderam o que é ser igreja de verdade. Não observam que podem ser um sem igreja mesmo estando dentro dela. A vida social da igreja é interessante para esse grupo, mas não a genuína conversão;
- 4) Tem pessoas que escolhem ir para as casas, salões, escolas e parques. Buscam a informalidade e os pequenos grupos. Tentam ser o mais liberal possível para não dar à reunião um aspecto organizacional. De qualquer maneira, acabam criando a própria formatação, se agrupando em algum local, tendo um tipo de liderança, obedecendo a regras como o horário e ritual, por exemplo;
- 5) Há os que frequentaram comunidades, viveram decepções relacionais e institucionais e sofreram abuso espiritual por parte dos líderes. Alguns desses também machucaram pessoas. São pessoas que sofreram e que

---

<sup>24</sup> BOMILCAR, 2012, p. 23.

também machucaram outros, mas podem não reconhecer que também foram agentes que ajudaram outras pessoas a se decepcionar com a fé;

- 6) Há os cristãos sem igreja que são adeptos das ministrações pela televisão, pelo rádio e pela internet. Fazem da rede um templo. São observadores, sem comunhão e sem compromisso. São aqueles que somente se alimentam espiritualmente de mensagens eletrônicas e não querem ter vínculo e comunhão com outros crentes;
- 7) Há os religiosos que não se converteram de verdade, não tiveram mudança de mente (metanoia) e vivem farisaicamente na religião e na instituição que é chamada igreja, mas não são igreja de forma comunitária e relacional.

Xavier questiona quem são as pessoas que estão saindo das igrejas e afirma:

Não se pode precipitadamente julgar cada irmão que sai da igreja local, generalizando as suas motivações e apresentando soluções igualmente genéricas para o seu problema. Um irmão que deixou a igreja porque mudou de endereço não pode ser tratado da mesma maneira que aquele que saiu porque está em pecado e não quer se arrepender.<sup>25</sup>

Comentando sobre a variedade de pessoas que existe na igreja local, Xavier<sup>26</sup> aponta cinco grupos que desprezam a igreja e qualquer possibilidade de um dia voltar a fazer parte de uma comunidade. Para ele, os subgrupos são:

- 1) Os crentes que são membros regulares da igreja espiritual de Cristo e que congregam em uma denominação. Mas que, por algum motivo, decidem abandonar a comunhão. São pessoas que não se consideram em pecado e nem desviadas. Pode ser que a culpa desse abandono esteja mesmo na congregação;
- 2) Há pessoas que têm razões justificáveis que as impede de ir regularmente à igreja. Precisam ser cuidadas e ter os seus casos analisados para se buscar uma solução para os problemas que estão vivendo;
- 3) O terceiro grupo são de pessoas ainda não convertidas pelo Espírito Santo. São cristãos nominais que dizem crer na Bíblia e em Deus, mas não têm compromisso. Vivem a fé do jeito que acham que está correto. Alguns vão à

---

<sup>25</sup> XAVIER, Mizaél. **Decepcionados com a igreja: 70 razões e desculpas para a evasão nas igrejas cristãs**. Parnamirim: Editora 5S, 2020. E-book.

<sup>26</sup> XAVIER, 2020. E-book.

igreja em alguns dias, mas não se envolvem efetivamente na comunhão. São amigos do Evangelho, mas não se decidiram por Jesus;

- 4) No quarto grupo encontram-se os ateus e agnósticos. Pensam que a igreja é inútil;
- 5) O quinto grupo é de pessoas desigrejadas. São as que não se entendem desigrejadas, mas desinstitucionalizadas. Se denominam igreja orgânica e se reúnem em casas. Alguns têm razão quando criticam um sistema eclesiástico de governo centralizador e uma fé dependente do templo e de eventos para existir. Mas, ao criticar as igrejas que assim procedem, se esquecem das igrejas sadias que têm defeito, como qualquer organização humana, mas que procuram caminhar com Jesus.

Para esta pesquisadora, são três os subgrupos. Os três mantêm a fé cristã, não querem comunhão com a comunidade de fé, mas cada um tem uma característica diferente:

- 1) Os decepcionados são pessoas que abandonaram a igreja pelos mais diversos motivos. São cristãos autônomos. Não defendem o fim da igreja institucional e não participam de cultos presenciais. Tiveram uma ruptura do laço afetivo que une o fiel à uma instituição religiosa;
- 2) Os críticos são radicais que defendem o fim da igreja institucional e o fechamento dos templos. Também tiveram ruptura com os laços institucionais;
- 3) Os consumidores são somente usuários eventuais dos serviços e eventos das igrejas. Por exemplo, podem ir a algum culto presencial ou virtual selecionado como um congresso. Mesmo eventualmente participando de alguma atividade congregacional, não querem compromisso de membresia e comunhão. Esse grupo não teve uma ruptura para com os laços afetivos que ligam o fiel à uma instituição religiosa, mas um enfraquecimento desses laços.

A pesquisa entende que não são pessoas desigrejadas as denominadas desviadas porque estas já negaram a fé cristã. Também não são desigrejadas as pessoas que optam por participar de reuniões nas casas, os chamados pequenos grupos ou células. Um grupo que se reúne para realizar culto em casa é uma igreja, uma parte do corpo de Cristo. Entende também que não são desigrejadas as pessoas que somente assistem cultos transmitidos pela internet, sem ser membros efetivos de

uma congregação local. Mesmo sabendo da polêmica em torno de se realizar ou não a transmissão da reunião pela internet, a pesquisadora entende que o culto on-line é uma boa iniciativa para a divulgação da mensagem bíblica para que as pessoas que se afastaram dos templos não percam o vínculo com a comunidade em definitivo.

Muitos críticos da transmissão do culto on-line afirmam que o mesmo gera o desigrejamento e incentiva as pessoas a não frequentar uma reunião presencial. Há ainda os que defendem que a igreja virtual é uma nova maneira de ajuntamento de fé. A pesquisadora não entende que a transmissão dos cultos on-line gera evasão nas igrejas. Os meios de comunicação não são os responsáveis pelo afastamento das pessoas dos templos. O que gera o desigrejamento são os problemas existentes nas igrejas, os maus líderes que cometem abuso espiritual, o esfriamento da fé e do amor a Deus e à comunidade, entre outros fatores que serão mencionados ao longo desta pesquisa. Os cultos on-line são uma ferramenta que têm pontos positivos e negativos, mas sabe-se que os aspectos positivos são maiores.

### **2.3 AS RAZÕES QUE LEVARAM AS PESSOAS DESIGREJADAS A ABANDONAR A IGREJA E AS CONSEQUÊNCIAS**

Neste tópico, pretende-se averiguar as razões para a desilusão com a igreja. DeYoung<sup>27</sup> cita quatro pontos:

1. As pessoas se afastam da igreja alegando a razão missiológica, ou seja, que a igreja não cresce e perdeu de vista a sua missão;
2. A razão pessoal é outra objeção das pessoas pertencerem à comunidade de fé. Para muitas pessoas que estão afastadas, em especial os jovens, a igreja tem pessoas de mente fechada, ultraconservadores hipócritas, misógemos, homofóbicos e julgadores;
3. A terceira razão seria histórica. Os afastados da igreja afirmam que ideias gregas suplantaram o pensamento hebraico na igreja. O paganismo invadiu os templos acabando com a igreja pura. São pessoas que entendem que a igreja está corrompida e boa parte do culpado por isso acontecer foi o Império Romano. De acordo com alguns cristãos insatisfeitos, a igreja é um acidente

---

<sup>27</sup> DEYOUNG, Kevin; KLUCK, Ted. **Porque amamos a igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 15.

histórico não bíblico, uma capitulação ao paganismo. Tudo o que é entendido como igreja – sermões, prédios, pastores, liturgia, ofertas, corais - é resultado do desvio de seu estado puro, no século I, para a religião sincretista e institucionalizada que é o cristianismo;<sup>28</sup>

4. A desilusão das pessoas quanto a pertencer a uma igreja é a razão teológica. As pessoas afastadas da comunidade afirmam que não é bíblica a visão de igreja organizacional, institucional, hierárquica, programática e com cultos semanais. Jesus não veio para criar uma religião. A ideia das pessoas desigrejadas é que, “quanto mais pudermos distanciar de todas as doutrinas feitas por homens, dos rituais e das estruturas da igreja como a conhecemos, mais próximos estaremos de Deus.”<sup>29</sup>

DeYoung e Kluck<sup>30</sup> dizem que os cristãos estão cansados da igreja por ter sermões longos e subcultura ultrapassada. Muitos não gostam das megaigrejas por entender que é abusiva e não autêntica. A igreja seria cheia de gente fingida. Assim como DeYoung e Kluck, Kinnaman<sup>31</sup> também identificou seis temas que explicam o fenômeno do desligamento entre os jovens e a igreja. O autor diz que a juventude entende a instituição como superprotetora (aniquiladora da criatividade), superficial (igrejas são chatas), anticientífica (jovens acham que a fé e a ciência são incompatíveis), repressora (regras religiosas são sufocantes, principalmente as que se referem à conduta sexual), exclusivista (jovens estão sendo moldados por uma cultura que aprecia a abertura para novas ideias, a tolerância e a aceitação. As pretensões de exclusividade do cristianismo são difíceis de aceitar) e dogmática (jovens acham que a igreja não permite que eles expressem dúvidas, eles não se sentem seguros o suficiente para admitir que a fé nem sempre faz sentido).

Lopes lista as razões que levaram os evangélicos a abandonar a igreja institucional. Diz que muitos se desencantaram com a igreja institucional e organizada por causa do

surgimento de muitas denominações evangélicas, o poder apostólico das igrejas neopentecostais, a institucionalização e secularização das denominações históricas, a profissionalização do ministério pastoral, a busca

---

<sup>28</sup> DEYOUNG; KLUCK, 2010, p. 17.

<sup>29</sup> DEYOUNG; KLUCK, 2010, p. 18.

<sup>30</sup> DEYOUNG; KLUCK, 2010, p. 18.

<sup>31</sup> KINNAMAN, David. **Geração perdida**: por que os jovens estão abandonando a igreja e repensando a fé. Pompeia: Universidade da família, 2014. p. 92.

de diplomas teológicos reconhecidos pelo Estado, a variedade de métodos de crescimento das igrejas tradicionais e o fracasso das igrejas emergentes.<sup>32</sup>

Depois de reconhecer que a igreja tem uma parcela de culpa na evasão das pessoas, além de uma responsabilidade evangelística e pastoral para com as pessoas desigrejadas, Xavier<sup>33</sup> cita as razões que as levam a deixar as igrejas. Diz que a evasão acontece por vários motivos. São eles, entre outros: a pessoa entende que não precisa ir à igreja e pode cultuar a Deus em casa. Essa é uma característica do individualismo que se vive hoje em contraste com o chamado para a vida cristã que é para ser vivenciada na coletividade. As pessoas desigrejadas rejeitam normas, regras, credos, dogmas, tradições, declarações de fé, qualquer espécie de controle e doutrina. Assim, o ser humano é livre para expressar a religiosidade como bem entender, criando suas próprias regras e formas de cultuar a Deus. Se parece dar certo e traz bem-estar e felicidade, a pessoa entende que a ação está correta, ainda que não seja bíblica. A pessoa autônoma faz as orações como bem entende, decide o que vai e o que não vai seguir na Bíblia, como interpretá-la e aplicá-la. Define o que é e o que não é pecado e constrói seu próprio juízo moral. Por detrás dessa maneira de pensar, pode estar a filosofia ateísta, que afirma não haver uma verdade absoluta. Cada um é responsável por instituir a própria verdade. Todas as verdades da Bíblia são questionáveis ou adaptáveis. Isso é uma maneira de justificar os próprios pecados.

Existem mais justificativas das pessoas desigrejadas para abandonar o relacionamento com as pessoas da mesma fé e o vínculo de membresia. Dizem que a igreja institucional não é bíblica porque Jesus não construiu uma nos moldes que existe hoje. Também afirmam que, a partir do século II, foi inventada a hierarquia na igreja e que aqueles cristãos se deixaram impregnar pelo pensamento filosófico grego.<sup>34</sup> Ou seja, que ideias não cristãs se infiltraram no cristianismo primitivo o desvirtuando dos ensinamentos de Jesus. O Império Romano, principalmente o imperador Constantino (272 d.C – 337 d.C.), teria sido o grande incentivador para que a igreja deixasse de ser pura e simples como era no século I. As pessoas desigrejadas

---

<sup>32</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. Se eu sou a igreja, por que tenho que ir a templos? **Youtube**, 23 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u39kGAYGHUU>. Acesso em: 1 set. 2022. [ol.com.br/fsp/poder/po1508201102.htm](http://ol.com.br/fsp/poder/po1508201102.htm). Acesso em 21 de abril de 2018.

<sup>33</sup> XAVIER, 2020.

<sup>34</sup> VIOLA, Frank. **Reimaginando a igreja**. Brasília: Editora Palavra, 2009. p. 16.

dizem que, no século IV, a igreja se tornou aliada e influenciada pelo Estado romano. Isso significa corrupção para as pessoas desigrejadas.

As confissões de fé, criadas pelos patrísticos, os pais da igreja, são criticadas, pois impedem o livre pensar. Ainda defendem que a Reforma Protestante tentou, mas não conseguiu corrigir os erros da igreja. Para as pessoas desigrejadas, apesar de a Reforma ter se levantado contra a corrupção, os protestantes cometeram os mesmos erros ao criar denominações organizadas, sistemas interligados de hierarquia e processos de manutenção do sistema, como a disciplina e a exclusão dos dissidentes, e ao elaborar confissões de fé e catecismos que engessaram a mensagem de Jesus e impediram o livre pensamento teológico.<sup>35</sup> Toda a estrutura é criticada: templo, dízimo, hierarquia nos cargos, ficha de membro, tesouraria, clero, confissão de fé e faculdade. Todas essas são algumas razões que levam as pessoas a abandonar a comunidade.<sup>36</sup>

Endossando a ideia do afastamento da religião institucional e o problema de evasão nas igrejas evangélicas que esse afastamento gera, Kimball pesquisou sobre as gerações emergentes que decidiram ficar longe das igrejas, apesar de buscar relacionamento com Deus. Há vários aspectos que podem ser analisados, mas o destaque é para a parte do estudo que diz que a igreja é uma religião organizada com interesses políticos. O autor diz que existem três motivos pelos quais as pessoas entendem a igreja como uma religião organizada.

1. O primeiro motivo é o pensamento de que é possível ter relacionamento com Deus sem a igreja. São pessoas que dizem sim à religiosidade, mas não à igreja. “Aqueles de fora da igreja que a veem como religião organizada acreditam que os líderes das igrejas tentarão controlá-los.”<sup>37</sup>
2. O segundo motivo<sup>38</sup> é que a igreja está ligada à hierarquia, ao poder e ao controle e tem interesses políticos. Além de ter uma agenda política, os líderes das igrejas usam Jesus para promovê-la.

---

<sup>35</sup> VIOLA, 2009, p. 58.

<sup>36</sup> VIOLA, 2009, p. 242.

<sup>37</sup> KIMBALL, Dan. **Eles gostam de Jesus, mas não da igreja**: insights das gerações emergentes sobre a igreja. São Paulo: Editora Vida, 2011. p. 75.

<sup>38</sup> KIMBALL, 2011, p. 76.

3. O terceiro motivo<sup>39</sup> pelo qual as gerações emergentes veem a igreja como religião organizada é que a mesma tem líderes que trabalham como executivos e buscam poder. São as igrejas funcionando como corporações ou negócios. Todos esses aspectos reforçam, para os a-religiosos ou não membros de uma igreja institucionalizada, a convicção de se afastar da membresia. Esse distanciamento das pessoas das igrejas gera a evasão e a crise institucional.

São inúmeras as discordâncias das pessoas desigrejadas para com a igreja institucional. Sem a intenção de mudar o que entendem estar errado, optam por se desvincular, tornando-se autônomos na fé, e outros estão abandonando de vez o cristianismo. De acordo com Lopes<sup>40</sup>, as pessoas desigrejadas justificam o afastamento da instituição afirmando que o cristão não é membro de uma denominação, mas do corpo de Cristo. Dizem que não se prendem às obrigações religiosas, a frequência ao templo e às tradições das igrejas. Afirmam que procuram vivenciar o que de fato Cristo ensinou acerca de um relacionamento simples com Deus. Acreditam que os crentes só se tornarão uma comunidade quando houver mais confiança em Deus e menos medo. Essas críticas têm levado ao desmembramento.

Os sem igreja criticam o trabalho que a igreja desenvolve buscando somente o sucesso da instituição. Não aceitam a estrutura organizacional e a hierarquia, pois consideram que isso prejudica o cristão, uma vez que não o permite viver o sacerdócio de todo o crente. Lopes<sup>41</sup> afirma que as pessoas desigrejadas são insatisfeitos por entender que a igreja está desvirtuada em sua natureza, missão e serviço. As pessoas desigrejadas criticam os pastores que só buscam lucro financeiro, discordam do poder exercido pelos pastores das igrejas neopentecostais que pregam a Teologia da Prosperidade prometendo riqueza e saúde. As pessoas desigrejadas desaprovam a cultura de dar o dízimo e reivindicar as bênçãos de Deus, determinando que as mesmas aconteçam. Entendem que as pessoas ficam decepcionadas quando as reivindicações não acontecem.

---

<sup>39</sup> KIMBALL, 2011, p. 79.

<sup>40</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. Se eu sou a igreja, por que tenho que ir a templos? **Youtube**, 23 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u39kGAYGHUU>. Acesso em: 1 set. 2022.ol.com.br/fsp/poder/po1508201102.htm. Acesso em 21 de abril de 2018.

<sup>41</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. Se eu sou a igreja, por que tenho que ir a templos? **Youtube**, 23 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u39kGAYGHUU>. Acesso em: 1 set. 2022.ol.com.br/fsp/poder/po1508201102.htm. Acesso em 21 de abril de 2018.

As pessoas desigrejadas são contra ser dizimista. Não ofertam ou dizem porque entendem que não é necessário se prender a um sistema de recompensas e punições. Dizem que não existe essa necessidade no Novo Testamento, que dízimo é somente assunto do Antigo Testamento. Kraybill afirma que o Novo Testamento não instrui explicitamente sobre o dízimo. Jesus e o apóstolo Paulo encorajavam a doação liberal. As ofertas liberais vão além do dízimo, como se vê no caso da viúva pobre (Marcos 12: 41-44). “Os dízimos eram parte integrante do sistema do Antigo Testamento de sacrifícios e ofertas. O Novo Testamento assume o dízimo como um padrão mínimo para dar”.<sup>42</sup>

Viola<sup>43</sup> diz que, na igreja orgânica que ele defende, o dízimo depende do Espírito Santo para mover os membros para ofertar de modo generoso. Viola<sup>44</sup> afirma que o dízimo, no paradigma institucional, é compulsório e as igrejas têm um orçamento gigantesco para sustentar o templo, funcionários e pastores assalariados.

Para respaldar a ideia da não necessidade de ser dizimista fiel como é praticado nos modelos atuais, as pessoas desigrejadas compartilham, no Facebook, os vídeos de Caio Fábio. Por criticar aberta e publicamente o modelo de igreja institucional atual, o pastor se tornou uma referência para os que são contra a igreja local. Por exemplo, em vários grupos é compartilhado o vídeo do programa “Papo de Graça” com o título “Os homens primitivos, na Bíblia, não davam dízimo com a lógica de hoje”.<sup>45</sup> Caio Fábio faz uma crítica ao modelo de dízimo que se prega atualmente nas igrejas. Explica que a lógica do dízimo no Antigo Testamento era diferente do mundo atual. Cita que, quando Jacó, ou outro personagem bíblico, queria dar o dízimo a Deus, fazia uma coluna de pedra ou sacrificava um animal. Dízimo também era socorro ao pobre e ao necessitado. A pessoa separava uma parte do que tinha e aplicava em uma causa. Caio diz que as pessoas leem a Bíblia com os códigos atuais. Pensam que, para Jacó dar o dízimo, tinha de ir a um templo ou colocar o dinheiro no gazofilácio. Também critica o comportamento das pessoas que dão o dízimo para

---

<sup>42</sup> KRAYBILL, Donald B. **O reino de ponta cabeça**. Bragança Paulista: Jesus Copy, 2017. p. 182.

<sup>43</sup> VIOLA, 2009, p. 270.

<sup>44</sup> VIOLA, 2009, p. 270.

<sup>45</sup> FÁBIO, Caio. Os homens primitivos, na Bíblia, não davam dízimo com a lógica de hoje! Templo nem havia. **Youtube**, 21 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3jwEzi108gs>. Acesso em: 27 abr. 2018.

ganhar mais. Afirma que, antigamente, as pessoas davam o dízimo como gratidão pelo que já tinham ganhado.

No mesmo vídeo, Caio relata ainda que Deus foi contra a construção de um templo e a instituição de um rei em Israel. Afirma que o templo

[...] foi uma concessão à dureza de coração, à materialidade e à idolatria. Aí vem Jesus e destemplifica tudo. Nós somos o templo. Deus procura adoradores que O adorem em espírito e em verdade. Entra no teu quarto e fale com teu Pai. A espiritualidade de Jesus acaba com toda essa sacralidade e faz você ser dizimista onde você encontra uma causa, vê uma necessidade. É ali que você dizima. Seu dízimo é solução para alguém ou recurso para a promoção do bem. Se não for assim, esqueça. Quem ainda está pensando diferente não entendeu nada.<sup>46</sup>

Em nenhum momento Caio diz para a pessoa se desigrejear e que não se deve dar o dízimo. Ele deixa a entender que o dízimo deve ser entregue não necessariamente no gazofilácio de uma igreja, mas onde existir uma necessidade. Para as pessoas desigrejadas, esse material é conteúdo para justificar a ideia preconcebida de que não devem ser dizimistas da maneira tradicional. Até a data de fechamento dessa pesquisa, o vídeo tinha 12.465 visualizações no YouTube.

César também critica a atual conjuntura da igreja ao comentar sobre o ensino de muitos pastores de um evangelho fácil, onde seguir a Jesus é ser sempre vitorioso, ficar rico porque é filho do Rei, conseguir emprego, uma promoção ou não ficar doente. “Ninguém quer diminuir. Todos querem crescer e, se possível, viver uma vida hollywoodiana. Segue a Cristo porque Deus é um bom negócio. Não para aprender a servir, mas para tornar-se um vencedor.”<sup>47</sup>

Viola<sup>48</sup> é um dos críticos da institucionalização da igreja, sendo exemplo para as pessoas desigrejadas. Muitos consideram seus livros - “Cristianismo pagão” e “Reimaginando a igreja” - uma referência para os que propõem o fim da estrutura tradicional de templo. Defendendo o fim das igrejas institucionalizadas, Viola afirma que a igreja verdadeira não tem templo, culto regular aos domingos, tesouraria, hierarquia, ofícios, oferta, dízimo, CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica), clero oficial, confissão de fé, rol de membros, propriedade, escola ou seminário. Diz ainda

<sup>46</sup> FÁBIO, Caio. Os homens primitivos, na Bíblia, não davam dízimo com a lógica de hoje! Templo nem havia. **Youtube**, 21 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3jwEzi108gs>. Acesso em: 18 dez. 2024.

<sup>47</sup> CÉSAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. p. 16.

<sup>48</sup> VIOLA, 2009, p. 14.

que as igrejas estão construindo seus programas e rituais sem se importar com o bom relacionamento com os membros. Afirma que a igreja atual é do modelo púlpito plateia.<sup>49</sup> A igreja que Viola condena tem características próprias como organização estruturada em hierarquia de liderança, é dirigida por profissionais separados e remunerados para o ofício de ministros ou pastores, é ajudada por voluntários leigos, tem culto no estilo púlpito-audiência em espaços como basílicas, templos ou edifícios.<sup>50</sup>

Essas igrejas necessitam de edifício, pessoal, salário e administração. Na igreja institucional os membros assistem, por uma ou duas vezes na semana, uma performance religiosa conduzida, principalmente, pelo pastor, e depois se retiram para suas casas onde, individualmente, vivem suas vidas cristãs.<sup>51</sup>

Viola diz que a igreja atual parece uma empresa, onde o pastor é o diretor presidente e a equipe pastoral é o alto gerenciamento. O evangelismo é simultaneamente a venda e a propaganda. E a congregação é a clientela. Diz também que há competição com outras empresas (igrejas) que estão na vizinhança.

Em substituição ao modelo institucional, Viola<sup>52</sup> propõe a igreja orgânica que segue o padrão de encontros abertos e participativos. Ele é contra um líder dirigir o culto e ter o domínio da palavra no púlpito. Diz que os encontros da igreja orgânica variam dependendo da condição espiritual e da preparação de cada membro. Ele entende que tem que equipar o povo de Deus para atuar em ajuntamentos livres e ordeiros, para que Cristo seja expressado na plenitude.

Viola<sup>53</sup> descreve como acontece uma reunião orgânica. Comenta sobre uma experiência que teve em uma casa, com aproximadamente vinte e cinco pessoas. Durante um ano e meio, em encontros quinzenais, ele ministrou para esse pequeno grupo ensinando como funciona uma igreja orgânica. O objetivo era preparar as pessoas para seguir por conta própria, com autonomia, sem nenhum tipo de liderança humana. Depois desse treinamento, no dia da primeira reunião, Viola confessa que participou escondido em um canto, sem que ninguém o notasse no local. As pessoas se ajuntaram e começaram o encontro cantando sem instrumentos. Uma mulher cantou e todos os presentes a acompanharam. Foram feitas orações espontâneas.

---

<sup>49</sup> VIOLA, 2009, p. 53.

<sup>50</sup> VIOLA, 2009, p. 16.

<sup>51</sup> VIOLA, 2009, p. 16.

<sup>52</sup> VIOLA, 2009, p. 30.

<sup>53</sup> VIOLA, 2009, p. 68.

Ele discorda de orações guiadas por uma pessoa que chama toda a igreja a participar. Defende a liberdade de cada pessoa fazer o que desejar durante o momento de culto. Ele diz que a reunião não precisa de um roteiro pré-definido.

Viola<sup>54</sup> conta que depois outra pessoa se levantou na reunião e fez outra oração. Todos ficaram de pé sem que ninguém solicitasse, pois todas as participações devem ser espontâneas no culto. Pessoas diferentes compartilharam breves exortações com base nas letras das músicas cantadas. Depois uma pessoa compartilhou com o grupo sobre sua fé em Jesus. Outras pessoas a interromperam e também compartilharam sobre as próprias experiências de fé. Outras leram versículos bíblicos e discursaram. Um participante leu um poema. Todos os depoimentos são livres, sem temas pré-definidos, segundo a vontade de cada participante. De acordo com Viola, essas falas, durante a reunião, duraram mais de uma hora. Ele entende que toda a reunião foi cristocêntrica, sem um líder para dirigir, sem uma pauta pré-definida. Essa é a base das reuniões: em casa, sem liderança, sem templo, com as pessoas decidindo livremente quanto dinheiro ofertar, sem equipe de apoio ao pastor (como ministério de música, por exemplo). Para ele, esse é o modelo de como o culto atual deveria ser.

Como alternativa à igreja institucional, há mais de vinte anos Viola é um incentivador e criador de igrejas orgânicas. Primeiro formou igrejas nos Estados Unidos da América e depois expandiu seu método para o mundo. A pesquisadora entrou em contato, via e-mail, com a assessoria de Viola que informou que não existe igreja orgânica ligada ao ministério dele no Brasil. Somente os livros traduzidos para o português. Mas existem diversos seguidores de seus pensamentos e muitos dos defensores das ideias de Viola são pessoas desigrejadas. Ele afirma que existem pessoas interessadas em reformar a igreja. E ainda aqueles que abandonaram o conceito tradicional de igreja por esta ser ineficiente e carente de apoio e fundamentação bíblica. “É um equívoco tentar reformar ou renovar a presente estrutura eclesial justamente porque a estrutura em si é a raiz do problema.”<sup>55</sup>

A saída proposta por Viola é apresentada como um novo paradigma para os cristãos. Ele defende abandonar a igreja tradicional e adotar o modelo do Novo Testamento que ele denomina de igreja orgânica. Fala em organismo espiritual e não

---

<sup>54</sup> VIOLA, 2009, p. 69.

<sup>55</sup> VIOLA, 2009, p. 13.

em igreja como instituição. Diz que a igreja institucional é um sistema. Ela não é o povo<sup>56</sup>, não é o conjunto de pessoas que constituem a comunidade. Para Viola, o conceito de igreja orgânica é uma congregação em construção, que busca ser relacional em seu funcionamento, com base bíblica em sua forma e cristocêntrica em seu modo de operação. Ele defende uma igreja orgânica “trinitária em seu formato, comunitária em seu estilo de vida, não elitista em sua atitude e não sectária em sua expressão.”<sup>57</sup>

Apesar de criticar, Viola diz que não está julgando qualquer segmento cristão e admite que Deus está usando a igreja institucional por causa de sua misericórdia. Diz que Deus trabalha por meio de qualquer estrutura desde que naquela comunidade Ele encontre corações abertos. “Não há dúvida de que Deus está igualmente usando megaigrejas, igrejas de terceira onda, igrejas em células e igrejas emergentes.”<sup>58</sup>

Outro autor crítico da igreja institucional é Purim, que assina pelo pseudônimo de Paulo Brabo.<sup>59</sup> O título do livro de Brabo é “Bacia das almas: confissões de um ex-dependente de igreja”. Além de polêmico, o livro é um convite a pensar sobre a comunidade cristã, se tornando uma referência de leitura para as pessoas críticas da igreja institucional. O próprio Brabo se diz ex-dependente de igreja. Na obra, lançada no ano de 2009, ele afirma que já não frequentava um culto há dez anos e que foi “consumidor” de igreja por 30 anos. O autor entende a igreja como uma mercadoria que se pode consumir. Diz que foi obrigado a abandonar a participação na igreja institucional, mas não explica os motivos que o levaram a esse abandono. Ele afirma que abandonou a crença, que tinha anteriormente, que identificava a qualidade de sua fé com a participação nas atividades de determinada agremiação. Mas diz que “continua crendo em mais ou menos tudo o que cria naquela época.”<sup>60</sup> Afirma que não guarda nenhum rancor dos anos que frequentou uma comunidade e da igreja só tem recordação de nostalgia e carinho. Diz que não foi vítima de abuso por parte da igreja institucional. Sente que ele mesmo foi quem abusou da igreja. “Minha impressão não

---

<sup>56</sup> VIOLA, 2009, p. 15.

<sup>57</sup> VIOLA, 2009, p. 23.

<sup>58</sup> VIOLA, 2009, p. 263.

<sup>59</sup> BRABO, Paulo. **Bacia das almas**: confissões de um ex-dependente de igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. p. 37.

<sup>60</sup> BRABO, 2009, p. 37.

é de ter sido prejudicado pela igreja, mas de tê-la usado [...] para satisfazer meus apetites – apetites por segurança, atenção, glória, entretenimento, aceitação.”<sup>61</sup>

Brabo entende os dias em que frequentou uma igreja como uma forma de dependência porque aceitou o fato de que a comunidade, como é experimentada – o conjunto de coisas, lugares, atividades e expectativas -, representa um sistema de “consumo” como outro qualquer.<sup>62</sup> Apesar da visão de igreja como mercado de consumo de produtos e dos membros como consumidores, Brabo reconhece que existem igrejas institucionais com pessoas bem intencionadas. Mas é enfático ao afirmar que nada nesse sistema de consumo tem relação com religiosidade, com fé ou com a herança de Jesus.<sup>63</sup>

Além de Viola e de Brabo, o americano Barna também é um crítico da igreja instituição e sugere o que chama de revolução.

Se você se tornar um revolucionário imerso, minimamente envolvido ou completamente desassociado de uma igreja local, é irrelevante para mim e para Deus. O que importa não é com quem você se associa (uma igreja local), mas quem você é. Passei os últimos vinte e quatro anos da minha vida estudando e trabalhando com uma grande variedade de igrejas. [...] Estudei a palavra de Deus a respeito da igreja. Depois de todo esse esforço, devo confessar que acredito que o filósofo Pascal estava certo quando afirmou que todos os seres humanos têm um buraco em forma de Deus dentro de si que tentam naturalmente preencher. Somente um relacionamento genuíno com o Deus vivo é capaz de satisfazer esse vazio. A razão é simples: todo ser humano foi criado para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo. Todas as outras atividades são supérfluas. [...] Se a igreja local é a resposta de Deus para nossas necessidades espirituais, por que a maioria dos cristãos da igreja são espiritualmente imaturos e desesperados?<sup>64</sup>

Além dos autores já citados, outros estudiosos também criticam a igreja. Kinnaman<sup>65</sup> diz que a próxima geração de cristãos não acredita nas instituições. Não só na igreja, mas também no governo, nas empresas, no sistema educacional e no casamento. Comenta ainda que a maioria dos jovens afastados não está abandonando a fé, mas suspendendo seu envolvimento com a igreja.<sup>66</sup>

Saranam é outro autor que critica a instituição religiosa. Ele escreveu o best-seller internacional “Deus sem religião”. Criticando o cristianismo, diz que a religião

<sup>61</sup> BRABO, 2009. p. 37.

<sup>62</sup> BRABO, 2009, p. 37.

<sup>63</sup> BRABO, 2009, p. 39.

<sup>64</sup> BARNÁ, George. **Revolução**. Cansado da igreja? Encontre uma fé vibrante além das paredes do santuário. São Paulo: Editora Abba Press. 2007. p. 29.

<sup>65</sup> KINNAMAN, 2014, p. 14.

<sup>66</sup> KINNAMAN, 2014, p. 27.

organizada destrói a humanidade. Ele afirma que existem pessoas que estão desiludidas com a religião organizada e, por isso, buscam a Nova Era. Sugere que cada pessoa faça uma busca pessoal e independente de Deus. Propõe que a pessoa deve encontrar Deus dentro de si mesma. É a busca da religiosidade mística para as pessoas que questionam os dogmas.

O livro de Saranam traz 17 técnicas para que cada pessoa possa desenvolver um inter-relacionamento pessoal com Deus a fim de ampliar a visão de si mesma e da comunidade. É uma defesa da mistura de várias linhas filosóficas, como o humanismo secular, do neoteísmo, os pensamentos da Nova Era, práticas religiosas orientais e misticismo. A busca é para que a pessoa explore a sua natureza, busque seu próprio senso de identidade, crie suas crenças e expanda sua consciência. É cada indivíduo fazendo uma auto indagação, questionando os valores e dogmas tradicionais judaicos cristãos que fundamentam a sociedade ocidental.

O livro “Deus sem religião” diz que a pessoa deve ser encorajada a buscar compreender o Deus interior que todos têm, sendo uma ponte entre a religião organizada e a espiritualidade. Afirma ainda que é a força extraordinária que rege o universo, que a vida das pessoas não pertence a uma escola religiosa e que a inteligência é de todos. É uma visão da religiosidade independente. Cada vez mais a humanidade entende que deve se libertar das crenças antigas e fazer novos questionamentos, buscando respostas, pois as religiões tradicionais não conseguiram responder a todos os questionamentos humanos. O livro traz a ideia de que todas as pessoas já têm uma religiosidade independente e isso deve ser expandido.

As consequências do movimento das pessoas desigrejadas são inúmeras. O pensamento de afastar-se da igreja está gerando pessoas que não participam ativamente e são críticas. Optam pela distância e não ajudam na edificação. Não contribuem com os cultos das congregações que visitam. Esquecem que cada um prestará conta acerca da esperança da fé, de incentivar o amor e as boas obras. Esquecem da responsabilidade de ter o cuidado pelas pessoas da mesma fé. Esquecem de cumprir o “Ide” de Jesus, pois pouco fazem por missões.

Outra consequência, por causa da saída de muitos evangélicos das igrejas tradicionais, são as igrejas alternativas que estão ganhando força no Brasil como, por exemplo, as reuniões domésticas. Diante das novas ideias para a administração eclesiástica e doutrinas diferentes, as pessoas apontam novos caminhos de ser igreja.

Mas não são consideradas desigrejadas as pessoas que frequentam as reuniões cristãs nos lares. O ministério em célula (reunião doméstica ou igreja em casa) é uma alternativa para onde pode migrar as pessoas que não desejam mais pertencer a uma igreja tradicional. As pessoas que optam pelo modelo de igreja em casa não são desigrejadas, não defendem o fim da igreja tradicional e não querem se afastar da fé. Os cristãos que optam por esse modelo são fiéis, praticam as ordenanças da ceia e do batismo, querem participar do corpo de Cristo, entendem que podem desenvolver a comunhão em ambiente diferente ao do templo e veem uma alternativa no modelo bíblico da reunião no lar. É a busca por ser parecidos com a prática de fé dos primeiros cristãos, em Jerusalém, que também se reuniam em casas.

Neste tópico foi abordado a opinião das pessoas desigrejadas sobre a igreja institucionalizada. Autores foram citados como Augustus Nicodemus Lopes, Caio Fábio D'Araujo Filho, Marília de Camargo César, Frank Viola, Paulo Brabo, George Barna, entre outros. Finalizando esta parte, a pesquisadora comenta que concorda com a posição de Augustus Nicodemus Lopes que mostra os motivos que levam ao desigrejamento. E comenta ainda sobre as afirmações de Frank Viola e Paulo Brabo, discordando de ambos os autores.

Viola critica a institucionalização, a hierarquia e a organização administrativa da igreja atual, defendendo a volta do modelo primitivo, narrado no Novo Testamento, que ele denomina de igreja orgânica. Para a pesquisadora, o maior problema de Viola é a falta de embasamento histórico verdadeiro. Ele faz afirmações fora do contexto histórico, pois na igreja cristã neotestamentária existia organização como foi comentado nesta pesquisa, no capítulo 5, na parte onde se aborda sobre os principais pontos equivocados que as pessoas desigrejadas defendem.

Viola não cita os problemas que as várias comunidades neotestamentárias viveram e que são largamente citados no Novo Testamento. Pelo que ele fala, a igreja primitiva seria um modelo perfeito e sabe-se que isso não é verdade. Outro ponto questionável nas ideias de Viola é que ele não aceita o modelo institucional atual, afirmando que uma comunidade não precisa de uma programação de culto nos moldes que se repetem todo domingo como oração inicial, leitura bíblica, avisos, participação de coro musical, pregação do pastor, apelo para as pessoas aceitarem Jesus como Salvador, oração final e bênção apostólica. Ele também defende o fechamento dos templos. O padrão de igreja que Viola propõe é livre, onde cada

pessoa fala e faz o que quiser durante o culto, que pode acontecer em qualquer local. Inclusive ele descreve uma dessas reuniões. Ele discorda do modelo tradicional, mas essa reunião inovadora que ele propõe não é diferente. Tem um modelo, tem regras, tem liderança porque ele treinou as pessoas para fazer o culto, acontece em um local, tem dia e horário marcados e tem participação de pessoas. Ele critica que a igreja tradicional tenha modelo administrativo e organização de culto definidos, mas a igreja que Viola propõe também tem esses parâmetros fixos.

Já Paulo Brabo, se dizendo dependente de igreja, afirma que não teve problema com nenhuma pessoa dentro da organização que participou, mas que ele mesmo usou mal a congregação para satisfazer suas necessidades de atenção, glória, entretenimento e aceitação. Depois desse uso inadequado que ele fez da igreja por mais de 30 anos, que o próprio autor qualifica como errado, Brabo decidiu afastar-se da comunidade de fé, mas ainda reconhece que existem igrejas institucionais bem intencionadas. Respeitando a experiência de vida do autor, tem-se que questionar como uma pessoa passa mais de 30 anos sem crescimento espiritual para ter uma visão tão limitada do que é a igreja. Também tem que questionar a atitude dele e a intenção errada do coração de usar a igreja para entretenimento e glória próprias. Ao invés de corrigir a própria vida, houve a decisão de afastar-se da comunidade. O que aconteceu com Brabo também se repete com muitas pessoas desigrejadas. Ao invés de tentar mudar o que visualizam de errado na igreja ou de alterar as próprias atitudes erradas, optam pelo isolamento em relação à convivência com o Corpo de Cristo.

## **2.4 DIFERENCIAÇÃO E COMPARAÇÃO ENTRE AS PESSOAS DESIGREJADAS, OS DESVIADOS E OS SEM RELIGIÃO**

As pessoas desigrejadas são confundidas com as pessoas sem religião e com as desviadas, mas esses são três grupos diferentes. Desigrejado é o nome popular que é dado à pessoa que não frequenta e que não é membro de uma igreja evangélica. É quem vive uma fé autônoma, longe da tutela institucional. É quem deixou a igreja, mas não abandonou a fé. A pessoa desigrejada confessa Jesus Cristo como Salvador, pode participar de ceia e batismo, crê nas doutrinas (salvação ou condenação eterna), aguarda a segunda vinda de Cristo.

Os desviados abandonaram a crença em Jesus Cristo, negando-O como Salvador. Campos, ao explicar a diferença, afirma que

[...] os desigrejados são os cristãos que deixaram suas congregações, mas que se mantêm na confissão dogmática. Afirmam a exclusividade soteriológica de Jesus Cristo, aceitam os ritos do batismo e da santa ceia, creem na segunda vinda de Cristo e reconhecem a necessidade de uma vida piedosa. Embora haja desigrejado cujo estilo de vida possa negar isso.<sup>67</sup>

Não há estatísticas sobre o número de pessoas desigrejadas e desviadas no país. Há quem entenda que as pessoas desigrejadas são os “evangélicos sem vínculo institucional” citados pelo Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa afirmação não tem base porque essa classificação do IBGE carece de esclarecimentos para dar maiores informações sobre que grupo exatamente os pesquisadores denominam de “evangélicos sem vínculo institucional”. Na pesquisa do IBGE não fica claro se esse grupo analisado seja de pessoas evangélicas desigrejadas. Analisando essa falta de vínculo, poderia representar, por exemplo, pessoas desviadas, pessoas que ainda não se batizaram e, portanto, não são membros das igrejas, ou ainda pessoas que somente frequentam os cultos sem ser membros efetivos das igrejas. Existem dúvidas e muitas vertentes que carecem de mais informações por parte do IBGE. Por isso, não fica claro a característica que tem o público que o IBGE se refere quando afirma “sem vínculo institucional”. Na verdade, a coleta de dados sobre religião no Brasil sofre escassez de informações empíricas, falta de consistência e de densidade na construção e na composição dos números pelos censos demográficos. Ao estudar o cenário religioso brasileiro, Mariano<sup>68</sup> afirma que são limitados os dados sobre religião fornecidos pelo IBGE.

Já as pessoas sem religião representam 8,04% da população brasileira, o que corresponde a 15.335.510 indivíduos, de acordo com o Censo 2010 do IBGE.<sup>69</sup> É o terceiro grupo com maior número de adeptos, depois dos católicos romanos e dos evangélicos. Esse grupo pratica a espiritualidade sem religião, mas com crença. Os

<sup>67</sup> CAMPOS, Idauro. **Desigrejados**. Teoria, história e contradições do niilismo eclesiástico. Rio de Janeiro: Bvbooks, 2017. p. 221.

<sup>68</sup> MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 129, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/43696/27488>. Acesso em: 03 dez. 2023.

<sup>69</sup> IBGE. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticialBGE>. Acesso em: 20 abr. 2022.

números do Censo 2022 sobre religião não foram abordados nesta pesquisa porque ainda não tinham sido divulgados até o fechamento deste estudo.

De acordo com Senra,<sup>70</sup> espiritualidade sem religião é uma prática de fé realizada sem a tutela da igreja institucional, autônoma, sem regras estabelecidas por dogmas, comunidades de fé ou líderes religiosos. As pessoas que não têm religião não participam de uma organização religiosa, ressignificam as crenças que ainda mantêm e rejeitam as crenças que não fazem sentido para si mesmas.

Espiritualidade sem religião é qualquer espiritualidade regulada e experienciada fora dos marcos institucionais, doutrinários, com participação comunitária em sistemas de atos (rituais). É uma espiritualidade autônoma em relação ao controle das instituições, independente de doutrinas, de crenças e de adesão ao sistema de atos. Compreendemos que esse fato, observado a partir das pessoas sem religião, deve ser problematizado não apenas como consequência do processo de desinstitucionalização da crença ou de individualização das experiências de fé.<sup>71</sup>

Senra<sup>72</sup> traça um perfil da população denominada sem religião. Afirma que a maioria é de homens, pretos e pardos, pobres, que têm subemprego, em média recebem um salário mínimo por mês, são sem escolaridade e se transferiram do interior para as grandes cidades brasileiras. O autor diz que os sem religião devem ser vistos como indicativo de oscilação no cenário religioso (movimento de destradicionalização) e como sinal de uma crise de pertencimento religioso de um tipo de pessoa que assimilou a liberdade religiosa, assumindo-se como sem religião. Quando se fala dos sem religião, não se trata de pessoas sem crenças ou práticas religiosas, mas de pessoas que se declaram sem vínculo com uma instituição e que são motivadas por desafeição, indiferença ou liberdade em relação ao controle institucional religioso. Esse movimento sinaliza a autonomia e a liberdade das pessoas frente às instituições que detêm o controle religioso.<sup>73</sup>

A pessoa que pratica a espiritualidade sem religião busca sentido para a vida. Essa espiritualidade é pensada como uma dimensão a ser cultivada, pois as pessoas procuram pelo sentido de suas vidas e pela razão de existir o mundo. Essa

---

<sup>70</sup> SENRA, Flávio. Espiritualidade sem-religião: o cultivo da qualidade humana. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 47, n. 149, p. 605-633, set-dez, 2020, p. 611.

<sup>71</sup> SENRA, 2020, p. 608.

<sup>72</sup> SENRA, Flávio. Pessoas sem religião: considerações sobre o fenômeno das pessoas sem religião com crença. **Faje**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=13B8DVglbkY>. Acesso em: 26 nov. 2024.

<sup>73</sup> SENRA, 2020, p. 100.

espiritualidade é vivenciada de maneira autônoma e independente de qualquer instituição religiosa. Essa autonomia leva à individualização e ao egocentrismo. É uma espécie de ruptura relacional que as pessoas assumem hoje. “As pessoas não sentem necessidade de ter interdependência com outras pessoas da mesma comunidade de fé.”<sup>74</sup>

A pessoa pratica a espiritualidade sem religião com uma crença em Deus e uma fé que se desenvolve longe das instituições, das doutrinas religiosas e do cumprimento de rituais. Esse tipo de espiritualidade se desenvolve de acordo com o gosto e a preferência de cada pessoa, e acontece por causa da herança da secularização, pela autonomia das pessoas na construção ou negação de suas identidades religiosas, pela crise do pertencimento religioso, pelo enfraquecimento das instituições religiosas, por causa da individualização e da falta de comunicação com o conhecimento gerado pelos antepassados. Como consequência, isso tem acarretado problema social e religioso, pois, pela falta de vínculo, a tradição religiosa pode não ser transmitida de uma geração para outra e o número de fiéis cristãos pode diminuir gradativamente.

A quebra na conservação das tradições religiosas traz preocupação para a religião, pois toda instituição necessita manter viva a transmissão de seus valores, de seus bens simbólicos e de seus saberes. A transmissão é o próprio movimento pelo qual a religião se constitui como religião através do tempo. Quanto mais a pessoa fica distanciada das outras pessoas e da instituição, mais se aprofunda a crise das instituições religiosas porque suas doutrinas e crenças sujeitam a serem ressignificadas ou rejeitadas pelas pessoas.<sup>75</sup>

Rodrigues analisa os sem religião a partir do foco da liberdade e dos direitos humanos. Diz que a instituição está em crise e que as pessoas buscam se firmar em seus direitos fundamentais, entre estes, o direito às liberdades de consciência e religião. Diz também que as pessoas só expressam ser alheios à religião por causa da liberdade que têm de se manifestar em uma sociedade democrática como o Brasil, onde cada um sente-se livre para entender a religiosidade como uma questão de foro íntimo, separando o público do privado, se desinstitucionalizando. Rodrigues diz que a mídia, de maneira errada, costuma associar sem religião com o crescimento do ateísmo. Isso acontece porque, nem sempre, os formadores de opinião têm

---

<sup>74</sup> SENRA, 2020, p. 609.

<sup>75</sup> SENRA, 2020, p. 615.

conhecimento da natureza complexa que é o campo religioso. Na verdade, as pessoas que se classificam sem religião podem crer em Deus (ou em uma força superior) ou ser ateias e agnósticas. Há uma dicotomia que é dos que se enquadram em grupos religiosos e dos que se afastam deles. Um grupo rejeita o transcendente e outro escolhe viver uma religiosidade particular.

Não pertencer a uma comunidade confessional não supõe que todo indivíduo sem religião seja descrente, ou que não tenha desenvolvido uma religiosidade particular. Está, portanto, aqui a evidência de uma secularização relativa da consciência, acompanhada de uma visível crise da credibilidade nas instituições religiosas, ou do enfraquecimento da religião como instituição. Esse fenômeno só se torna perceptível quando o indivíduo externaliza suas posições, o que é facilitado em estado de direito democrático, nesse caso, onde o indivíduo sente-se livre para interpretar a sua religiosidade como uma questão de foro íntimo, separando o público do privado, se desinstitucionalizando.<sup>76</sup>

Os sem religião precisam ser analisados à luz da crise axiológica e da secularização, que trouxe separação entre igreja e Estado. A secularização também ajudou a formar uma mentalidade na qual as pessoas entendem o mundo e buscam viver sem influência das ideias religiosas. Rodrigues diz que a religião deixou a economia, a política e as rotinas ordinárias da vida quotidiana. Assim surgiu o pluralismo, com a multiplicação de denominações religiosas, seitas, cultos e a privatização do sagrado. A secularização ajudou a crescer a ideia de se viver de forma pragmática, levando em conta crer no que é útil e onde os bens religiosos são vistos como produtos. Nesse contexto se inserem as pessoas sem religião, que nem sempre se desligam totalmente das crenças, mas se desligam das instituições religiosas, porque as entendem desnecessárias. As pessoas sem religião sentem-se livres para viver suas liberdades. Buscam suas trajetórias. Se veem “como indivíduo dotado de direitos inerentes às suas próprias condições”.<sup>77</sup> Os sem religião são desvinculados institucionalmente. Mas a falta de vínculos com instituições religiosas não significa que são desprovidos de crença. Definir-se como sem religião não significa afastar o transcendental da vida, embora descolado de instituições religiosas.

Comentando sobre os sem religião, Rodrigues<sup>78</sup> diz ainda que a ausência de pertencimento pode acontecer de várias maneiras. Pode ser transitória, por causa de

---

<sup>76</sup> RODRIGUES, Denise dos Santos. Liberdade de afirmar-se sem religião: reflexo de transformações no Brasil contemporâneo. **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, vol. 2, nº 1, p. 49-64, jan.-jun. 2011, p. 53.

<sup>77</sup> RODRIGUES, 2011, p. 50.

<sup>78</sup> RODRIGUES, 2007, p. 37.

algum desencantamento, pode ser porque a pessoa está experimentando novas experiências ou pode ser permanente, fundada em uma nova ideia de espiritualidade. Já Senra diz que a pessoa sem religião pode, se assim decidir, voltar a praticar uma religião. A situação de ser sem religião pode ser definitiva ou não. O sem religião pode regressar à religião antiga que professava ou decidir pela filiação a uma nova religião.

O mundo moderno vem passando por uma transformação revolucionária, despertando uma nova consciência ética nos indivíduos, mais tolerante com as várias verdades. Nela está embutida uma visão de mundo sincrética, voltada para o auto-aperfeiçoamento, individualizada, que substitui a ideia tradicional de salvação, desloca a noção de igreja e troca a distinção entre crente e descrente pela noção de espiritualidade, que pode se estender além dessa vida. É uma nova proposta de religiosidade, orientalizada, cujos indicativos podem ser observados através do surgimento de correntes como o Neo Paganismo, os movimentos ambientalistas e de Nova Era, desenvolvendo um comportamento muito particular, religioso, mas não institucionalizado, evocando a integração do homem com o universo, o que encurta a distância entre o homem e a divindade, muitas vezes representada pelas forças da natureza.<sup>79</sup>

Nesse campo de estudo sobre religiosos, não institucionalizados e sem religião, é importante diferenciar religião de religiosidade. Rodrigues, por exemplo, comenta a experiência que teve ao pesquisar esse grupo. Diz que muitas pessoas pesquisadas afirmavam que não tinham religião, mas desenvolviam religiosidade própria. Religião pode ser definida segundo a “obediência a um deus transcendente e a uma tradição, que é a mediadora de sua autoridade. A religiosidade se apresenta como a experiência do divino como imanente na vida”.<sup>80</sup>

Religião é institucional e praticada de forma coletiva. Religiosidade é individual e não é necessariamente ligada à instituição, sendo mais subjetiva, indicando uma vivência individualizada do sagrado. A religiosidade é entendida como a crença em uma força maior, não necessariamente vinculada à palavra Deus. As pessoas, ao desenvolver a religiosidade, buscam significados para a vida, para a doença, para a morte, para a relação do indivíduo com o divino, com os outros e consigo mesmas. É a busca da pessoa pelo que entende como sagrado e não necessariamente associa esse sagrado e essa busca com uma religião convencional e tradicional. “Pode

---

<sup>79</sup> RODRIGUES, 2007, p. 40.

<sup>80</sup> RODRIGUES, Denise dos Santos. Religiosos sem igreja: um mergulho na categoria censitária dos sem religião. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, ano 7, p. 31-56, 2007, p. 40. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2007/t\\_rodrigues.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv4_2007/t_rodrigues.pdf). Acesso em: 28 nov. 2022.

mesmo ser experimentada sem nenhuma fé, mitos, lendas ou superstições, praticada tanto dentro quanto fora do contexto religioso”.<sup>81</sup>

Elkins<sup>82</sup> é psicólogo clínico, ex-pastor, estudou sobre religião, foi criado na igreja cristã, se diz desiludido com a religião, abandonou a igreja organizada e entende que o desenvolvimento espiritual é essencial para a saúde psicológica e também para uma vida de paixão e profundidade. Diz que a religião organizada prejudica o desenvolvimento espiritual.

Uma revolução espiritual está acontecendo silenciosamente na nossa sociedade. Milhões de pessoas têm deixado a religião tradicional para seguir caminhos alternativos de desenvolvimento espiritual. Estão percebendo que podem ser espiritualizadas sem ser religiosas e que podem cultivar a alma sem ir a uma igreja. A separação entre espiritualidade e religião é uma das maiores mudanças sociológicas do nosso tempo.<sup>83</sup>

Em sua obra, Elkins relativiza a verdade ao afirmar que “muitos americanos têm deixado de considerar sua tradição religiosa como única religião verdadeira”,<sup>84</sup> acreditam que todas as religiões são caminhos legítimos para tratar dos desejos espirituais das pessoas e que isso, segundo ele, é uma perspectiva dos tempos atuais. Diz que as pessoas acham difícil questionar a própria tradição religiosa, mas defende a relativização da tradição religiosa, a abertura para novas experiências e diz que isso é o caminho para uma maturidade espiritual.

Defende que as pessoas deem dois passos: o primeiro, é sair da própria tradição religiosa e se abrir para outras religiões. Essa visão de Elkins é criticada pelas pessoas que não aceitam o sincretismo religioso. O segundo passo é se abrir para a vida e entender que a religiosidade não é sinônimo de praticar uma religião. E que a alma pode ser cultivada longe da religião. Elkins diz que, quando a pessoa dá o segundo passo, vê que tudo na vida é sagrado e que o universo inteiro é um jardim a partir do qual se pode alimentar a alma. Ele defende que alimentar a alma é uma forma de praticar religiosidade longe da igreja. Elkins defende que a religiosidade pessoal

---

<sup>81</sup> RODRIGUES, 2007, p. 43.

<sup>82</sup> ELKINS, David N. **Além da religião**: um programa personalizado para o desenvolvimento de uma vida espiritualizada fora dos quadros da religião tradicional. São Paulo: Editora Pensamento, 11<sup>a</sup> edição, 2005. p. 15.

<sup>83</sup> ELKINS, 2005, p. 21.

<sup>84</sup> ELKINS, 2005, p. 25.

significa assumir a responsabilidade pelo próprio desenvolvimento espiritual e aprender a cultivar a própria alma.<sup>85</sup>

A defesa é construir a religiosidade de forma autônoma para conquistar a maturidade espiritual. Elkins afirma que, para atingir essa meta de evolução espiritual, a pessoa tem que conviver com a incompreensão da família e amigos, matar as antigas crenças e entender que o universo se torna o templo; a terra, o altar; a vida diária, o pão sagrado; as tradições orais, a literatura da sabedoria e o acervo espiritual do mundo tornam-se as escrituras; e a humanidade torna-se a congregação.<sup>86</sup> É a defesa da autossuficiência e do humanismo para se obter a maturidade espiritual. Em nenhum momento Deus é citado pelo autor, a Bíblia é considerada como verdade absoluta, a comunidade de fé é entendida como um grupo de ajuda mútua e de apoio para o crescimento das pessoas. Pelo contrário, o autor diz para sair da igreja para desenvolver a religiosidade.

Elkins<sup>87</sup> defende uma nova religiosidade. Diz que essa religiosidade que as pessoas estão abraçando está fora da igreja institucional, sendo a prática de uma religião pessoal. A religião seria dividida em dois tipos básicos que são: institucional e pessoal. O autor diz que há a religião pública ou institucional, com seus edifícios, programas, clérigos, teologia, rituais e cerimônias. E há “uma religião privada e pessoal com sua ênfase no cultivo da alma e no desenvolvimento da vida espiritual.”<sup>88</sup> O autor defende que se cuide da alma e a define, em grego, como *psyche* e, em latim, *anima*. Diz que a palavra alma se tornou religiosa e as pessoas a associam à religião e à teologia. Mas a palavra alma, segundo ele, pertence à humanidade e indica uma dimensão universal da experiência humana.<sup>89</sup> É dessa maneira que ele diz que se vive a religiosidade hoje. Para Elkins, é necessário viver uma nova religiosidade, não ligada à uma igreja porque a nova religiosidade é diferente da afiliação institucional. Essa nova religiosidade não está ligada à religião, seja de forma institucional ou de forma pessoal. Não seria revolucionário se as pessoas estivessem só deixando de ir para a igreja, mas praticando a mesma religião em casa.<sup>90</sup> Mas as pessoas estão rejeitando a religião organizada e o sistema de crenças religiosas que a acompanha.

---

<sup>85</sup> ELKINS, 2005, p. 26.

<sup>86</sup> ELKINS, 2005, p. 26.

<sup>87</sup> ELKINS, 2005, p. 34.

<sup>88</sup> ELKINS, 2005, p. 48.

<sup>89</sup> ELKINS, 2005, p. 48.

<sup>90</sup> ELKINS, 2005, p. 35.

Elas buscam uma maneira radical de ter novas formas de religiosidade. O autor diz que isso é revolucionário.

As pessoas que praticam religiosidade, mas que não têm religião, não apreciam o jugo pesado das regras, requisitos e instruções religiosas que caminham lado a lado com a religião. Preferem envolver-se de forma arejada e autêntica, buscando soluções novas e ativas para os problemas complexos da existência.<sup>91</sup> A nova religiosidade tem conteúdo, pois os próprios princípios são o conteúdo. É uma religiosidade longe das regras, rituais e cerimônias. É uma religiosidade não religiosa.

Elkins diz que chegou a seis conclusões sobre a religiosidade:

1. É universal;
2. É um fenômeno humano;
3. A religiosidade se manifesta de várias maneiras, como, por exemplo, na dança da chuva dos indígenas americanos, nos rodopios dos dervixes do islamismo, na meditação dos monges zen budistas;
4. Tem a ver com a capacidade de a pessoa responder ao numinoso, tendo caráter místico. Está enraizada na lama e é cultivada por experiências do sagrado;
5. Tem energia misteriosa;
6. O objetivo da religiosidade é a compaixão.

Religiosidade é uma prática vivida, é experiência, mas nada tem a ver com religião vivida, pois rompe com a religião. Elkins<sup>92</sup> lista os nove componentes da religiosidade que são: dimensão transcendental; traz significado e o propósito para a vida; traz a missão para a vida da pessoa que a pratica; mostra o caráter sagrado da existência, pois a pessoa crê que a vida está mergulhada no sagrado; a pessoa pode valorizar bens materiais, mas não tem neles uma satisfação última; é altruísta, sendo sensível à dor do próximo; idealismo, pois defende um mundo melhor; a pessoa é consciente das realidades trágicas da vida; e a pessoa dá frutos em sua vida.

---

<sup>91</sup> ELKINS, 2005, p. 36.

<sup>92</sup> ELKINS, 2005, p. 43.

O autor dá alguns passos para se nutrir a alma e desenvolver a religiosidade. Diz ele que, para isso, é necessário seguir essas etapas:<sup>93</sup>

1. Fazer um diário da alma, escrevendo sobre seus sentimentos. Diz para escrever duas páginas por dia, para refletir sobre a sua vida espiritual;
2. Ocupar-se, semanalmente, com duas pequenas atividades que nutram a alma e registrar no caderno as reações e intuições que teve sobre cada atividade. A pessoa deve se lembrar das experiências vividas e registrá-las. Pode ser lembrar-se de poesia lida, a natureza que contemplou, um filme bom que tenha assistido no cinema ou as férias;
3. Escolher três atividades e planejar realizá-las no espaço de três meses e registrar no diário as reações e intuições que teve em cada atividade. Pode ser, por exemplo, um fim de semana nas montanhas, caso a pessoa entenda que isso pode nutrir a sua alma;
4. Ao final de três meses, avaliar o programa e seu crescimento;
5. Se a pessoa achar que o programa não foi benéfico, planejar um outro de três meses. Continue a fazê-lo enquanto sentir vontade.

Quando se compara as características dos dois grupos, as pessoas desigrejadas e as sem religião, percebe-se que ambos têm pontos semelhantes e diferentes.

A principal diferença entre pessoas desigrejadas e as que praticam religiosidade fora da religião (não religiosa) é que as pessoas desigrejadas aceitam a religião cristã, somente se recusando a ser membros de uma igreja institucional. As pessoas evangélicas desigrejadas, por exemplo, se dizem cristãs. Esse grupo aceita o cristianismo e, por meio dele, busca a Deus. As pessoas desigrejadas não querem pertencer a uma instituição. A religiosidade não religiosa não aceita as regras de uma religião. Afirma que busca a Deus, mas não uma religião que traz consigo dogmas e rituais.

---

<sup>93</sup> ELKINS, 2005, p. 247.

As semelhanças entre ambos os grupos, as pessoas desigrejadas e os sem religião, são a desinstitucionalização, individualização, autonomia, fim das regras estabelecidas por dogmas e a não participação nas comunidades de fé.

Desinstitucionalização – É também entendida como um enfraquecimento das instituições religiosas. Tanto as pessoas desigrejadas quanto os sem religião não aceitam se tornar membros das igrejas institucionalizadas. Vieira<sup>94</sup> cita um aspecto importante que chamou de desafeição religiosa. Diz que as pessoas manifestam essa desafeição rompendo com o controle das instituições religiosas (os sem religião vulneráveis, por exemplo). Outros rompendo com as instituições e com a própria religião (os sem religião determinados, por exemplo). E ainda outros manifestam a desafeição pela não crença nos fundamentos ou no valor da religião (os sem religião ateus, por exemplo). Essa desafeição tem três dimensões, que são: o enfraquecimento ou ruptura do laço afetivo que une o fiel à instituição religiosa; a descrença do fiel em um ou mais artigos da fé professada pela igreja; e o afastamento pessoal das práticas rituais que ligam o fiel à igreja.

Vieira enfatiza que, sobre a desafeição religiosa, as pessoas rejeitam a mediação da igreja institucional, não se sujeitando mais aos preceitos religiosos, seguindo a própria tutela e experiência espiritual. Vieira fala da existência de uma espiritualidade sem religião, mas não de uma espiritualidade sem crenças ou sem a crença em Deus. O autor diz que é preciso considerar que a ideia e a crença em Deus são realidades vazias e vagas nas sociedades atuais. E acrescenta que “o Deus que a religião sustenta é um Deus obsoleto frente às descobertas das ciências, às mudanças de paradigmas, aos anseios e aos problemas hoje”.<sup>95</sup>

Individualização - A religiosidade é praticada de forma individual, de acordo com as ideias da própria pessoa. De acordo com Senra, “diante da autonomia do indivíduo, a instituição perde a sua sacralidade. Os sem religião vivem sem o controle institucional e cultivam a religiosidade como lhes convém”.<sup>96</sup> O autor diz que isso remete à ideia da fé *a la carte*, segundo a qual cada um escolhe no que acreditar,

---

<sup>94</sup> VIEIRA, José Álvaro Campos. **Os sem-religião**: aurora de uma espiritualidade não religiosa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018. p. 124.

<sup>95</sup> VIEIRA, 2018, p. 126.

<sup>96</sup> SENRA, 2020, p. 614.

como praticar a fé, decide sozinho distinguir entre diferentes cosmovisões, ideias e práticas.<sup>97</sup>

Autonomia – A pessoa decide ser autônoma em como praticar (ou não) o culto (ritual). As pessoas, de ambos os grupos, desigrejadas e sem religião, acreditam em Deus e fazem orações. “O fortalecimento da autonomia do indivíduo provoca a mudança da religião institucionalizada para a religião individualizada. Mudou-se da religião tradicional para a religião de indivíduos.”<sup>98</sup> Senra afirma que é uma espiritualidade sob o controle do indivíduo, que vive um tempo marcado pelo individualismo. A pessoa sem religião, ou não afiliada, determina, por si mesma, valor e sentido para a sua existência. Ou seja, “o discernimento individual se sobrepõe ao que é estabelecido pela doutrina, pela instituição e pela liderança religiosa.”<sup>99</sup> Em uma prática religiosa desinstitucionalizada e individualizada, as instituições perdem a sua aura sagrada, uma vez que a pessoa não é mais o meio de uma finalidade exterior, mas é considerada (e se considera) como finalidade última.

Fim das regras estabelecidas por dogmas – Isso se dá tanto sobre o conteúdo do que crer quanto no interpretar as Sagradas Escrituras. As pessoas com vínculo institucional mantêm a noção e a experiência de Deus em harmonia com o cânone da tradição, reconhece a doutrina, pratica a vivência comunitária e os rituais. Já os sem religião fazem o contrário. Deus é modelado pela própria pessoa. Acabou a submissão e a obediência às regras dogmáticas estabelecidas pelos líderes religiosos para os que praticam religiosidade sem religião.

Os sem religião entendem que Deus é acessível a todos e está presente em qualquer lugar. Deus não é propriedade de uma instituição e não é necessário pertencer a uma religião para acreditar em Deus. É a própria pessoa que cria a ideia de Deus e isso não é regulado mais pela instituição. As pessoas estão rompendo com a pretensão de controle da experiência com o que reconhecem como Deus. Elas são contra o poder de gerenciamento do bem religioso. Na perspectiva religiosa, a ideia sobre Deus está estabelecida segundo uma tradição. Na perspectiva dos sem religião, a ideia sobre Deus cabe a eles mesmos criarem. Não reconhecem o poder de gerenciamento das instituições a respeito de Deus. Um maior número de pessoas expressa crenças religiões diferentes da ortodoxia cristã.<sup>100</sup>

---

<sup>97</sup> SENRA, 2020, p. 614.

<sup>98</sup> SENRA, 2020, p. 613.

<sup>99</sup> SENRA, 2020, p. 612.

<sup>100</sup> SENRA, 2020, p. 616.

Não participação nas comunidades de fé – As pessoas que praticam a religiosidade autônoma não querem frequentar igrejas e não aceitam a tutela de líderes religiosos.

A pesquisa mostrou que muitos evangélicos se tornaram desinstitucionalizados, fato anteriormente desconhecido nesse segmento, uma vez que somente se falava em católico romano não praticante. Também foi comentado o conceito de pessoas desigrejadas, os vários subgrupos dentro do movimento e que não há, entre os teólogos, sociólogos e demais profissionais que estudam o tema, uma única conclusão sobre quantos subgrupos existem. Cada pesquisa traz uma realidade diferente, mostrando várias divisões distintas entre as pessoas desigrejadas. Uns falam que existem três subgrupos, outros afirmam existirem sete. Ainda há autores que enfocam novas classificações para os subgrupos. Outra conclusão deste capítulo mostra as razões que as pessoas desigrejadas apontam para abandonar a igreja. Entre essas razões, destaque para o discurso de que querem retornar ao modelo da igreja primitiva, a crítica que a igreja se tornou uma instituição, a postura contrária a, por exemplo, o título de pastor, os cargos, o dízimo, a construção de templo, a tesouraria, a igreja ter CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica), a Teologia da Prosperidade e alguns ministérios eclesiásticos ter se tornado empresas. As pessoas desigrejadas são contra toda a organização atual da igreja cristã, afirmando que a comunidade bíblica não possuía essas características. Foram citadas as ideias de autores que criticam a igreja institucional e também foi descrito a diferença existente entre três grupos – as pessoas desigrejadas, os desviados e os sem religião que são confundidos como se fossem a mesma comunidade.

Dando sequência, as redes sociais serão analisadas. Foram pesquisados o Facebook e o YouTube, pois as pessoas desigrejadas formam comunidades nesses meios de comunicação. A internet tornou-se um campo de atuação para esse público que usa o espaço para criticar a igreja institucional. O estudo mostra ainda os depoimentos das pessoas desigrejadas sobre a comunidade de fé.

### **3 A INTERNET COMO ESPAÇO DA MUDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO: AS REDES SOCIAIS COMO LOCAL DE ENCONTRO PARA AS PESSOAS DESIGREJADAS**

Nesta parte foi possível comprovar o objetivo da pesquisa que é analisar os motivos que levam à evasão das igrejas institucionais. Esse objetivo foi atingido ao estudar as comunidades de pessoas desigrejadas no Facebook e no YouTube. Aqui serão citadas essas duas redes sociais. A pesquisadora se cadastrou em várias comunidades de pessoas desigrejadas no Facebook para conhecer melhor esse público e aplicar uma enquete, por meio da metodologia da netnografia, para colher depoimentos dos membros do grupo. Também foram analisados vídeos de canais do YouTube. Outro aspecto deste capítulo é o apontamento das vantagens e desvantagens do uso das redes sociais e as opiniões das pessoas desigrejadas afirmando os motivos que as levaram a abandonar a igreja institucional. Os motivos que levaram as pessoas ao desigrejamento foram divididos em cinco eixos principais de análise que são: econômico, litúrgico, foco na liderança, doutrinário e abuso espiritual.

#### **3.1 AS CARACTERÍSTICAS DAS COMUNIDADES VIRTUAIS, AS VANTAGENS E AS DESVANTAGENS DO USO DAS REDES SOCIAIS**

Estudos sobre as redes sociais dizem que as pessoas migraram para a era das telas, que a internet é neutra e será boa ou ruim dependendo do uso que a sociedade faz dela.<sup>101</sup> A internet está infiltrada na vida das pessoas<sup>102</sup> e as igrejas cristãs viveram uma mudança ao inserir as atividades nos meios de comunicação. A prática religiosa passou por transformação ao entrar para o mundo da comunicação digital. Muitos cristãos acompanham o conteúdo divulgado pela internet (blogs, portais e redes sociais), pelo rádio, pela TV e por aplicativos. As pessoas desigrejadas também entram nesse contexto de consumir material religioso on-line e de formar

---

<sup>101</sup> FERREIRA, Elis Amâncio. **Mídias sociais na igreja: usando o meio digital para o Reino**. Belo Horizonte: Promove Artes Gráficas, 2018, p. 36.

<sup>102</sup> TWENGE, Jean M. **iGen: porque as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a idade adulta**. São Paulo: NVersos, 2018, p. 68.

comunidades na rede para discutir sobre a igreja cristã. Há páginas de grupos debatendo sobre o desigrejamento. A liberdade de postar o próprio conteúdo ajuda na divulgação da ideia de ser avesso à igreja institucional. Esta pesquisa analisa as pessoas desigrejadas que formam comunidades no Facebook e no YouTube.

A internet criou uma rede de relacionamento das pessoas que vivem em contato. Ao avaliar o Facebook e questionar se é uma rede transitória, se durará muito tempo e sobre qual a necessidade a rede satisfaz, Spadaro comenta que o Facebook “permite a seus usuários se sentirem e se verem como parte de uma rede de relacionamentos, com uma fisionomia e história cotidiana da qual se pode participar com um clique.”<sup>103</sup> A rede permite desenvolver relações, sejam de amizade ou comerciais, e isso justifica a aceitação e o engajamento das pessoas nesse meio de comunicação. Antes das redes sociais, a internet era uma rede de páginas e de conteúdos, não de pessoas. Agora, a internet se tornou uma rede de pessoas. Além das relações, Spadaro ressalta também que a rede é um local em que a fé e a religiosidade se expressam e têm sua relevância e manifestação. As pessoas desigrejadas são exemplos de um grupo que se manifesta nessa rede social.

Se buscarmos a dimensão religiosa presente no Facebook, veremos que essa possibilidade encontrou sua realização e sua forma. A presença de religiosos no Facebook não é irrelevante. Quem assumiu uma tarefa pastoral acha muito útil estar conectado através de instrumentos da rede social. Assim ficam abertos para ampliar contatos.<sup>104</sup>

As redes sociais são o campo que proporciona ampla participação popular no espaço virtual. De acordo com Recuero<sup>105</sup>, o ciberespaço é um ambiente de comunicação, construído e negociado pela participação das pessoas por meio da conversação, sendo um espaço relacional. Nesse campo existem dois tipos de agregações: comunitárias e não comunitárias. As comunitárias, que é o caso das pessoas desigrejadas, são aquelas onde existe, por parte dos membros, o sentimento expresso de uma afinidade subjetiva delimitada por um território simbólico, cujo compartilhamento de emoções e troca de experiências pessoais são fundamentais para a coesão do grupo. Nas comunidades, as pessoas desigrejadas trocam as mais diversas experiências que viveram dentro das igrejas, contam seus depoimentos de

---

<sup>103</sup> SPADARO, Antonio. **Web 2.0: Redes sociais**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 100.

<sup>104</sup> SPADARO, 2013, p. 105.

<sup>105</sup> RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 40.

desilusão com as lideranças, defendem a saída dos templos e criticam os membros das igrejas que denominam de institucionalizados ou templários. As agregações não comunitárias são onde os participantes não se sentem envolvidos, sendo apenas um locus de encontro e de compartilhamento de informações e experiências de caráter efêmero e desterritorializado.<sup>106</sup>

Ao comentar sobre a cibercultura, Lévy diz sobre os princípios que orientam o crescimento do mundo virtual. Um desses princípios é a interconexão que é um espaço de ajuntamento de pessoas. No mundo atual, a interconexão é um incentivo à comunicação universal onde todas as pessoas se conectam e interagem entre si.<sup>107</sup> O outro princípio é a comunidade virtual, como, por exemplo, a comunidade das pessoas desigrejadas. Lévy diz que as comunidades virtuais se apoiam na interconexão. Diz ainda que uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesse, de conhecimento, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.<sup>108</sup> Esse é o caso das pessoas desigrejadas que se ligam pela afinidade de interesse que é discursar contra a igreja institucional e buscar novos caminhos para ser cristãos longe dos templos.

A definição de comunidades virtuais é, segundo Recuero, um número de pessoas que entra na internet para fazer discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço.<sup>109</sup> Recuero diz que as comunidades virtuais são simbólicas, ou seja, cujos membros estão conectados primeiramente pelas trocas simbólicas (no caso, eletrônicas), mais do que pela interação face a face. E afirma que a comunidade virtual tem os seguintes elementos formadores: discussões públicas, as pessoas que se encontram e reencontram, o tempo e o sentimento.<sup>110</sup> As pessoas desigrejadas se encaixam nesses elementos porque discutem publicamente sobre a instituição igreja, existe o encontro daqueles que abandonaram a frequência aos templos e que compartilham o sentimento de que podem ser cristãos e ter fé em Deus longe da

---

<sup>106</sup> RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 139.

<sup>107</sup> LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 129.

<sup>108</sup> LÉVY, 1999, p. 130.

<sup>109</sup> RECUERO, 2009, p. 137.

<sup>110</sup> RECUERO, 2009, p. 137.

comunidade institucional. Também compartilham o sentimento de decepção em relação à igreja.

Quando se fala em comunidades virtuais, é importante citar a desterritorialização dos laços sociais que, embora não tenha iniciado pela internet, foi nela que foi ampliada a mudança no sentido de lugar. A sociabilidade que a internet oferece fez desaparecer o lugar geográfico porque as comunidades virtuais se formam de qualquer parte do planeta. O processo de expansão das interações sociais iniciou pelo surgimento dos meios de transporte e de comunicação como cartas e telefone, por exemplo. Mas ganhou maior abrangência pela internet e redes sociais.<sup>111</sup> Os laços sociais são amplificados por meio do desenvolvimento dos meios de comunicação e das redes. Hoje os laços são fluidos, menos fortes e mais amplos. Agora as comunidades sociais são novas formas de grupos sociais.<sup>112</sup>

O campo religioso não ficou fora desse espaço comunicacional. Segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB),<sup>113</sup> existe relação entre teologia e comunicação. Para pensar essa relação é necessário entender a teologia como um discurso sobre Deus que parte do ponto de vista da fé na revelação divina, a autocomunicação de Deus encarnada na realidade humana. Cabe à teologia tornar a fé compreensível e comunicável em todos os tempos e lugares. Existem várias formas de relacionar teologia e comunicação. Uma das maneiras é a ciberteologia ou teologia digital. O termo ciberteologia é mais usado pelos católicos e teologia digital pelos protestantes. Ambas têm origem e proposta, mas se referem ao estudo teológico sobre o fenômeno da cultura digital, que proporcionou uma experiência humana hipercomunicativa.<sup>114</sup>

Ao estudar religião e internet, Sbardelotto diz que a religião e as práticas religiosas mudaram muito em tempo de revolução digital. Diz que, se

[...] a internet foi compreendida como uma mídia complexa, isso é, como uma ecologia comunicacional perpassada por processos sociais, tecnológicos e simbólicos, então podemos dizer que essa 'rede de relações', entre agentes diversos, possibilitou a emergência, hoje, de novas

---

<sup>111</sup> RECUERO, 2009, p. 135.

<sup>112</sup> RECUERO, 2009, p. 136.

<sup>113</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil**. Documentos da CNBB 99. 4. ed. atualizada. Brasília: Edições CNBB, 2023. p. 41.

<sup>114</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2023, p. 43.

modalidades de percepção, de experiência e de expressão da relação com o sagrado e a transcendência em novos ambientes sociocomunicacionais.<sup>115</sup>

O autor fala sobre as religiosidades vividas em rede e nos rituais on-line. A internet favorece o surgimento de novas modalidades de lidar com o tempo, o espaço e as materialidades da prática religiosa. As pessoas desigrejadas usam esse espaço para formar comunidades de debate. Isso é o que caracteriza a midiatização digital (suas formas características de ser, existir, pensar, saber e agir na era digital). Para entender a relação dos indivíduos com a religião, Sbardelotto<sup>116</sup> destaca três mudanças:

1. Temporalmente, no ambiente digital, a pessoa experimenta um tempo policrônico, em que pode realizar mais de uma atividade ao mesmo tempo, incluindo sua prática religiosa;
2. Surge nova espacialidade da experiência religiosa, marcada por uma lógica da condensação espacial. O ambiente digital permite uma “telepresença” religiosa, cuja essência é a “antipresença”: não é necessário que o fiel esteja fisicamente no local do rito religioso para estar lá digitalmente. O fiel pode agora ver e agir à distância;
3. A fé digital traz consigo uma materialidade totalmente própria, numérica, de dígitos que podem ser descontextualizados, recombinaados, alterados, deletados de acordo com a vontade do sistema e do fiel. A experiência religiosa se depara com uma lógica da complexificação, em que elementos digitais e não digitais servem de base para a construção de sentido religioso. É a midiatização digital da religião. É também o espaço para a crítica à igreja institucional.

É no contexto de internet, redes sociais e comunidades que se cria o cenário para a diversão também conhecido como o espetáculo, o show e a apresentação. Hoje se vive a era da mídia e o cristão está inserido nessa guerra dos espetáculos. Reinke afirma que hoje se vive na era do espetáculo que é definido como um “momento de tempo, de duração variada, no qual um olhar coletivo se fixa em uma

---

<sup>115</sup> SBARDELOTTO, Moisés. Entrevista [concedida ao Comitê Editorial]. **Último Andar**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 5-18, 2016. p. 6. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/31305/21805>. Acesso em: 31 dez. 2023.

<sup>116</sup> SBARDELOTTO, 2023, p. 6.

imagem, situação ou evento específicos.”<sup>117</sup> Dentro do espetáculo cabe a controvérsia. É a notícia falsa, é o último escândalo na política, no esporte e na religião. Os escândalos sociais viralizam e povoam as redes sociais, contribuindo para ampliar o espetáculo, para formar imagens. As pessoas desigrejadas utilizam desse meio para criticar a igreja e ajudam a formar uma imagem negativa da institucionalização da religião. Quanto mais rápida se torna a mídia, mais pode contribuir para a criação de espetáculos. As redes sociais são um exemplo. “Seja mentira ou não, o espetáculo é algo visível que atrai o olhar da coletividade.”<sup>118</sup> Um espetáculo pode ser um comercial de TV, um pôster, um vídeo, uma fotografia, uma página nas redes sociais, um culto religioso, o discurso polêmico de um líder religioso ou uma publicidade. Também pode ser uma antipublicidade. Por exemplo, as páginas das pessoas desigrejadas, nas redes sociais, são um antipublicidade para a igreja institucional e para pastores famosos que são criticados. São espaços de críticas à igreja.

Reinke diz que um espetáculo pode reunir uma comunidade em torno de um objetivo comum. Uma postagem específica pode se tornar um espetáculo. Nas páginas das pessoas desigrejadas no Facebook, por exemplo, as postagens tornam-se locais para publicamente denegrir a imagem de líderes religiosos famosos e também comprova o que o autor disse que é uma comunidade em torno de um assunto específico. No caso, a comunidade de pessoas desigrejadas, engajada nas redes sociais, tem a igreja institucional como assunto principal.

As redes sociais são o fruto da interação humana, mas, por sua vez, dão formas novas às dinâmicas da comunicação que cria relações seja nos ambientes de trabalho, de educação, de lazer, de cultura, seja também nos de religião.<sup>119</sup> A internet e a articulação das redes sociais digitais passaram a fazer parte da rotina das pessoas. Isso gerou mais possibilidade de comunicação e de relação social. Essa nova maneira de comunicar impacta o modo como os cristãos devam ser igreja e anunciar o Evangelho.<sup>120</sup> A igreja precisa renovar a maneira como se comunica sendo

---

<sup>117</sup> REINKE, Tony. **A guerra dos espetáculos: o cristão na era da mídia**. Trad. Vinicius Silva Pimentel. São José dos Campos: Editora Fiel, 2020. p. 114.

<sup>118</sup> REINKE, 2020, p. 114.

<sup>119</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2023, p. 133.

<sup>120</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2023, p. 134.

mais ativa e participativa. Líderes cristãos precisam descobrir métodos adequados ao ambiente digital para dialogar com a sociedade.

A igreja precisa atualizar a maneira como anuncia o Evangelho para a linguagem das novas gerações, convidando-as a criar um novo senso de pertencimento comunitário, algo que será aprofundado no capítulo quarto desta tese. Ao contrário dos líderes das igrejas cristãs que parecem que ainda aprendem como fazer comunicação na internet, as comunidades de pessoas desigrejadas já se engajaram nas redes sociais, recebendo adesão de diversas pessoas. A igreja sabe que as mídias digitais não substituem a vida em comunidade e a prática litúrgica presencial, mas podem complementá-las, atraindo as pessoas para uma experiência mais integral da vida de fé e enriquecendo a vida religiosa dos usuários.

A cultura participativa e colaborativa, sobretudo com as mídias digitais, pede uma revisão dos métodos pastorais assim como o vem exigindo nos sistemas de ensino, nos processos políticos e na reorganização da sociedade em geral. Para evangelizar na sociedade contemporânea, é indispensável compreender as novas linguagens e práticas vivenciadas, a fim de incutir a mensagem do Evangelho na cultura digital.<sup>121</sup>

São muitos os pontos positivos e negativos no uso das redes de computadores e das redes sociais. Os positivos são:

- 1) Possibilita comunicação em tempo real. Mais pessoas se envolvem no processo de comunicação, recebem informação de forma mais rápida, com compartilhamento de informações que pode atingir o mundo, a um custo mais barato para as instituições (por exemplo, as igrejas cristãs) e empresas;
- 2) Fim da barreira geográfica, desterritorialização, pois as pessoas se comunicam independente do país onde vivem. Desde que a pessoa tenha acesso à internet, é simples conversar com pessoas pelo mundo;
- 3) As redes sociais ajudam ainda na comunicação globalizada quando dão acesso a várias pessoas, simultaneamente;
- 4) A moral implícita da comunidade virtual é a da reciprocidade. “Se aprendemos algo lendo as trocas de mensagens, é preciso também repassar os conhecimentos que dispomos (...);”<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2023, p. 135.

<sup>122</sup> LÉVY, 1999, p. 130.

- 5) Compartilha a visão, valores e missão de uma instituição como da igreja evangélica, por exemplo;
- 6) Segmentação do público com o qual deseja se comunicar, direcionando as postagens para a parcela que têm afinidade com o assunto;
- 7) Personalização da mensagem para uma maior interação com as pessoas;
- 8) Possibilidade de conhecer mais rapidamente o público porque as pessoas compartilham seus gostos, desejos, opiniões e locais que visitam. Nesse ponto as pessoas desigrejadas se destacam mostrando o ponto de vista que têm sobre a igreja institucional;
- 9) Possibilidade de vender produtos e serviços;
- 10) Facilidade para divulgar ideias e marcas a um baixo custo;
- 11) Mesmo à distância, a internet ajuda a pessoa a ter relacionamentos. Por exemplo, as pessoas desigrejadas se relacionam formando comunidades;
- 12) Permite o acesso, à distância, às informações e transferências de arquivos;<sup>123</sup>
- 13) Com as pessoas conectadas em redes e em comunidades, o espaço virtual tem a possibilidade de ser uma parte da memória da humanidade no futuro;
- 14) Mantém o usuário conectado a um contexto e sentimento de que faz parte do mundo atual. Pela interação a pessoa se faz presente na vida dos seguidores;
- 15) Acontece o ajuntamento de grupos por afinidades, as chamadas comunidades, o que fortalece identidades como, por exemplo, grupos de teólogos, professores, jornalistas, pastores, padres, admiradores de carros, médicos, chefs, entre outros. As pessoas desigrejadas também são um desses grupos;
- 16) A comunicação virtual ajuda a refletir sobre assuntos diversos, pois a agenda de temas debatidos é ampla;
- 17) A pessoa tem a comunicação do que sente e pensa facilitada por meio de textos, memes, fotografias, figuras e vídeos;

---

<sup>123</sup> LÉVY, 1999, p. 95.

- 18) É um estímulo à criatividade e à criação de conteúdo, o que pode despertar uma profissão. Possibilidade de trabalho on-line em qualquer parte do mundo;
- 19) A internet e, em especial, as redes sociais, ampliou a participação popular no uso dos meios de comunicação de massa. Isso quebrou o monopólio que antes cabia somente aos comunicadores (jornalistas, produtores, diretores, editores, entre outros) que eram as pessoas que possuíam acesso aos meios de comunicação. Agora, a população, além de receber mais informação, também é geradora de conteúdo;
- 20) Há liberdade de expressão. A liberdade de palavras é incentivada. O ambiente é oposto a qualquer forma de censura;<sup>124</sup>
- 21) Por meio das redes de computadores, a comunicação é um complemento aos encontros físicos;<sup>125</sup>
- 22) As comunidades virtuais realizam uma atualização de grupos humanos que eram apenas potenciais antes do surgimento do espaço virtual. Agora passou-se a ter um contato efetivo. A comunidade que se forma na rede não é irreal e imaginária. É um grupo de pessoas que se organizam para se comunicar.<sup>126</sup> As pessoas desigrejadas são um exemplo desses grupos;
- 23) Não há redes sociais paradas no tempo e no espaço. As redes são dinâmicas e estão sempre em transformação. Essas transformações são largamente influenciadas pelas interações.<sup>127</sup>

Ao analisar os vários aspectos assertivos no uso da internet e das redes sociais, percebe-se que a rede mundial de computadores é o veículo que possibilitou o ajuntamento de todos os demais meios de comunicação que já existiam. Ou seja, jornal, rádio, outdoor, telefone, revista, carta, TV, livro e fax, entre outros, entraram para a net. Diante desse quadro atual, pode-se sistematizar essa realidade social apontando três perspectivas principais como: a internet alcança maior número de pessoas, em menor espaço de tempo, a um custo financeiro mais baixo.

---

<sup>124</sup> LÉVY, 1999, p. 131.

<sup>125</sup> LÉVY, 1999, p. 130.

<sup>126</sup> LÉVY, 1999, p. 132.

<sup>127</sup> RECUERO, 2009, p. 79.

Explicando cada uma dessas três perspectivas, nota-se que um público mundial integrou o universo da internet e das redes sociais. Antes o alcance dos meios era mais restrito, com abrangência regional e nacional. O alcance mundial da comunicação passava pelo trabalho dos formadores de opinião que controlavam os veículos. Hoje essa realidade mudou e cada pessoa é potencialmente um comunicador, alcançando públicos globais, com rapidez, em tempo real, a um custo financeiro menor. Por exemplo, a população usa de forma gratuita as redes sociais e isso é um incentivo à participação nesse meio. Também se nota que a internet e as redes sociais são campo de trabalho, de evangelização e de rápida atualização de informações. Esse dinamismo é relevante e se torna um desafio para a igreja evangélica acompanhar as rápidas mudanças. Nem sempre se vê a liderança usar esse meio de comunicação de forma eficaz.

Existem pontos negativos no uso da internet e das redes sociais. Por exemplo: acontecem ataques pessoais ou argumentações pejorativas para qualquer grupo de pessoas. Os ataques são, entre outros, quanto à nacionalidade, ao gênero, à idade, à religião, à ideologia política e à profissão. Esses ataques são proibidos pelas políticas das comunidades virtuais, mas acontecem. Os administradores das comunidades tendem a excluir todo o perfil do internauta que comete o delito ou somente a postagem problemática.<sup>128</sup> As notícias falsas (*fake news*) são outro problema. As pessoas inventam fatos inverídicos, espalhando mentiras na rede. Os seguidores compartilham as falsas notícias e a fofoca se espalha rapidamente. Entende-se por notícias falsas a divulgação de boatos nos meios de comunicação de massa. Por causa das mentiras espalhadas, é comum acontecer crimes contra a honra (calúnia, injúria e difamação) no ambiente virtual.

Existe a sensação de solidão e a dificuldade de superar a timidez. Por meio do computador as pessoas podem se esconder, não privilegiando relacionamentos pessoais. A falta de contato pode levar a um isolamento social. A pessoa se priva da comunhão e do convívio com outras pessoas em prol de passar muito tempo em frente à tela do computador. A internet pode agregar ou isolar pessoas. Depende do uso que se faz dela. “Os adolescentes que passam mais tempo nas redes sociais são mais propensos a valorizar atitudes individualistas, em detrimento do envolvimento

---

<sup>128</sup> LÉVY, 1999, p. 130.

comunitário.”<sup>129</sup> A formação de comunidades virtuais deveria ser mais uma maneira de sociabilidade, mas tem se tornado uma forma de a pessoa se isolar. Parece contraditório dizer que existe uma pessoa sozinha que está dentro de uma comunidade virtual, mas é o que acontece. Há formação de comunidades, mas isso não é garantia de a pessoa ter companhia e sociabilidade. “O uso da internet não significa alto envolvimento comunitário.”<sup>130</sup>

Sobre as comunidades que se formam nas redes, Recuero afirma:

A falta de tempo e o medo podem ser conectadas ao isolamento das pessoas. O aumento do uso de ferramentas de comunicação, mediada por computador, poderia representar um esforço no sentido em direção ao social. O surgimento das comunidades virtuais se dá por causa desse contexto. Através do advento da comunicação mediada pelo computador e sua influência na sociedade e na vida cotidiana, as pessoas estariam buscando novas formas de se conectar, estabelecer relações e formar comunidades. As interações, por meio do computador, estão possibilitando o surgimento de grupos sociais na internet, com características comunitárias.<sup>131</sup>

Outros aspectos negativos no uso da internet e das redes sociais são a perda de tempo com inúmeras horas de uso da internet por dia. Prática dos mais diversos crimes como roubo de dados pessoais (CPF e senha que dão acesso a conta bancária, por exemplo), ameaça, perseguição (*stalking*), monitoramento da vida alheia para obter informação, bullying, pedofilia em rede, abuso sexual de forma virtual com crianças e adolescentes. As páginas criadas são apagadas rapidamente, não tendo uma continuidade de existência e de atualização de conteúdo. Nas redes sociais as comunidades servem de exemplo, pois são produzidas e depois retiradas do ar por decisão de seus criadores que, nem sempre, se identificam. Há muitas páginas cujos criadores se mantêm no anonimato.

### **3.2 A NETNOGRAFIA COMO MÉTODO DA PESQUISA E A SISTEMATIZAÇÃO DOS DEPOIMENTOS DAS PESSOAS DESIGREJADAS**

Este trabalho está embasado na metodologia da pesquisa bibliográfica e na netnografia. Foi realizada uma pesquisa nas redes sociais (Facebook e YouTube) porque as pessoas desigrejadas construíram comunidades virtuais. A metodologia usada, a netnografia, também é denominada de etnografia ou etnografia virtual.

---

<sup>129</sup> TWENGE, 2018, p. 202.

<sup>130</sup> TWENGE, 2018, p. 203.

<sup>131</sup> RECUERO, 2009, p. 136.

Segundo Polivanov<sup>132</sup>, netnografia é a junção (ou adaptação) de técnicas de pesquisa etnográfica ao estudo de comunidades que se comunicam via computador. É uma nova metodologia de pesquisa qualitativa. A autora cita que técnicas etnográficas têm sido apropriadas em pesquisas realizadas por meio da/na internet (a pesquisa on-line).

A netnografia, de acordo com Polivanov, pode ser entendida como método e também como produto resultante de uma pesquisa (relatório, narrativa). A netnografia pode ser definida tanto como um processo e método de pesquisa qualitativa (alguém conduz uma netnografia) ou quanto um produto (o resultado desse processo é uma netnografia) cujo objetivo é a interpretação cultural. Cabe ao pesquisador explicar como essas dinâmicas sociais na internet constituem significados. A autora afirma que a internet deve ser entendida como cultura e artefato cultural. Isso é importante porque conecta a internet em si e as práticas dos usuários na internet com o método da própria netnografia. Assim como a netnografia é tanto um método como um produto, a internet é tanto um modo de conduzir interações sociais quanto um produto dessas interações. E será nesse modo de interação, no Facebook e no YouTube, que será analisado o tema do desigrejamento.

Moschella<sup>133</sup> afirma que a etnografia permite que o pesquisador se envolva no grupo pesquisado, no dia a dia, na vida comunitária do grupo. Aqui nesta pesquisa o grupo é o desigrejado. Esse envolvimento é para entender melhor a cosmovisão do grupo a partir do ponto de vista deste. A etnografia permite que o pesquisador se envolva no diálogo com as pessoas, acompanhe as práticas de fé e, assim, tenha uma experiência prática que será válida para depois descrever a comunidade estudada. É a pesquisa a partir da experiência. Moschella afirma que cabe ao pesquisador, adepto dessa metodologia, observar o ambiente a ser estudado e descrever as observações. O pesquisador, além de colher dados para seu trabalho, também se relaciona com as pessoas pesquisadas a fim de entendê-las de forma mais profunda. Depois o pesquisador tem a liberdade de descrever toda essa experiência. É uma pesquisa humana onde o pesquisador se encontra com seres humanos que são o foco da observação. A pesquisadora se envolveu no grupo de pesquisa, mas não

---

<sup>132</sup> POLIVANOV, 2014, p. 62.

<sup>133</sup> MOSCHELLA, Mary Clark. **Living devotions**: Reflections on immigration, identity, and religious imagination. Wipf and Stock Publishers, 2008. p. 225.

presencialmente (etnografia) e, sim, virtualmente (netnografia) para conhecer a cosmovisão das pessoas desigrejadas.

Durante esta pesquisa, baseado na metodologia da netnografia, o Facebook e o YouTube foram acessados para se buscar material para o estudo. A escolha foi analisar comunidades abertas e fechadas de pessoas desigrejadas no Facebook. Foi postada uma enquete perguntando o motivo pelo qual as pessoas abandonaram as igrejas. As respostas espontâneas dos membros das comunidades foram colhidas e fazem parte do escopo deste estudo, sendo detalhadas no final deste capítulo. Apesar de todos os depoimentos nas redes sociais serem públicos, não serão mencionados os nomes das pessoas que responderam à enquete. Isso porque não foi feita nenhuma pergunta na enquete sobre as pessoas autorizarem o uso de seus nomes e depoimentos. Também foram realizadas entrevistas com algumas pessoas que se diziam desigrejadas. Os entrevistados permitiram a citação de seus nomes e de suas histórias na pesquisa. Mesmo com a permissão, os nomes das pessoas serão ocultados para seguir um padrão, pois os nomes dos participantes das comunidades do Facebook também não foram citados. Todos os nomes dos entrevistados são escritos de forma abreviada.

No total, a pesquisa abrangeu: 18 depoimentos colhidos das pessoas desigrejadas no Facebook que responderam à enquete sobre os motivos que as levaram a abandonar a igreja (esses depoimentos foram citados na pesquisa de forma direta e indireta); a pesquisadora participou de 5 comunidades no Facebook; em 2 comunidades não foi aceita como membro; em 1 comunidade a pesquisadora postou enquete e não teve nenhum comentário; foram 3 vídeos analisados no YouTube; realizadas 4 entrevistas com pessoas desigrejadas; acompanhados os cultos on-line de 2 igrejas; e ainda foi selecionado um depoimento no livro “Feridos em nome de Deus”.<sup>134</sup> Os membros das cinco comunidades que a pesquisadora participou postaram vários depoimentos, mas nem todos os comentários das pessoas que responderam à enquete foram escolhidos para compor esta pesquisa porque muitos foram xingamentos, alguns escritos usando palavras inapropriadas (palavrões), outros eram opiniões que claramente cometiam crime contra a honra de pastores famosos e

---

<sup>134</sup> CÉSAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

vários comentários eram somente figuras (memes). A pesquisadora não reproduziu nesta pesquisa esses depoimentos desrespeitosos que foram postados no Facebook.

A participação da pesquisadora nas comunidades de pessoas desigrejadas foi de se cadastrar, observar as postagens e depois participar interagindo com os internautas por meio da enquete. Foi necessário fazer cadastro em vários grupos de pessoas desigrejadas no Facebook para ter contato com o movimento. Entre esses grupos, a pesquisadora colheu depoimentos nas comunidades “Os desigrejados”<sup>135</sup>, “Movimento Desigrejados”<sup>136</sup>, “Desigrejados das denominações livres e do sistema religioso”<sup>137</sup>, “Raça de víboras”<sup>138</sup> e “Brasil contra a corrupção religiosa”<sup>139</sup>. O perfil de Caio Fábio D’Araújo Filho<sup>140</sup> também foi pesquisado porque é um espaço de crítica à igreja institucional e, por isso, muito frequentado pelas pessoas desigrejadas.

Nem todos os grupos fechados do Facebook permitiram que a pesquisadora ingressasse nos mesmos. A pesquisadora tentou se cadastrar em outras comunidades, mas não foi aceita, não recebendo permissão para ingressar no debate. Foi enviado mensagem para os moderadores comentando que o ingresso era para uma pesquisa e solicitando que as pessoas comentassem a visão delas sobre o desigrejamento. Mas a pesquisadora não obteve permissão para ingressar nos grupos “Desigrejados versus igrejados”<sup>141</sup> e “Desigrejados de Brasília e entorno” (que alterou o nome da comunidade para “Gays cristãos desigrejados de Brasília e entorno”).<sup>142</sup> Já em outras comunidades, a pesquisadora foi aceita como participante, se identificou,

<sup>135</sup> OS DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @osdesigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/osdesigrejados/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

<sup>136</sup> MOVIMENTO DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @movimentodesigrejados. [n.p.]. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/520552838320532>. Acesso em: 18 abr. 2018.

<sup>137</sup> DESIGREJADOS DAS DENOMINAÇÕES LIVRES E DO SISTEMA RELIGIOSO. **Sejamos livres desse sistema religioso denominacional que só divide o verdadeiro corpo de Cristo [...]**. c2018. **Facebook:** @desigrejadosdosistemareligioso. Disponível em: <https://www.facebook.com/Desigrejados-do-Sistema-Religioso-Institui%C3%A7%C3%B5es-954178121412051/>. Acesso em: 27 abr. 2018.

<sup>138</sup> RAÇA DE VÍBORAS. c2018. **Facebook:** @racadeviboras123. Disponível em: <https://www.facebook.com/racadeviboras123/>. Acesso em: 4 mai. 2018.

<sup>139</sup> BRASIL CONTRA A CORRUPÇÃO RELIGIOSA. c2018. **Facebook:** @brasilcontraacorrupcaoreligiosa. Disponível em: <https://m.facebook.com/Brasil-Contra-a-Corrup%C3%A7%C3%A3o-Religiosa-303224403122719/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

<sup>140</sup> D’ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Quem somos.** [S./], c2018. [n.p.]. Disponível em: <https://caiofabio.net/quem-somos>. Acesso em: 29 abr. 2018.

<sup>141</sup> DESIGREJADOS VERSUS IGREJADOS. C2020. **Facebook:** @desigrejadosversusigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/209728187481391/>. Acesso em: 21 out. 2024.

<sup>142</sup> GAYS CRISTÃOS DESIGREJADOS DE BRASÍLIA E ENTORNO. c2018. **Facebook:** @gayscristãosdesigrejados. <https://www.facebook.com/groups/636846066716558/>. Acesso em: 16 out. 2024.

disse que a enquete era para uma pesquisa, postou mensagem solicitando a opinião das pessoas sobre o motivo que as levou a abandonar a igreja institucional, mas não obteve resposta dos participantes. A postagem não teve comentário. Isso aconteceu no grupo do Facebook denominado “Desigrejados em Cristo”.<sup>143</sup>

A pesquisadora teve experiências diversas em cada grupo. Conseguiu interação com muitas pessoas que, gentilmente, responderam à enquete postada, mas também foi hostilizada em outras comunidades do Facebook. Muitos internautas criticaram a pesquisa, acusaram a pesquisadora de ter somente objetivos financeiros e algumas pessoas tentaram expulsar a pesquisadora do grupo denunciando-a aos administradores. Mas a pesquisadora não foi expulsa do grupo. Conseguiu permanecer e colher os depoimentos necessários para esta pesquisa.

Inicialmente, apenas foram observados os grupos. A pesquisadora ingressou nas comunidades de pessoas desigrejadas no Facebook e somente observou os tipos de postagens e os comentários. Polivanov<sup>144</sup>, ao descrever os tipos de pesquisadores, chama esse comportamento de *lurker*, ou seja, o pesquisador silencioso, que apenas observa. Como a pesquisadora queria colher depoimentos, optou por fazer uma participação efetiva na comunidade do Facebook. Foi postada uma pergunta (enquete) para os internautas responder e, assim, foram coletadas informações dos participantes. Polivanov chama esse modelo de pesquisador *insider*. Nesse caso, o pesquisador está inserido no ou tem ligações próximas com o objeto de estudo, no caso desta pesquisa, as pessoas desigrejadas seguidores das comunidades virtuais.

Nesta pesquisa, optou-se por dialogar com os integrantes das comunidades, por participar dos grupos de pessoas desigrejadas. Isso Polivanov<sup>145</sup> chama de autonetnografia que é uma ferramenta reflexiva que possibilita discutir os vários papéis do pesquisador. Essa ferramenta possibilita ao pesquisador debater “suas proximidades, subjetividades e sensibilidades na medida em que se constitui como fator de interferência nos resultados e no próprio objeto pesquisado.”<sup>146</sup>

O método da netnografia é válido para pesquisas focadas em ambientes virtuais, ou seja, para as comunidades virtuais. O campo será o texto (fotografia, vídeo,

---

<sup>143</sup> DESIGREJADOS EM CRISTO. C2018. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/desigrejadoemcristo/>. Acesso em: 16. out. 2024.

<sup>144</sup> POLIVANOV, 2013, p. 63.

<sup>145</sup> POLIVANOV, 2013, p. 63.

<sup>146</sup> POLIVANOV, 2013, p. 63.

memes) na tela e o público é o de pessoas desigrejadas que interagem de diversos locais do planeta, pela internet, que não tem fronteira geográfica (espaço). A mediação pelo computador possibilita a realização da pesquisa. Então, define-se o campo e pesquisa como os perfis do Facebook e do YouTube onde a comunidade se encontra para diálogo. O ciberespaço é o lugar da pesquisa.

Os 18 depoimentos colhidos das pessoas que participam das comunidades de pessoas desigrejadas no Facebook serão sistematizados (descritos, codificados e categorizados) segundo Bardin.<sup>147</sup> Depois de postada uma enquete nas páginas do Facebook perguntando o motivo pelo qual as pessoas abandonaram a igreja, as respostas recebidas foram as mais variadas. Por isso, a análise será das respostas que são consideradas abertas e refletem as experiências negativas que as pessoas tiveram ao frequentar a igreja, o que as levou a abandonar a instituição. O critério usado para classificar esses depoimentos é o objeto de referência citado, a partir do geral para o particular. Ou seja, a ideia geral é a constatação de que as pessoas abandonaram a igreja e tornaram-se desigrejadas. E o particular é o motivo pessoal que as levou à essa decisão.

Ao tratar os depoimentos das pessoas desigrejadas colhidos nas comunidades, está se fazendo a codificação que, segundo Bardin, corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto. “A codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo.”<sup>148</sup> O processo de codificação é muito individual, cabendo ao pesquisador se valer da forma que mais lhe agrade. As respostas das pessoas que participaram da enquete serão organizadas em grupos de comunidades pesquisadas. Ou seja, será citado o nome da página visitada e os depoimentos colhidos naquela página.

Bardin diz que esse agrupamento das informações colhidas durante o estudo chama-se categorização que, nesta pesquisa, será do tipo não apriorística que são aquelas que emergem totalmente do contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa. “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género

---

<sup>147</sup> BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 102.

<sup>148</sup> BARDIN, 1977. p. 102.

(analogia), com os critérios previamente definidos.”<sup>149</sup> A categorização tem como primeiro objetivo fornecer uma representação simplificada dos dados brutos. A categorização é a passagem de dados brutos a dados organizados.

### **3.3 A OPINIÃO DAS PESSOAS QUE ABANDONARAM A IGREJA E O ENGAJAMENTO NAS REDES SOCIAIS**

Agrupando (categorizando) as críticas que os membros das diversas comunidades pesquisadas no Facebook fizeram à igreja institucional, percebe-se que estão inseridas em cinco eixos principais que são:

1. Eixo econômico – Ao criticarem o dízimo e as ofertas, falando no enriquecimento dos pastores às custas dos membros. E comentam sobre o aspecto empresarial das igrejas tendo pastores como empresários;
2. Eixo litúrgico – Observa-se essa linha de crítica quando lemos as observações (os comentários postados) sobre a construção de templos, a discordância quanto à maneira como a liturgia do culto é organizada formatando uma igreja institucionalizada e padronizada;
3. Eixo com foco na liderança – São os pastores os principais personagens criticados, principalmente os famosos que têm programas na televisão. Por serem mais conhecidos, são nominalmente depreciados. Comentam sobre a corrupção moral e financeira que as pessoas sofrem por parte dessas lideranças. O abuso espiritual é facilmente visto nos relatos das pessoas desigrejadas. Além de pastores, líderes de áreas (ministérios) também são mencionados;
4. Eixo doutrinário – Ensinos doutrinários são questionados como, por exemplo, a necessidade de ser dizimista, a obediência às autoridades eclesiais (tutela pastoral), batismo, ceia e teorias contemporâneas como a Teologia da Prosperidade, entre outros temas.
5. Eixo sobre o abuso espiritual – A dor das pessoas desigrejadas pode ser observada quando relatam, nas comunidades do Facebook, sobre os abusos que sofreram por parte da liderança. O abuso espiritual acontece quando uma

---

<sup>149</sup> BARDIN, 1977, p. 117.

pessoa que exerce o poder influencia, ou seja, leva outra pessoa a tomar decisões que podem diminuí-la material, física e emocionalmente, além de trazer prejuízo na prática da religiosidade, sendo usado o nome de Deus para fazer essa influência acontecer.”<sup>150</sup>

Na prática, o que se percebe é que todas as comunidades pesquisadas no Facebook não fazem críticas a um único tema. Falam de modo geral, criticando vários aspectos da igreja institucional. Em todas as comunidades encontram-se depoimentos de pessoas comentando sobre um aspecto ou todos os cinco eixos apresentados. Isso leva a concluir que todas as comunidades pesquisadas podem ser classificadas nas cinco categorias aqui descritas. Ou seja, cada comunidade se encaixa nos cinco eixos que são econômico, litúrgico, foco na liderança, doutrinário e abuso espiritual.

Esses cinco eixos foram percebidos ao analisar as opiniões das pessoas desigrejadas publicadas nas comunidades virtuais quando eles expuseram as razões que os levaram a abandonar a igreja institucional. Foram colhidos depoimentos espontâneos das pessoas em cinco grupos do Facebook que são “Os desigrejados”<sup>151</sup>, “Movimento Desigrejados”<sup>152</sup>, “Desigrejados das denominações livres e do sistema religioso”<sup>153</sup>, “Raça de víboras”<sup>154</sup> e “Brasil contra a corrupção religiosa”.<sup>155</sup> Também foi pesquisado, no YouTube, três vídeos do pastor Caio Fábio D’Araújo Filho. A obra de Marília de Camargo César, “Feridos em nome de Deus”, será destacada para comentar sobre o abuso espiritual. Abaixo seguem os comentários de todas as obras aqui citadas.

---

<sup>150</sup> CÉSAR, 2009, p. 35.

<sup>151</sup> OS DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @osdesigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/osdesigrejados/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

<sup>151</sup> MOVIMENTO DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @movimentodesigrejados. [n.p.]. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/520552838320532>. Acesso em: 18 abr. 2018.

<sup>152</sup> MOVIMENTO DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @movimentodesigrejados. [n.p.]. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/520552838320532>. Acesso em: 18 abr. 2018.

<sup>153</sup> DESIGREJADOS DAS DENOMINAÇÕES LIVRES E DO SISTEMA RELIGIOSO. **Sejamos livres desse sistema religioso denominacional que só divide o verdadeiro corpo de Cristo [...]**. c2018. **Facebook:** @desigrejadosdosistemareligioso. Disponível em: <https://www.facebook.com/Desigrejados-do-Sistema-Religioso-Institui%C3%A7%C3%B5es-954178121412051/>. Acesso em: 27 abr. 2018.

<sup>154</sup> RAÇA DE VÍBORAS. c2018. **Facebook:** @racadeviboras123. Disponível em: <https://www.facebook.com/racadeviboras123/>. Acesso em: 4 mai. 2018.

<sup>155</sup> BRASIL CONTRA A CORRUPÇÃO RELIGIOSA. c2018. **Facebook:** @brasilcontraacorrupcaoreligiosa. Disponível em: <https://m.facebook.com/Brasil-Contra-a-Corrup%C3%A7%C3%A3o-Religiosa-303224403122719/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

Um exemplo de ativismo contra a igreja institucionalizada é a comunidade “Os Desigrejados”<sup>156</sup> que tem, até a data de fechamento desta pesquisa, mais de 102 mil seguidores no Facebook e cuja página foi criada em 12 de novembro de 2013. Entre as propostas da página, a comunidade afirma que o espaço é para os que não compartilham com as heresias do mundo gospel. Os participantes dizem que são a igreja e acrescentam que lobo não tem vez na comunidade. Um dos moderadores é J. I. A., o Zé Alves,<sup>157</sup> 25 anos, casado, servidor público, formado em Gestão de Recursos Humanos e morador de Monte Belo, Minas Gerais. A página “Os Desigrejados” é aberta para a visualização de todas as pessoas, mas esse mesmo grupo tem também um espaço fechado que precisa de aprovação dos moderadores para o ingresso de um membro. Ao ser incluído, o comportamento virtual da pessoa é monitorado. É excluído quem causa confusão, provocação e discussões desnecessárias.

No conteúdo variado das conversas postadas, sempre trazendo críticas à igreja institucional, foi possível perceber nesta página os eixos econômico, foco na liderança e doutrinário. Os seguidores falam que não é pecado usar tatuagem e dizem que as igrejas fazem muitas reuniões durante a semana o que ocupa as pessoas e as impede de desenvolver relacionamento familiar. Também afirmam que não veem Deus nas igrejas atuais. Pregam resistência à igreja institucional e afirmam que é bíblico julgar as pessoas, inclusive o pastor. São postadas frases dizendo que, quando entram em uma igreja, nos tempos atuais, a conclusão é idêntica à de Maria. De que levaram o Senhor e não sabem onde O puseram. E afirmam que, enquanto as pessoas continuarem achando que culto é aquilo que frequentam e não aquilo que vivem, permanecerão confundindo devoção a Deus com frequência a templos.<sup>158</sup>

Foi postada uma enquete perguntando o motivo pelo qual a pessoa havia abandonado a frequência aos cultos. A pergunta da enquete foi: por que você saiu da igreja? Lendo as interações das pessoas à postagem, percebe-se a decepção quanto à igreja institucional. Alguém disse que, no começo, todas as igrejas parecem um

---

<sup>156</sup> OS DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @osdesigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/osdesigrejados/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

<sup>157</sup> Pela entrevista ter sido realizada pela internet, por ser comum a não identificação das pessoas nas comunidades, não foi possível, à pesquisadora, confirmar, de forma independente, se são realmente verdadeiras as informações pessoas fornecidas por J. I. A., o Zé Alves.

<sup>158</sup> OS DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @osdesigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/osdesigrejados/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

jardim do Éden. Depois a liderança vai mostrando as farsas. Disse que existem campanhas demais nas igrejas e que a impressão que tem é que as pessoas são vistas como doentes quando saem da igreja. Mas ninguém as procura para saber o que aconteceu para sair da congregação. “Mas essas pessoas nos chamavam de irmãos quando frequentávamos as reuniões. Hoje sou desigrejado, mas não sou desviado. Sou cristão. Sinto muita vergonha de ter participado do meio evangélico.”<sup>159</sup>

Outros justificaram o afastamento da igreja após ter mais esclarecimentos sobre a verdade. Segundo esses, quanto mais uma pessoa tem informação, mais longe ficará da instituição. Uma pessoa disse que se tornou desigrejada porque foi aberto o seu entendimento à verdade. Outra afirmou que se afastou porque não viu na Bíblia onde alguém sobe em um altar para pregar. Outra completou: “o templo são as pessoas. Aqueles que vão às igrejas são idólatras porque acham que Deus está lá. Eles idolatram o local. São aqueles que idolatram imagens.”<sup>160</sup>

Os líderes eclesiásticos são criticados, especialmente os pastores. As pessoas desigrejadas comentaram sobre a liderança, principalmente sobre pastores famosos que têm programa na televisão. Os comentários são que a religião adverte que ler as Escrituras prejudica os planos do pastor. Disseram ainda que é necessário entender que a maior parte das pessoas não estão prontas para acordar. E muitos são tão inertes e dependentes do sistema que lutarão para defendê-lo. Foram coletados outros comentários como: “por que a formiga fugiu do açúcar? Ao tomar café notei uma formiga no pote do açúcar. Quando abri, ela saiu e fugiu.”<sup>161</sup> Nessa postagem a pessoa estava questionando o motivo que levou a formiga a fugir se naquele pote tinha tudo que sempre quis e precisava. Tinha alimento e segurança. A pessoa disse que hoje se vive uma busca por riqueza e prazer. E, quando alcança, isso não significa quase nada. Na verdade, a formiga é uma referência às pessoas que deixam as igrejas.

O dinheiro é um assunto recorrente entre as pessoas desigrejadas, pois não aceitam dar o dízimo. Em um depoimento, uma pessoa afirmou, em crítica aos

---

<sup>159</sup> MOVIMENTO DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @movimentodesigrejados. [n.p.]. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/520552838320532>. Acesso em: 18 abr. 2018.

<sup>160</sup> OS DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @osdesigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/osdesigrejados/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

<sup>161</sup> OS DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @osdesigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/osdesigrejados/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

pastores, que existem demônios que saem para viajar, comprar carro de luxo, mansão e fazenda. São demônio de terno e gravata, em uma referência aos pastores. Disseram que muitos embarcam em um carrossel onde só quem paga o dízimo pode ir para o céu. E ainda comentaram que muitos defendem que não se deve julgar, mas que os cristãos são ordenados a julgar falsos mestres e ensinos.

Outras pessoas que responderam à enquete comentaram aspectos diversos sobre os motivos pelos quais abandonaram a igreja. É comum, entre os sem igreja, justificar a saída da comunhão embasando a argumentação em fatos históricos. Percebe-se que, muitas vezes, os fatos históricos narrados são inverídicos ou carecem de provas históricas. Em uma postagem, uma pessoa disse que existem 52 mil erros e adulterações no Novo Testamento feitos pela Igreja Católica Apostólica Romana, mas não apontou nenhum erro. Essa afirmação não foi acompanhada de uma fonte que comprovasse a informação. Ou seja, a opinião torna-se um achismo, pois não tem prova material e nem citação de fonte para comprovar o que é dito. Além de achismo, a opinião vira notícia falsa (fake news), pois, historicamente, não se sabe de 52 mil erros e adulterações nos textos do Novo Testamento. Em outro depoimento, a pessoa afirmou que estava sem igreja por opção, pois cansou de perder tempo em templos que não cumprem o que Cristo ensinou. Também teria cansado de fazer o que marido sempre a obrigou.<sup>162</sup>

Existem pessoas que discordam de ser chamadas de desigrejados. Aconselho a repensar o conceito de desigrejado. Quem são os verdadeiros desigrejados? De acordo com as Escrituras Sagradas, igreja é corpo imaterial ou espiritual de Deus. O que a religião chamou erradamente de Jesus. Se a igreja é um corpo imaterial, então onde e quem é a igreja? Ele disse textualmente à mulher samaritana que os verdadeiros adoradores adorariam ao Pai em espírito e em verdade. Até o século II não existia um único templo construído ou frequentado por cristãos. Os seguidores de Deus se reuniam em casas comuns apenas para divulgar a boa nova da salvação e não havia pastores, nem liderança eclesiástica ou arrecadação de dízimos. Então, a primeira questão é saber o que é igreja para depois definir quem são os desigrejados de verdade. Eu não sou desigrejado. Eu sou parte da igreja do Salvador. Os desigrejados são os templários que acreditam em um Deus tão pequeno que precisa de um lugar específico para se manifestar. O meu Criador é Onipotente, Onisciente e Onipresente. Ele não tem necessidade de templo. Inclusive já destruiu o maldito templo por duas vezes. Mas os desigrejados templários estão reconstruindo o templo e costurando o véu da separação que se rasgou para manter suas posições de falsos mestres. E o povo na escravidão da religião. Os frequentadores de templos, assim como

---

<sup>162</sup> OS DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @osdesigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/osdesigrejados/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

eu fui por muitos anos, são os verdadeiros desigrejados. Nós, os libertos, somos destemplarizados.<sup>163</sup>

As diversas denominações cristãs foram criticadas. Alguns membros da comunidade virtual afirmaram que as denominações não falam a verdade e que sentem que são a verdadeira igreja de Cristo, pois seus olhos foram iluminados por essa verdade e não podem mais compactuar com tudo o que torna vão o sacrifício de Cristo. As pessoas desigrejadas afirmaram que eles são o templo, a pedra viva edificada pelas mãos de Deus e que não se denominam desigrejadas porque são a igreja do Messias.

Outro grupo virtual, chamado “Movimento Desigrejados”,<sup>164</sup> é uma comunidade fechada no Facebook. Para fazer parte tem que solicitar aprovação e responder a um questionário com as perguntas sobre o que é inferno e o que é igreja. Até a data desta pesquisa, a comunidade era formada por 1.980 membros, sendo criada em 1998. Neste grupo foi possível perceber que foi citado o eixo foco na liderança. Entre as várias postagens do grupo, algumas chamam a atenção ao afirmar que o desigrejado não sai da igreja. É a igreja que vai saindo do coração da pessoa até que se torna insuportável congregar. Há também críticas aos líderes: “posso assistir aos pastores na TV o dia inteiro. Não os vejo, nem um minuto, falando sobre Jesus, o Evangelho e o amor. Por que essa mensagem é tão perigosa?”<sup>165</sup>

O perfil “Desigrejados das denominações livres e do sistema religioso”,<sup>166</sup> com 1.190 membros, também defende a saída dos templos. A fotografia escolhida para ilustrar a página é de duas mãos juntas, amarradas por uma corrente de ferro. E o texto publicado diz: “sejamos livres do sistema religioso denominacional que divide o verdadeiro corpo de Cristo. Igreja somos nós. (...) Deus habita em nós e não em templos feitos por mãos humanas.”<sup>167</sup> Ao fazer críticas à igreja, o administrador não

<sup>163</sup> OS DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @osdesigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/osdesigrejados/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

<sup>164</sup> MOVIMENTO DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @movimentodesigrejados. [n.p.]. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/520552838320532>. Acesso em: 18 abr. 2018.

<sup>165</sup> MOVIMENTO DESIGREJADOS. c2018. **Facebook:** @movimentodesigrejados. [n.p.]. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/520552838320532>. Acesso em: 18 abr. 2018.

<sup>166</sup> DESIGREJADOS DAS DENOMINAÇÕES LIVRES E DO SISTEMA RELIGIOSO. **Sejamos livres desse sistema religioso denominacional que só divide o verdadeiro corpo de Cristo [...]**. c2018. **Facebook:** @desigrejadosdosistemareligioso. Disponível em: <https://www.facebook.com/Desigrejados-do-Sistema-Religioso-Institui%C3%A7%C3%B5es-954178121412051/>. Acesso em: 27 abr. 2018.

<sup>167</sup> DESIGREJADOS DAS DENOMINAÇÕES LIVRES E DO SISTEMA RELIGIOSO. **Sejamos livres desse sistema religioso denominacional que só divide o verdadeiro corpo de Cristo [...]**. c2018. **Facebook:** @desigrejadosdosistemareligioso. Disponível em:

se identifica. Afirma que vive no anonimato porque é perseguido por falar heresias. O anonimato é comum na internet. As redes sociais têm perfis multiplicadores de alguma ideologia sem assinatura da fonte.

Entre os comentários dos membros do grupo, dois chamaram a atenção, pois têm foco nos eixos econômico e litúrgico: “igreja é pessoa física e não CNPJ. Se é pessoa jurídica e paga contas não é igreja, mas empresa. A igreja não é tijolo feita por mãos humanas. Não é a placa da denominação. Igreja somos nós.”<sup>168</sup> A outra postagem é uma defesa à não participação em liturgias:

Congregar não é reunir para fazer culto religioso, participar de rituais, liturgias, danças e coreografias. Jesus não fazia isso. Temos que nos reunir para que a Bíblia seja estudada, compartilhada e passada a diante. Isso é bíblico. Para congregar não é necessário registrar um CNPJ e abrir uma empresa. Basta juntar-se em comunhão com amigos e familiares para examinar as Escrituras e orar.<sup>169</sup>

Outro exemplo de ativismo contra a igreja institucionalizada é a comunidade “Raça de víboras”,<sup>170</sup> criada no Facebook em 8 de dezembro de 2015 e que soma 249 mil seguidores. Nas postagens desse grupo foi possível perceber, de forma mais repetida, comentários voltados para os eixos econômico, foco na liderança e doutrinário. A comunidade diz que é contrária à maneira pela qual as instituições usam a religião para ganhar fiéis e dinheiro. Também afirma que os templos, as doutrinas e as regras são um meio que as igrejas têm para prender os seguidores.

O líder não se identifica e também não se define como desigrejado, mas um desinstitucionalizado, pois não quer frequentar um templo. As postagens são sobre assuntos diversos como doutrinas, desaprovação aos pastores e sobre doação de dinheiro. As mensagens criticam a glossolalia e pastores famosos que têm programa de televisão. Há também vídeos sobre oração de quebra de maldição, de oferenda de

---

<https://www.facebook.com/Desigrejados-do-Sistema-Religioso-Institui%C3%A7%C3%B5es-954178121412051/>. Acesso em: 27 abr. 2018.

<sup>168</sup> DESIGREJADOS DAS DENOMINAÇÕES LIVRES E DO SISTEMA RELIGIOSO. **Sejamos livres desse sistema religioso denominacional que só divide o verdadeiro corpo de Cristo [...]**. c2018. Facebook: @desigrejadosdosistemareligioso. Disponível em: <https://www.facebook.com/Desigrejados-do-Sistema-Religioso-Institui%C3%A7%C3%B5es-954178121412051/>. Acesso em: 27 abr. 2018.

<sup>169</sup> DESIGREJADOS DAS DENOMINAÇÕES LIVRES E DO SISTEMA RELIGIOSO. **Sejamos livres desse sistema religioso denominacional que só divide o verdadeiro corpo de Cristo [...]**. c2018. Facebook: @desigrejadosdosistemareligioso. Disponível em: <https://www.facebook.com/Desigrejados-do-Sistema-Religioso-Institui%C3%A7%C3%B5es-954178121412051/>. Acesso em: 27 abr. 2018.

<sup>170</sup> RAÇA DE VÍBORAS. c2018. **Facebook:** @racadeviboras123. Disponível em: <https://www.facebook.com/racadeviboras123/>. Acesso em: 4 maio 2018.

religiões afro-brasileira e dízimos. Uma das publicações sobre dinheiro dizia, trazendo uma fotografia do momento de oferta de uma igreja: “quem quer contribuir para a obra de Deus faça uma fila indiana aqui e contribua com milzão. Não se preocupe. Deus aceita barganha. Ele vai te recompensar em dobro.”<sup>171</sup> Outra postagem trazia a manchete afirmando que “a igreja primitiva juntava pessoas e dividia bens. A igreja atual divide as pessoas e junta bens.”<sup>172</sup>

A página “Brasil contra a corrupção religiosa”<sup>173</sup> também é uma comunidade ativa nas redes sociais contra os cristãos e a igreja institucional, existe desde 28 de junho de 2011 e tem 191 mil seguidores até o fechamento desta pesquisa. Os administradores da comunidade não querem se identificar. Deram entrevista para esta pesquisa, mas recusaram a dar dados pessoais. Afirmam ser perseguidos por igrejas neopentecostais e que não teriam dinheiro para se defender na Justiça assim como as grandes igrejas têm para pagar processos e advogados. Um dos administradores que deu entrevista disse que é jornalista e já foi católico. O administrador da página aceitou revelar somente essas informações sobre a sua identidade. Como o anonimato é uma característica das redes sociais, não é possível confirmar se as informações pessoais dadas são verdadeiras, mas os números de seguidores e as postagens são informações públicas que o Facebook disponibiliza para os usuários.

Nessa comunidade foi possível perceber os eixos foco na liderança, doutrinário e econômico. Os administradores e seguidores da página criticam os pastores nominalmente. Por exemplo, publicaram uma fotografia do apóstolo Valdemiro Santiago e uma montagem com a frase: “será que vale a pena ficar no meio desse povo nojento para ganhar meu \$” (referindo-se a dinheiro)?<sup>174</sup> Sobre as diversas religiões, combatem o que chamam de conduta irregular praticada por líderes religiosos que deveriam, mas não dão exemplo para os membros. Os pastores famosos são criticados, principalmente os que aparecem em programas de televisão.

<sup>171</sup> RAÇA DE VÍBORAS. c2018. **Facebook:** @racadeviboras123. Disponível em: <https://www.facebook.com/racadeviboras123/>. Acesso em: 4 maio 2018.

<sup>172</sup> RAÇA DE VÍBORAS. c2018. **Facebook:** @racadeviboras123. Disponível em: <https://www.facebook.com/racadeviboras123/>. Acesso em: 4 maio 2018.

<sup>173</sup> BRASIL CONTRA A CORRUPÇÃO RELIGIOSA. c2018. **Facebook:** @brasilcontraacorrupcaoreligiosa. Disponível em: <https://m.facebook.com/Brasil-Contra-a-Corrupt%C3%A7%C3%A3o-Religiosa-303224403122719/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

<sup>174</sup> BRASIL CONTRA A CORRUPÇÃO RELIGIOSA. c2018. **Facebook:** @brasilcontraacorrupcaoreligiosa. Disponível em: <https://m.facebook.com/Brasil-Contra-a-Corrupt%C3%A7%C3%A3o-Religiosa-303224403122719/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

A página afirma que os pastores televisivos cometem corrupção política, estelionato, charlatanismo, fanatismo religioso e distorção da Bíblia para ter benefício próprio.

Segundo os seguidores da página, as distorções são quase sempre relacionadas a dinheiro. Temas como a Teologia da Prosperidade também são combatidos. Chamam as igrejas neopentecostais de seitas. Entendem, por corrupção religiosa, o uso da estrutura das igrejas para a apropriação de recursos políticos, sociais e econômicos para benefício particular.

Lideranças evangélicas com nomes de repercussão nacional e internacional também estão na internet conversando com as pessoas. Um dos líderes é o pastor Caio Fabio D'Araújo Filho que afirma atingir mais de três milhões de seguidores.<sup>175</sup> Três vídeos de Caio Fabio foram analisados nesta pesquisa porque as pessoas desigrejadas os compartilham. O compartilhamento de postagens é uma das formas das mensagens serem largamente difundidas nas redes virtuais. Recuero<sup>176</sup> comenta sobre a replicabilidade que é a característica que proporciona a replicação (cópia) das informações constituídas nos espaços públicos mediados. Diz como é importante essa participação das pessoas para que postagens alcancem tanta repercussão.

Caio Fabio está no Facebook, Instagram, tem vídeos postados no YouTube e no portal [www.caiofabio.net](http://www.caiofabio.net). O ajuntamento de fé que organiza se chama “O Caminho”. Caio não usa a palavra igreja institucional. Entende que a designação “O Caminho” é a que melhor expressa o espírito do Evangelho como movimento humano no mundo. Ele cita três motivos para a escolha do nome do grupo:

Primeiro, porque Jesus é o caminho. Segundo, porque o chamado de fé é hebreu. O ser hebreu é ser alguém do caminho, da estrada, da peregrinação, como foi Abraão. [...] E terceiro porque, historicamente, um dos maiores problemas da igreja foi o fato de que ela deixou o mundo, e, assim, deixou de ser caminho no chão da Terra. Por tal razão, a palavra igreja passou a designar algo geográfico, estático, quantificável e imutável. Perdendo sua vocação de igreja, tornando-se uma estrutura que vive de sua própria institucionalização.<sup>177</sup>

No perfil do Facebook, Caio Fábio publicou um texto explicando o posicionamento sobre as pessoas desigrejadas. Comentou que as principais queixas

<sup>175</sup> D'ARAUJO FILHO, Caio Fábio. **Quem somos**. [S.l.], c2018. [n.p.]. Disponível em: <https://caiofabio.net/quem-somos>. Acesso em: 29 abr. 2018.

<sup>176</sup> RECUERO, 2009, p. 43.

<sup>177</sup> D'ARAUJO FILHO, Caio Fábio. **Quem somos**. [S.l.], c2018. [n.p.]. Disponível em: <https://caiofabio.net/quem-somos>. Acesso em: 29 abr. 2018.

que escuta desse público, ao fazer aconselhamento, é sobre a hipocrisia extrema da liderança, promiscuidade, roubo, velada apropriação indébita, abusos que vão do sexual ao psicológico, ameaças de morte via maldição e suspensão de cobertura espiritual, falta de expressões de bondade e altruísmo. Portanto, total entrega ao materialismo e ao estelionato. As pessoas desigrejadas também se queixam das dinastias eclesiásticas, ou seja, dos papados evangélicos.<sup>178</sup>

Respondendo à pergunta se é possível ter uma experiência particular de fé e abandonar a igreja, Caio Fábio diz que quem é verdadeiramente igreja de Cristo sempre buscará comunhão e vínculos de unidade com os que têm a mesma fé, independente de pertencer ou não a uma instituição.

O caminho é Jesus. A igreja corpo é parte importante da fé, não da essência da fé. Mas a igreja fenômeno histórico é apenas uma agremiação que pode ser boa ou má. Por isso, a igreja vencerá, mas milhões de 'igrejas' sucumbirão. Quem é de Jesus é igreja mesmo quando não está na agremiação que se corrompeu. Todo aquele que é igreja porque é de Jesus, com consciência histórica do significado espiritual da mutualidade e da comunhão sincera de amor humano, nunca deixa de congregar, posto que mesmo fora da agremiação (igreja). Nunca deixa de buscar vínculos humanos de fé. Igreja são dois ou três reunidos em nome de Jesus.<sup>179</sup>

Crítico do padrão eclesiástico tradicional, Caio Fábio se diz preocupado com o conteúdo do que é ensinado no meio evangélico porque entende que o modelo se tornou perversão do Evangelho puro e simples. Ele afirma que o modelo de igreja hoje é anti-humano, gera anti-amor, anti-Cristo e anti-verdade. Não entende que o problema da igreja seja o templo, o culto, a liderança e a administração eclesiástica como algumas pessoas pensam. Caio Fábio cita que o conteúdo da mensagem pregada atualmente leva à morte das pessoas. Diz que, desde o ano de 2001, observa a crise de ruptura das pessoas em relação à igreja institucional e a busca por uma vida cristã em locais alternativos. Entende que foi a hipocrisia moral e relacional e ainda a Teologia da Prosperidade que fizeram com que as pessoas se afastassem

<sup>178</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **OS DESIGREJADOS. Resposta a uma Entrevista. 1) Como líder cristão com larga trajetória [...]**. [S./], 14 ago. 2013. Facebook: @caiofabio.vvtv. Disponível em: <https://www.facebook.com/caiofabio.vvtv/photos/a.405308182853944.106127.405107339540695/587230071328420/?type=1&theater>. Acesso em: 12 abr. 2018.

<sup>179</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **OS DESIGREJADOS. Resposta a uma Entrevista. 1) Como líder cristão com larga trajetória [...]**. [S./], 14 ago. 2013. Facebook: @caiofabio.vvtv. Disponível em: <https://www.facebook.com/caiofabio.vvtv/photos/a.405308182853944.106127.405107339540695/587230071328420/?type=1&theater>. Acesso em: 12 abr. 2018.

das igrejas, causando uma grande evasão. Segundo ele, esses pontos contribuíram para que os evangélicos se tornassem pessoas desigrejadas.

No YouTube foram escolhidos três vídeos de Caio Fábio. No primeiro vídeo,<sup>180</sup> com trecho descrito abaixo, cujo título é “Igreja não é uma palavra que veio do céu. Desigrejado é uma palavra que eu não uso!”, com 1.559 visualizações até a data do fechamento deste trabalho, o pastor diz que não acredita que existem pessoas desigrejadas.

Quem conheceu o Evangelho é igreja. O encontro de todos que conhecem o Evangelho é igreja. Acho que todos que conhecem a Cristo nunca se desigrejam. A vocação natural é gostar do encontro fraterno, da boa congregação, da boa edificação congregacional. Eu não uso essa palavra (desigrejado) no meu vocabulário. É o antigo desviado. Jesus não criou igreja nenhuma.<sup>181</sup>

Ele explica que, até o século IV, templos não foram construídos e que a igreja é uma invenção e um sincretismo dos tempos do imperador Constantino até hoje. A primeira manifestação de poder dos cristãos foi ganhar dinheiro para construir templos. Muitos desses locais eram parecidos com os templos pagãos greco-romanos. Em muitas cidades, os cristãos se tornaram herdeiros de templos já feitos que antes eram dedicados às divindades pagãs. Caio explica que os cristãos se encontravam em casas, nos bosques ou na beira de rios durante os três primeiros séculos. Ele pergunta se faz sentido pensar em igreja como prédio.

O segundo vídeo<sup>182</sup> de Caio Fábio, com trecho descrito abaixo, intitula-se “Exortação do Caio aos ‘desigrejados’ que chegam à Vem e Vê TV”. Teve 30.142 visualizações, sendo uma conversa sobre o tema desigrejamento onde ele questiona:

Por que essas pessoas não se veem como um potencial aglutinador? Esqueça padrões da igreja. Você não precisa de templo, púlpito e palco. Não precisa daquele formato. Igreja é a sua casa, um salão ou uma cafeteria. Não importa o local. O que importa é que você se encontre e cada pessoa leve para esse encontro o que é. Cada um tem os dons que tem. Cada um tem o

<sup>180</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Igreja não é uma palavra que veio do céu.** Desigrejado é uma palavra que eu não uso! [S.l.], 25 set. 2017. Youtube: publicado pelo canal Caio Fabio, 1 vídeo (6min56s). [n.p.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xnBKf-5sxe4>. Acesso em: 29 abr. 2018.

<sup>181</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Igreja não é uma palavra que veio do céu.** Desigrejado é uma palavra que eu não uso! [S.l.], 25 set. 2017. Youtube: publicado pelo canal Caio Fabio, 1 vídeo (6min56s). [n.p.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xnBKf-5sxe4>. Acesso em: 29 abr. 2018.

<sup>182</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Exortação do Caio aos "desigrejados" que chegam à VemeVeTv.** [S.l.], 26 jun. 2014. Youtube: publicado pelo canal Caio Fabio, 1 vídeo (10min23s). [n.p.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88P2MKT8W-l>. Acesso em: 29 abr. 2018.

que tem para dar. Cada pessoa não tem que saber quem vai ou como será esse encontro. É deixar que tudo (o encontro das pessoas) seja sincero e verdadeiro. Quem tem mais instrução, acaba trazendo a palavra. Quem tem maior intensidade no espírito de oração, acaba expressando. Uma pessoa vai gerando uma solda para a outra. E assim as pessoas vão caminhando. Não com um fim em si mesmo, mas igual a uma comunidade que se encontra para se reenviar para a vida. Sem bandeiras e sem uniformizações. Não andando por causa de homens, mas na beleza de quem segue Jesus na vida. Esse é o fluxo e refluxo que o Evangelho propõe. Assim a verdadeira igreja se torna igreja revolucionária.<sup>183</sup>

Caio Fábio critica posições tradicionais de liderança. Diz que ninguém é essa igreja simples, como foi descrita acima, porque isso não “põe a cara de ninguém para fora, não faz ninguém se candidatar a mudador da história, não faz ninguém apresentar uma contabilidade.”<sup>184</sup> Ele ainda diz que chegou à conclusão de que o seu lugar na igreja chamada institucional estava com os dias contados. Diante de um ambiente tão difícil de conviver como é o da congregação, Caio Fábio afirma que muitas pessoas decidem sair da igreja institucional e se tornar a igreja verdadeira.

Eu preciso viver a vida com a consciência plena do significado do Evangelho. Não só no que tange a Jesus, mas no que Ele ensinou sobre o significado do que é ser igreja do encontro humano. A igreja tem que morrer para se tornar igreja. Todas essas igrejas para fora matam a verdadeira igreja porque criam para o lado de fora apenas esse circo que demoniza a fé e torna Jesus um palhaço, ridiculariza Deus e o Evangelho. Muitas igrejas são centros de propaganda de ante Evangelho na Terra, são portas abertas com culto ao homem. Com gente com surtos de patriarca e arcanjos. Todos querendo glória humana. Coisa endiabrada, me perdoe a sinceridade. São propagandas do mal em nome de Jesus. E o povo vai ficando descrente. Uns saem machucados e dizem que Deus não existe. Outros não querem saber de mais nada e vão andando com o que sobrou de dentro de si. Uns ficam cínicos.<sup>185</sup>

O terceiro vídeo<sup>186</sup> de Caio Fábio, com trecho descrito abaixo, teve 25.650 visualizações até o fechamento desta pesquisa e o título é “Caio fala a igrejas e desigrejas. Parem de bobagem e aprendam o que é o Evangelho”. Uma pessoa enviou a pergunta se é possível viver o Evangelho sem uma igreja denominacional.

<sup>183</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Exortação do Caio aos "desigrejas" que chegam à VemeVeTv.** [S./l.], 26 jun. 2014. Youtube: publicado pelo canal Caio Fabio, 1 vídeo (10min23s). [n.p.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88P2MKT8W-I>. Acesso em: 29 abr. 2018.

<sup>184</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Exortação do Caio aos "desigrejas" que chegam à VemeVeTv.** [S./l.], 26 jun. 2014. Youtube: publicado pelo canal Caio Fabio, 1 vídeo (10min23s). [n.p.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88P2MKT8W-I>. Acesso em: 29 abr. 2018.

<sup>185</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Exortação do Caio aos "desigrejas" que chegam à VemeVeTv.** [S./l.], 26 jun. 2014. Youtube: publicado pelo canal Caio Fabio, 1 vídeo (10min23s). [n.p.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88P2MKT8W-I>. Acesso em: 29 abr. 2018.

<sup>186</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Acompanhe o Papo de Graça ao vivo, ao meio-dia, de terça a sexta, no Portal [...].** [S./l.], 12 ago. 2022. Facebook: @caiofabio.vvtv, 1 vídeo (6min7s). [n.p.]. Disponível em: [https://www.facebook.com/watch/?v=4892009094233471&extid=CL-UNK-UNK-UNK-AN\\_GK0T-GK1C-GK2C&ref=sharing](https://www.facebook.com/watch/?v=4892009094233471&extid=CL-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C-GK2C&ref=sharing). Acesso em: 15 ago. 2022.

Caio Fábio respondeu que igreja não é templo. Que os seguidores de Jesus são igreja, independentemente de onde estiverem. Se tiver duas ou três pessoas comendo um sanduíche, ali é igreja. No vídeo, ele diz: “eu só vivo igreja. Até andando de caiaque eu sou igreja. Na pizzaria, na praia ou no cinema. Onde vou, vai a igreja. Eu só vivo a igreja.”<sup>187</sup> Caio diz que Jesus ensinou que as pessoas devem ser sal. Ele afirmou que os evangélicos não estão salgando a sociedade.

Sobre o que fazer com o culto público, Caio Fábio diz que a vida é o culto, que cada passo que dá ele faz um culto a Deus. Ele entende que há pessoa que só se reúne, mas não cultua. Afirma que culto se presta a Deus quando está com a família, com os amigos, comendo ou andando. Caio Fábio tem sido muito criticado por parte do segmento evangélico. O acusam de pregar contra a igreja institucional. Em um vídeo publicado no Facebook, ele explica a sua posição.

Eu não estou tirando ninguém de igreja. Quem tira as pessoas das igrejas são os pastores. Porque se tivesse pastor do bem, franco, limpo, honesto, lúcido, pregando o Evangelho de Jesus, generoso, que tivesse coragem de devolver doação de propriedade que são feitas por pessoas pobres que querem agradar a Deus (...), que não mentisse, que não quisesse igreja cheia só para arrecadar dízimo, que não fizesse da congregação um circo (...), ninguém sairia de lugar nenhum. Eu tenho apenas ajudado as pessoas que não sabem aonde ir. (...) Tem gente que ainda não encontrou um lugar saudável para frequentar. Na hora que eu vejo esses lugares, digo para todo mundo ir para lá. Não tem lugar perfeito. Se você achar esse lugar perfeito, não entre nele para você não estragar o lugar que estava tão bom sem você. Como você é imperfeito, trará imperfeição para o lugar. Não existe lugar perfeito. Em qualquer lugar vão ter que demonstrar amor uns pelos outros. Agora existem lugares insuportáveis que não tem nada a ver com Deus. Fuja desses. Eu jamais serei contra o que Jesus chamou de igreja. Eu sou isso. Aonde eu chego, isso nasce.<sup>188</sup>

Pela internet as pessoas desigrejadas organizam as comunidades. Bomilcar comenta sobre a questão, afirmando que as pessoas não imaginam como está crescente a frequência dos relatos daqueles que confessam que já não querem mais relação com a igreja. Ele publicou um dos depoimentos que ouviu. Diz que uma pessoa comentou que não vai mais à igreja no final de semana e não sente falta. Está

<sup>187</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Exortação do Caio aos "desigrejados" que chegam à VemeVeTv.** [S./l.], 26 jun. 2014. Youtube: publicado pelo canal Caio Fabio, 1 vídeo (10min23s). [n.p.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88P2MKT8W-I>. Acesso em: 29 abr. 2018.

<sup>188</sup> D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Acompanhe o Papo de Graça ao vivo, ao meio-dia, de terça a sexta, no Portal [...].** [S./l.], 12 ago. 2022. Facebook: @caiofabio.vvtv, 1 vídeo (6min7s). [n.p.]. Disponível em: [https://www.facebook.com/watch/?v=4892009094233471&extid=CL-UNK-UNK-UNK-AN\\_GK0T-GK1C-GK2C&ref=sharing](https://www.facebook.com/watch/?v=4892009094233471&extid=CL-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C-GK2C&ref=sharing). Acesso em: 15 ago. 2022.

bem com a opção atual, fazendo parte da comunidade virtual webiana, se alimentando com algumas mensagens e participando de fóruns de discussão on-line.<sup>189</sup>

O abuso espiritual é o quinto eixo analisado nesta pesquisa. O abuso também é um problema apresentado pelas pessoas que abandonaram a instituição. A dor das pessoas desigrejadas pode ser observada nos depoimentos das pessoas que sofreram esse tipo de problema. Por exemplo, a jornalista Marília de Camargo César sofreu abuso espiritual. Depois disso, escreveu o livro “Feridos em nome de Deus”<sup>190</sup> contando a própria experiência e outras parecidas com a dela. São muitas as histórias de abuso espiritual de pessoas machucadas pelos pastores. Existe ligação entre o abuso espiritual e a evasão às igrejas, pois muitas pessoas desigrejadas afirmam que sofreram abuso e abandonaram a congregação.

O conceito de abuso é o uso incorreto, excesso, uso imoderado de poder, mau uso e desmando. A palavra vem do latim “abusos”.<sup>191</sup> O abuso espiritual é definido como “o encontro entre uma pessoa fraca e uma forte, em que a forte usa o nome de Deus para influenciar a fraca e levá-la a tomar decisões que acabam por diminuí-la física, material ou emocionalmente.”<sup>192</sup> O abuso espiritual é um problema vivido pelas pessoas desigrejadas porque a decepção com a liderança é outro motivo pelo qual as pessoas deixam as igrejas. Por isso, é importante comentar sobre os machucados e as consequências do abuso de autoridade que deixam cicatrizes na vida das pessoas.

No livro, César conta a vida de uma mulher chamada Célia.<sup>193</sup> A história é real, mas a autora comenta que o nome é fictício para a identidade ser preservada. Esse é o exemplo de alguém que diz que a vida melhorou depois que saiu da igreja. Célia acredita que a vida melhorou fora da comunhão dos santos porque, enquanto ainda congregava, foi vítima de várias decepções. Ela se converteu em um seminário de cura e libertação. Sofria de uma doença chamada *miastenia gravis*. Assim que se converteu em uma igreja neopentecostal, aprendeu que a sua doença era causada por fatores espirituais. Os pastores expulsaram o demônio de Célia e a ensinaram a tomar posse da cura e abandonar os remédios. Célia chegou nessa igreja de cadeira

---

<sup>189</sup> BOMILCAR, 2012, p. 15.

<sup>190</sup> CÉSAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

<sup>191</sup> PRIBERAM [Dicionário da Língua Portuguesa]. **Abuso**. c2018. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/abuso>. Acesso em: 12 abr. 2018.

<sup>192</sup> CÉSAR, 2009. p. 35.

<sup>193</sup> CÉSAR, 2009. p. 80.

de roda porque sentia fraqueza muscular que a impedia de andar. Fez campanhas e jejuns para ser curada. Célia relatou que os pastores disseram que as quedas que sofria eram Satanás tentando dar uma rasteira nela. Na verdade, era fragilidade muscular por causa da doença. Confusa e ainda doente, Célia parou de tomar os remédios mesmo contrariando a orientação dos médicos que diziam que ela colocava a vida em risco ao parar de usar a medicação.

O milagre que Célia esperou não chegou apenas com a fé, a visita à igreja e a ministração dos pastores. A saúde melhorou depois que realizou uma cirurgia para retirada do timo, uma glândula que participa da regulação de defesa imunológica do organismo, localizada no tórax, entre o pulmão e a frente do coração. Mas os pastores continuaram dizendo que ela não melhorou porque faltou fé. Célia afastou-se da igreja e procurou ajuda de uma terapeuta porque era grande a confusão emocional. Em relato, ela disse que não sabia quem era. Se era filha de Deus, mas com o demônio sempre ao seu encalço. Os pastores diziam que ela estava curada, mas Célia não via isso na prática. Ela entendia que a sua família era boa, mas não tinha fé, o que a tornava má. Ela diz ter vivido uma crise de identidade muito forte.<sup>194</sup> Por fim, Célia afastou da igreja. “Pessoas machucadas afirmaram que, ao deixar a tutela pastoral e o ambiente eclesialístico formal em que estavam inseridas, tiraram um peso dos ombros.”<sup>195</sup> Essa história mostra que pastores abusadores colaboram para aumentar o desigrejamento.

Nesse exemplo de Célia,<sup>196</sup> houve um afastamento da igreja. Mas há casos de pessoas decepcionadas com a liderança que optam por fazer parte de outro ajuntamento de fé, em reuniões de células (culto em casa), que têm a característica de ser um grupo pequeno de conhecimento, ajuda mútua, de amizade e de estudo bíblico. É a maneira de sobreviver diante do sentimento ferido que sobrou com as decepções. Muitas células são formadas como suporte às igrejas. Mas existem aquelas que são autônomas, com amigos que professam a mesma fé, que não têm pastores institucionais na liderança. As residências tornam-se pontos de refúgio para os machucados que tentam descobrir o real sentido de ser igreja e não de ir a um templo. É a fé sem liderança e o exercício autônomo dos estudos bíblicos.

---

<sup>194</sup> CÉSAR, 2009, p. 86.

<sup>195</sup> CÉSAR, 2009, p. 80.

<sup>196</sup> CÉSAR, 2009, p. 80.

A seguir, mais quatro depoimentos de pessoas que abandonaram a igreja e que deram entrevista exclusiva para esta pesquisa. Mesmo as pessoas aqui mencionadas autorizando o uso de seus nomes, optou-se por abreviar os nomes para seguir um padrão, pois os nomes das pessoas, nas comunidades do Facebook, também foram abreviados.

J. R. S.,<sup>197</sup> 63 anos, casada, advogada, nasceu em família católica romana e se converteu ao protestantismo há 30 anos. Deixou de ser membro de uma igreja há um ano e meio, mas visita algumas congregações esporadicamente. Ainda pensa em voltar a ser membro de uma comunidade porque entende que está na sua alma congregar e ter comunhão com as pessoas da mesma fé. Pretende voltar à comunhão quando encontrar uma igreja que a satisfaça e que tenha um direcionamento exclusivo para Deus. Também entende que é importante manter-se em uma comunidade, pois a Bíblia diz que é bom congregar e estar em união com as pessoas. Mas está afastada das atividades, se considerando uma desigrejada temporária. Explica o atual momento pelo qual passa dizendo que foi a própria igreja que a desmotivou a participar por causa da programação. Ela diz que os cultos têm muita dança, muito show e não têm estudo da Bíblia. Segundo ela, o culto, que era para ser adoração a Deus, se tornou uma promoção da atividade humana e isso não a levava a uma perfeita adoração. Ela diz que frequentava a igreja somente para um encontro social. Hoje, J. R. S. faz culto particular a Deus enquanto está afastada da comunhão com outras pessoas. Diz que se alimenta espiritualmente com orações e leituras diárias da Bíblia em família.

S. C. S.,<sup>198</sup> 34 anos, advogada, confessa que não gosta dos termos desigrejado e desviado porque os compreende como grosseiros e pejorativos. Entende que os evangélicos não têm cuidado de escolher formas mais gentis e educadas para tratar as pessoas que não frequentam o ambiente deles. Diz que o termo lhe soa estranho, uma vez que não encontrou o significado para desigrejado ou igrejado em dicionários populares. Por isso, não se vê como desigrejada, mas como uma desamparada pela igreja.

---

<sup>197</sup> Os relatos de J.R.S. foram obtidos via entrevista por e-mail. A pessoa entrevistada autorizou usar o nome, mas a pesquisadora optou por preservar a imagem da mesma.

<sup>198</sup> Os relatos de S.C.S. foram obtidos via entrevista por e-mail. A pessoa entrevistada autorizou usar o nome, mas a pesquisadora optou por preservar a imagem da mesma.

Ela afirma que o termo desigrejada lhe imputa uma responsabilidade pela escolha de estar fora do ambiente de uma igreja. Diz que essa responsabilidade não é dela, mas das igrejas porque não criam um ambiente saudável para que as pessoas permaneçam como membros. Ela afirma que esse desamparo das igrejas se deve ao fato de ter trilhado sua vida no meio evangélico desde o nascimento, pois recebeu educação cristã dos pais. Durante mais de vinte anos tentou fazer parte do ambiente sem se machucar, mas as feridas foram inevitáveis. Ela participou ativamente de inúmeras atividades nas igrejas das quais foi membro, trabalhando sempre voluntariamente com evangelismo, música, organização de eventos e foi professora no ministério com crianças.

Questionada sobre o motivo que a levou a se afastar, afirma que, há cerca de dez anos, não frequenta uma reunião porque encontrou, dentro das igrejas, exatamente tudo o que existe fora dela. No relacionamento igreja-membro exigia-se dela um compromisso que não era recíproco. Ressalta que não teria saído se encontrasse um ambiente de paz, respeito, amor, alegria, renovo e fraternidade dentro das igrejas. Diz que as pessoas deveriam viver o que pregam. Que jamais teria saído desse paraíso se não houvesse tanta hipocrisia. Ela pensa que não sairia de um lugar onde as pessoas são um corpo, uma unidade e se olham como iguais. Mas não foi isso que S. C. S. encontrou nos relacionamentos com as pessoas da mesma fé. Ao contrário do que buscava, encontrou falta de amor, egoísmo, disputas por liderança, estrelismo e um local cheio de negativismo e imperfeição.

Ela entende que a igreja evangélica desmerece e mata a autoestima das pessoas. Encontrou desprezo e falta de voz por não ter dinheiro, carro caro e cargo no governo. Ela diz que nunca foi uma pessoa contra os valores da igreja, buscando segui-los porque foi criada nesses princípios. Sempre teve atenção e uma auto cobrança para evitar o erro, mas só encontrou desprezo pela falta de maiores condições financeiras. Listando os defeitos que observou entre os evangélicos com quem conviveu, diz que são os primeiros a fazer distinção entre as pessoas por serem gordas, magras, feias ou bonitas. Por exemplo, ela comenta que as pessoas bonitas e magras aparecem no vídeo de gravação de culto. As pessoas feias e gordas, se aparecerem, é com aquele discurso falso de “venha como estás, a igreja também recebe você que é feio ou gordo”. Ela vê uma falsa piedade e entende que isso é triste.

S. C. S. diz que viu pregações fazendo piada sobre a solteirice das mulheres, mas ninguém fala nada sobre os homens. Outras fazendo piadas de excesso de peso e ausência de beleza. Entende que a igreja evangélica faz bullying. Todos esses pontos negativos S. C. S. afirma que encontrou no mundo também. Que não precisava ir à uma igreja para ver esses problemas. Fora, assim como nas igrejas, encontra-se falsidade, inveja, descaracterização de fatos, pessoas fingindo ser o que não são, enganação, misoginia, machismo, coronelismo, homofobia, gordofobia, preconceitos diversos com idosos, deficientes e racismo. Ela diz que esses aspectos negativos existem fora e dentro da igreja. A igreja é ainda pior porque são grupos menores onde é necessário conviver com o suposto corpo de Cristo que, segundo S. C. S., não existe, já que também não existe respeito às várias partes desse corpo. Se a igreja tem todas as mazelas do mundo, não é necessário fazer parte dela.

S. C. S. diz que, fora da igreja, em sua vida social, não se permite estar onde não a recebam bem ou aceitar atitudes das quais discorda. Mas dentro da igreja, quem discorda, é visto como desobediente. A pessoa é forçada a aceitar muitas situações, mesmo sem concordar, apenas por obediência. Fora do convívio de igreja, se ela discorda de alguma atitude, apenas sai daquele ambiente elegantemente. Deixa de frequentar os grupos desagradáveis. Ela diz que, da igreja, não se sai com elegância. Se a pessoa decide não mais frequentar, é desmerecida, desrespeitada e destrutada. Recebe nomes como desviada e desigrejada.

Outro problema que S. C. S. aponta é que as pessoas fazem julgamentos da vida das outras no ambiente evangélico. Questiona qual o propósito de estar em um local onde tudo será julgado, onde não se tem o direito de errar. Onde as pessoas não podem ser humanas em busca de aperfeiçoamento pessoal. Hoje ela não vê nenhuma possibilidade de fazer parte de uma congregação novamente. Mas entende que nada em sua vida é definitivo, pois permite mudar a rota e rever seus pontos de vista sempre que necessário. S. C. S. se decepcionou muito ao achar que estava no caminho correto e deparou com os estragos que a comunidade lhe causou. Para ela, a igreja deixou de ser um ambiente saudável. As tentativas de frequentar a comunidade foram frustradas. Chegava em casa triste todas as vezes que voltava do culto. Sentia-se chateada, pequena, desmerecida e desrespeitada. Acha que comunidade não é mais um ambiente saudável porque a entristece. Por esses motivos tem consciência tranquila e paz no coração para afirmar que não faz parte de nenhuma congregação.

L. C. S.,<sup>199</sup> 33 anos, é analista de recursos humanos. Diz que não foi intencional ser desigrejada. Quando se deu conta, já estava sem ir aos cultos. Foi se cansando de intromissões políticas no ambiente sagrado. Diz que viu pessoas sem testemunho, mas com aporte financeiro necessário para garantir suas posições e cargos na comunidade. E outras pessoas de coração incrível se decepcionando. Conta que foi arranjando atividades para fazer até que deixou de ir à igreja. Já estava selecionando sozinha as músicas que gostaria de ouvir, lendo escritores que admirava e confiava.

Há oito anos L. C. S. não frequenta o culto. Foi uma ruptura de uma rotina que fazia desde criança, pois cresceu dentro da igreja. Não tem interesse em outra religião, apesar de ter admiração por alguns líderes católicos romanos. Admite que sente saudade e deseja voltar ao convívio da comunidade evangélica. Sente falta dos projetos que desenvolvia. Acredita na possibilidade de expansão e acolhimento da igreja como um lar para aqueles que dela necessitam. Ela afirma que sempre trabalhou na congregação com muita paixão. Ainda tem o desejo de servir, mas L. C. S. não sabe como agir sem expor suas emoções às decepções sofridas. Comenta que percebe claramente o quanto essas tristezas a prejudicaram.

Fora do convívio com a comunidade de fé, L. C. S. segue investindo sozinha na vida espiritual. Busca a Deus em oração, músicas e leituras. Admite que igreja faz falta. Embora haja as decepções, ela tem consciência de que também recebeu benefícios. Diz que sente falta de congregar, de ajudar mais as pessoas da mesma fé, de ouvir mais a Palavra de Deus. Sente falta de tudo que é bom, mas não tem nenhum sentimento, positivo ou negativo, saber que não participou de algum culto que, no fim das contas, só gerou polêmica, escândalo e desgaste. Diz que gostaria de achar um lugar onde as pessoas se encontrassem para congregar e buscar a Deus.

R. N.<sup>200</sup> administra a página no Facebook “Desigrejados do sistema religioso instituições” e tem um canal no YouTube. Ele tem 38 anos, é agente de segurança,

---

<sup>199</sup> Os relatos de L.C.S. foram obtidos via entrevista por e-mail. A pessoa entrevistada autorizou usar o nome, mas a pesquisadora optou por preservar a imagem da mesma.

<sup>200</sup> Os relatos de R.N. foram obtidos via entrevista no Facebook. A pessoa entrevistada autorizou usar o nome, mas a pesquisadora optou por preservar a imagem da mesma. A pesquisadora cita os dados pessoais fornecidos, em entrevista virtual, por R. N., mas não pode afirmar que esses dados são verdadeiros, pois não é possível checar as informações de forma independente uma vez que a internet facilita o anonimato e dificulta o contato pessoal. Mas os relatos das três outras entrevistas (L. C. S., S. C. S. e J. R. S.) trazem dados verídicos porque a pesquisadora conhece as pessoas pessoalmente, apesar de ter feito as entrevistas por e-mail.

se diz ex-bispo do sistema religioso empresarial e mora no Rio de Janeiro. Deixou a igreja há três anos. Diz que sua missão é pregar a verdade e combater o sistema religioso que engana e escraviza as mentes. Afirma que reunir é certo, mas questiona onde na Bíblia diz que a reunião tem que ser em empresas religiosas.

Os principais tópicos abordados neste capítulo foram as características das comunidades sociais, as vantagens e desvantagens do uso das redes sociais, os depoimentos de pessoas que abandonaram a frequência aos templos tornando-se sem igreja e o método usado para realizar a pesquisa nas redes sociais que foi a netnografia.

Diante dos dados obtidos nas redes sociais, destaque para a opinião das pessoas desigrejadas quando comentam os motivos que os levaram a abandonar as reuniões. Esses motivos apontam para as conclusões alcançadas nesta pesquisa que mostram que existem cinco eixos fundamentais que embasam o desigrejamento brasileiro que são: o econômico, quando as pessoas desigrejadas criticam dízimos e ofertas; o eixo litúrgico, quando discordam da maneira como a liturgia do culto é organizada formando uma igreja institucionalizada; eixo com foco na liderança, quando criticam os pastores; o doutrinário, quando as pessoas sem igreja questionam as doutrinas ensinadas pela liderança; e o eixo do abuso espiritual, quando uma autoridade faz uso imoderado do poder sobre outra pessoa para levá-la a tomar decisões que podem prejudicá-la física, material ou emocionalmente.

Com o método de pesquisa da netnografia, que possibilitou ingressar nas comunidades de pessoas desigrejadas no Facebook, foi possível atingir o objetivo da pesquisa que é entender os motivos que levam ao desigrejamento. Os cinco eixos a que essa pesquisa chegou são o resultado do estudo nas comunidades virtuais. Esses cinco eixos dialogam com vários autores já citados neste estudo. Foi possível perceber, analisando a opinião dada pelas pessoas no Facebook, justificando porque saíram das igrejas institucionais, o que muitos teólogos apontam. Por exemplo, o eixo econômico apareceu na investigação quando os membros da comunidade no Facebook criticaram a forma como a igreja lida com o dinheiro, especialmente citam o dízimo e a oferta. Lopes<sup>201</sup> também comenta esse aspecto. Diz que as pessoas

---

<sup>201</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. Se eu sou a igreja, por que tenho que ir a templos? **Youtube**, 23 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u39kGAYGHUU>. Acesso em: 1 set. 2022.

desigrejadas, além de não concordar com a prática do dízimo, ainda discordam da Teologia da Prosperidade. Há críticas sobre liderança que visam obter lucro financeiro e também a decepção que acontece quando a promessa de riqueza não acontece.

O eixo doutrinário, quando as pessoas sem igreja questionam as doutrinas ensinadas pela liderança, pode ser notado quando se fala no assunto prosperidade ou em temas como a obrigação de ser dizimista, como pregam algumas igrejas. O eixo doutrinário é fator de grande divisão, pois cada denominação evangélica tem uma posição diferente sobre assuntos como batismo, ceia, ordenação feminina, pecado, entre outros temas. A larga interpretação que os evangélicos fazem sobre assuntos doutrinários mostra, para as pessoas desigrejadas, a desunião e a falta de consenso do segmento.

Outro ponto que esta pesquisa mostrou, que é o eixo litúrgico, que retrata a opinião das pessoas desigrejadas sobre a liturgia do culto organizada pela igreja institucionalizada, também é visto na literatura. O autor DeYoung<sup>202</sup> afirma que a visão das pessoas desigrejadas é que o que se vê hoje, no formato das reuniões, veio do paganismo. Além de litúrgico, esse ponto também é histórico. Porque o que é igreja atualmente é resultado do desvio da congregação de seu estado puro, no século I, para a religião sincretista e institucionalizada que hoje se chama cristianismo. Ou seja, sermões, prédios, pastores, liturgia, ofertas, corais, tudo isso não se via na igreja primitiva e desvirtua os princípios da primeira comunidade de fé. Portanto, são reprováveis hoje na visão das pessoas desigrejadas.

O eixo com foco na liderança, outro resultado a que esta pesquisa chegou, também dialoga com os teólogos. O eixo fala sobre a liderança da igreja, principalmente os pastores que são fartamente criticados pela comunidade de pessoas desigrejadas. Segundo Lopes,<sup>203</sup> uma forte crítica é a profissionalização do ministério pastoral. Aqui também cabe citar outro eixo apontado na pesquisa que é o do abuso espiritual que, muitas vezes, é praticado por pastores autoritários e manipuladores.

---

<sup>202</sup> DEYOUNG; KLUCK, 2010, p. 17.

<sup>203</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. Se eu sou a igreja, por que tenho que ir a templos? **Youtube**, 23 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u39kGAYGHUU>. Acesso em: 1 set. 2022.

O eixo litúrgico, que enfoca a liturgia do culto na igreja institucionalizada, dialoga com os autores Deyoung e Kluck<sup>204</sup> que mostram a desilusão das pessoas quanto a pertencer a uma congregação. A crítica é que não é bíblica a visão de igreja institucional, hierárquica e com o atual modelo litúrgico com reuniões semanais. A ideia das pessoas desigrejadas é se distanciar de rituais e das estruturas da igreja como hoje se conhece.

---

<sup>204</sup> DEYOUNG; KLUCK, 2010, p. 18.

## **4 A CRISE DO PERTENCIMENTO RELIGIOSO**

A diferença entre religião e religiosidade, a secularização, a realidade atual das igrejas evangélicas que são afetadas pelo processo da desinstitucionalização, o fim da tradição religiosa brasileira, a axiologia que revela a crise de vida que a sociedade atravessa onde se enraíza o pensamento do crer sem pertencer (*believing without belonging*)<sup>205</sup>, e, como consequência, leva a uma crise na sociedade - que se reflete nas igrejas evangélicas, e os aspectos que explicam a crise institucional são os assuntos abordados neste capítulo.

A crise axiológica acontece diante da secularização, modernidade, globalização, mudanças de condições culturais, sociais e de trabalho. A sociedade se mostra menos religiosa quanto mais se tornar secularizada, moderna, globalizada, científica, tecnológica e com avanço na área da comunicação. O movimento do desigrejamento deve ser entendido a partir da crise de valores e de sentido. Neste capítulo será relatado que o fim do pertencimento religioso gera evasão nas igrejas. Quanto mais se fortalece a era do conhecimento, sistemas de crenças e de valores entram em descrédito. Valores que nortearam a vida das pessoas tendem agora a ser questionados. Junto com os valores, dogmas e crenças questionados, também se contesta as instituições e os discursos religiosos. Acredita-se que é preciso uma análise ampla para entender a crise e o colapso da religião hoje.

### **4.1 DIFERENÇA ENTRE RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE**

A religião, que define um grupo de normas e rituais a serem seguidos para se acessar o divino, não é mais a mediadora das pessoas na prática da religiosidade. As pessoas continuam buscando o sagrado, mas mudou a forma como a busca é realizada. Anteriormente, era de forma institucionalizada e, atualmente, uma parte do segmento evangélico, as chamadas pessoas desigrejadas, pratica a religiosidade sem a tutela institucional. No Brasil, a igreja vê a crise da evasão de membros acontecer por meio do desigrejamento. Comentando sobre o problema do fim da religião, Vieira diz:

---

<sup>205</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 53.

O colapso das religiões que se constata na contemporaneidade não aponta para o fim da experiência espiritual do homem, mas para o fim de uma maneira cultural e milenar de fazê-la. [...] Nas sociedades atuais, a experiência espiritual do homem é cultivada não mais pela religião, mas por uma espiritualidade leiga, sem crenças, sem religiões e sem deuses.<sup>206</sup>

Nesse campo de estudo sobre a crise do pertencimento religioso, existe diferença entre religião e religiosidade. O conceito de religião, de acordo com Roos, vem do termo *religare* e descreve “a busca do ser humano por ligar-se novamente a Deus.”<sup>207</sup> O autor diz que Santo Agostinho concordava com esse conceito da palavra e, por isso, ele foi largamente usado entre os teólogos. Entende-se que, por meio da religião, as pessoas buscam ter relação com o sagrado que se mostra em termos simbólicos. Roos cita ainda que Karl Barth dizia que religião é uma construção das pessoas que querem entrar em comunhão com Deus por conta própria, que a verdadeira religião é possível a partir da fé, por meio da revelação de Deus em Cristo.

Pfeiffer, Vos e Rea afirmam que religião é “qualquer sistema de fé e adoração a Deus.”<sup>208</sup> De acordo com Vieira, religião é um conjunto de normas e doutrinas. “Refere-se a todo e qualquer sistema de crenças mantido por textos sagrados, símbolos, mitos e rituais, e que funciona como programa de vida para os indivíduos e coletividade.”<sup>209</sup>

Já Rodrigues comenta a experiência que teve ao pesquisar esse o tema. Diz que muitas pessoas pesquisadas afirmavam que não tinham religião, mas desenvolviam religiosidade própria. “Religião pode ser definida segundo a obediência a um deus transcendente e à uma tradição, que é a mediadora de sua autoridade. A religiosidade se apresenta como a experiência do divino como imanente na vida.”<sup>210</sup> Comentando sobre os sem religião, Rodrigues diz ainda que a ausência de pertencimento a uma religião pode acontecer de várias maneiras. Pode ser transitória, por causa de algum desencantamento, pode ser porque a pessoa está experimentando novas experiências ou pode ser permanente, fundada em uma nova ideia de espiritualidade.<sup>211</sup>

<sup>206</sup> VIEIRA, 2018, p. 14.

<sup>207</sup> ROOS, Jonas. Religião. In: BORTOLLETO, Fernando Filho Bortolletto (org.) **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: Aste, 2008. p. 859.

<sup>208</sup> PFEIFFER; VOS; REA, 2023, p. 1664.

<sup>209</sup> VIEIRA, 2018, p. 15.

<sup>210</sup> RODRIGUES, 2007, p. 40.

<sup>211</sup> RODRIGUES, 2007, p. 37.

O conceito de religiosidade está ligado à vivência da fé popular onde a pessoa reconhece a divindade mesmo sem necessariamente praticar um culto determinado. A religiosidade é usada para “designar as expressões de fé de pessoas simples que procuram se relacionar com o divino.”<sup>212</sup> Esse relacionamento pode ser individual ou comunitário e nele a pessoa usa meios menos dogmáticos e a busca é por satisfazer necessidades reais. Essas próprias formas de fé, devoção e rituais são uma maneira simbólica para lidar com vários problemas humanos. A religiosidade pode acontecer de forma autônoma, sem a mediação de uma igreja institucional, de um líder religioso ou de uma comunidade de fé. A pessoa sozinha exerce a sua religiosidade.<sup>213</sup>

Para Butzke, o conceito de religiosidade é “a expressão exterior e corporal da fé interior motivada pelo Espírito Santo.”<sup>214</sup> É o praticar a fé no dia a dia em várias dimensões como pessoal, familiar e comunitária. Dyrness e Kärkkäinen fazem distinção entre a prática da fé religiosa e a não religiosa. Entre as práticas religiosamente definidas, eles dizem que existem muitas visões relativas à natureza da transcendência ou da realidade última e que existem tradições religiosas que veem a realidade última como um ser supremo pessoal ou vários seres. Quanto à prática da religiosidade cristã, Dyrness e Kärkkäinen a define “como a vida vivida em relacionamento com o Deus que se revela em Jesus Cristo por intermédio do Espírito Santo.”<sup>215</sup> Essa prática da fé acontece no relacionamento com o Deus trino e com a comunidade de fé, por meio da comunhão. Os autores dizem ainda que a religiosidade cristã tem três padrões: é sacramental, evangélica e carismática.

Segundo Corbí,<sup>216</sup> as sociedades passam por uma mudança global generalizada, inclusive do conhecimento. O autor diz que essa alteração é sinal de uma sociedade que saiu da era pré-industrial para a industrial. Comenta que também aconteceu mudança no campo religioso e que a nova maneira de praticar a religiosidade é laica, sem sacralidade, sem religião e sem crença. Diz que faz parte do passado acreditar em mitos, no discurso sagrado, nos rituais e nos símbolos, pois

<sup>212</sup> DYRNESS, William; KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. **Dicionário Global de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2016. p. 683.

<sup>213</sup> DYRNESS; KÄRKKÄINEN, 2016, p. 683.

<sup>214</sup> BUTZKE, Paulo Afonso. Espiritualidade. In: BORTOLLETO, Fernando Filho Bortolletto (org.) **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: Aste, 2008, p 387.

<sup>215</sup> DYRNESS; KÄRKKÄINEN, 2016, p. 301.

<sup>216</sup> CORBÍ, Marià. La gran crisis de las religion y el auge de los integrismos. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (org.). **O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 84-87.

perderam a função para dirigir a vida da coletividade. As pessoas mudaram o jeito de vivenciar a dimensão absoluta da realidade que antes estava atrelada à dimensão do sagrado, ao mito. Corbí<sup>217</sup> afirma que a religiosidade se livrou do domínio da igreja institucional, podendo acontecer dentro e fora da religião.

O mundo contemporâneo passa por transformação, despertando nova consciência ética nos indivíduos, mais tolerante com as várias verdades. Nela está embutida uma visão de mundo sincrética, voltada para o autoaperfeiçoamento, individualizada, que substitui a ideia tradicional de salvação e desloca a noção de igreja. É uma nova proposta de religiosidade, orientalizada, cujos indicativos podem ser observados por meio do surgimento de correntes como o neo paganismo, os movimentos ambientalistas e de Nova Era, desenvolvendo um comportamento muito particular, religioso, mas não institucionalizado, evocando a integração do ser humano com o universo, o que encurta a distância entre o ser humano e a divindade, muitas vezes representada pelas forças da natureza.<sup>218</sup>

As pessoas sem religião e as desigrejadas são exemplos de grupos que podem praticar a religiosidade de forma individual e autônoma. Os sem religião e as pessoas desigrejadas são desvinculados institucionalmente, mas a falta de vínculos com instituições religiosas não significa que são desprovidos de crença. Definir-se como sem religião ou desigrejado não significa afastar o transcendental de vida, embora descolado de instituições religiosas. Religião é institucional e praticada de forma coletiva. Religiosidade é individual e não é necessariamente ligada à instituição, sendo mais subjetiva, indicando uma vivência individualizada do sagrado.

## **4.2 A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO E A DESTRADICIONALIZAÇÃO DA RELIGIÃO**

A desinstitucionalização<sup>219</sup> religiosa no Brasil é o resultado da mudança onde as pessoas, antes envolvidas em suas igrejas, agora praticam a fé sozinhas ou em grupos variados longe das instituições tradicionais. O cristianismo foi para fora das igrejas, tornando-se fluido. Essa desfiliação institucional fez as pessoas se afastarem da igreja, mas não interrompeu a prática religiosa. A religião perdeu o poder de

---

<sup>217</sup> ELKINS, 2000, p. 16.

<sup>218</sup> RODRIGUES, 2007, p. 40.

<sup>219</sup> BURITY, 2001, p. 34.

influenciar as pessoas. A mudança que a sociedade passou fez gerar a relativização no papel importante que a religião exercia na sociedade. Hoje se critica o sistema religioso, apontando como a instituição se tornou frágil e fragmentada. O atual cenário religioso brasileiro mostra que ainda existem pessoas com vínculo institucional e outras não-institucionais como é o caso das pessoas desigrejadas, por exemplo.

A desinstitucionalização da religião, segundo Burity, é definida como uma “proliferação de igrejas e movimentos que não mais se prendem aos protocolos de autorização, bem como na disseminação do religioso para além das fronteiras reguladas pelas instituições religiosas.”<sup>220</sup> Um exemplo desse afastamento institucional são as pessoas desigrejadas. Sobre a desinstitucionalização da religião, Adam<sup>221</sup> afirma que parte desse movimento significa o afrouxamento dos vínculos institucionais e afetivos dos membros às suas respectivas comunidades de fé e às atividades lá realizadas. Com o avanço da negação de ser parte integrante de uma igreja, o que acontece é um distanciamento dos membros das práticas e das vivências comunitárias. Não é um abandono da crença religiosa. É um afastamento do vínculo institucional. Adam fala em destradicionalização da religião.

Citando Paul Heelas, Adam<sup>222</sup> diz que a destradicionalização afeta não apenas a esfera religiosa, mas todas as demais como a família, a política e a tradição em geral, onde há uma nítida substituição da autoridade. Destradicionalização<sup>223</sup> é uma mudança de autoridade de ‘fora’ para ‘dentro’. Implica o declínio da crença numa ordem preestabelecida ou natural das coisas. Assuntos individuais exercem autoridade diante da desordem e incerteza por eles mesmos gerados. A autoridade é deslocada de fontes estabelecidas, vindo a apoiar-se sobre si mesma.

O fenômeno da destradicionalização é abordado em dois enfoques:<sup>224</sup> um que vê a destradicionalização de forma radical, ou seja, com o fim definitivo da tradição, e outro que vê apenas como uma mudança em torno das tradições, mas não necessariamente seu radical desaparecimento. Em ambos os casos, a perda do vínculo externo se desenvolve basicamente pelo processo de individualização, por um

---

<sup>220</sup> BURITY, 2001. p. 34.

<sup>221</sup> ADAM, 2012, p. 390.

<sup>222</sup> ADAM, 2012, p. 392.

<sup>223</sup> ADAM, 2012, p. 393.

<sup>224</sup> ADAM, 2012, p. 393.

lado, e, por outro, pelo processo de diversificação, pluralismo e fragmentação da cultura e da sociedade, ambos como consequências diretas da modernidade.

Acontece hoje uma desregulação religiosa que se caracteriza não só pela contínua queda da pertença religiosa, mas pela autonomia por parte dos praticantes de interpretar e viver a religião a seu modo. Hervieu-Léger<sup>225</sup> usa o termo 'desinstitucionalização', que, segundo ela, se caracteriza pela perda da força da observância, o desenvolvimento de uma religião "a la carte", a proliferação das crenças combinadas a partir de várias fontes, a diversificação das trajetórias de identificação religiosa e o desdobramento de uma religiosidade peregrina. Todos esses fenômenos são indicadores de uma tendência geral à erosão do crer religioso institucionalmente validado. Quando acontece a crise do pertencimento religioso, a desinstitucionalização ou desfiliação, Adam diz que

A bricolagem e a reinvenção religiosa passam a circular livremente e cada um, individualmente, elabora seu sistema de crença a la carte e com autonomia, totalmente à revelia da instituição religiosa. O estilo emocional e espetacular, a catarse, o mágico, a experiência íntima, a individualização e a livre disposição dos produtos religiosos por parte do crente são os critérios para a vivência religiosa.<sup>226</sup>

Nos tempos atuais houve a ruptura da figura tradicional do vínculo institucional e religioso. É o fim do vínculo, das ideias, dos valores, dos princípios antes vistos como suficientes para embasar a cosmovisão das pessoas, desligamento de qualquer princípio de unidade. Isso tem se refletido no desigrejamento. Mais uma vez as pessoas desigrejadas se encaixam nesse contexto.

A caracterização que Hervieu-Léger faz da modernidade religiosa secularizada, no contexto do catolicismo francês, pode auxiliar na compreensão de parte da dinâmica religiosa no Brasil atual. Ela chama as mudanças que estão acontecendo no campo religioso de "religião em movimento".<sup>227</sup> Para falar do fenômeno, usa a metáfora do peregrino e do convertido. Tanto o peregrino como o convertido são autônomos, ou seja, protagonistas do seu modo de crer. A autonomia no modo de crer e de viver a religiosidade é uma das características do tempo atual. Ambos, peregrino e convertido, estão em movimento em nome da crença. Enquanto o peregrino busca elementos religiosos tradicionais que se alinham com a sua ideia,

---

<sup>225</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 25.

<sup>226</sup> ADAM, 2012, p. 394.

<sup>227</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008. p. 170.

o convertido escolhe pertencer a um grupo religioso. O peregrino defende a desinstitucionalização da religião. O que acontece atualmente é que a pessoa pode optar por ter múltipla pertença, por preservar as tradições religiosas ou por ter uma religião individualizada. O cenário atual aponta para as instituições perdendo poder onde as pessoas optam por pertenças e crenças plurais. O peregrino é alguém que escolhe crer de modo individualizado. É a autonomia da crença e não mais a aceitação de doutrinas estabelecidas pela igreja institucional. Já o convertido é alguém que aceita a igreja institucional.

Têm-se hoje a diversificação das crenças, grande distância entre crer e pertencer (as pessoas creem sem pertencer a uma igreja), uma autonomia na crença e novos modos de pertencer. É isso o que Hervieu-Léger chama de movimento. Esse panorama mostra que é a própria pessoa que produz o significado de sua vida. É a pessoa tendo autonomia para estabelecer como crer em detrimento do que a instituição diz como ela deve crer. A pessoa escolhe suas crenças, é uma busca individual pela verdade. Essa autonomia é um desafio para as igrejas que passam pela crise da evasão e precisam lidar com a ideia da individualização da religião.<sup>228</sup> Para Hervieu-Léger, a instituição não controla mais o peregrino e o praticante (convertido) da mesma maneira que controlava antes.

O praticante se conforma a disposições fixas, que têm, por isso, um caráter de obrigação para todos os fiéis. Mesmo quando a observância é solitária, ela conserva uma dimensão comunitária. A prática peregrina, ao contrário, é voluntária e pessoal. Ela implica uma opção individual que mantém a primazia mesmo no caso em que a atividade assume uma forma coletiva.<sup>229</sup>

Anteriormente, as referências das pessoas, sejam morais, doutrinárias ou de costumes, eram ditadas pela igreja. A religião estava no centro da vida humana e exercia poder sobre a sociedade. Hoje essa realidade mudou, pois houve ruptura entre as pessoas e os líderes religiosos que antes exerciam o poder. A racionalidade prevaleceu e as pessoas são protagonistas de suas vidas. Esses dois momentos, Hervieu-Léger chama de tradição e de modernidade.<sup>230</sup>

Agora a religião e a religiosidade acontecem de forma diferente. Os vínculos institucionais se romperam, as pessoas abandonaram as práticas religiosas que

---

<sup>228</sup> HERVIÉU-LÉGER, 2008, p. 63-64.

<sup>229</sup> HERVIÉU-LÉGER, 2008, p. 98.

<sup>230</sup> HERVIÉU-LÉGER, 2008, p. 32.

vieram de herança familiar, a religião não é mais passada de pai para filho, ou seja, virou uma escolha pessoal e não mais uma tradição que se perpetuava na família. Todas essas características apontam para a desinstitucionalização.<sup>231</sup>

A religiosidade se movimentou para fora das instituições religiosas, passando a habitar qualquer lugar, ou seja, as pessoas não são indiferentes para com a religião, mas a crença não é mais controlada pelas igrejas e instituições religiosas. “As pessoas criam seu próprio sistema de fé que é desconectado da regulamentação dessa ou daquela igreja/religião. Há a individualização da religião.”<sup>232</sup> Hervieu-Léger diz que hoje a pessoa é individual, autônoma e busca o imediato. Nenhuma instituição consegue mais ditar para a sociedade um código unificado de sentidos e impor a autoridade de normas.<sup>233</sup>

Os evangélicos sem igreja, chamados de pessoas desigrejadas, tornam-se uma ilustração para esse tempo. As pessoas desigrejadas praticam a religiosidade, mas não permitem que os líderes religiosos determinem suas crenças, práticas e sentidos de vida. A identidade das pessoas não é mais formada pela religião. Ela colabora, mas não determina. A igreja institucional perdeu poder. Bartz diz que as pessoas, quando não querem se filiar a uma instituição específica, constroem suas auto-identidades, “o que pode evidenciar a recusa ou incapacidade de seguir determinadas doutrinas que normatizam as instituições religiosas.”<sup>234</sup>

Na atualidade acontece a negação da instituição como reguladora da crença das pessoas. Para Bartz,<sup>235</sup> do ponto de vista institucional, as pertenças frágeis ou a não pertença provocam um repensar do papel da instituição que podem passar a adotar atitudes de tolerância para se adaptar às novas exigências individuais. Diante dessa busca por repensar seu papel, líderes de instituições religiosas optam por dois caminhos: a instituição pode se fechar, delimitando o universo dos crentes a um círculo restrito (exclusivismo), ou se abrir, tolerando as dinâmicas das pertenças, acolhendo, em seu meio, a fragmentação provocada pela modernidade sobre o campo

---

<sup>231</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 30-43.

<sup>232</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 41-43.

<sup>233</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 50-51.

<sup>234</sup> BARTZ, Alessandro. Múltiplas pertenças, desinstitucionalização e desregulação da crença: refletindo a modernidade religiosa no Brasil. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 25, p. 8-18, 2011. p. 18. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/139>. Acesso em: 29 nov. 2023.

<sup>235</sup> BARTZ, 2011.

religioso em que está inserida. Citar que hoje acontece a negação da instituição como reguladora da crença das pessoas, remete também à questão do pertencer e do não pertencer, pois as pessoas sem igreja recusam a instituição, não aceitam que a entidade cumpra seu papel de regular a crença, negam-se a pertencer à comunidade local e institucional. Fazer parte é pertencer. Ser membro é outro termo usado para se referir a pertencer. Membro<sup>236</sup> é uma das pessoas que compõe uma sociedade ou comunidade (no caso da igreja, é o corpo de Cristo). Pertencer está ligado ao sentimento das pessoas de fazer parte de algo maior, à necessidade de se agrupar, o que traz consequências emocional (aspecto pessoal) e desenvolvimento social (aspecto coletivo). O não pertencer é a recusa, o distanciamento, a não participação.

#### 4.3 CRISE NO SENTIDO DE VIDA E CRISE NAS IGREJAS EVANGÉLICAS

A evasão nas igrejas é uma realidade no segmento evangélico atual. Sistemas de crenças e de valores entram em descrédito na medida que o conhecimento é fortalecido. Hoje se questiona os valores, dogmas, crenças, as instituições e os discursos religiosos antes aceitos.

A contemporaneidade trouxe para a sociedade uma crise de sentido, onde as pessoas estão abertas a mudanças, inclusive sobre verdades antes consideradas absolutas. Por causa do conhecimento, as pessoas passaram a questionar as antigas teorias como os dogmas, por exemplo. Antes os dogmas eram inquestionáveis e agora são reavaliados pelas pessoas que criticam a instituição religiosa, os costumes e a ideologia. Vieira acredita que é preciso uma análise mais ampla para entender a crise e o colapso da religião hoje. Ele afirma que o declínio da religião não pode ser pensado somente por causa da secularização, mas deve ser visto a partir da crise axiológica (crise de valor). O conceito de axiologia,<sup>237</sup> também chamada de teoria do valor, é um estudo filosófico que busca entender a natureza dos valores e os juízos de valor e como eles aparecem na sociedade.

Vieira<sup>238</sup> diz que a crise axiológica aumenta quanto mais se articulam os eventos humanos (secularização, modernidade, globalização, mudanças de

---

<sup>236</sup> PFEIFFER; VOS; REA, 2023, p. 1248.

<sup>237</sup> ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS. **Significado de Axiologia.** c2023. Disponível em: <https://www.significados.com.br/axiologia/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

<sup>238</sup> VIEIRA, 2018, p. 105.

condições culturais, sociais e de trabalho). A sociedade será menos religiosa quanto mais se tornar secularizada, moderna, globalizada, científica, tecnológica e com avanço na área da comunicação. Isso acontece porque essas áreas trazem respostas para as perguntas das pessoas que antes eram respondidas somente pela religião. Existe hoje uma crise de sentido e de valores. O autor cita que o colapso da religião acontece também devido às mudanças nas condições culturais, sociais e de trabalho. O fenômeno das pessoas desigrejadas deve ser entendido a partir da crise axiológica. Existe uma crise de valores pessoais, de crenças e de valores coletivos de vida.

Estamos diante de uma conjuntura que provoca uma mudança profunda nos sistemas axiológicos, inclusive religioso. O homem contemporâneo que transita, se move, parece igualmente viver um estado de inércia e de perplexidade diante do emaranhado de ideologias, de informações, de posturas contrapostas e da inexistência de um sistema de valores universal. Nossas sociedades se encontram em um estado grave de anomalia axiológica e, por conseguinte e relacionada com esse estado, em uma grande crise com respeito às formas religiosas.<sup>239</sup>

O cenário atual é o tempo da religiosidade sem vínculo com uma organização religiosa. Prova disso é o afastamento de muitas pessoas das igrejas institucionais, o chamado desigrejamento. Na contemporaneidade, a cultura dominante instiga o homem ao imediatismo, à busca permanente de novidades e de novas experiências e a ser o próprio construtor das verdades. Ocorre uma quebra significativa entre as gerações na transmissão da herança religiosa (que antes era repassada de pai para filho), o que faz com que o legado dos valores, dos saberes e dos bens simbólicos se dilua de geração em geração.<sup>240</sup> Vieira diz que a sociedade contemporânea vive uma crise na transmissão da herança cultural. Crise que está em todas as áreas como família, Estado, movimentos sociais, entidades civis e tradições religiosas.

As pessoas não acreditam mais em sistemas absolutos de referência (os sagrados, os naturais e os científicos). Isso aconteceu quando descobriram que têm nas mãos o destino global. Não restou às pessoas nenhum critério ou guia, a não ser a própria sabedoria.<sup>241</sup> Dentro do amplo cenário religioso, fazendo um recorte para analisar as pessoas do segmento evangélico, o que mudou é a maneira de praticar a religião. O fim do pertencimento a uma igreja local é uma realidade para as pessoas

---

<sup>239</sup> VIEIRA, 2018, p. 42.

<sup>240</sup> VIEIRA, 2018, p. 21.

<sup>241</sup> VIEIRA, 2018, p. 22.

desigrejadas o que gerou evasão das instituições religiosas. Twenge<sup>242</sup> diz que as pessoas não veem mais a igreja como uma autoridade em relação a muitas questões com as quais se sentem à vontade para decidir por si mesmas. Entende que as pessoas continuam buscando o senso comunitário, só que não no contexto de uma religião organizada.

Senra também comenta sobre a situação atual. Diz que, sob o signo da contemporaneidade, acontece uma época de crise, mas também um tempo marcado por novas possibilidades e emancipação. A crise rompe e questiona as origens da tradição ocidental. Apesar da crise, há possibilidade para se criar novos sentidos. Ele diz que a sociedade está em “um século marcado pela transição de paradigmas, um tempo marcado pelo afã continuado de mudança, um tempo que questiona o valor dos valores, os seus fundamentos e sua viabilidade.”<sup>243</sup> Eliade diz que hoje se vive a saturação dos valores religiosos e a sociedade se basta e se faz a si mesma, desconsiderando os ensinamentos da religião institucional.<sup>244</sup>

No campo religioso, o que se vê hoje é o “crer ser pertencer” (“*believing without belonging*”), como explica Hervieu-Léger.<sup>245</sup> Ou seja, as pessoas creem no sagrado, praticam a religiosidade, mas se mantêm distantes da igreja institucional. Acontece a perda de poder das instituições religiosas que se manifesta no desligamento dos fiéis das mesmas. Hervieu-Léger afirma que todas as instituições religiosas precisam enfrentar o desafio da desinstitucionalização.<sup>246</sup> Diz que os sistemas religiosos perderam credibilidade. Antes, esses sistemas apresentavam sentido para as pessoas. Agora não apresentam mais. A autora cita que não se pode analisar a sociedade moderna somente sob o aspecto da secularização. O cenário da atualidade não é de indiferença das pessoas com respeito à crença. Mas essa crença perdeu a regulamentação por parte das instituições tradicionais. Hervieu-Léger comenta sobre a individualização e grande liberdade que as pessoas têm hoje para construir seus sistemas de fé. As instituições perderam força e controle para ditar as crenças populares. Diante de uma proliferação de crenças, agora, diz Hervieu-Léger,

---

<sup>242</sup> TWENGE, 2018, p. 165.

<sup>243</sup> RIBEIRO, Flávio Augusto Senra. Crise e emancipação no horizonte das espiritualidades não religiosas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 654-657, jul./set. 2014. p. 654. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2014v12n35p654>.

<sup>244</sup> ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. p. 165.

<sup>245</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 53.

<sup>246</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 175.

é comum acharmos pessoas “sem adesão a uma instituição particular”.<sup>247</sup> Os desigrejados são um exemplo.

Assim como mudou a forma de crença das pessoas que assumem autonomia diante da instituição religiosa, Hervieu-Léger também mostra que essa situação acarreta o fim das identidades religiosas herdadas. Diante da disseminação de crenças, hoje mudou a forma de se fazer a transmissão da religião entre as pessoas, entre as gerações. Hervieu-Léger diz que é no movimento de sua transmissão, de uma geração para a outra, que a religião se firma no tempo. Essa transmissão era natural nas famílias tempos atrás. A tradição religiosa era transmitida de pai para filho. Hoje não é mais, ou seja, a religião tornou-se uma escolha pessoal e não mais uma herança familiar. Hervieu-Léger afirma a mesma teoria defendida também por Vieira: que a sociedade vive uma crise na transmissão da herança cultural.

Atualmente acontece um fenômeno complexo de crise na transmissão da tradição religiosa (herança cultural). As pessoas hoje tendem a ser regidas pela ideia do imediato. A autora diz que esse enfraquecimento das identidades herdadas acontece na transmissão religiosa. As pessoas constroem suas próprias identidades socioreligiosas a partir de diversas escolhas, dos mais variados recursos simbólicos que têm à disposição. Ficou fácil para as pessoas abandonar uma religião e dois motivos levam a esse cenário: as instituições religiosas não regulam mais a sociedade e também ficaram frágeis os processos tradicionais de identificação religiosa.

As pessoas escolhem viver sem religião ou tendem a fazer uma nova escolha religiosa. Há nova mobilidade de pertença, há a desregulação dos procedimentos da transmissão religiosa e a individualização das formas de identificação religiosa.<sup>248</sup> Essa nova visão está de acordo com a escolha do ser humano pensar a si mesmo como individualidade e buscar uma identidade pessoal e não mais uma identidade herdada pela religião institucional ou transmitida pela família.<sup>249</sup>

---

<sup>247</sup>HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 56.

<sup>248</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 85.

<sup>249</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 60.

#### 4.4 ASPECTOS QUE EXPLICAM A CRISE INSTITUCIONAL

A crise que as instituições religiosas atravessam precisa ser vista sob a forma como as pessoas resolveram viver a religiosidade, sem ser membros de uma igreja institucionalizada. A saída de uma religião ou denominação é desencadeada pela discordância de preceitos e doutrinas.

Muitas pessoas que abandonam uma fé o fazem porque perderam a credibilidade em um sistema ou porque acreditam que é possível adotar, em suas vidas, uma fórmula simples que conjuga flexibilização de normas e desenvolvimento de uma ética – ainda que carregada por símbolos religiosos – muito particular e desinstitucionalizada sob o ponto de vista da declaração de pertença.<sup>250</sup>

A sociedade passa por uma época de mudança de hábitos, valores, concepções e práticas. Existem novos valores na música, na educação, na literatura, na arte, nos filmes, nas novelas, no comportamento, no trato com as pessoas e na religião. É um tempo no qual valores educacionais, econômicos, sociais, políticos, morais e religiosos são contestados e outros são propostos para o lugar. Atualmente a prática da religiosidade tem seis características diversas como a aversão à tutela institucional, o fim da verdade absoluta, o individualismo, a religiosidade emotiva, o pluralismo e o pragmatismo. Todos esses aspectos ajudam a explicar a crise institucional das igrejas e a evasão dos membros.

A primeira característica que se percebe no universo religioso atualmente é a aversão à tutela institucional. As pessoas são autônomas no exercício das crenças. As pessoas dizem que acreditam em Deus, mas querem distância da instituição igreja. O grande exemplo são as pessoas desigrejadas que não acreditam na igreja institucional como acreditavam anteriormente. Mas esse movimento diz que não deixou de cultuar a Deus. Por isso, muitos não vão aos templos, mas confessam a crença no sagrado e vivem a religiosidade de maneira autônoma, sozinhos, em suas casas, em pequenos grupos ou por meio de acompanhar cultos on-line (a igreja on-line será debatida mais adiante neste trabalho).

A segunda característica é o fim da verdade absoluta. A sociedade procura o que funciona sem querer saber se é certo ou errado. A religiosidade tornou-se

---

<sup>250</sup> BARTZ, Alessandro; BOBSIN, Oneide; SINNER, Rudolf von. Mobilidade religiosa no Brasil: conversão ou trânsito religioso? *In*: REBLIN, Iuri; SINNER, Rudolf von (org.). **Religião e Sociedade: desafios contemporâneos**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2012. p. 231-268. p. 245.

subjetiva, mudando a ideia do que é verdadeiro e falso uma vez que agora não se está preocupado com a verdade absoluta. Na visão das pessoas, não existe mais espaço para a verdade inquestionável.

A terceira característica é o individualismo. Para o sociólogo Mariano,<sup>251</sup> a oposição das pessoas às instituições, como é o caso das pessoas desigrejadas que rejeitam a igreja institucional, é por causa da valorização do individualismo. A desinstitucionalização é resultado do individualismo e da busca de autonomia diante de instituições que defendem valores extemporâneos e exigem elevados custos de seus filiados. Mariano afirma:

O crescimento do número de evangélicos não determinados se deve também à expansão da desvinculação desses religiosos de suas igrejas, situação em que o crente (nascido ou não em família evangélica) mantém a identidade e parte das crenças e práticas religiosas, mas opta por fazê-lo fora de qualquer instituição. Várias razões podem estar contribuindo para seu avanço, entre as quais: a massiva difusão do individualismo, responsável aqui e alhures pelo paulatino desmanche dos coletivos sociais; a busca de autonomia pessoal em relação a poderes hierocráticos e à tentativa de imposição institucional de moralidades tradicionalistas e de costumes sectários; a avaliação, por um lado, como sendo excessivos os custos de tais laços e compromissos religiosos, bem como, por outro lado, a fragilidade de parte dos vínculos sociais e religiosos formados em e por igrejas cujas estratégias de recrutamento residem prioritariamente no uso do tele evangelismo e na oferta de serviços mágicos para atrair as massas. Além disso, a banalização e o recrudescimento do trânsito religioso nas últimas décadas tendem a contribuir para fragilizar os laços e os compromissos religiosos, já que entreabrem a porta para novas defecções e para a adoção de opções religiosas individualistas, subjetivistas e idiossincráticas de tipo instrumental ou self-service.<sup>252</sup>

Santos<sup>253</sup> também comenta sobre a autonomia e o individualismo. Diz que a ideia da não necessidade de controle coletivo e da autonomia individual é o aspecto central do discurso daqueles que decidiram viver a fé apartado das prerrogativas institucionais eclesiástica. Essa autonomia na vivência da religiosidade é comentada ainda por Hervieu-Léger que afirma que a visão sociológica sobre religião e modernidade foi ampliada, sendo atualmente vista em dois aspectos. Primeiro, pelo aspecto da dispersão das crenças e das condutas. Segundo, pela desregulação institucional da religiosidade.

---

<sup>251</sup> MARIANO, 2013, p. 127.

<sup>252</sup> MARIANO, 2013, p. 128.

<sup>253</sup> SANTOS, Douglas Souza. **Desigrejados**: um caso de reconfiguração religiosa entre os evangélicos brasileiros no contexto da modernidade radicalizada. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018. p. 52.

Hoje se passou a ter mais interesse em se estudar a religião pelo processo de decomposição e de recomposição das crenças que não se relacionam com o âmbito da verificação e da experimentação, mas encontra a sua razão de ser no fato de darem um sentido à experiência subjetiva dos indivíduos. Redescobre-se que tais crenças pertencem a práticas, linguagens, gestos automatismos espontâneos que constituem o 'crer' contemporâneo. Permanece-se na singularidade das construções de crenças individuais, em seu caráter maleável, fluido e disperso, na lógica dos empréstimos e reutilizações de que as grandes tradições religiosas históricas são objeto.<sup>254</sup>

Ainda explicando sobre a autonomia e a emancipação, Hervieu-Léger fala sobre laicização das sociedades modernas. Laicização implica dizer que a vida social é, cada vez menos, submetida a regras ditadas por uma instituição religiosa. Hervieu-Léger explica que a religião, ao contrário de períodos históricos anteriores, não oferece mais à sociedade as referências, normas, valores que deem sentido à existência humana. “Na modernidade, a tradição religiosa não constitui mais um código de sentido que se impõe a todos.”<sup>255</sup> Hervieu-Léger diz ainda que moderno não é o fato de as pessoas se apegarem ou se afastarem da religião, mas é o fato de que se tornou ilegítima a pretensão de que a religião deva governar a vida das pessoas. Crer e participar de uma ação religiosa são assuntos de opção pessoal que dependem da consciência individual. A religião não mais pode impor normas e crenças. As pessoas desigrejadas são o exemplo de grupo que não seguem mais o modelo institucionalizado de religião.

A quarta característica é a religiosidade emotiva, baseada no sentimento e não no conhecimento. Isso gera pessoas egoístas, individualistas, com uma religiosidade subjetiva onde se rejeita a reflexão racional e usa os sentimentos e desejos como critério de validação das ideias. As pessoas se deixam levar pelas emoções.

A quinta característica dos tempos atuais é o pragmatismo. MacArthur diz que a igreja evangélica assimilou a filosofia mundana do pragmatismo e que isso traz resultados amargos. Ele conceitua o pragmatismo como uma noção de que o significado ou valor é determinado pelas consequências práticas.

O pragmatismo tem suas raízes no darwinismo e no humanismo secular. É relativista, rejeitando a noção dos absolutos – certo e errado, bem e mal, verdade e erro. O pragmatismo define a verdade como aquilo que é útil, significativo e benéfico. As ideias que não parecem úteis ou relevantes são rejeitadas como sendo falsas. [...] Quando o pragmatismo é utilizado para

---

<sup>254</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 23.

<sup>255</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 34.

formularmos juízos acerca do certo, da teologia e do ministério, acaba colidindo com as Escrituras. A verdade espiritual e bíblica não é determinada baseado no que funciona ou que não funciona.<sup>256</sup>

Buscando as consequências práticas, atualmente existe a ideia da satisfação pessoal que deve ser vivida aqui e agora. Passa pelo imaginário popular que o que se pode obter no momento é mais importante do que os resultados a longo prazo. As práticas são avaliadas em função do que podem produzir. Vive-se em uma época de mudança de valores. Bauman diz que o sentimento hedonista e do eu primeiro governa o mundo. O hedonismo é um tipo de filosofia, que surgiu na Grécia, que busca o prazer como estilo de vida, sendo este considerado o bem supremo. “A alta dos sentimentos hedonísticos e do eu primeiro são fenômenos que, sem dúvida, se destacam entre as marcas de nosso tempo.”<sup>257</sup> Para atingir o hedonismo, as pessoas podem ser tornar pragmáticas e egoístas, pois enxergam somente suas prioridades. Além de egoísta, o hedonista é ainda individualista, pois sempre busca suas prioridades.

A sexta característica é pluralismo onde todas as ideias e comportamentos devem ser acolhidos sem questionamento, mesmo que haja contradição com valores bíblicos, por exemplo. Ou seja, há uma aceitação geral de ideias sem contestação.

Existe a prática da religiosidade afastada das instituições religiosas. Hoje existe uma mudança no comportamento das pessoas que é fruto de uma cosmovisão que nega as maneiras tradicionais de viver a religiosidade. As pessoas afirmam que podem viver a religiosidade como melhor lhe parecer. Essa concepção deve ser entendida a partir da visão contemporânea onde as pessoas têm à disposição muita informação, muitas religiões para escolher, avanço científico e tecnológico.<sup>258</sup>

Além das seis características citadas, existem mais razões para a não pertença e para a crise institucional pela qual as igrejas atravessam. Os problemas são particulares e variados como dificuldades com a liderança da igreja (abuso espiritual), ativismo religioso exagerado imposto pela comunidade da qual se faz parte, ausência de diálogo da igreja com a sociedade, ausência de assistencialismo social, a pessoa que se dedica ao estudo teológico (que traz novo olhar sobre as

---

<sup>256</sup> MACARTHUR, John. **Com vergonha do evangelho**: quando a igreja se torna como o mundo. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2016. p. 7.

<sup>257</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 36.

<sup>258</sup> BINALVES, César Lucas. **Desigrejados e a desinstitucionalização**. São Paulo: Editora Fiel, 2021. p. 35.

igrejas) e isso a faz se afastar da comunidade por criticá-la, falta de união entre as igrejas evangélicas e algumas igrejas ter se tornado empresas.<sup>259</sup> Esse cenário religioso nacional mostra as pessoas buscando autonomia, agindo como sujeitos de suas narrativas e optando por se desvincular da instituição. Mais uma vez cabe citar as pessoas desigrejadas como exemplo dentro desse universo apresentado.

Avançam a crise de transmissão das tradições religiosas, a tendência de individualização e subjetivação das crenças, a fragilização das pertencas e identidades religiosas, a mobilidade religiosa e a bricolagem idiossincrática e privatizante de crenças, práticas e experiências religiosas. Tais fenômenos não são necessariamente prejudiciais à 'religiosidade' em si mesma, mas são, com certeza, às instituições religiosas tradicionais e às suas pretensões de dominação religiosa e sociocultural.<sup>260</sup>

Mariano comenta sobre outros aspectos que ajudam a explicar a crise institucional que as igrejas atravessam hoje. Diz que é provável que a desvinculação institucional cresceu naquela parcela de pessoas que foram beneficiadas pela elevação da renda e por ter acesso a mais oportunidades de emprego no mercado formal de trabalho. Fazendo uma comparação entre desinstitucionalizados e pentecostais, Mariano afirma que o crescimento pentecostal acontece porque as pessoas têm privação socioeconômica e estão sujeitas às vulnerabilidades sociais e pessoais por causa disso. Ou seja, que a falta de dinheiro e a pobreza das pessoas faz com que busquem as igrejas pentecostais. Ele diz que a igreja pentecostal perde poder, diminui o apelo evangelístico e perde a capacidade de reter parte dos adeptos quando as pessoas melhoram de vida, uma vez que têm empoderamento social e econômico.

Se a expansão pentecostal, por exemplo, continua a ser considerada como estando em estreita ligação com a privação socioeconômica e as vulnerabilidades sociais e pessoais dela derivadas, resulta que o empoderamento social e econômico pode diminuir o apelo evangelístico dessa religião e sua capacidade de reter parte dos adeptos de que se empoderaram.<sup>261</sup>

A pesquisadora faz uma crítica à essa posição de Mariano. Em parte, essa visão pode acontecer, mas não no todo. Ou seja, não se pode negar que a busca por crescimento financeiro possa aproximar a pessoa da igreja. Em outras palavras, que a pessoa busca a igreja porque é pobre e precisa de ajuda como uma cesta básica,

---

<sup>259</sup> REIS, 2014, p. 28.

<sup>260</sup> MARIANO, 2013, p. 128.

<sup>261</sup> MARIANO, 2013, p. 129.

por exemplo. Algumas igrejas também ajudam a população com outros serviços como assessoria jurídica, atendimento psicológico, aconselhamento, cursos gratuitos profissionalizantes (costura, informática, música), entre outros projetos sociais. Então, é verdade que as pessoas carentes podem procurar a igreja pelos serviços oferecidos. Mas também não se pode afirmar que esse seja o ponto central de aproximação de todas as pessoas das igrejas pentecostais. Mariano desconsiderou que as pessoas buscam a igreja porque entendem que precisam de Deus. Buscam o divino e a igreja não somente por causa da pobreza, mas porque sentem necessidade de sentido para a existência e têm a vida transformada por Deus.

Não se pode negar que a pobreza aproxima a pessoa da igreja porque esta oferece vários projetos sociais de ajuda à comunidade carente. A pessoa pode até vir para a igreja porque precisa de ajuda por causa da pobreza, mas permanece porque encontra ali sentido para a vida e relacionamento pessoal com o divino. A pesquisadora também discorda de Mariano entendendo que o afastamento da igreja não se explica porque a pessoa deixou de ser pobre, melhorando a qualidade de vida, e deixando de depender dos favores que a igreja proporciona por meio dos projetos sociais. O afastamento de igreja institucional se explica por causa da crise axiológica.

As principais conclusões deste capítulo são a crise de pertencimento religioso que a sociedade atravessa na contemporaneidade e os reflexos dessa questão nas igrejas evangélicas. Outra conclusão é que mudou a forma tradicional de buscar o sagrado. Antes era de maneira institucional e agora os evangélicos vivem uma religiosidade autônoma. Concluiu-se ainda que as sociedades passam por mudanças globais, o que afeta o pensamento e o comportamento religioso das pessoas. Hoje a religião é institucional e praticada de forma coletiva e a religiosidade apresenta o aspecto individual. Surgiu a desinstitucionalização e a destradicionalização da religião a partir dessas mudanças. Nesse cenário, os pontos não são soltos, mas se influenciam mutuamente. Por exemplo, esta pesquisa percebeu que a falta de vínculo institucional dos evangélicos sem igreja gera a queda da pertença religiosa e as crises decorrentes disso como a evasão dos templos.

O capítulo finaliza com a análise de que existe o fim do vínculo, a ruptura da tradição e dos valores que antes embasavam a cosmovisão das pessoas. Isso gerou o desigrejamento. Por fim, com esta pesquisa percebeu-se que a crise institucional precisa ser entendida em uma análise mais ampla por ser parte da axiologia, ou seja,

uma crise no sentido de vida que a sociedade atravessa. A contemporaneidade revelou uma sociedade vivenciando uma crise de sentido que gera uma crise dentro das igrejas evangélicas. No campo religioso, o que se vê hoje é o crer ser pertencer (*believing without belonging*).<sup>262</sup>

Este capítulo explorou ainda alguns aspectos que buscam explicar a crise institucional das igrejas e a evasão dos membros que são a aversão à tutela institucional, o fim da verdade absoluta, o individualismo, a religiosidade emotiva, o pluralismo, o pragmatismo, o abuso espiritual da liderança, ativismo religioso imposto pela comunidade, ausência de diálogo da igreja com a sociedade, neopentecostalização da igreja, falta de união entre as igrejas evangélicas e a visão mercadológica de ministérios eclesiais.

O próximo capítulo é uma análise da igreja evangélica contemporânea à luz da Teologia Prática, o papel de cada parte (líderes eclesiais, membros em geral e pessoas desigrejadas) para resolver os problemas de evasão das igrejas e apontamentos de quatro possíveis caminhos (projetos) que podem se desenvolvidos pelos pastores e demais líderes para beneficiar o público desigrejado como o culto on-line, por exemplo.

---

<sup>262</sup> HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 53.



## **5 A TEOLOGIA PRÁTICA COMO FERRAMENTA PARA ANALISAR A IGREJA ATUAL DIANTE DO DESIGREJAMENTO**

Neste capítulo será debatida a importância da Teologia Prática para analisar a igreja evangélica na atualidade. Também o contraponto de teólogos que criticam o movimento de desigrejados (a visão de ser igreja, a visão de que o paganismo influenciou o cristianismo, a visão das pessoas desigrejadas sobre o templo, a falta de citação sobre os concílios da igreja, os problemas dos cristãos primitivos que não são citados pelas pessoas desigrejadas e as ideias de separação que a igreja cristã enfrentou ao longo do tempo).

Ainda serão apontadas, nesta parte, cinco possíveis maneiras de diálogo, mas não únicas soluções, para a questão do desigrejamento e da evasão. Entre as cinco propostas apresentadas, a autoavaliação que a liderança precisa fazer para resolver prováveis problemas da igreja (como o abuso espiritual) que levam à evasão, a educação religiosa, designar um grupo para fazer busca ativa dos membros faltosos, apoiar as reuniões nas casas que geram mais proximidade entre as pessoas e são mais informais e o investimento no culto on-line que pode ser uma ferramenta de aproximação do público desigrejado que não quer mais frequentar o templo presencialmente.

O culto virtual é apontado como uma das respostas ao desigrejamento porque é uma das maneiras que ainda pode aproximar esse público para que não perca, em definitivo, o vínculo com a igreja. Também porque as pessoas desigrejadas já têm um meio de agrupamento na internet. O culto virtual seria uma maneira de manter a comunidade evangélica agregada em um espaço que já lhe é conhecido e onde marca presença. O capítulo comenta sobre a necessidade de superar a resistência à transmissão do culto on-line, traz dicas práticas de como realizar o culto e mostra exemplos de duas igrejas que investem no ministério virtual. São elas: Igreja do Amor e Igreja Memorial Batista de Brasília.

As consequências do desigrejamento são a evasão nas igrejas, falta de comunhão, impossibilidade de aplicar disciplina bíblica em amor e pode acontecer possível esfriamento da religiosidade, ou seja, a pessoa abandonar a fé cristã. O desigrejamento é uma realidade que a igreja atravessa. Analisar esse movimento é

uma forma de entender o fato que agrava a crise do pertencimento religioso que afeta as igrejas evangélicas brasileiras. A liderança do segmento evangélico precisa buscar alternativa para o desigrejamento. É importante a liderança repensar a postura que adota na gestão eclesial e a Teologia Prática pode ajudar nessa avaliação. O líder precisa olhar para a comunidade com uma perspectiva de igreja inclusiva.

## 5.1 O PAPEL DA TEOLOGIA PRÁTICA HOJE DIANTE DO DESIGREJAMENTO

O conceito de Teologia Prática, segundo Libânio, é “o conjunto de disciplinas teológicas que buscam avaliação crítica, fundamentação teórica e planejamento da prática cristã como uma disciplina temática especial.”<sup>263</sup> São perspectivas (didática, retórica, jurídica, comunicativa e hermenêutica) que ajudam a analisar e organizar os mais distintos campos de ação da igreja como, entre outras funções, culto, pregação, a vivência da comunidade, diaconia e aconselhamento pastoral.<sup>264</sup> É uma disciplina que faz uma relação entre a teologia e a prática da fé. É a busca por encurtar a distância entre a hierarquia e a vida da igreja, servindo para aperfeiçoar o trabalho desta.

A Teologia Prática é importante nesse processo de análise das pessoas desigrejadas porque mostra a atuação da igreja contemporânea e também porque a Teologia precisa ser ponte a serviço da sociedade. A Teologia Prática ajuda na análise do movimento das pessoas desigrejadas porque pergunta em que medida se alcança a finalidade última da Teologia, a de se tornar prática eficaz da fé cristã.

Buscar sintonia com as mais diferentes correntes do pensamento é meta da Teologia Prática que ainda deve procurar uma práxis coerente com as necessidades do mundo, com a palavra de Deus e com a missão que a igreja desempenha. A Teologia Prática está à serviço da igreja. Esse serviço acontece na medida que a própria igreja está debaixo da obra de Jesus Cristo.

A Teologia Prática julga se a prática da igreja é coerente com os postulados e com o discurso religioso que ela emite. Nesse sentido, ela é a consciência crítica tanto da teologia quanto da igreja, que, para permanecer fiel à sua

---

<sup>263</sup> LIBÂNIO, 1998 *apud* ADAM, Júlio C.; SCHMIEDT, Valburga Streck; HERBES, Nilton E. Teologia Prática na Escola Superior de Teologia: um legado a ser explorado. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 227-248, jul./dez. 2016, p. 229. Disponível em: [http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/2868/pdf](http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2868/pdf). Acesso em: 22 mar. 2024.

<sup>264</sup> HARPPRECHT; ZWETSCH (org.), 2011, p. 19.

vocação, precisa ser *ecclesia semper reformanda*. A Teologia Prática pergunta se a igreja, como se apresenta hoje, corresponde à intenção original do Senhor da igreja. A igreja não pode se limitar a ouvir a crítica que procede do seu próprio meio. A Teologia Prática precisa ser porta-voz também daqueles que, de fora da igreja, apontam para a coerência ou a incoerência de sua prática. Como posto avançado de escuta da igreja, a Teologia Prática é advogada do mundo junto à igreja.<sup>265</sup>

Como afirma Zabatieiro,<sup>266</sup> Teologia Prática é discurso, ação comunicativa e atividade comunitária. Por meio da Teologia Prática a igreja precisa refletir sobre o atual momento e promover o diálogo com os diversos agentes sociais. No caso desta pesquisa, os agentes sociais estudados são as pessoas desigrejadas, um novo grupo que gerou uma nova prática de religiosidade. As pessoas desigrejadas se afirmam como um novo modelo de ser igreja cristã. Esse movimento questiona o padrão institucional de igreja por entender que não existe uma instituição pronta e adequada para ser membro. O surgimento de tantas estruturas eclesiais tem se tornado um desafio para as pessoas preocupadas com o rumo que a igreja vem tomando. Não basta apenas criticar os novos modelos. É preciso propor uma teologia adequada aos novos tempos. Refletir teologicamente é uma demanda importante que deve ser exercida.

## **5.2 CONTRAPONTO DE TEÓLOGOS AO MOVIMENTO DAS PESSOAS DESIGREJADAS**

Pesquisadores que estudam o movimento de desigrejamento questionam as ideias do grupo e propõe soluções para a evasão nas igrejas. Dentre as opiniões das pessoas desigrejadas, destaque para a frase que afirmam: “eu sou igreja”. Desse modo, justificam que não precisam ir ao templo. Também será analisada a visão das pessoas desigrejadas de que o cristianismo foi influenciado por filosofia pagã como a grega, sobre a organização da igreja, a visão de construir templos, a não menção sobre os concílios quando citam sobre as doutrinas, a hierarquia, os credos históricos, as confissões de fé da igreja cristã e o silêncio que fazem sobre os problemas vividos pela igreja primitiva quando idealizam os primeiros cristãos afirmando que querem viver como a igreja do primeiro século. Depois desses contrapontos, será mostrado que já existiam pessoas abandonando a fé desde o princípio da organização da

---

<sup>265</sup> HARPPRECHT; ZWETSCH, 2011. p. 32.

<sup>266</sup> ZABATIERO, 2005. p. 8.

comunidade cristã no século I. Serão mencionados versículos bíblicos para mostrar essa evasão entre os primeiros cristãos.

### 5.2.1 A visão “eu sou a igreja”

As pessoas desigrejadas afirmam que não precisam ir a um templo porque elas mesmas se entendem como a igreja de Jesus Cristo. É a visão descrita como “eu sou a igreja”. É necessário entender o real sentido do que é ser igreja e não a ideia de fazer parte de uma. Segundo Silva, não é bíblica a ideia de as pessoas desigrejadas dizerem “eu sou igreja”. Não existe igreja individual. A igreja é composta por todos os cristãos, que formam o corpo de Cristo. Cada pessoa é um membro do corpo. O ajuntamento do corpo forma a igreja. O vocábulo *ekklesia* pode ser traduzido por congregação e assembleia. Na maioria das vezes, segundo Ferreira e Myatt,<sup>267</sup> é traduzido como igreja. Na origem, a palavra *ekklesia* significava ajuntamento popular que eram as assembleias locais dos homens livres que tinham o direito de voto na Grécia antiga. No Novo Testamento, *ekklesia* designa congregações locais ou a comunidade dos redimidos, a igreja invisível e universal. No cristianismo primitivo, o conceito de *ekklesia* era teológico e não no sentido de uma organização como se vê na atualidade.

A palavra igreja é termo coletivo indicando agrupamento, conjunto, grupo. Não é individual, dupla ou trio. Ao dizer que sozinha é igreja, a pessoa proclama a independência do coletivo e cai na arrogância espiritual de achar que está acima da média. “Como ricos que não querem se misturar com pobres.”<sup>268</sup> Lopes também concorda com a afirmação de que ninguém é igreja sozinho. Diz que as pessoas que não querem frequentar uma igreja perguntam: se eu sou a igreja, por que tenho de ir ao templo?

Essa pergunta tem dois pressupostos errados. O primeiro é você pensar que você é igreja, no singular. A Bíblia nunca diz que você é igreja no singular. Quando a Bíblia se refere à igreja, se refere ao corpo de Cristo. Um corpo não tem só um membro. Um corpo não é feito só de um olho, de uma orelha, de um nariz ou de um braço, de uma perna ou de um dedo. Mas de uma coleção, de um conjunto de membros que, juntos, formam um corpo. Essa afirmação de que ‘eu sou igreja’, se você quer dizer que individualmente você é igreja, é um conceito antibíblico. Nós somos a igreja. No mundo, a igreja é a reunião, o ajuntamento de todos aqueles que professam fé no Senhor Jesus

---

<sup>267</sup> FERREIRA; MYATT, 2007. p. 948.

<sup>268</sup> SILVA, 2022.

Cristo [...]. O ajuntamento dessas pessoas é o corpo de Cristo no mundo. Esse é o primeiro erro por trás dessa afirmação. Você sozinho não é igreja, mas junto com outros membros forma o corpo de Cristo que é a igreja.<sup>269</sup>

Para Lopes, o segundo erro é pensar que templo é igreja. Templo é uma construção que foi feita com o objetivo de abrigar esse ajuntamento que é a igreja. Pode existir igreja sem templo. Os cristãos podem se reunir como igreja em uma sala alugada, na praça, na praia, numa fazenda, ao ar livre, em casas, onde eles quiserem. O templo é uma comodidade que facilita o ajuntamento.

Para DeYoung, as pessoas que não se interessam mais em participar da reunião física no templo querem viver sem compromisso. Ele afirma que a impressão que dá é que “as pessoas querem comunhão sem compromisso. Querem aprender mais umas com as outras, sem ser ensinadas por ninguém.”<sup>270</sup>

Na mesma direção de concordância com Lopes e com Silva está Nee que afirma que “o Espírito Santo não é dado a pessoas individuais, mas a membros do corpo.”<sup>271</sup> Completando essa ideia, Jacobsen afirma: “pessoas (...) que estão florescendo na vida de Jesus sentem vontade de estar em comunhão com quem professa a mesma fé. Será que irá perdurar, por muito tempo, a vida de autoajuda?”<sup>272</sup> E completa afirmando que uma árvore isolada pode ser derrubada facilmente, mas não se pode derrubar facilmente toda a floresta.<sup>273</sup> Nee, estudioso sobre a igreja, diz que envolver-se na comunhão da igreja local é participar da comunhão do corpo de Cristo, que não é algo abstrato e insondável. O corpo é manifestado nas igrejas locais. “Quem quer viver no corpo de modo prático precisa estar numa igreja local. Ele deve ter comunhão com os santos locais, ser aperfeiçoado na igreja local e ser edificado em mutualidade.”<sup>274</sup>

Outra crítica que as pessoas desigrejadas recebem é a falta de limites. A impressão que fica, de acordo com Lopes, é que são contra qualquer sistema que os imponha limites. Na verdade, não são contra a institucionalização da igreja. Buscam

<sup>269</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. Se eu sou a igreja, por que tenho que ir a templos? **Youtube**, 23 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u39kGAYGHUU>. Acesso em: 1 set. 2022.

<sup>270</sup> DEYOUNG, 2010, p. 20.

<sup>271</sup> NEE, Watchman. **O Mistério de Cristo**. São Paulo: Árvore da Vida, 2004. p. 69.

<sup>272</sup> JACOBSEN, Wayne; COLEMAN, Dave. **Por que você não quer mais ir à igreja?** Rio de Janeiro: Sextante, 2009. p. 138.

<sup>273</sup> NEE, 2004, p. 34.

<sup>274</sup> NEE, 2004, p. 81.

ser cristãos do jeito que entendem. Querem acreditar no que quiser e agir como desejar. Querem experimentar de tudo na vida sem receio de penalizações e correções. “Esse tipo de atitude anti-instituição, antidisciplina, antirregas, antiautoridade, antilimites de todo tipo se encaixa na mentalidade secular e revolucionária de nosso tempo, que entra nas igrejas travestida de cristianismo.”<sup>275</sup> As pessoas desigrejadas se mostram autossuficientes (se dizem capazes de desenvolver a fé sem igreja e sem ajuda de liderança), soberbas (não aceitam disciplina e exortação), difamadoras (julgam e denigrem a imagem de igrejas e líderes) e inquietas.<sup>276</sup>

### 5.2.2 A visão de que o cristianismo foi influenciado pelo paganismo

Outra visão bastante difundida na comunidade de pessoas desigrejadas é a de que o cristianismo autêntico e bíblico não existe mais por ter sido influenciado pelo paganismo. A comunidade fala sobre a influência da filosofia grega na igreja primitiva. Sobre a busca por um cristianismo mais puro e próximo da forma original, como pregam as pessoas desigrejadas, é preciso dizer que o modelo original, que se chama igreja primitiva, já nasceu organizado e não era isento de problemas. O que precisa ser questionado é a liberdade sem limite que buscam. Porque as pessoas desigrejadas buscam ser cristãos do jeito delas, querem acreditar no que quiser e viver do jeito que acham correto, sem ter que prestar contas aos líderes e sem se submeter a disciplina em amor que é uma recomendação bíblica.

Pertencer a uma igreja organizada, especialmente àquelas que historicamente são confessionais e que têm autoridades constituídas, conselhos e concílios, significa submeter as ideias e a maneira de viver ao crivo do Evangelho, conforme entendido pelo cristianismo histórico. Cristianismo sem igreja não se alinha com a concepção apresentada no Novo Testamento. Muitas pessoas não aceitam obedecer a Cristo e à Sua Palavra.

Muitas pessoas desigrejadas concordam com as ideias de Viola, um americano que é contra a igreja institucionalizada e que defende o fechamento dos

---

<sup>275</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. Os Desigrejados. **Tempora! Mores!** 2010. Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com.br/2010/04/os-desigrejados.html>. Acesso em: 22 abr. 2018.

<sup>276</sup> CASTRO, Napoleão de. Cristãos desigrejados. Disponível em: <https://adalagoas.com.br/blogs/pr-napoleao-de-castro/12401/cristaos-desigrejados>. Acesso em: 15 jul. 2022.

templos. Mas Viola recebe críticas porque as ideias dele não têm base histórica. Campos é um dos críticos de Viola. O desconstrói ao perguntar se as ideias de Viola são inconsistência. Campos diz que o

[...] argumento central de Viola é que o cristianismo foi influenciado pelo paganismo grego e que este entrou na igreja por meio dos teólogos gentílicos que, em face de suas tradições helenísticas, incorporaram na liturgia cristã aspectos dos cultos pagãos gregos. Desta forma, elementos como o sermão, o clero, o púlpito, as vestes clericais, os corais, tudo, enfim, foi influenciado pelo helenismo. Portanto, é de fundo pagão e inadequado para a igreja de Cristo.<sup>277</sup>

Campos comenta que a argumentação de Viola é falha, pois não entende que os teólogos gentílicos fizeram mal à igreja, como ele afirma. Esses teólogos são os mesmos que definiram o cânon do Novo Testamento, no ano de 392 d.C., em Cartago. E o cânon do Novo Testamento não é rejeitado por Viola. Ele rejeita a liturgia do culto e a estrutura hierárquica da igreja que diz estar contaminada pelo paganismo, mas aceita o cânon neotestamentário que foi fechado pelos teólogos do século quatro. Campos questiona: “o Novo Testamento seria então um produto da mente de pagãos helênicos?”<sup>278</sup> O Novo Testamento foi escrito em grego. Ao usar a língua, os autores estavam aderindo à cultura pagã? Campos entende que não. O uso da língua grega era natural à época. A Grécia dominava culturalmente o Império Romano, assim como os romanos dominavam politicamente.

Viola<sup>279</sup> afirma ainda que os gregos influenciaram o cristianismo. Isso é verdade, mas ele não citou que os romanos e os judeus, de igual modo, também influenciaram os cristãos. E essa influência não se deu a partir do segundo século, mas já na primeira igreja narrada no livro de Atos. Ou seja, Viola defende que a igreja do século XXI siga o modelo de vida e de culto da igreja do século I. Mas essa primeira igreja já vivia influenciada pelas culturas dos povos romanos, judeus e gregos, conforme explica Cairns.<sup>280</sup>

---

<sup>277</sup> CAMPOS, 2017. p. 221.

<sup>278</sup> CAMPOS, 2017, p. 221.

<sup>279</sup> VIOLA, 2009, p. 44.

<sup>280</sup> CAIRNS, Earle. **O cristianismo através dos séculos**. Uma história da igreja cristã. 3ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 31.

### 5.2.3 Sobre a organização da igreja

As pessoas desigrejadas querem viver nos moldes da igreja primitiva (bíblica). Eles são contra a organização da igreja que chamam de institucionalizada. São contra, por exemplo, o título de pastor, os cargos, o dízimo, o templo, a tesouraria e a igreja ter um CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica). São contra toda a organização atual da igreja cristã. Afirmam que a igreja bíblica não possuía essas características. Essa crítica das pessoas desigrejadas não tem respaldo bíblico, pois na igreja havia distribuição de cargos (funções) e tarefas.

Davis<sup>281</sup> afirma que os apóstolos ocupavam uma posição especial de autoridade (At 5:2; At 6:6; 1 Co 12:28; Ef 2:20; 2 Pe 3:2). Mas os apóstolos não eram os únicos no governo da igreja. Os anciãos (ou bispos) e os diáconos também exerciam funções de governo (At 15: 2, 4, 6, 22, 23; 1 Tm 4:14; 1 Pe 5:1). O trabalho era bem definido e organizado, ao contrário do que as pessoas desigrejadas afirmam. Os apóstolos, quando era necessário, nomeavam comissões para serviços específicos (1 Tm 1:3; Tt 1:5).

As pessoas desigrejadas, como Frank Viola, pregam que a igreja orgânica segue a primitiva. As reuniões são abertas e sem um protocolo, sem que ninguém faça uma ordem no culto para que todos sigam como abertura, leitura bíblica, oração, música, sermão do pastor e bênção apostólica. Viola defende um culto onde cada pessoa participa como e quando desejar. Mas a igreja primitiva tinha uma ordem na reunião. O culto era ordenado com pregação (Mt 28.20; At 20.7; 1 Co 14.19,20-36), leitura da Escritura (Tg 1:22; 1 Ts 5:27; At 13:15), oração (1 Co 14:14,16), cânticos (Ef 5:19), batismo e ceia (Mt 28:19; At 2:41; 1 Co 11:18-34) e ofertas (1 Co 16:1,2). A igreja era fundada pela pedra angular que é Cristo e dirigida pela doutrina dos apóstolos. Tinha regra, princípio, programa e uma ordem. Tinha dia e horário específicos para as reuniões acontecerem. Havia bispos e presbíteros para dirigir o trabalho. Ela era fundamentada na doutrina dos apóstolos e organizada. Está errada a visão que diz que o Espírito Santo veio e cada pessoa fez o que desejou, como defende Viola. Os textos do Novo Testamento mostram que a igreja era organizada e fundamentada.

---

<sup>281</sup> DAVIS, John. **Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 593.

Cairns<sup>282</sup> corrobora com informações que confirmam que a igreja primitiva era organizada e tinha governo próprio. Ao contrário do que as pessoas desigrejadas afirmam, a igreja possuía estrutura, hierarquia, ritual e liderança. Cairns comenta que os apóstolos desenvolveram a igreja como organização, sob a direção do Espírito Santo. O cristão fazia parte de um organismo. No governo da igreja, os apóstolos criaram cargos com critérios definidos. Atos 6.3-5 narra os critérios para a seleção. Era uma eleição de caráter popular e democrático porque todos participavam. Os oficiais eram divididos em duas classes que Cairns<sup>283</sup> denomina de carismáticos e administrativos. Aos oficiais carismáticos cabia a função inspiradora e espiritual da pregação. A responsabilidade principal era preservar o Evangelho. O apóstolo Paulo dividiu em cinco categorias: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. E os exemplos foram Pedro, Tiago, João, André, Filipe, Tiago o Menor, Judas, Matias, Simão, Bartolomeu e Mateus. As mulheres não atuavam como oficiais carismáticos, com exceção da função de profeta, pois sabe-se de mulheres como profetizas (1 Co 11:5).<sup>284</sup> A função dos profetas era pregar o Evangelho e predizer o futuro. Ao evangelista cabia a tarefa de ser um missionário itinerante e pregar em áreas ainda não atingidas pelo Evangelho. Um exemplo é Filipe. Já os cargos de pastor e mestre não se sabe se eram exercidos pela mesma pessoa ou por duas pessoas diferentes.

Quanto aos oficiais administrativos, a função era cuidar administrativamente da igreja. Nesse cargo, homens e mulheres atuavam. Essa função foi criada para ajudar os apóstolos porque a igreja crescia e eles estavam sobrecarregados. A divisão dos oficiais administrativos era ancião (ou presbítero) e diácono. Cabia ao presbítero a tarefa da direção do culto, a boa administração e zelar pela disciplina da igreja. Cairns<sup>285</sup> afirma que os diáconos eram subordinados aos presbíteros. O trabalho do diácono era exercer a caridade e ajudar os presbíteros a distribuir a ceia. Os exemplos são Estevão e Felipe. As mulheres eram diaconisas. O apóstolo Paulo comenta sobre a diaconisa Febe (Rm 16.1-2) e as filhas do evangelista Felipe (At 21.9), cujos nomes não são mencionados. Na igreja cristã na cidade de Corinto, na Grécia, as mulheres participavam da oração comum e das mensagens proféticas (1 Co 11.5).

---

<sup>282</sup> CAIRNS, 2008, p. 67.

<sup>283</sup> CAIRNS, 2008, p. 68.

<sup>284</sup> CAIRNS, 2008, p. 69.

<sup>285</sup> CAIRNS, 2008, p. 70.

A prática do culto<sup>286</sup> na igreja primitiva mostra que a comunidade era organizada, ao contrário do que pregam as pessoas desigrejadas que não aceitam a ordem cultica que hoje vemos nos templos. Paulo dizia para a igreja de Corinto que o culto deveria ser decente e ordeiro. A igreja era vista como um corpo de pessoas que tinham relação pessoal com Deus. O culto era realizado em casas (At 12.12; Rm 16.5 Cl 4.15), templo/alpendre de Salomão (At 5.12), auditório de escolas (At 19.9) e sinagogas (At 14.1; At 17.1; At 18.1 e 4).

Pessoas desigrejadas criticam a forma como a igreja se organiza atualmente e pregam a volta ao modelo de culto primitivo. Mas a igreja primitiva tinha estrutura parecida com a atual, guardando as devidas proporções históricas. Um exemplo é o dia de culto. Os cristãos realizavam dois cultos no domingo. Um pela manhã e outro à noite. A alimentação era em comum no momento do banquete e da ceia. O banquete do amor ou ágape<sup>287</sup> vinha antes da ceia no culto da noite. Essa prática do banquete desapareceu no final do século I. Os que não pudessem participar do culto recebiam a ceia do mesmo modo porque os diáconos a distribuíam. Havia a prática de tirar coleta para viúvas, órfãos, doentes, prisioneiros e estrangeiros.

As pessoas desigrejadas querem ser iguais aos cristãos do primeiro século e são contrários à prática da ajuda financeira para a manutenção da administração eclesiástica, mas os igreja primitiva ajudava financeiramente os trabalhos. Os fiéis cooperavam financeiramente para o seguimento das atividades diárias. O dinheiro arrecadado era doado de forma voluntária pelos cristãos e servia para ajudar aos necessitados. Lopes<sup>288</sup> comenta sobre a igreja de Coríntios dizendo que o dinheiro recolhido entre essa comunidade foi encaminhado para cristãos da Judeia (1 Co 16.1-3). Comentando sobre a oferta, a necessidade de união de Coríntios e os quatro partidos internos dentro da igreja, Lopes diz que os coríntios estavam rompendo com a unidade. Uns se diziam de Paulo, outros de Cefas, outros de Cristo e outros de Apolo. Essas quatro divisões mostravam a desunião. Os cristãos que se diziam seguidores de Cristo, segundo Lopes, se vangloriavam se ser muito espirituais e de seguir só a Cristo e não a homens. O apóstolo Paulo os criticou por serem arrogantes. Lopes<sup>289</sup> diz que hoje esse grupo que se dizia ser de Cristo seria aqueles grupos que

---

<sup>286</sup> CAIRNS, 2008, p. 70.

<sup>287</sup> CAIRNS, 2008, p. 71.

<sup>288</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. **Uma igreja complicada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 17.

<sup>289</sup> LOPES, 2011, p. 22.

reagem às igrejas institucionalizadas e às denominações e que criam grupos e comunidades sem nome e formam mais uma denominação ou igreja.

Ao trazer fatos históricos com embasamento bíblico, as teses de Frank Viola não se sustentam. Ele não tem embasamento histórico sólido o suficiente para condenar a igreja institucional. Como explica Erickson,<sup>290</sup> as funções da igreja são fazer evangelismo, edificação das pessoas, adoração a Deus e ação social.

Assim como Campos, DeYoung também discorda de Viola, que afirma que os cristãos primitivos não tinham a estrutura que a igreja tem hoje. A programação do culto é criticada por Viola. DeYoung afirma que a reconstrução que Viola faz da igreja primitiva é equivocada. A reunião era estruturada, ao contrário do que Viola prega. A adoração não estava destituída de ritual e estrutura. Ao contrário do que Viola afirma, há evidências de padrões em todos os atos da igreja primitiva narrados na Bíblia. Existem diversos exemplos sobre isso, como aponta DeYoung:<sup>291</sup> a refeição santa (ceia) era uma celebração que sempre se repetia, acusando um padrão seguido. O batismo também era comum e acontecia repetidas vezes. O dia separado (Dia do Senhor, conforme Ap1:10) mostra que os cristãos tinham a rotina de se ajuntar em um dia certo. Plínio e Justino Mártir também são referências históricas que comentaram sobre esse dia. A igreja primitiva organizava um modelo de culto. Viola diz o contrário, afirmando que a igreja primitiva não tinha uma estrutura organizada e nem um padrão pré-estabelecido de culto e rotina. Diz que a igreja hoje não precisa de liturgia pré-fixada e que os cristãos primitivos tinham um encontro “aberto e participativo”.<sup>292</sup> Mas os textos neotestamentários e as pesquisas em torno desse tema mostram o oposto.

Nos cultos, os cristãos bíblicos tinham uma programação com salmos, hinos e cânticos (Ef 5:18-20). Havia recitação de poemas (Fp 2:6-11; Cl 1:15-20; 1 Tm 3:16). Havia ensino e leitura do Antigo Testamento (1 Tm 4:13). Epístolas contemporâneas também eram lidas (1 Ts 5:27). A doxologia ainda incluía améns litúrgicos (1 Co 14:16), bênçãos (Gl 6:18) e o beijo santo (Rm 16:16). E os cristãos perseveravam em oração (At 2:42). Na igreja do século I, existiam padrões e estrutura no culto.

Nossa adoração não precisa ser idêntica à da igreja primitiva, especialmente quando saímos do Novo Testamento e verificamos o testemunho dos pais da igreja. Mas defender que um culto de adoração completamente espontâneo,

---

<sup>290</sup> ERICKSON, 2015. p. 1014.

<sup>291</sup> DEYOUNG, 2010, p. 133.

<sup>292</sup> VIOLA, 2009, p. 66.

não estruturado, antilitúrgico e 'novo a cada semana' era o que acontecia nos primeiros séculos da igreja é uma argumentação contrária aos fatos históricos.<sup>293</sup>

#### 5.2.4 A visão sobre o templo

Por criticar os templos, Viola defende que a igreja atual deve voltar-se para o modelo descrito no livro de Atos, quando os cristãos se reuniam em residências. Ele diz que atualmente muito dinheiro é gasto na manutenção das basílicas e que esse sistema não é neotestamentário. Na primeira igreja, os cristãos se reuniam nas casas. Mas isso não significa que não é permitido se reunir em templos, pois a Bíblia não proíbe o uso dos mesmos. Sobre a inexistência do uso do templo pelos primeiros cristãos, Campos afirma que foi por causa da perseguição. Os cristãos tinham as suas casas invadidas e eram presos. “Se as reuniões domésticas eram alvos de ataques, então, se templos fossem construídos? Se a casa não era respeitada, como construir templos?”<sup>294</sup>

DeYoung também cita que os cristãos não tinham templos por causa da perseguição. Afirma que os cristãos se reuniram em casas, por trezentos anos, porque sua fé era ilegal. “Não havia outro lugar onde pudessem se encontrar, razão pela qual os prédios começaram a surgir depois de Constantino ter descriminalizado o cristianismo.”<sup>295</sup> A situação financeira dos primeiros cristãos também precisa ser levada em conta, pois era uma massa de pessoas pobres. Existiam pessoas ricas, mas sabe-se que a maioria era sem condições financeiras. A cultura da época também precisa ser considerada porque era a gênese da igreja cristã e a preocupação era com a vivência pura e simples da fé e a pregação do Evangelho. Os cristãos não tinham a cultura de construir templos naquela época.

Para Viola, o templo é fonte de contaminação para os cristãos. Para Campos, bancos e paredes não exercem poder ou influência sobre nenhum pensamento. Keener também comenta sobre a perseguição. Por causa dessa dificuldade, muitos deixaram de congregar.

A perseguição pode haver dissuadido algumas pessoas de participar até mesmo das igrejas domésticas relativamente privadas. Os romanos suspeitavam das religiões particulares, embora elas não fossem investigadas

---

<sup>293</sup> DEYOUNG, 2010, p. 132.

<sup>294</sup> CAMPOS, 2017, p. 223.

<sup>295</sup> DEYOUNG, 2010, p. 126.

no Oriente a menos que um delator despertasse a atenção das autoridades para elas.<sup>296</sup>

Outros autores, como Cairns<sup>297</sup> e Ferreira,<sup>298</sup> também comentam sobre a perseguição. Afirmam que o culto era praticado à noite, em reunião fechada, somente para os cristãos. Isso confirma a informação de Keener de que a reunião era particular, ou seja, o culto era privado. Inclusive esse foi um dos motivos para a igreja ser perseguida, porque suspeitavam que os cristãos queriam criar um estado dentro do Estado romano. Os cristãos foram vistos como uma ameaça à estabilidade do sistema. Como mencionado, mesmo no contexto de perseguição à fé e de pessoas abandonando a igreja, sabe-se que os crentes primitivos viveram em contexto de comunidade.

Durante o século I, existiam casas de todos os modelos, pequenas e grandes. Um número menor de pessoas participava das reuniões cristãs em casas menores. Nas casas mais amplas, era possível reunir mais pessoas. Uma questão lógica de espaço físico. Nas casas espaçosas, que comportavam muitas pessoas, talvez umas cem pessoas se juntassem para as reuniões. Portanto, a igreja no lar não era necessariamente pequena, com poucas pessoas, um pequeno grupo de estudo bíblico, como defende Viola. Além disso, os cristãos não se reuniam para os cultos somente em casas. Usavam também sinagogas (At 3:1), pórticos/alpendre de Salomão (At 5:12) e escolas. Um exemplo é a escola de Tirano, narrada em Atos 19:9. Historiadores, como Cairns,<sup>299</sup> afirmam ainda que eles se encontravam em cavernas e a prova disso está na arqueologia, que encontrou desenhos de peixe, de pomba e de âncora nas paredes das cavernas, uma prova de que por ali passaram seguidores de Cristo. Todos esses aspectos históricos foram esquecidos por Viola. Os argumentos dele são frágeis se olhados sob a ótica histórica. Carecem de maior embasamento para afirmar que a igreja atual não deve usar templo, liturgia, roupa clerical e pastor porque a igreja primitiva assim não o fazia.

---

<sup>296</sup> KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2017. p. 777.

<sup>297</sup> CAIRNS, 2008, p. 75.

<sup>298</sup> FERREIRA; MYATT, 2007. p. 78.

<sup>299</sup> CAIRNS, 2008, p. 41.

### 5.2.5 A falta de visão sobre os concílios, a hierarquia na igreja, as confissões de fé e os credos

Há mais um ponto histórico falho no livro de Frank Viola, intitulado “Reimaginando a igreja”. Os concílios realizados pelos cristãos não foram citados. Foram nesses concílios (Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia) que a doutrina cristã foi estabelecida e buscou-se fazer apologia da fé cristã diante de heresias que contaminavam o povo de Deus. Um exemplo de heresia foi a ameaça que as ideias de Ário apresentavam à igreja, ao defender que Jesus não era Deus. Ário dizia que Jesus era somente humano. O Concílio de Nicéia, no ano de 325, quando o papa era Silvestre I, debateu o assunto confirmando a igualdade de natureza de Jesus. Na discussão sobre a deidade de Jesus, ficou declarada a natureza divina e humana de Cristo, simultaneamente.

Os cristãos defenderam a doutrina da fé em um momento em que muitos outros cristãos estavam deixando a igreja para seguir ideias heréticas. Apesar da importância histórica dos credos ecumênicos, Viola não comentou sobre o assunto. Campos pergunta: “será que os púlpitos e vestes clericais têm maior poder de contaminação do que o cânon e as doutrinas? Por que ele (Viola) não chama de pagão todo o Novo Testamento e todas as doutrinas elaboradas a partir dos concílios eclesiásticos?”<sup>300</sup>

Viola critica a hierarquia. Mas existe hierarquia na igreja orgânica que ele organizou. Viola<sup>301</sup> disse que treina os grupos para fazer os cultos de forma autônoma. Essa igreja que recebe treinamento está seguindo um modelo, tendo uma liderança, se reunindo em dia, horário e local fixos e aderindo ao seu modo de entender como deve ser a igreja. Isso é uma hierarquia e regras pré-estabelecidas, embora Viola não admita. Ele também critica a disciplina. Mas em nenhum momento existe no Novo Testamento o modelo de um grupo cristão sem regras. O modelo defendido por Viola, de se reunir no culto com cada pessoa fazendo e falando o que deseja, já é a regra da igreja orgânica. Viola critica a exclusão dos dissidentes. Nas igrejas hoje, aceita-se uma pessoa do jeito que ela vier, mas depois existem princípios bíblicos a serem

---

<sup>300</sup> CAMPOS, 2017, p. 221.

<sup>301</sup> VIOLA, 2009, p. 68.

seguidos. A igreja deve aceitar a pessoa da forma como ela está, mas a experiência tem mostrado que o Espírito Santo é quem guia o fiel à mudança de vida.

Viola critica as confissões de fé, mas foi por causa das confissões de fé que as heresias foram rejeitadas e a doutrina ortodoxa foi preservada. Se os seguidores de Viola não aceitam as confissões de fé históricas, terão que defender alguma outra confissão de fé, pois não se permanece fiel às doutrinas cristãs sem defender uma regra de fé e prática. Por exemplo, tem que defender a trindade, tem que defender a dupla natureza de Cristo e tem que defender a segunda volta de Cristo. Isso são regras de fé. O cristão não pode viver sem fazer apologia a esses pontos, senão estaria negando as doutrinas basilares do cristianismo. Se não defender o básico da regra de fé, não é cristianismo. Há pilares inegociáveis na doutrina da igreja. Isso tem que ser comum a todos os cristãos. As regras de fé ajudam a fortalecer esses pilares.

Viola rejeita as confissões de fé que são marcos históricos da igreja cristã. Existem várias confissões de fé, como aponta Grudem:<sup>302</sup> a Confissão de Westminster (1643-1646), os trinta e nove artigos (1571), a Confissão Batista de New Hampshire (1833), a Mensagem de Fé Batista (1925/1963), a Declaração de Chicago sobre a inerrância da Bíblia (1978) e a Confissão Luterana de Augsburg (1530). As confissões de fé foram escritas para defender o ponto de vista doutrinário e para não deixar dúvida sobre o que os cristãos acreditavam.

Existem também os credos que, apesar de terem um conceito diferente das confissões de fé, não deixam de ser exemplos de confissão ecumênica que serviram para nortear a base da fé cristã. Os credos foram escritos para embasar a cosmovisão cristã e dar sentido para que os primeiros crentes tivessem uma fé solidificada em um tempo em que o cristianismo estava iniciando e suas doutrinas eram ameaçadas por heresias. Exemplos de credos são: Credo Apostólico (séc. III e IV), Credo de Nicéia (ano 325/381), Credo de Calcedônia (ano 451) e Credo de Atanásio (fim séc. IV e começo do V). Viola é contra os credos e as confissões de fé.

---

<sup>302</sup> GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática Atual e Exaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 996.

### 5.2.6 As pessoas desigrejadas não citam os problemas dos primeiros cristãos

As pessoas desigrejadas defendem a vivência do modelo de Evangelho da igreja primitiva, mas não citam os problemas existentes na igreja daquela época, ignorando que vivia em período histórico distinto e com cosmovisão diferente de hoje. São vários os relatos bíblicos sobre os erros dos primeiros cristãos. O exemplo desses erros será dado a partir dos relatos de João que escreveu cartas elogiando e também comentando sobre os diversos problemas enfrentados pelos cristãos.

As cartas foram destinadas às sete igrejas localizadas à época antiga na Ásia Menor, atual Turquia. Sobre as sete igrejas, de modo geral, depois de fazer louvor às boas qualidades das igrejas (exceto Laodicéia), João comenta as faltas (exceto Esmirna e Filadélfia).

1. Para a igreja cristã na cidade de Éfeso, atualmente chamada Selçuk, o apóstolo João diz que os cristãos abandonaram o primeiro amor, que deveriam se lembrar de onde tinham caído e voltar às práticas das primeiras obras (Ap 2.4). Nessa cidade foi muito grande a perseguição que a igreja sofreu.<sup>303</sup>
2. A igreja cristã que vivia na cidade de Esmirna, que atualmente se chama Izmir, era composta de cristãos pobres, materialmente falando, mas rica espiritualmente. Eram cristãos que passaram por muitos problemas. O texto bíblico diz que viviam tribulação (Ap 2.9). É a igreja dos mártires, dos cristãos perseguidos. Por exemplo, Policarpo foi queimado vivo. Para essa igreja, João não comenta sobre erros e problemas. É a exceção.
3. Em Pérgamo, cidade atualmente chamada de Bergama, a igreja tinha, entre os membros, pessoas que sustentavam a idolatria, ou seja, a doutrina de Balaão. Essa igreja ainda se deixava contaminar por falsas doutrinas e idolatria. Na carta dirigida aos cristãos, João diz para se arrependerem.
4. Sobre Tiatira, cidade atualmente chamada de Akhisar, local famoso pelo comércio (At 16.14), João diz que eram tolerantes para com Jezabel, que se

---

<sup>303</sup> DOMINGO ESPETACULAR. Cavernas da Turquia serviam de abrigo durante perseguição religiosa. **YouTube**, 25 de junho de 2018. Disponível em: Cavernas da Turquia serviam de abrigo durante perseguição religiosa. <https://www.youtube.com/watch?v=6s-l28R1sX0>. Acesso em: 2 jul. 2022.

autodeclarava profetisa, que ensinava e seduzia os homens a praticar a prostituição e comer alimentos sacrificados a ídolos (Ap 2.20).

5. A igreja de Sardes (Ap. 3), cidade atualmente chamada de Salihi, se portava de forma autônoma. Vivia como achava que deveria viver, de acordo com suas escolhas e não segundo o que Jesus ordenara. A cidade era muito rica, mas a carta dirigida aos cristãos dizia que eles não tinham obras íntegras e que deveriam se arrepender.
6. Em Filadélfia, cidade atualmente chamada de Alsehir, que significa amor fraternal, os cristãos só receberam elogios. Era exemplo de igreja. Os cristãos eram pobres, mas fiéis (Ap 3.7).
7. Laodicéia, cidade que hoje se chama Denizli, tinha a comunidade cristã mais rica entre as sete igrejas. A cidade era conhecida como comercial e industrial (Cl 2.1; 4.13-16). Não há elogios aos cristãos, mas advertência. Laodicéia pode ter dois sentidos: o julgamento do povo ou o povo que julga. Para o teólogo e arqueólogo Silva, “era uma igreja que não vivia mais o ‘assim diz o Senhor’, mas vivia à luz do que o povo achava bom, o que era popular, o que era agradável às nações”.<sup>304</sup> Era a igreja morna. O texto diz para que os cristãos se arrependessem (Ap 3.15-17).

Além das sete igrejas citadas, os cristãos também moravam em outras cidades, como as comunidades em Jerusalém (Palestina à época), em Corinto (Grécia), em Roma (Itália) e em outros locais. Em Roma, os cristãos receberam uma carta do apóstolo Paulo que os exortava. Por exemplo, em Rm 14:1-23, percebe-se muitos problemas que a igreja vivia, provocados pelos vários grupos da comunidade. Os problemas eram causados ainda pela diversidade de origem e de cultura. Paulo disse para não haver julgamento entre as pessoas, mandou ter tolerância com os mais fracos na fé, disse que nenhuma pessoa deveria ser pedra de tropeço ou escândalo para a igreja. Na cidade de Jerusalém também existia uma igreja cristã, a mais antiga da história. Dentre os vários problemas que os cristãos viveram, a perseguição merece destaque (At 8.1).

---

<sup>304</sup> DOMINGO ESPETACULAR. Cavernas da Turquia serviam de abrigo durante perseguição religiosa. **YouTube**, 25 de junho de 2018. Disponível em: Cavernas da Turquia serviam de abrigo durante perseguição religiosa. <https://www.youtube.com/watch?v=6s-l28R1sX0>. Acesso em: 2 jul. 2022.

Em Corinto, na Grécia, a comunidade cristã era pequena, de pessoas simples e de origem gentia. A carta aos cristãos fala sobre divisões internas, sobre um grave problema de incesto consentido pela igreja (1 Co 5.1-13), comportamentos sexuais condenáveis (1 Co 6.12-20), problemas judiciais entre cristãos sendo tratados com juízes pagãos, comércio público de alimento consagrado a ídolo (1 Co 8.1-13; 10.25-31) e admoestação contra a idolatria (1 Co 10.7).

Existiam problemas na igreja em Corinto e a carta paulina não ocultou as dificuldades pelas quais as pessoas passavam. Detalhando ainda mais alguns problemas vividos na igreja de Corinto, o programa Resenha, do Núcleo de Produção e Desenvolvimento Acadêmico do Mackenzie,<sup>305</sup> comentou sobre o livro “Uma igreja complicada”, que mostra os problemas da comunidade cristã da cidade. No século I, houve a divisão da igreja em grupos. Uns eram grupos defensores de Cefas (apóstolo Pedro), outros eram grupos de Apolo (grande orador grego) e um terceiro grupo se dizia ser de Cristo e se achava muito espiritualizado. O apóstolo Paulo viu imaturidade nessa divisão das pessoas e as chamou de crentes carnis. Os cristãos se agrupavam em torno de assuntos secundários. Paulo falou sobre a unidade na igreja. As pessoas estavam juntas no culto, na ceia, na oração, mas não estavam unidas. Também havia os falsos profetas entre o povo e isso gerou divisão. Por exemplo, os judaizantes, do grupo de Pedro, queriam que os coríntios fossem circuncidados e guardassem o sábado. Queriam transformar os cristãos em uma seita judaica. Tinham culpa nessa divisão. Isso foi resolvido no concílio de Jerusalém, que decidiu que os cristãos não deveriam fazer a circuncisão.

Além desses problemas da tentativa de implantação da cultura judaica na igreja cristã, havia outros personagens, os filósofos gregos, que não admitiam que a igreja de Corinto não expusesse as ideias filosóficas gregas, pois valorizam a ciência e o conhecimento. Para com esse grupo, Paulo trabalhou ensinando sobre a sabedoria de Deus e a do homem. Enquanto os gregos valorizavam a retórica e a discussão filosófica, Paulo pregou o Evangelho da cruz e não buscou influenciar as pessoas pela retórica. O apóstolo mostrou que não era a persuasão intelectual que deveria prevalecer e que existiam diferenças entre a sabedoria divina e a humana.

---

<sup>305</sup> NÚCLEO DE PRODUÇÃO DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO. Uma Igreja Complicada - Resenha 16. **YouTube**, 3 de julho de 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=w99yWBs0t\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=w99yWBs0t_c). Acesso em: 5 jul. 2022.

Para os gregos, a sabedoria de Deus era uma loucura. Paulo falou sobre a loucura da cruz. “A igreja de Corinto não aceitava a autoridade apostólica de Paulo. Alguns cristãos queriam o lugar dele. Isso tem a ver com problemas que acontecem hoje. O problema da igreja de Corinto acontece hoje também.”<sup>306</sup>

Os cristãos de Colossos - atualmente a cidade tem suas ruínas localizadas na província de Denizli, na Turquia, tiveram problemas com ensinamentos heréticos. Algumas pessoas pregavam doutrinas contra o Evangelho. Paulo escreveu a carta aos colossenses para alertá-los sobre a influência dos falsos ensinamentos (Cl 2.8).

Em Tessalônica, cidade atualmente conhecida como Salônica, na Grécia, os cristãos são chamados a viver em paz e em fidelidade a Deus. Há exortações para os cristãos quanto à prática da santidade e a condenação da prostituição. Os cristãos são exortados a trabalhar para não depender das pessoas, os insubmissos deveriam ser corrigidos (1 Ts 5.14) e a recomendação era de que não se deveria pagar o mal com o mal. Os crentes deveriam pagar o mal com bem (1 Ts 5.15). Havia pessoas que andavam desordenadamente, não trabalhavam e ainda se intrometiam na vida alheia (2 Ts 3.11).

Beréia ficava na Macedônia (At 17.10-15). Atualmente as ruínas de Beréia ficam na cidade de Véria, na Grécia. Os cristãos bereanos eram nobres, receberam bem a mensagem do apóstolo Paulo e examinavam as Escrituras para ver se o que era ensinado estava escrito nos textos bíblicos. Na cidade de Filipos vivia outra comunidade. Atualmente a cidade de Filipos está localizada em um sítio arqueológico na Macedônia Oriental, entre as cidades de Kavala e Drama, na Grécia. Uma questão difícil, pela qual a igreja passava, era lidar com os falsos mestres (Fl 3.2). A comunidade era formada de pessoas que praticavam o paganismo antes da conversão ao cristianismo. Há relatos de mestres judaizantes que queriam permanecer com a prática da circuncisão, o que causava confusão na doutrina e perturbação à fé dos cristãos.

Na Galácia a igreja cristã passou por muitas dificuldades. Parte do território da Galácia fica hoje na cidade de Ancara, capital da Turquia. Para os cristãos desse local, o texto bíblico dizia que não deveriam fazer circuncisão (Gl 5.2-4). O cristão que

---

<sup>306</sup> NÚCLEO DE PRODUÇÃO DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO. Uma Igreja Complicada - Resenha 16. **YouTube**, 3 de julho de 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=w99yWBs0t\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=w99yWBs0t_c). Acesso em: 5 jul. 2022.

a praticava estava desconsiderando o sacrifício de Cristo na cruz. Aceitar a circuncisão, como requisito para a salvação, levava a aceitar todas as obrigações da lei. Isso desconsiderava o valor da crença em Cristo. Essa é a admoestação que Paulo faz à igreja cristã e a comunidade ainda foi exortada a fazer bom uso da liberdade e à convivência em amor. Os crentes deveriam ser servos uns dos outros pelo amor (GL 5.13).

Como visto, a igreja primitiva enfrentou problemas internos, mas esses pontos são desconsiderados pelas pessoas desigrejadas que afirmam que querem voltar a viver como a comunidade do século I, se esquecendo que não havia perfeição na vida dos cristãos daquela época, assim como não existe hoje.

Além de Viola, outro autor também critica a igreja. Kinnaman<sup>307</sup> diz que a próxima geração de cristãos sofre uma crise de confiança nas instituições. Não só na igreja, mas também no governo, nas empresas, no sistema educacional e no casamento. Comenta ainda que a maioria dos jovens afastados não está abandonando a fé. Está suspendendo seu envolvimento com a igreja.<sup>308</sup>

### 5.2.7 Ideias separatistas na história da igreja

É antiga a falta de comunhão e o costume de abandonar a igreja e a fé cristã. Há registros no Novo Testamento, pois o problema da evasão de seguidores era visto no ministério de Jesus. Várias cenas narradas nos textos bíblicos mostram que a questão de deixar a igreja já existia no século I. Um dos episódios teve Jesus como personagem principal. Ele fez um discurso muito forte (Jo 6.66-69).<sup>309</sup> Depois disso, muitos discípulos O abandonaram. Jesus questionou se mais alguém gostaria de ir embora. Simão Pedro perguntou para onde iriam se só Ele tinha as palavras de vida eterna.

O apóstolo Paulo também falou sobre esse assunto. Disse que algumas pessoas apostatariam da fé dentro da igreja (1Tm 4:1).<sup>310</sup> Na cosmovisão da igreja primitiva, aqueles já eram os últimos dias. Entendia-se que a apostasia era algo para

---

<sup>307</sup> KINNAMAN, 2014, p. 14.

<sup>308</sup> KINNAMAN, 2014, p. 27.

<sup>309</sup> BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. 1728p.

<sup>310</sup> BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. 1728p.

aquele tempo e não uma questão futura. Desde a igreja primitiva, era clara a exortação para que as pessoas permanecessem firmes no Evangelho e o texto bíblico dizia para os membros não abandonarem o costume de assistir às reuniões (Hb 10.25).<sup>311</sup> As pessoas deveriam animar umas às outras. A exortação é porque alguns estavam deixando a comunhão.

Não foi somente no século I que as pessoas abandonaram a igreja. Também nos séculos seguintes o problema existia. Os cristãos deixaram de participar por causa da perseguição e das heresias. Muitas ideias heréticas causaram confusão na doutrina cristã e afastaram as pessoas da fé. Exemplos de movimentos heréticos são o gnosticismo, arianismo, marcionismo, ebionismo, maniqueísmo, neoplatonismo, montanismo, monarquianismo, donatismo e docetismo.

Sobre a perseguição, como referência extra bíblica, há a narrativa histórica sobre o imperador Décio. Quando ele subiu ao trono, promulgou um édito, no ano 250, que exigia um sacrifício anual nos altares romanos aos deuses e ao imperador. Quem fizesse o sacrifício receberia o certificado chamado Libellus,<sup>312</sup> que era um documento dado ao cidadão romano certificando a realização de um sacrifício pagão. O documento atestava a lealdade das pessoas às autoridades do Império Romano. Quem se recusasse a cultuar o imperador, sofria perseguição religiosa e política. Muitos cristãos prestaram cerimônia ao imperador e negaram a fé para ter o certificado. Muitos cristãos prestaram culto ao imperador para fugir da perseguição e da morte. Esse também foi um tipo de abandono da comunidade.

Os quakers (quacres) também abandonaram a comunidade de fé. George Fox fundou o movimento quakers, em 1624, discordando do catolicismo e do protestantismo.

Para ele, templos, sacerdotes assalariados, hinos, ordem do culto, sermões, sacramentos e credos eram obstáculos humanos à liberdade do Espírito. Os quakers deram muita atenção às operações do Espírito Santo, doutrinas pouco entendidas na Igreja Reformada. Protestaram contra as cerimônias e o ritualismo. Nas suas reuniões, costumavam sentar-se por muito tempo em silêncio, esperando a direção do Espírito Santo. Os quackers vestiam-se com simplicidade, recusaram jurar nos tribunais de justiça ou tomar armas até para

---

<sup>311</sup> BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. 1728p.

<sup>312</sup> CAIRNS, 2008, p. 78.

se defender. Não usavam o batismo nem a santa ceia porque diziam que hoje o cristianismo é todo espiritual.<sup>313</sup>

Ao analisar as críticas das pessoas desigrejadas sobre a comunidade de fé, Lopes diz que o grupo desigrejado está certo quanto ao fato de que muitos evangélicos confundem a igreja organizada com a igreja de Cristo e têm lutado para defender sua denominação e igreja, mesmo quando estas não representam genuinamente os valores da igreja de Cristo.

Concordo também que a igreja de Cristo não precisa de templos construídos e nem de todo o aparato necessário para sua manutenção. Ela, na verdade, subsistiu de forma vigorosa nos quatro primeiros séculos se reunindo em casas, cavernas, vales, campos e até cemitérios. Os templos cristãos só foram erigidos após a oficialização do cristianismo por Constantino, no século IV. Dito isto, pergunto se ainda assim está correto abandonarmos a igreja institucional e seguirmos um cristianismo em voo solo.<sup>314</sup>

DeYoung ensina como lidar com a crítica das pessoas desigrejadas. Diz que a primeira coisa a fazer é ouvir e depois analisar. Ele admite que existem muitas práticas erradas na igreja e aponta algumas falhas como tradicionalismo, formalidade e falta de viver o que se prega. “A igreja pode facilmente degenerar em uma organização ou talvez um clube social. Por isso, é sempre necessário fazer um questionamento. Algumas de nossas igrejas estão mortas.”<sup>315</sup>

Apontando a percepção que os de fora têm da igreja, DeYoung<sup>316</sup> diz que muitos jovens, sem ligação com a fé, têm impressão negativa dos cristãos. Mas as pessoas têm uma imagem boa de Jesus, de modo que Ele não é o problema. As pessoas não gostam da igreja porque não reconhecem que ela pratique os ensinamentos de Jesus Cristo. Ele diz ainda que nem sempre a percepção das pessoas é a realidade. Admite que muitos cristãos são péssimos exemplos para a fé, mas existem também aqueles verdadeiros, que contrapõem a balança. A visão de um todo negativo não é verídica. Há joios e trigos dentro da igreja, mas os decepcionados e afastados só veem o mau exemplo. DeYoung também comenta sobre a percepção das pessoas sobre os cristãos. Diz que a igreja costuma ser desprezada e essa atitude

<sup>313</sup> ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes femininas nos avivamentos**: Europa e Estados Unidos: séculos 18, 19 e início do século 20. Viçosa: Ultimato, 2020. p. 88.

<sup>314</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. Os Desigrejados. Tempora! Mores! 2010. Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com.br/2010/04/os-desigrejados.html>. Acesso em: 22 abr. 2018.

<sup>315</sup> DEYOUNG, 2010, p. 77.

<sup>316</sup> DEYOUNG, 2010, p. 77.

não é de hoje, mas vem dos primórdios. Os primeiros cristãos também foram desprezados e perseguidos pelos romanos, por exemplo, que os difamaram com as mais graves e inverídicas acusações, como praticantes de canibalismo, ateísmo e incesto. Na história do cristianismo, sempre houve o desprezo pelo povo de Deus.

Bomilcar entende que “não cabe fugir da igreja por causa de seus conflitos, crises e desvirtuamento.”<sup>317</sup> Sempre se faz uma analogia da igreja com o corpo, mas Bomilcar faz uma comparação da igreja com a família. Ele afirma que igreja é família. Diz que não se deve abandonar o núcleo familiar por causa de desgaste e desafios rotineiros. Assim também é a família cristã. Não deve ser desconsiderada por causa dos problemas que apresenta.

Os que observam o movimento das pessoas desigrejadas avaliam a inconstância que têm. Muitos são visitantes de igreja em igreja e se omitem da vida eclesial, escolhendo permanecer isolados. Bomilcar diz que, algumas vezes, visitam templos, mas não têm engajamento.

Optaram pela distância, não desejando ser igreja nem ajudar em sua edificação. Não contribuem com os cultos das igrejas às quais visitam. Seria Cristo o alvo dessa busca? [...] Alguns sem igrejas se transformam em pessoas negativas, graves, pesadas, desesperançosas. Não desejam mais partilhar sua caminhada cristã e preferem manter-se em seus casulos e em suas bolhas, fora da comunidade (seja ela formal, seja informal), vivendo uma liberdade sem limites, sem qualquer tipo de sujeição ao irmão ou à autoridade, desconsiderando o próximo e estando alheio ao senso de serviço, de partilha e de missão.<sup>318</sup>

Monteiro pergunta se pode haver cristianismo sem igreja. Citando a parte do Catecismo de Heidelberg que comenta sobre o significado de igreja e sobre a comunhão das pessoas, diz que a igreja universal de Jesus Cristo é uma comunidade. Que a comunhão dos crentes com Deus se dá cada um por si e, em assembleia, todos juntos. Enfoca que a Bíblia diz que “todos os que se achegam a Cristo possuem o desejo de congregar e de participar do partir do pão.”<sup>319</sup>

Ao descrever as dez acusações existentes sobre a igreja moderna, Washer cita a ignorância a respeito da natureza da mesma. O autor inicia afirmando que Deus tem a igreja como única instituição religiosa. Defendendo a necessidade de os cristãos

<sup>317</sup> BOMILCAR, 2012, p. 29.

<sup>318</sup> BOMILCAR, 2012, p. 26.

<sup>319</sup> Bereianos Apologética e Teologia Reformada. 27 de setembro de 2013. Disponível em: <https://bereianos.blogspot.com/2013/09/os-desigrejados.html>. Acesso em: 29 abr. 2018.

viverem um novo avivamento, ele diz que a implantação de igrejas bíblicas seria a consequência natural dessa vivificação.

Tenho grande receio de que a igreja local é desdenhada em nossos dias. Diga às pessoas que você é um pregador itinerante, que tem um ministério de alcance mundial, e todos o honrarão. Diga que você é um pastor de um grupo de 30 indivíduos, e elas o farão sentar-se lá atrás durante a conferência. Jesus Cristo não é o príncipe dos pastores itinerantes. Jesus é o Príncipe dos pastores.<sup>320</sup>

Washer afirma que a igreja é uma comunidade de crentes, uma congregação local. Ele diz que existem pessoas que comentam que há tanto pecado dentro da igreja quanto fora. Por isso, muitas pessoas, inclusive pastores, afirmam que a igreja está agindo como uma prostituta.

Temos que ter bastante cuidado em chamar a igreja de Jesus de prostituta. O problema é que pastores e pregadores não sabem o que é igreja. A igreja de Jesus é linda. Ela é frágil, às vezes. É fraca. É atribulada. Mas é contrita. Está andando humildemente com o seu Deus. [...] Hoje, por falta de pregação bíblica, a suposta igreja está cheia de pessoas carnais e ímpias identificadas com o cristianismo. Por causa de todos os bodes no meio dos cordeiros, os cordeiros são acusados de todas as coisas que os bodes estão fazendo. Assim, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de nós.<sup>321</sup>

A despeito das pessoas afirmarem que a igreja está dividida e não é uma, Washer afirma que a igreja é uma, sempre foi uma. “Pare de dizer todas essas coisas tolas que você diz sobre a igreja: que o corpo de Cristo está dividido, que é uma bagunça e que está cheia de pecado.”<sup>322</sup> O autor diz que hoje existe muito joio no meio das ovelhas e que a pregação genuinamente bíblica está em falta. Afirma que é preciso praticar disciplina bíblica e amorosa e chama a atenção da liderança para que tenha coragem de se levantar para confrontar os ímpios. Porque tem muito ímpios destruindo as ovelhas.

Washer analisa o cenário atual das igrejas, diz que vivem uma democracia. Afirma que a pregação do Evangelho é pobre. E, visto que a igreja é uma democracia e que muitas são pessoas carnais e perdidas, essas pessoas carnais governam a direção dos trabalhos.

Visto que o pastor não quer perder o maior número de pessoas e que ele tem ideia errada sobre a evangelização e a verdadeira conversão, ele satisfaz os

<sup>320</sup> WASHER, Paul. **Dez acusações sobre a igreja moderna**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. E-book.

<sup>321</sup> WASHER, 2013.

<sup>322</sup> WASHER, 2013.

ímpios. E o pequeno grupo de ovelhas genuínas está no meio de todo o teatro, mundanismo e multimídia clamando que querem apenas adorar a Jesus.<sup>323</sup>

O autor chama a atenção para os líderes dessas igrejas, que pagarão um alto preço quando estiverem diante dAquele que ama as ovelhas. Também comenta sobre os pastores malnutridos da Bíblia. Washer cita a crescente saída de membros das igrejas. Embora muitas pessoas atribuam a evasão à falta de discipulado, ele discorda dessa ideia. Para ele, o motivo pelo qual as pessoas estão deixando as igrejas é a ausência de uma verdadeira conversão. “Elas mostram que não são convertidas porque as ovelhas ouvem a voz do pastor e a seguem, quer você as discipule, quer não”.<sup>324</sup> Washer não é contra o discipulado. Diz que o discipulado deve ser realizado. Mas não é a falta de discipulado que tem levado as pessoas a abandonarem a igreja. É a falta de conversão genuína.

Kinnaman<sup>325</sup> comenta que os jovens adultos descrevem sua jornada individual de fé com uma linguagem tão parecida de distanciamento que chega a assustar. A maioria das histórias narra um distanciamento significativo em relação à igreja e ao próprio cristianismo. Diz que muitos jovens que cresceram na igreja e a abandonaram não hesitam em acusá-la. Kinnaman<sup>326</sup> comenta ainda a visão da nova geração sobre o cristianismo. Os jovens acham que os cristãos não representam mais o que Jesus tinha em mente, que o cristianismo não é o que deveria ser na sociedade atual.

O autor Kinnaman<sup>327</sup> aponta outras percepções que os observadores externos têm do cristianismo. Diz que os cristãos carregam dupla imagem: uma positiva e outra negativa. Na análise desfavorável, ele diz que o cristão tem a imagem de anti-homossexual, julgador, hipócrita (diz uma coisa e faz outra), envolvido demais com a política, sem contato com a realidade, antiquado, insensível aos outros e não aceita outras formas de fé. Mas existe uma imagem favorável, como, por exemplo, o cristão ter bons valores e princípios, ser amigável, ter uma fé respeitável, demonstra constante amor pelos outros, oferece esperança para o futuro e é uma pessoa de confiança.

---

<sup>323</sup> WASHER, 2013.

<sup>324</sup> WASHER, 2013.

<sup>325</sup> KINNAMAN, 2014, p. 9.

<sup>326</sup> KINNAMAN, David; LYONS, Gabe. **Descrentes**: o que a nova geração realmente pensa sobre o cristianismo e porque isso é importante. Pompeia: Universidade da Família, 2012. p. 15.

<sup>327</sup> KINNAMAN; LYONS, 2012, p. 31.

Yancey<sup>328</sup> mostra os erros na igreja que afastam as pessoas da comunidade e do Evangelho. Ele disse que escreveu o seu livro como uma tentativa de salvar a fé, para as pessoas que estão à beira do precipício espiritual. A obra diz que as pessoas decepcionadas com a igreja institucional não aguentam ouvir planos, pois foi a tentativa de doutrinação o que as afastou da convivência. O autor conta a sua própria história, afirmando que, quando era jovem, quase abandonou a igreja porque a achava racista, retrógrada, sem propósito e abusiva. Hoje ele entende que não abandonou a fé cristã pois descobriu que existiam outras pessoas que estavam na mesma situação, muito desiludidas com a igreja, mas que ainda estavam comovidas com o Evangelho. Yancey, ganhador do prêmio Gold Medallion Award, diz que está passando a maior parte da vida recuperando-se do mal que a igreja o fez. Ele afirma que a igreja que frequentava era “pré-milenarista, dispensacionalista e fundamentalista.”<sup>329</sup> O grupo era pequeno, com 200 pessoas, que se entendia preso à verdade de Deus e todas as pessoas que discordassem do grupo estariam brincando com o inferno. Ele conta:

Mais tarde, percebi que a igreja mesclava algumas mentiras com a verdade. Exemplo: quando subia no púlpito, o pastor pregava abertamente o racismo. Ele dizia que as raças escuras eram amaldiçoadas por Deus, citando uma obscura passagem do livro de Gênesis segundo a qual os negros seriam bons como servos.<sup>330</sup>

Essa foi somente uma situação que Yancey vivenciou. Muitas outras aconteceram que o fizeram quase se afastar de Deus por causa da igreja. Hoje ele se tornou escritor para resgatar e colocar no lugar certo as palavras erradas usadas pela igreja em sua juventude.

Se eu tivesse que definir o meu próprio tema, ele seria a história de uma pessoa que absorveu algumas das piores coisas que a igreja tem a oferecer, mas que, ainda assim, descansou nos braços amorosos de Deus. Passei por um período que rejeitei Deus e a igreja, uma rejeição ao contrário que fez com que eu sentisse certa liberdade por algum tempo. Contudo, não me tornei ateu ou um refugiado da igreja, mas um de seus defensores.<sup>331</sup>

Como é jornalista, o ofício de Yancey é escrever. Em outro livro<sup>332</sup> que trata sobre a igreja cristã, ele diz que muitas pessoas têm histórias semelhantes à dele,

<sup>328</sup> YANCEY, Philip. **Alma sobrevivente**: sou cristão, apesar da igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. p. 4.

<sup>329</sup> YANCEY, 2004, p. 1.

<sup>330</sup> YANCEY, 2004, p. 2.

<sup>331</sup> YANCEY, 2004, p. 8.

<sup>332</sup> YANCEY, Philip. **Igreja por que me importar?** Redescobindo o prazer da vida em comunidade. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 17.

porque foram traídas por alguma experiência que tiveram na igreja. Ele diz que viu muita hipocrisia na igreja, mas decidiu que Deus seria o juiz dos hipócritas e resolveu perdoar essas pessoas. Ao contrário de abandonar definitivamente a convivência com as pessoas da mesma fé, Yancey decidiu continuar frequentando a comunidade.

O que mudou minha atitude quanto à igreja? [...] A igreja preencheu em mim uma necessidade que não podia ser suprida de outra forma. [...] O cristianismo não é uma mera fé intelectual interna. Ele só pode ser vivido dentro de uma comunidade. Talvez por essa razão eu nunca tenha desistido completamente da igreja. Sinto que a igreja contém algo de que necessito desesperadamente. Sempre que deixo de ir à igreja por algum tempo, descubro que sou eu quem sofre. Minha fé fraqueja e a casca rabugenta da falta de amor cresce ao meu redor. Em vez de caloroso, torno-me cada vez mais frio. Por isso, minhas viagens para longe da igreja sempre fazem um círculo e acabam me trazendo de volta.<sup>333</sup>

Ainda pensando sobre viver em comunidade, Yancey diz que as pessoas causam grande dor para Deus e, mesmo assim, Ele permanece apaixonado por elas. Pergunta: “não deveria ter eu a mesma atitude para com a igreja que me cerca?”<sup>334</sup>

### **5.3 A NECESSIDADE DE AÇÃO DIANTE DO DESIGREJAMENTO: AUTOAVALIAÇÃO DA LIDERANÇA, EDUCAÇÃO RELIGIOSA, BUSCA ATIVA, A REUNIÃO EM CASA E O CULTO ON-LINE**

Existem muitos caminhos que podem ser seguidos a fim de buscar soluções para o problema da evasão nas igrejas e ainda para o modelo institucional existente que é criticado pelas pessoas desigrejadas. Cada congregação tem um contexto diferenciado que deve ser observado. No geral, serão apresentados cinco aspectos que precisam ser pensados para que os líderes das igrejas tradicionais façam uma avaliação dos trabalhos.

1. Autoavaliação - A liderança da igreja é criticada pelas pessoas sem igreja. Por exemplo, uma das críticas diz que existe pastor que se tornou empresário e a igreja virou empresa. Também se critica a forma como o dízimo é usado. Existe, entre os pastores, desinformação sobre o movimento das pessoas desigrejadas, pois muitos ainda as associam a pessoas desviadas. Também há casos em que o pastor não conhece os membros da igreja. Existem congregações grandes nas quais o pastor não sabe o nome de todos os

---

<sup>333</sup> YANCEY, 2014, p. 19.

<sup>334</sup> YANCEY, 2014, p. 65.

membros, nem conhece pessoalmente cada um. Esse afastamento precisa ser repensado. Cabe ao líder fazer uma autoavaliação e perceber em que medida as críticas são verdadeiras e o ministério eclesial precisa passar por mudança. Mas nem sempre o líder tem a humildade de reconhecer os erros e propor reformas.

2. Educação religiosa - Autores que estudam o tema do desigrejamento e da crise que a igreja atravessa questionam o que existe na comunidade para manter as pessoas, especialmente os jovens. Uma das iniciativas da liderança é prestar atenção no conteúdo que é pregado. É preciso analisar o Evangelho que é pregado. Muitas vezes fica evidente que o Evangelho de Jesus Cristo não tem sido ensinado. “A ausência de uma pregação bíblica, firmada no Evangelho, explica como criamos, em nossas igrejas, uma geração de deístas práticos, terapêuticos e moralistas.”<sup>335</sup> Esse ensinamento bíblico passa por valorização da educação religiosa.
3. Busca ativa - É importante a liderança da igreja designar um grupo para fazer busca ativa das pessoas que não frequentam mais as reuniões. Essa tarefa poderia ser realizada pelo ministério de evangelismo, pelo grupo de discipulado ou pela área de integração que já trabalham com acolhimento e assistência aos membros. São frequentes os relatos de pessoas que saíram das igrejas e não foram procuradas pela liderança que, muitas vezes, não conhece todos os membros.

Pesquisando sobre o abandono da igreja por parte dos jovens americanos, Rainer e Rainer III<sup>336</sup> dizem que a comunidade deveria entrar em contato com os membros faltosos. Defendem que a congregação deve ser essencial na vida do fiel para que se evite a evasão. Dizem que uma pessoa jamais deixaria de frequentar os cultos se a igreja fosse essencial na vida dela, mas o que está acontecendo é que a comunidade está se tornando irrelevante, não essencial e secundária para o jovem. Os autores afirmam que o crescimento da igreja acontece por dois meios: o primeiro meio de crescimento é a conversão e o segundo é pelo retorno dos membros que se afastaram.

---

<sup>335</sup> CARSON, Donald A. (org.). **As escrituras dão testemunho de mim**: Jesus e o evangelho no Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 11.

<sup>336</sup> RAINER, Thom S.; RAINER III, Sam S. **Igreja essencial**: resgatando uma geração que está abandonando a fé. Brasília: Palavra, 2014. p. 85 e 98.

Dizem que muitos membros abandonam a congregação e a liderança segue como se nada estivesse acontecendo. Defendem que deveria ser mais difícil deixar uma igreja do que se unir a uma.

4. Reunião doméstica - A reunião em casa, também chamada de célula ou pequeno grupo, pode ser uma proposta para trazer mais proximidade entre as pessoas e para que o cuidado seja mais efetivo. A liderança precisa observar a periodicidade dessas reuniões para não sobrecarregar as pessoas que já têm muitas atividades no trabalho, na igreja, com os amigos e com a família. O foco da célula é desenvolver relacionamento e aproximar as pessoas.

Um exemplo de criação de grupos de estudo bíblico e de relacionamento interpessoal acontece na Primeira Igreja Batista de Curitiba (PIB).<sup>337</sup> Depois de estabelecer mais de mil grupos de reunião e completar 110 anos de fundação, a PIB, presidida pelo pastor Michel Ferreira Piragine, realizou a primeira conferência de pequenos grupos, chamada Casas de Glória, baseado em Ageu 2:7, de 16 a 18 de agosto de 2024, para coordenadores, participantes, líderes e potenciais líderes de células.

A visão de atuar com célula envolve apoiar grupos multiplicadores onde acontece evangelismo e discipulado. É um trabalho que discipula o novo e o antigo membro. As casas tornam-se ambientes de relacionamento das pessoas que buscam a Deus. Os palestrantes da conferência da PIB foram o pastor Léo Matos, da Igreja Batista Central de Belo Horizonte, autor de dois livros sobre o tema células com os títulos “Apresente-se” e “Células excelentes”, e também o pastor Mario Vega, da Missão Cristã Internacional Elim, conhecida como Igreja Elim, em El Salvador, cujo ministério tem 3.991 células, pois trabalha nessa área celular há quase 40 anos. Essa igreja é uma das maiores do mundo, tendo grupos em todo país de El Salvador e pelo mundo. Depois da conferência, a PIB Curitiba organizou um treinamento para formar, na prática, novos líderes.

5. Transmissão do culto on-line - Investir em igreja em rede também é uma alternativa para que as pessoas desigrejadas não percam, por completo, o vínculo com a comunidade de fé. Uma boa saída é a igreja criar um ministério

---

<sup>337</sup> PIB Curitiba. Casas de glórias. Disponível em: <https://www.e-inscricao.com/pibcuritiba/casasdegloria24#about-section>. Acesso em: 04 ago.2024.

de comunicação para transmitir os cultos pela internet. Há críticas a esse serviço, mas as vantagens são muitas. O culto on-line, ou seja, com transmissão pelo YouTube, Facebook e Instagram é uma forma de alcançar maior número de pessoas e manter o vínculo.

O conceito de culto on-line<sup>338</sup> é uma reunião cujos atos litúrgicos são feitos em um local ou mais locais e transmitidos para os membros e não membros da igreja (seja ao vivo, de forma síncrona, seja de forma gravada, assíncrono, em um meio público (Facebook e YouTube, por exemplo) para que todos adorem a Deus, ao mesmo tempo, ainda que fisicamente separados. O culto pode ser assistido por todos no mesmo momento, em tempo real, ou não. As pessoas podem assistir à gravação do culto em momento posterior, quando o material for disponibilizado nos canais da igreja.

Sobre o público que assiste aos cultos on-line, são divididos em três grupos, segundo Rainer:<sup>339</sup> os exclusivamente digitais, os que vivem em transição digital e os cidadãos duplos. O primeiro grupo não vai à uma igreja física. É um público somente da internet. O segundo grupo é de pessoas conectadas com a igreja digitalmente e que estão abertas a eventuais conexões pessoais. O terceiro grupo participa das reuniões da igreja tanto virtual quanto presencialmente.

A transmissão on-line da programação da igreja proporcionou a experiência do fiel vivenciar a religiosidade virtualmente. Já estava disponível a tecnologia e os canais de mídia para que o culto fosse transmitido virtualmente, mas muitas igrejas resistiam e desconsideravam essa maneira de cultuar por entender que não era algo necessário uma vez que todas as pessoas estavam acostumadas com as programações na igreja física, ou seja, com as reuniões presenciais.

Em 2020, por causa da pandemia da Covid-19, os líderes religiosos mudaram essa visão de realizar cultos somente presenciais e as denominações, que anteriormente eram ausentes da internet, aderiram às atividades on-line. Em abril de

---

<sup>338</sup> AQUINO, João Paulo T. Culto on-line, sim. Ceia virtual não. Batismo presencial individual pode. Batismo virtual não. **Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper**, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: [https://cpaj.mackenzie.br/recursos/blog-andrew-jumper/artigo?tx\\_news\\_pi1%5Baction%5D=detail&tx\\_news\\_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx\\_news\\_pi1%5Bnews%5D=23975&cHash=7711fe3fc6c7acca6735cc8d02c20b6c](https://cpaj.mackenzie.br/recursos/blog-andrew-jumper/artigo?tx_news_pi1%5Baction%5D=detail&tx_news_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx_news_pi1%5Bnews%5D=23975&cHash=7711fe3fc6c7acca6735cc8d02c20b6c). Acesso em: 17 ago. 2022.

<sup>339</sup> RAINER, Thom S. **A igreja pós-quarentena: seis desafios e oportunidades urgentes que determinarão o futuro de sua congregação**. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 39.

2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que estados e municípios poderiam vetar serviços religiosos *in loco* se entendessem que essa ação seria importante por causa da crise sanitária. Muitas igrejas foram fechadas no Brasil e os cultos foram realizados pela internet. Depois da decisão do STF, alguns governadores, como o do Distrito Federal, incluíram as igrejas, de todas as vertentes, na relação de serviços essenciais. Dessa forma, mesmo em crise sanitária, os templos não seriam fechados por ordem política. Mas nem todos os estados brasileiros têm as suas igrejas incluídas como serviços essenciais à sociedade.

Por causa da Covid-19, as autoridades decidiram fechar os templos para não ter aglomeração de pessoas. Como a igreja evangélica foi proibida, pelo governo local e federal, de reunir os membros para realizar cultos presenciais, foi necessário fazer a reunião por meio da internet. Depois que a pandemia foi amenizada com a vacinação da população brasileira, muitas igrejas permaneceram com a presença virtual, com a transmissão de cultos em tempo real e ainda de modo gravado, aderindo à internet. Um levantamento de dados mostrou que, entre janeiro e abril de 2020, a busca pelo termo “culto on-line” aumentou 10 mil por cento no buscador Google. “Um aumento exponencial que reflete a busca de respostas da fé para o enfrentamento do vírus Covid-19. Isso foi uma mudança no cotidiano das igrejas que tiveram que se adaptar à essa nova forma de culto.”<sup>340</sup>

A pesquisa PoderData<sup>341</sup> mostra que 45% dos brasileiros, que seguiam alguma religião ou acreditavam em um ser superior, acompanharam cultos pela TV ou internet por causa da pandemia de Covid-19. Outros 30%, que também professavam religiões, praticaram-na apenas em casa. Os que iam às igrejas ou templos eram 14%. E 5% praticaram a fé de outras maneiras. Na análise da pergunta por sexo, idade, região, nível de instrução e renda, a pesquisa PoderData constatou que os jovens religiosos (ou com alguma fé e os desempregados ou sem renda fixa) são os que mais assistem cultos pela TV ou internet. Em ambos os grupos, 57%

---

<sup>340</sup> CORAZZA, Delana; TOSTES, Angelica; FERNANDES, Marco. Cultos online e as fissuras do fundamentalismo religioso no Brasil. **Tricontinental**, [S.l.], 26 jun. 2020. [n.p.]. Disponível em: [<sup>341</sup> QUARENTA e cinco por cento dos que professam alguma fé estão acompanhando cultos pela TV ou internet. \*\*Poder360\*\*, \[S.l.\], 20 out. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/45-dos-que-professam-alguma-fe-estao-acompanhando-cultos-pela-tv-ou-internet/>. Acesso em: 17 ago. 2022.](https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/evangelicos-e-o-coronachoque-cultos-online-e-as-fissuras-do-fundamentalismo-religioso-no-brasil/#:~:text=Em%20um%20levantamento%20de%20dados,para%20o%20enfrentamento%20do%20v%C3%ADrus. Acesso em: 17 ago. 2022.</a></p></div><div data-bbox=)

fizeram essa afirmação. A região Centro-Oeste é a que concentrou a maior proporção de pessoas que disseram frequentar igrejas ou templos presencialmente: 36%.<sup>342</sup>

Há pontos positivos e negativos na realização das atividades on-line pela igreja. Atualmente existe um questionamento se o culto virtual ajuda a diminuir o desigrejamento ou aumenta o número de pessoas desigrejadas. Não existem dados estatísticos para afirmar se os cultos on-line ajudam ou não no desigrejamento e o segmento evangélico precisa de pesquisa nesse assunto. Com a inexistência de dados, toda análise se torna subjetiva e empírica. Cada pessoa dará a sua opinião, a favor ou contra o culto transmitido virtualmente, baseada na experiência que teve ao se conectar a um culto pela internet. Ou ainda dará a opinião relatando o que observa na experiência de amigo ou parente.

Os que são favoráveis dizem que o culto on-line é uma boa maneira de agregar as pessoas que decidiram não mais frequentar presencialmente os templos. As pessoas desigrejadas são um público que pode ser alcançado on-line. A igreja virtual é uma oportunidade de ter a participação de pessoas que não estão no culto físico. Além das pessoas desigrejadas, outros exemplos de públicos que podem ser beneficiados pela transmissão da reunião virtual são: pessoa com necessidade de isolamento social, doente, país em guerra, quem sofre perseguição religiosa ou teve mudança de endereço.

Gosto da frase igreja em rede mais do que igreja on-line. Sua igreja deve estar na rede, mas eu não acho que deva ser uma igreja on-line. Como tal, as pessoas devem ser transferidas de uma comunidade on-line para uma física sempre que possível, sem abandonar o aspecto on-line. Algumas pessoas não podem ir à igreja por causa de doença. Alguém pode estar em um país onde o Evangelho é perseguido. Tais grupos semelhantes podem continuar se engajando em suas igrejas on-line. Os participantes são importantes para Deus. Eles são pessoas reais. Então, a melhor maneira de fazer uma igreja on-line é trabalhar intencionalmente para levar o máximo possível daqueles que estão sozinhos para a frente da tela para estar em comunidade com os outros e serem incorporados em uma comunidade de aliança. Uma Igreja on-line pode ser uma extensão válida se a igreja comunica que a expressão normal da intenção e do designio de Deus é que nos reunamos em adoração com as pessoas e, em seguida, espalhamo-nos para o trabalho de missão no reino. Um bom equilíbrio poderia ser que as

---

<sup>342</sup> A pesquisa foi realizada pelo PoderData, divisão de estudos estatísticos do Poder360. A divulgação do levantamento é feita em parceria editorial com o Grupo Bandeirantes. Os dados foram coletados de 12 a 14 de outubro, por meio de ligações para celulares e telefones fixos. Foram 2.500 entrevistas em 503 municípios, nas 27 unidades da federação. A margem de erro é de 2 pontos percentuais.

igrejas expressassem a sua presença on-line da seguinte maneira: 'nós estaremos lá somente se você não pode estar aqui'.<sup>343</sup>

#### 5.4 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO CULTO ON-LINE

Segundo Kirst,<sup>344</sup> o conceito de culto cristão é uma comunidade de pessoas que se agregam para ouvir a Palavra de Deus e partilhar a ceia. Já o Dicionário Wycliffe define culto como “sistema particular de adoração religiosa com referências especiais a rituais e cerimônias.”<sup>345</sup> Culto é o ponto central de uma religião.

O culto é espaço de encontro da comunidade com Deus e com as pessoas da mesma fé, como diz Kirst. O culto on-line também faz esse papel agregador, sendo a internet o espaço onde esse encontro acontece. A reunião on-line consegue fazer esse encontro na medida que inclui, na celebração, a mesma programação organizada no culto físico. No culto virtual os internautas também acompanham a celebração como ocorre no templo físico.

Ambos os cultos, virtual e presencial, conseguem agregar a comunidade à mesma reunião, no mesmo propósito de adoração a Deus, na mesma linguagem e no mesmo roteiro (programação). Ambos cultos reúnem as pessoas na presença de Deus, são realizados em um contexto específico e se desenrolam de acordo com uma liturgia. Entende-se por liturgia o “conjunto de atos, palavras e formas, carregados de significado, expressados de diferentes maneiras, numa determinada sequência e que dão vida ao culto.”<sup>346</sup> Ambos os cultos, presencial e virtual, se completam. Um não excluiu o outro, podendo coexistir. A diferença entre ambos os cultos, presencial e on-line, é o meio, o formato, pelo qual o ato é realizado. Um acontece dentro de um templo físico e o outro por meio da tecnologia, com a conexão do computador à internet.

As vantagens do culto on-line são:<sup>347</sup>

<sup>343</sup> STETZER, Ed. Uma igreja online é realmente uma igreja? Trad. Moisés Sbardelotto. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 25 abr. 2014. [n.p.]. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/530617-uma-igreja-online-e-realmente-uma-igreja>. Acesso em: 17 ago. 2022.

<sup>344</sup> KIRST, Nelson. **A liturgia toda: parte por parte**. 2ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 8.

<sup>345</sup> PFEIFFER; VOS; REA, 2023, p. 506.

<sup>346</sup> OSTROWSKI, Carla Irina. Culto cristão. In: BORTOLLETO, Fernando Filho Bortolletto (org.) **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: Aste, 2008. p. 242.

<sup>347</sup> Com exceção das vantagens e desvantagens que têm referências mencionadas, as demais citações foram escritas baseadas na experiência profissional da pesquisadora que é jornalista e que atua na área da Comunicação Social desde 1997.

- Pode agregar as pessoas desigrejadas e alimentá-los espiritualmente porque se recusam a frequentar um templo;
- Há a flexibilidade geográfica porque o culto on-line pode ser assistido mundialmente. Além de gerar comodidade, a mensagem alcance maior número de pessoas no mundo, no menor espaço de tempo, a um custo financeiro menor;
- Ajuda na tarefa da evangelização (missões) a um custo financeiro mais baixo porque alcança o mundo em tempo real. Imagine quanto custa para a igreja (em tempo empregado, formação acadêmica e valor financeiro) enviar um missionário para o campo. A igreja on-line alcança lugares onde pode não ter um missionário. Além disso, é uma forma de praticar o discipulado e há a possibilidade de conquistar novas pessoas. Por meio da internet a igreja pode entrar em países hostis ao Evangelho e perseguidores dos cristãos. A implementação da evangelização virtual não exclui o envio presencial de missionários ao campo por parte das igrejas. Um trabalho complementa o outro.
- Com a igreja virtual há economia de custos com aluguel e infraestrutura. Financeiramente, é mais em conta arcar com a assinatura da internet do que pagar um contrato para realizar um programa de televisão ou rádio;
- A pessoa pode participar e conhecer vários ministérios pelo mundo sem a necessidade de sair de casa. Sem a igreja virtual talvez essa possibilidade seria impossível, pois demandaria viajar pelo Brasil e pelo mundo para visitar diferentes templos;
- Por meio da presença digital, além de transmitir o culto on-line, a igreja pode ainda criar outros meios de pregação como live, site, blog, podcast, fórum de oração, grupo de aconselhamento em redes sociais, grupo de célula para estudo bíblico e sermão pregado via webinar;<sup>348</sup>

É possível estar mais próximo dos fiéis. Mais do nunca vemos a importância da igreja on-line para além do alcance. [...] Hoje continuamos tentando

---

<sup>348</sup> MEDEIROS, Lenildo. Culto ao vivo online: algumas reflexões sobre ser igreja virtual. **Agência Soma**, [S./I.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.soma.org.br/tecnologia/210-cultos-ao-vivo-online-igreja-virtual>. Acesso em: 17 ago. 2022.

alcançar as pessoas que não podem estar aqui (igreja física), mas também as pessoas que não querem estar aqui.<sup>349</sup>

- As pessoas podem assistir, no tempo que escolher, às gravações disponibilizadas nas mais diversas mídias. Isso é chamado de “on demand” que é o serviço sob demanda para atender a pessoa na hora e com conteúdo que escolher. O usuário é livre para escolher em quais horários quer assistir ao conteúdo.<sup>350</sup> O material torna-se uma espécie de memória da igreja que está acessível às pessoas em escala mundial. O culto on-line não precisa, necessariamente, ser ao vivo. Pode-se gravar o conteúdo e disponibilizar virtualmente;
- Aproximar-se do público jovem que hoje prefere se conectar à internet do que assistir televisão, ouvir rádio ou ler um jornal, revista ou livro. E pode ter o aumento das doações on-line;
- A transmissão do culto ao vivo não exige edição. Isso facilita o trabalho da equipe de comunicação.

O culto ao vivo é a maneira mais simples de transmitir conteúdo, pois o material é exibido integralmente. Quando há necessidade de edição (cortar as imagens para que caibam no tempo), o trabalho torna-se mais complicado. Melhor ainda quando o exibidor escolhido oferece a possibilidade de inserir informações escritas na tela sem a necessidade de outros equipamentos. Dessa forma, é mais fácil divulgar informações como: reforçar recados importantes, passar a letra da música que está sendo cantada na celebração e inserir o nome da pessoa que está falando.<sup>351</sup>

Outros argumentos podem ser apresentados a favor de um culto on-line como a natureza dinâmica do culto (que pode ser pessoal, familiar ou comunitário), o texto de João 4 ensinando que a adoração neotestamentária é em espírito e em verdade e as cartas neotestamentárias que são meios à distância pelos quais os apóstolos se fizeram presentes em suas comunidades mesmo quando não poderiam estar fisicamente presentes. O culto on-line não é um substituto para o culto comunitário

<sup>349</sup> MELLO, Emanuelle. Cinco aspectos da igreja on-line para além do culto. **Atos6**, [S./], 29 mar. 2021. [n.p.]. Disponível em: <https://blog.atos6.com/2021/03/29/igreja-on-line-para-alem-do-culto/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

<sup>350</sup> CINCO motivos para transmitir o seu culto online! **ISBRASIL**, Rio de Janeiro, 8 jul. 2016. Disponível em: <https://www.isbrasil.info/blog/5-motivos-para-transmitir-o-seu-culto-online.html>. Acesso em: 17 ago. 2022.

<sup>351</sup> SCHLEMPER, Gladir. Por que transmitir o meu culto ao vivo? **DIGILAB**, Florianópolis, 18 jan. 2017. [n.p.]. Disponível em: <https://www.digilab.com.br/blog/culto-ao-vivo/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

presencial, mas um recurso muito útil de unir o povo diante de Deus em tempos de exceção como os de uma pandemia.<sup>352</sup>

O culto on-line contribui para a existência de um novo modelo de ser igreja. A tecnologia trouxe a possibilidade de se fazer uma comunicação global, conectada, emergente, ajudando que a mensagem bíblica seja recebida em tempo real, colocando fim à fronteira física, pois o digital não enfrenta a barreira geográfica. A ministração da mensagem do Evangelho, antes restrita ao púlpito e aos espaços físicos das cidades, agora atinge audiências digitais e oferece uma nova experiência de fé às pessoas formando uma comunidade global. Inclusão, diversidade, novo espaço de relacionamento são algumas das vantagens proporcionadas pela igreja digital.

A igreja evangélica brasileira pode, portanto, dar à internet o mesmo valor que a Igreja Católica Apostólica Romana está atribuindo. No documento histórico lançado em 2002, no Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, intitulado “Igreja e internet”,<sup>353</sup> os católicos afirmam que a internet é relevante para a evangelização embora afirme que a realidade virtual não substitui a comunidade presencial, mas pode complementá-la e ajudar as pessoas a ter uma experiência mais integral da vida de fé. O documento afirma que a internet dá à igreja formas de comunicação com vários grupos (adolescentes, jovens, idosos e pessoas cujas necessidades as obrigam a permanecer em casa, indivíduos que vivem em regiões remotas e membros de outros organismos religiosos) e afirma que, de outra forma, poderia ser difícil alcançar esse público.

O padre Patrick,<sup>354</sup> que se tornou um influenciador digital, disse que a internet é um campo aberto para se aproximar das pessoas e evangelizar. Entende que é

---

<sup>352</sup> AQUINO, João Paulo T. Culto on-line, sim. Ceia virtual não. Batismo presencial individual pode. Batismo virtual não. Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: [https://cpaj.mackenzie.br/recursos/blog-andrewjumper/artigo?tx\\_news\\_pi1%5Baction%5D=detail&tx\\_news\\_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx\\_news\\_pi1%5Bnews%5D=23975&cHash=7711fe3fc6c7acca6735cc8d02c20b6c](https://cpaj.mackenzie.br/recursos/blog-andrewjumper/artigo?tx_news_pi1%5Baction%5D=detail&tx_news_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx_news_pi1%5Bnews%5D=23975&cHash=7711fe3fc6c7acca6735cc8d02c20b6c). Acesso em: 17 ago. 2022.

<sup>353</sup> FOLEY, John P.; PASTORE, Pierfranco. Pontifício conselho para as comunicações sociais: Igreja e Internet. **Vaticano**, Cidade do Vaticano, 22 fev. 2002. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_20020228\\_church-internet\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html). Acesso em: 1 jan. 2024.

<sup>354</sup> SBARDELLOTTO, Moisés (et al). **Influenciadores digitais católicos**: efeitos e perspectivas. São Paulo: Ideias e Letras/Paulus, 2024, p. 110.

importante se comunicar pelas redes sociais, principalmente com os jovens, trazendo respostas para as pessoas para as inquietações deste tempo.

As desvantagens do culto on-line são:

- O analfabetismo digital pode ser um fator que limita o uso da internet e o acesso ao serviço que a igreja oferece virtualmente. Diferentemente das crianças, adolescentes e jovens, os idosos podem ter pouca habilidade no uso de novas tecnologias, dificultando o acesso aos cultos on-line. A liderança precisa lembrar que uma parte da membresia da igreja é de pessoas idosas;
- Muitas pessoas podem apenas observar a cerimônia religiosa que é transmitida pela tela do computador e não efetivamente prestar um culto a Deus. Assistem ao culto como se estivesse assistindo a um programa de televisão. Esse ponto precisa ser abordado pelos pastores que devem ensinar que as pessoas prestam culto a Deus e não assistem ao culto;

O culto on-line vira quase um espetáculo que você está assistindo, uma pessoa falando, uma pessoa cantando, são pessoas que você conhece, mas ficam distantes. Pastores relatam as diferenças após a utilização da plataforma Zoom e não o Facebook ou Instagram. É porque a live acaba restringindo a participação e fica apenas os que estão na transmissão ou os que comentam. No Zoom há interação. Pessoas podem interceder e orar. É mais participativo. Zoom dá um ambiente de reunião.<sup>355</sup>

A falta de acesso à tecnologia é um dos empecilhos para a atuação da igreja virtual. As desigualdades digitais são enormes no Brasil que tem hoje, ainda com os efeitos da pandemia da Covid-19, 13 milhões de desempregados e 33 milhões de pessoas passando fome.<sup>356</sup> E o quadro de miséria se agrava quando o Brasil voltou a fazer parte do Mapa da Fome, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU).<sup>357</sup> Esses dados são referentes à data que esta pesquisa foi realizada, podendo ser alterados em outros tempos. A desigualdade social se reflete no acesso das pessoas à tecnologia porque não têm condições financeiras para comprar um

<sup>355</sup> CORAZZA; TOSTES; FERNANDES, 2020, [n.p.].

<sup>356</sup> PINOTTI, Fernanda. Brasil tem 33 milhões passando fome, como disse Lula? Entenda divergências de números. **CNN**, São Paulo, 6 fev. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-tem-33-milhoes-passando-fome-como-disse-lula-entenda-a-divergencias-de-numeros/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

<sup>357</sup> BERLINCK, Fernanda; OLIVEIRA, Marih. Como o Brasil saiu do mapa da fome em 2014, mas voltou a ter índices elevados de miséria. **G1**, [S.l.], 27 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/11/27/como-o-brasil-saiu-do-mapa-da-fome-em-2014-mas-voltou-a-ter-indices-elevados-de-miseria.ghtml>. Acesso em: 4 dez. 2023.

computador ou celular de boa qualidade. Muitas igrejas evangélicas estão nas periferias e os membros têm baixa renda, o que pode dificultar o acesso à tecnologia, contribuindo para que a igreja não invista em participação virtual e o membro não tenha equipamento de qualidade para acessar cultos virtuais.

Dados do Módulo de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua),<sup>358</sup> do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), abrangendo o acesso à internet e à televisão nos domicílios, mostram que a internet era utilizada em 92,5% dos domicílios (72,5 milhões) do país em 2023, com alta de 1,0 ponto percentual se comparado a 2022. Mas o Brasil ainda tem um desafio que é levar a internet a mais lares. Em 2023, 5,8 milhões de domicílios do país não utilizavam a internet. Os principais motivos foram: nenhum morador sabia usar a internet (33,2%), serviço de acesso à internet caro (30%), falta de necessidade em acessar a internet (23,4%), cobertura de rede não atende o endereço do domicílio (4,7%), equipamento para acessar a internet era caro (3,7%), falta de tempo para usar (1,7%), preocupação com segurança ou privacidade (0,6%) e outro motivo (3%).

Os idosos, com 60 anos ou mais, que utilizam a internet, somavam 24,7% (2016) e subiram para 66,0% (2023). Entre as regiões, o Centro-Oeste manteve o maior percentual de usuários da internet (91,4%). O Nordeste somou 84,2% e Norte 85,3%, os menores percentuais. Em 2023, 97,6% dos estudantes da rede privada e 89,1% dos alunos da rede pública utilizaram internet, sendo que a diferença entre esses dois grupos variou de acordo com o curso frequentado. O equipamento mais utilizado para acessar a internet, em 2023, foi o celular (98,8%). Em seguida veio a TV (49,8%). O acesso à internet via microcomputador recuou de 63,2%, em 2016, para 34,2%, em 2023. O acesso por meio do tablet caiu de 16,4% para 7,6%. Em 2023, 94,6% dos usuários acessaram a internet para conversar por chamadas de voz ou vídeo. Outras finalidades foram enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de e-mail (91,1%); assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes (87,6%); e usar redes sociais (83,5%).

---

<sup>358</sup> NERY, Carmen. **Internet foi acessada em 72,5 milhões de domicílios do país em 2023.** Agência IBGE Notícias, [S.l.], 16 ago. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41024-internet-foi-acessada-em-72-5-milhoes-de-domicilios-do-pais-em-2023>. Acesso em: 19 ago. 2024.

No Brasil, de 2022 a 2023, o número de domicílios com TV subiu de 71,5 milhões para 73,9 milhões (ou seja, 94,3% do total de casas). Desse total de casas que têm TV, quatro, a cada dez casas, usam serviço de streaming. Os dados atualizados do IBGE mostram que primeiro a TV, depois a internet e o rádio, são hoje os maiores meios de comunicação de massa usados nos domicílios do país. A igreja precisa observar essas informações para traçar as estratégias de atuação nesses meios.

Outras desvantagens são a falta de relacionamento e de comunhão. A internet oferece uma relação frágil entre as pessoas. Na mesma rapidez que um relacionamento é criado, pode ser desfeito apenas clicando no mouse. Basta aceitar ou bloquear uma pessoa nas redes sociais. Já durante a transmissão do culto ao vivo, as pessoas podem opinar no chat, mas muitas ficam sem resposta, sem interação, diante de uma comunicação unidirecional. No mundo líquido e fluido, vale a quantidade de seguidores e não a profundidade de uma relação duradoura como as gerações anteriores tinham, em relacionamentos presenciais. Ruppenthal Neto destacou essa realidade ao mostrar as ideias de Byung-Chul Han que evidenciam essa mudança. Han diz que os amigos do Facebook, por exemplo, são contados, sendo mais um valor numérico do que, de fato, relações no mundo real. “A enumeração tem afetado a sociedade atual.”<sup>359</sup> Seguindo essa tendência de relações descartáveis, Byung-Chul Han,<sup>360</sup> ao estudar a sociedade que ele afirma estar cansada e esgotada, diz que as pessoas hoje não são capazes de estabelecer ligações intensas.

## 5.5 NECESSIDADE DE SUPERAR A RESISTÊNCIA À TRANSMISSÃO DO CULTO ON-LINE

Há resistência de fiéis e dos líderes quanto à igreja estar na internet, sendo que muitos são contra o culto on-line. Camba comenta sobre essa realidade:

Não podemos deixar de perceber que muito de nossos cultos se tornaram vazios. [...] Para aqueles cuja razão permanece em estado sonolento, realizar cultos on-line ainda se constitui um sacrilégio. Vale aqui ressaltar que os líderes cristãos, que acham absurda a ideia de cultos on-line, são aqueles que ontem combatiam, com veemência, o uso da internet com ideias

<sup>359</sup> RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **Igreja do cansaço**: desafios do cristianismo no mundo atual. Curitiba: Esperança, 2024, p. 34.

<sup>360</sup> HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª edição, 2017. p. 92.

conspiratórias. A internet não milita contra o corpo de Cristo. A igreja são pessoas se reunindo em qualquer espaço que não seja necessariamente um templo.<sup>361</sup>

As pessoas precisam superar a resistência em participar da transmissão do culto on-line. A internet é somente a mídia para anunciar a mensagem do Evangelho e a igreja cristã sempre usou o meio de comunicação de sua época para pregar e edificar os fiéis. Um exemplo foi o apóstolo Paulo que usou cartas para se comunicar com as igrejas espalhadas no mundo conhecido do século I. Lutero usou a prensa de Johann Gutenberg no século XVI. A carta e a prensa eram as mídias disponíveis daquela época. A internet é o meio que a igreja pode usar hoje.

Existem pessoas que defendem que a igreja não deve fazer a transmissão do culto on-line argumentando que esse serviço levou os membros a não mais comparecer à reunião presencial. Mas cabe questionamento sobre essa mentalidade. Vamos comparar duas situações para melhor esclarecimento. Há, no segmento evangélico, muitas pessoas que não participam da Escola Bíblica Dominical. De forma empírica sabe-se que os cultos noturnos, aos domingos, recebem mais público do que a Escola Bíblica, que geralmente acontece pela manhã. É real a não participação de parte dos membros nos estudos dominicais matutinos e, nem por isso, existe um movimento defendendo o fim das Escola Bíblica Dominical. Por que defender o fim do culto on-line com a desculpa de que esse serviço faz com que as pessoas fiquem em casa não indo mais ao culto presencial?

Os programas evangélicos na televisão também podem ser usados como exemplo. Existem vários programas das igrejas evangélicas na TV aberta e fechada. Não se vê nenhum discurso de opositores sugerindo o fim dos programas evangélico de TV. Também não se fala que os programas evangélicos na televisão são responsáveis pelas pessoas não irem ao culto presencial. Por que existe esse questionamento em relação ao culto virtual com alguns afirmando que a transmissão impede que as pessoas estejam presencialmente nos templos? O meio de comunicação de massa não é o responsável pelo desigrejamento. Os vários problemas que a igreja evangélica enfrenta hoje são os responsáveis pela evasão.

---

<sup>361</sup> CAMBA, Tomás. A importância dos cultos online em época de isolamento social. **Estadão**, São Paulo, 8 maio 2020. [Blog Fausto Macedo]. [n.p.]. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/a-importancia-dos-cultos-online-em-epoca-de-isolamento-social/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

A resistência atual que algumas lideranças têm quanto a investir na transmissão do culto on-line faz lembrar que não é de hoje que existem pessoas que se opõem ao uso das mídias pelas igrejas evangélicas brasileiras. Um olhar para o passado mostra que, no início do uso do rádio e da televisão no Brasil, algumas igrejas evangélicas também se opuseram à essas mídias.

A igreja evangélica brasileira teve forte influência da americana. As igrejas<sup>362</sup> mais influentes, no século XIX, nos Estados Unidos da América, eram Presbiteriana, Metodista, Episcopal, Luterana, Congregacionalista e Batista. Essas denominações defendiam que, por meio da educação, da mídia e do lar seria possível cristianizar as pessoas. Dessas denominações saíram os primeiros missionários protestantes para atuar junto aos brasileiros, em meados do século XIX. No Brasil, esses missionários tiveram muitas dificuldades por causa dos católicos e também, ao colocar seus projetos em prática, enfrentaram resistência dos próprios evangélicos. Esses missionários investiram em mídia e missões, mas tiveram um trabalho estagnado. O *National Council of Churches in Christ of USA* (NCCCUSA - Conselho Nacional de Igrejas em Cristo dos Estados Unidos) criou centros de audiovisual evangélico pelo mundo. Criou centros no Japão, na Índia, no Brasil, no Paquistão, no Líbano, na Coreia do Sul e no México.

No Brasil, o Comitê de Cooperação na América Latina da Divisão de Missões Estrangeiras da NCCCUSA e a Confederação Evangélica do Brasil montaram um estúdio de rádio na cidade de São Paulo, em 1952. Era o início do Centro Audiovisual Evangélico (CAVE). Inicialmente era de uso e de propriedade dos presbiterianos, mas depois tornou-se interdenominacional. O CAVE produzia filme, *slide*, programa de rádio, disco com hino e música evangélica, transparência, flanelógrafo e projetor. Produziu o primeiro filme evangélico brasileiro, “O Punhal”, em 1961, e o primeiro desenho animado evangélico no Brasil que foi “Tônico e o Demônio”, em 1963. O CAVE produziu também os programas de rádio “Jardim das Oliveiras” e “A Voz do Santuário”, em São Paulo.

Foram muitas as dificuldades enfrentadas por esses primeiros missionários.<sup>363</sup> A tarefa de convencer as lideranças eclesiais a usar os recursos audiovisuais e a

---

<sup>362</sup> BELLOTTI, Karina Kosicki. Entre cruz e a cultura pop: mídia evangélica no Brasil. *In*: FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). **Novas Perspectivas sobre o Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009. p. 284-285.

<sup>363</sup> BELLOTTI, 2009. p. 284-285.

publicidade existente à época foi difícil porque muitos não estavam acostumados à nova linguagem. Os defensores do uso da mídia apoiaram-se na Bíblia para justificar o ato. Em 1050, em uma publicidade, os defensores do uso dos novos meios de comunicação disseram que os opositores ao uso das mídias necessitavam lembrar que a Bíblia diz, em Filipenses 1:18, que as pessoas deveriam ficar felizes uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado. Outro problema foi quando se decidiu criar um departamento comercial no CAVE, em 1961. Um relatório da época, datado de 7/4/1961, mostra que, em uma organização religiosa como o CAVE, muitas pessoas achavam chocante chamar um departamento de comercial.

As críticas quanto à igreja usar as novas mídias da época não foram só dos próprios evangélicos, vindo também da imprensa. O uso do rádio pelos pregadores pentecostais foi atacado pela imprensa de Curitiba durante uma campanha da CNE na cidade, em agosto de 1955. Na época, o evangelista em evidência na cidade era Manoel de Melo, posteriormente fundador da igreja O Brasil Para Cristo, surgida de um programa de rádio que levava o nome da congregação. O título da nota do Diário do Paraná, ferrenho adversário da Cruzada, dizia: “santo de cabeleiras - ares de galã do cinema mexicano, o ‘milagroso’ Manoel de Melo dirigia a prédica e executava os rituais de cura, tudo dentro do mais vulgar estilo radiofônico, de programa de auditório.”<sup>364</sup>

Assim como se vê atualmente a resistência de pessoas com a transmissão do culto pela internet, anos atrás as resistências também foram muitas. Evangélicos e não evangélicos discordavam da igreja ocupar espaços no rádio, TV, jornal impresso e revista. O medo do novo, representado pelas mídias, gerou um movimento de fechamento e repressão dentro de muitas igrejas protestantes. A consequência foi a perda de público, pois houve a saída de muitos jovens para igrejas avivadas ou a promoção de avivamentos dentro de igrejas mais tolerantes. A música não é foco de estudo desta pesquisa, mas vale dizer, somente como ilustração, que a introdução de bateria e guitarra nos cultos também foi alvo de crítica e resistência, por parte de algumas pessoas, que condenavam esses instrumentos dizendo que eram satânicos.

Assim como o rádio, o uso da televisão, por parte das lideranças evangélicas, também sofreu resistência. Quando pastores pioneiros começaram a produzir

---

<sup>364</sup> BELLOTTI, 2009, p. 293.

programa evangélicos de TV, nas rodas de conversa dos evangélicos mais tradicionais era comum dizer que a televisão era satânica. Era considerado pecado assistir TV. Atualmente, guardada as devidas proporções de tempo e espaço, a mesma crítica acontece quando a igreja usa a internet. Ao se analisar esses três meios de comunicação de massa - rádio, TV e internet, pode-se ver que o uso inicial desses veículos sofreu oposição. Hoje não se houve mais evangélicos sendo contra a igreja ter programa de TV. Isso tornou-se algo normal. Mas a igreja usar a internet, que é um meio mais novo do que o rádio e a televisão, ainda enfrenta resistência entre grupos evangélicos. Essa resistência precisa ter fim.

Defendendo a igreja digital, Motta<sup>365</sup> diz que a internet é um campo missionário caso seja bem utilizada, mas percebe que a igreja vem demonizando a digitalização em seu discurso. Primeiro as Bíblias digitais foram criticadas, depois muitas pessoas combateram as redes sociais dizendo que o conteúdo das mesmas não edificava e agora a tecnologia 5G é apontada como ruim porque, dizem muitos líderes, poderá perseguir e controlar as pessoas em qualquer lugar. Motta diz que os evangélicos têm duas saídas: podem achar que tudo é de Satanás ou pensar que Deus está dando à igreja nova oportunidade de usar a tecnologia para anunciar a Jesus Cristo.

A reflexão pode ir além e questionar onde a igreja evangélica se perdeu e ficou para trás na corrida tecnológica, abandonando a construção de um ministério que leve em conta o contexto social que se vive atualmente dentro de um mundo digital. Há tempos o mundo não é mais somente presencial. Por que a igreja permaneceria com as reuniões somente presenciais? O mundo digital é uma realidade já inserida na vida diária da sociedade. A igreja não pode ficar de fora dessa realidade, mas aproveitá-la para dialogar com as pessoas e fazer missões. A era digital traz mudança cultural e esse novo contexto pode ser usado pela igreja para anunciar o Evangelho às novas gerações já nativas digitais. Cabe à igreja utilizar as mídias deste tempo para ajudar as gerações presentes e futuras a construir sentido existencial ligado a Jesus Cristo.

Para que a igreja seja contextualizada na atualidade é importante o uso da tecnologia para se comunicar e influenciar esta geração. A internet e a conexão

---

<sup>365</sup> MOTTA, Rodrigo. **Igreja digital?** A missão da igreja no mundo pós-digital. São Paulo: Quitanda, 2020. p. 76-78.

globalizada ampliam a mensagem do Evangelho. A igreja on-line é hoje parte de uma grande estratégia para alcançar pessoas. Cabe à igreja chamar a atenção das pessoas no ambiente digital e ser capaz de levá-las para o ambiente físico. Não é porque um relacionamento iniciou no meio on-line que permanecerá no modo digital. A iminente mudança da igreja é para se adequar aos tempos atuais porque a vida se transforma rapidamente. A ação da igreja é “ao compasso dos tempos, mas ancorada na rocha”<sup>366</sup> que é Jesus Cristo.

Eu não preciso estar, literalmente, de corpo presente para estar em comunhão contigo ou para reunir em nome de alguém. Não há nada que impeça a gente de celebrar e interceder pelos outros e sermos comunidade fora do templo. Não há nenhum problema. Agora é necessário superar os sectarismos. Superar as ideias que foram impostas de uma lógica de templo e não comunitária.<sup>367</sup>

A liderança tem muito trabalho ao investir na transmissão do culto on-line. Para a igreja marcar presença digital, o desafio é entender que a igreja on-line não veio para substituir, mas para estender a igreja física.<sup>368</sup> As pessoas tendem a imaginar que o mundo digital veio colocar fim às igrejas físicas, às programações presenciais e ao relacionamento humano. Porém, esse pensamento é um equívoco. A igreja on-line é uma extensão da física. A igreja on-line faz com que haja maior alcance da mensagem bíblica, além de atrair as pessoas a, posteriormente, visitar e frequentar a igreja física. Ambas as formas de culto, presencial e on-line, podem acontecer simultaneamente. Uma não exclui a outra.

É necessário compreender que a igreja está em todo lugar, no cotidiano social. Partindo do ponto de que a igreja on-line não veio para substituir a física, mas estendê-la, passa-se a entender o propósito real do que significa fazer parte de uma congregação e servir: o fiel se conecta a Deus e conecta as pessoas a Ele também. Não é só em período de reclusão social e isolamento que as pessoas precisam ser conectadas a Deus, às outras pessoas e à igreja. Isso porque há pessoas que, mesmo antes da pandemia ter abalado o mundo, já se sentiam isoladas e solitárias, sem algo, alguém ou algum lugar de onde sentiam-se parte. Nesse viés, pode-se perceber novamente a relevância da igreja on-line para a sociedade. O Evangelho pode, por meio do virtual, alcançar lugares e pessoas que a igreja física ainda não havia conseguido chegar. A proposta da igreja on-line é fazer-se parte do cotidiano de todos, sem restrições de locais, horários e ambientes.<sup>369</sup>

---

<sup>366</sup> Nossa causa. **Mocidade Para Cristo**, Belo Horizonte. Disponível em: <https://mpc.org.br/nossa-causa/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

<sup>367</sup> CORAZZA, TOSTES, FERNANDES, 2020, [n.p.].

<sup>368</sup> SCHLEMPER, 2017, [N.P.].

<sup>369</sup> SCHLEMPER, 2017, [n.p.].

O ministério digital representa a igreja presente no cotidiano. A igreja on-line não se resume à realização dos cultos on-line. Os cultos on-line representam a porta de entrada para um ministério digital que se fundamenta em geração de conteúdo para todos os públicos, disponibilizados nas plataformas digitais (Facebook, Instagram, Youtube, entre outras), na humanização da internet (pessoas atendendo pessoas, redução da automação) e os cultos on-line como mecanismo de atração para visitantes e novos convertidos, que posteriormente seguirão sua jornada na fé com o auxílio do ministério digital.<sup>370</sup> Oliveira<sup>371</sup> diz que a era digital trouxe um cenário de integração mundial e isso ajuda na ampla divulgação de informações de forma mais rápida. A maneira de se comunicar hoje influenciou a vida da maior parte da população global e essa realidade precisa ser considerada pela igreja cristã na tarefa de proclamar o evangelho no mundo.

A questão da vida em coletividade e em comunhão gera polêmica quando se fala em culto on-line e igreja digital. A pergunta é até que ponto a internet comprometeria a comunhão entre as pessoas. Mas existe comunhão quando as pessoas participam de um culto on-line. O que acontece atualmente é que mudou a maneira de ter essa comunhão. Não é a mesma comunhão presencial, mas há igrejas que criaram espaços com salas de encontro virtual para oração. Outras que engajam as pessoas que participam do culto on-line em células presenciais e virtuais. Cabe a cada pessoa escolher qual modelo de célula quer participar. É importante ter um olhar diferente para perceber novos modelos de ser igreja na atualidade.

Segundo Sbardelotto, nos rituais on-line e nas manifestações religiosas em rede, as pessoas constroem sentido interagindo com um “outro” (outra pessoa ou o próprio sistema) e também com o “Outro” por excelência (Deus, o divino, o sagrado). É uma nova forma de viver em comunidade.

Nessas expressões religiosas, vemos que a comunidade de fé não desaparece: ao contrário, o fiel a busca, dirige-se a ela, pede intercessão, partilha a sua vida com ela. Em rede, contudo, a pessoa seleciona e escolhe a sua alteridade (terrena ou divina), embora isso não caracterize uma fé necessariamente isolada e individualista. É uma nova forma de comunidade, segundo os protocolos do ambiente digital: descontextualizável e recombinável. Isto é, a noção de ‘comunidade’ na internet pode ser mais bem entendida em termos de redes de relações e interações sociais, que

---

<sup>370</sup> SCHLEMPER, 2017. [n.p.].

<sup>371</sup> OLIVEIRA, Jairo de. Os novos rumos na pregação do evangelho. *In*: LOPEZ, Neriél Lopez (org.) **Cristianismo pós-pandemia: impacto e oportunidades**. São Paulo: Vida, 2020. p. 134.

envolvem uma maior maleabilidade, globalidade e interconectividade dos vínculos sociais.<sup>372</sup>

Sbardelotto diz que a comunhão agora acontece também por meio da conexão virtual. É uma nova maneira de reunião onde não mais a comunidade se encontra somente presencialmente. As comunidades em rede se caracterizam por uma ambiência fluida em que só faz parte dessas comunidades quem a elas tem acesso. Isto é, são as relações que se estabelecem em rede que constituem novas modalidades de comunidade, ubíquas e instantâneas, dispensando ritos introdutórios ou graus de pertencimento, em que a conexão basta como “sinal” de filiação. Trata-se de “comunidades eletivas” construídas e mantidas midiaticamente, já que a filiação passa a estar aberta e disponível para qualquer pessoa.

É também a interação comunicacional midiaticizada que sustenta tais comunidades ao tornar comum entre as pessoas aquilo que pessoal, social e religiosamente não pode nem deve, a seu ver, ficar isolado. Assim, o fiel não faz uma ‘opção’ entre uma comunidade off ou online, mas, ao contrário, adquire, para além de sua comunidade de fé offline, mais ambientes de interação, agora online, com seus pares religiosos. Em última análise, as comunidades religiosas possibilitadas pelo ambiente digital revelam que o sistema digital se torna constitutivo dos vínculos sociorreligiosos e, portanto, em sua ausência ou desestabilização, desencadeia-se o debilitamento ou até o rompimento desses vínculos – assim como dessa comunidade específica.<sup>373</sup>

Agreste comenta o motivo pelo qual as pessoas estão deixando a igreja. Disse que igrejas locais estão sofrendo porque os membros não voltaram a frequentar os cultos depois da pandemia. Os questionamentos são: será que os membros só estão dando um tempo? Será que os membros definitivamente abandonaram ou estão em outras igrejas? Existe nas lideranças uma grande preocupação por causa do esvaziamento das igrejas locais. Um outro movimento é de pessoas que antes frequentavam as igrejas locais e tinham preconceito com a experiência on-line e criticavam as igrejas que transmitiam os cultos virtualmente. De repente, veio a pandemia e essas pessoas começaram a assistir aos cultos das igrejas em casa e gostaram da ideia. “Depois elas descobriram na internet pregações melhores. [...]”

---

<sup>372</sup> SBARDELOTTO, Moisés. Religião e internet. Entrevista com Moisés Sbardelotto. **Último Andar**, São Paulo, n. 28, p. 5-18, 2016. p. 8. Disponível em: [https://www.academia.edu/30706574/Religi%C3%A3o\\_e\\_internet\\_Entrevista\\_com\\_Mois%C3%A9s\\_Sbardelotto?email\\_work\\_card=view-paper](https://www.academia.edu/30706574/Religi%C3%A3o_e_internet_Entrevista_com_Mois%C3%A9s_Sbardelotto?email_work_card=view-paper). Acesso em: 31 dez. 2023.

<sup>373</sup> SBARDELOTTO, 2016, p. 8.

Essas pessoas não voltaram para o convívio da comunidade local. Elas consomem pregadores e cultos pela internet.”<sup>374</sup>

Segundo Agreste, a discussão teológica é como lidar com essa nova experiência. A igreja terá que tratar dessa experiência nos próximos anos e o grande desafio será como ter as pessoas na internet, mas engajá-las em algum tipo de experiência comunitária. É preciso ressaltar que a pessoa que se envolve com frequência regular e contínua em algum tipo de reunião comunitária de fé - seja culto presencial na igreja, reunião em casa ou em igreja virtual, deixa de ser considerada como desigrejada.

Como já foi dito, existem vantagens e desvantagens quando se analisa a presença virtual da igreja com a prestação de vários serviços como o culto on-line. De acordo com publicação da missão internacional Servindo Pastores e Líderes (SEPAL), as igrejas precisam estar atentas para os fatos negativos, que foram chamados de riscos, no ambiente digital. Estar atento não significa a igreja ausentar-se ignorando esse meio tecnológico. Há orientações úteis para a liderança usar bem o meio digital:<sup>375</sup>

1. Nas reuniões on-line experimenta-se que é possível cultuar virtualmente, mas a igreja deve estar atenta para não perder o vínculo presencial;
2. No ambiente digital o alcance de público é maior, mas há pessoas que estão tão endurecidas que nem mesmo o vasto cardápio de mensagens consegue alcançá-las, apenas o relacionamento;
3. A igreja deve estar nas redes sociais para fazer evangelização. A internet tem sua importância, mas é preciso identificar e estabelecer os limites. Cabe à igreja continuar alcançando longe e cuidando de quem está perto. A igreja deve investir em comunicação digital para manter diálogo social e evangelizar;

A internet e as mídias digitais geraram uma nova maneira de comunicar e de criar vínculos, em nível pessoal e coletivo, oferecendo espaços de participação sociopolítica e de cidadania ativa. [...] A internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos. [...] As redes digitais são também um lugar indispensável para se alcançar os jovens.

---

<sup>374</sup> ULTIMATO, 2022.

<sup>375</sup> SOUTO, Luane; REIS, Phelipe. Há riscos para as igrejas imersas no ambiente digital? **SEPAL**, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://sepal.org.br/ha-riscos-para-as-igrejas-imersas-no-ambiente-digital/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

[...] A igreja vem fazendo esforços para uma presença mais efetiva na internet e nas diversas plataformas digitais.<sup>376</sup>

4. A igreja precisa proporcionar diálogo, encontro e debate nos ambientes digitais como no culto on-line, por exemplo. “A troca de informações pode transformar-se em comunicação, os contatos podem amadurecer em amizade, as conexões podem facilitar a comunhão.”<sup>377</sup>

Segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB),<sup>378</sup> a vida litúrgica e comunitária também pode ser enriquecida com o recurso ao ambiente digital mediante oportunidade de oração, meditação, preparação aos sacramentos e partilha da palavra de Deus na internet, nas redes digitais e em aplicativos móveis. Assim, podem abrir portas para outras dimensões da fé como o encontro pessoal direto, interesse pela vivência e pela partilha junto à comunidade local.

## 5.6 DICAS PRÁTICAS AO REALIZAR CULTO ON-LINE

Criar uma atmosfera de participação da membresia no universo digital é importante para que a igreja on-line seja bem sucedida. Existem orientações<sup>379</sup> para manter as pessoas engajadas como a liderança se comunicar com o público virtual durante os cultos, motivando-os a interagir nos comentários (chat) e afins, de forma a instruí-los ao que devem fazer ao longo da programação. Também pode ser realizada pesquisa on-line durante os cultos e o resultado pode ser compartilhado ao longo ou depois da pregação. É interessante criar métodos de interação/comunhão antes e depois dos cultos. Um exemplo é uma sala virtual de conversa para que os membros mantenham um relacionamento e desenvolvam diálogos, como nos cultos presenciais.

Preparar, com curso de capacitação, uma equipe de comunicação para cuidar da área virtual.<sup>380</sup> Recomenda-se investir no monitoramento do chat ao longo do culto on-line. Crie linhas específicas para pedidos de oração – disponíveis durante todo o

<sup>376</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2023, p. 132.

<sup>377</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2023, p. 139.

<sup>378</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2023, p. 140.

<sup>379</sup> SCHLEMPER, 2017.

<sup>380</sup> Recomendo o e-book “YouTube para igreja”, da jornalista Elis Amâncio, [elisamancio.com.br](http://elisamancio.com.br), para a equipe de comunicação da igreja. É um guia prático de como criar um perfil e utilizar bem o YouTube.

culto – e as salas virtuais privadas para que essas orações ocorram. É necessário trazer o nível de engajamento da igreja física para a igreja on-line.

Em ambiente on-line, as pessoas não possuem a mesma interação umas com as outras – ou até mesmo com o evento que está ocorrendo em si, do que na igreja física. Em contrapartida, mesmo com as dificuldades, é necessário fazer com que as pessoas sintam que estão envolvidas e fazem parte de algo. Os seres humanos foram criados para viver experiências de imersão. É necessário que os pastores e líderes invistam em meios de manter a membresia da igreja engajada nas programações e nos cultos.<sup>381</sup>

Durante o monitoramento do culto on-line, a equipe da igreja deve responder às perguntas que são digitadas no chat. O internauta precisa receber uma resposta toda vez que a instituição disponibilizar um canal de comunicação (seja telefone, fax, e-mail, WhatsApp, chat, entre outros). Também é importante criar links para as pessoas acessarem e preencherem um brevíssimo cadastro quando aceitam Jesus como Salvador durante o culto virtual.

## **5.7 EXEMPLOS DE IGREJAS QUE DESENVOLVEM MINISTÉRIO VIRTUAL**

As igrejas evangélicas já transmitiam os cultos pela internet antes da pandemia da Covid-19. Baseado em experiência empírica de conversar com lideranças, pois não há pesquisa sobre o assunto, observa-se que esse serviço permaneceu depois da pandemia.

Por dois anos a pesquisadora acompanhou, aos domingos à tarde e à noite, a transmissão dos cultos on-line da Igreja Memorial Batista, em Brasília, no Distrito Federal, e da Igreja do Amor, na cidade de Paulista, em Pernambuco, para observar como realizavam a transmissão do culto on-line. Nesta pesquisa são descritos os fatos e as impressões do serviço virtual de ambas igrejas.

A Igreja do Amor, presidida pelo pastor Arthur Pereira e pela pastora Talitha Pereira, investiu na internet desenvolvendo o campus on-line. São quatro cultos transmitidos virtualmente, ao vivo, pelo YouTube, todas as quartas-feiras, às 19:30, e aos domingos, às 10 horas, 17 horas e às 19:30 horas. Depois esse material é salvo na plataforma ficando disponível para o público em geral. Além do YouTube, o culto também é transmitido no Instagram.

---

<sup>381</sup> SCHLEMPER, 2017, [n.p.].

Um exemplo de culto transmitido no Instagram aconteceu no dia 5 de março de 2023, às 18 horas, no perfil do pastor Arthur. É variado o número de pessoas assistindo ao culto. Em média, nesse dia, cerca de 382 pessoas seguiram o culto no Instagram (@igrejadoamoroficial), ocasião em que se inaugurava mais um campus da igreja na zona sul do Recife.<sup>382</sup> De acordo com as imagens mostradas, a igreja estava lotada nesse dia. Ou seja, pessoas no templo físico e no campus on-line participando da reunião. No YouTube, a página da igreja tem 922 mil inscritos e 1.100 vídeos publicados. No total, até a data do fechamento deste trabalho, a Igreja do Amor tem 10 campus, congregações, inclusive na cidade da Flórida, nos Estados Unidos da América. Tem a visão de célula, sendo as reuniões no templo e de casa em casa, presencial e virtualmente, possuindo nove células até o fechamento desta pesquisa.<sup>383</sup>

Cada igreja tem uma maneira diferente de se comunicar com as pessoas que participam dos cultos no ambiente virtual. Na Igreja do Amor o diferencial que é dar atenção ao público que está on-line. A igreja disponibiliza voluntários que prestam serviço de interação. Os voluntários escrevem no chat os títulos e subtítulos das ministrações, os nomes das músicas cantadas, respondem às perguntas que as pessoas fazem e disponibilizam um link para o internauta preencher um cadastro virtual quando aceita a Jesus como Salvador. É uma forma de manter contato posterior com a pessoa que se decide por Cristo. A pesquisadora, como forma de testar o funcionamento do serviço, preencheu a ficha virtual, mas, na primeira tentativa, não obteve nenhum contato da igreja. Ou seja, o pastor diz, ao vivo, que uma equipe entrará em contato com a pessoa, mas isso não aconteceu com a pesquisadora no primeiro contato. O serviço não está sendo eficiente. Essa ficha virtual também não pergunta de que forma a pessoa deseja que a igreja entre em contato, se via e-mail, WhatsApp ou ligação telefônica.

A pesquisadora, pela segunda vez, preencheu a ficha, insistindo para checar se o serviço funcionaria. Dias depois uma voluntária respondeu, enviando mensagem via WhatsApp, informando que a pesquisadora seria encaminhada para uma célula virtual. A pesquisadora aceitou participar da célula virtual para conhecer como se

---

<sup>382</sup> Perfil no Instagram do pastor Arhtur Pereira, Igreja do Amor. PEREIRA, Arthur. Instagram: @prarthurpereira. Disponível em: <https://www.instagram.com/prarthurpereira/>. Acesso em: 6 mar. 2023.

<sup>383</sup> O endereço do site da Igreja do Amor é [www.igrejadoamor.com.br](http://www.igrejadoamor.com.br). O endereço da página no YouTube é [youtube.com/@IgrejadoAmorOficial](https://www.youtube.com/@IgrejadoAmorOficial).

davam as atividades posteriores à transmissão do culto on-line. As reuniões virtuais da célula que a pesquisadora participou foram aos sábados, das 14 às 15 horas. A igreja trabalha com célula presencial e virtual com reunião semanal, durante uma hora, com uma programação única. Os líderes abrem a reunião com oração, há uma dinâmica, apresenta-se as pessoas novas no grupo, há a ministração de uma mensagem bíblica que é a mesma para todas as células da igreja e que também é enviada via WhatsApp, por escrito, para os participantes. Depois existe um momento de oração onde as pessoas fazem seus pedidos de súplica a Deus, é feita uma fotografia (que posteriormente é postada no perfil da célula no Instagram) e a reunião é encerrada. Durante a semana os líderes da célula mandam recados no grupo de WhatsApp e mensagens de edificação espiritual.

O chat fica disponível para as pessoas fazerem comentários durante a transmissão do culto da Igreja do Amor, no YouTube. O chat tem o serviço de nightbot<sup>384</sup> que envia mensagens incentivando os internautas para curtir e compartilhar o link do culto. Nightbot é um bot de comunicação que permite automatizar o bate-papo e fazer moderação quando ocorre a transmissão ao vivo. É um chat de mensagem instantânea que ajuda a gerenciar o recado enviado pelo usuário e o bate-papo. O nightbot pode filtrar mensagem de spam, entre outros recursos. O chat fica aberto para que os usuários possam participar enviando mensagens por escrito ou emojis<sup>385</sup> que é um pictograma ou ideograma, uma imagem que transmite a ideia de uma frase ou de uma palavra. Por exemplo, o emoji de um coração significa amor.

O líder que está realizando o culto dá atenção às pessoas que estão no campus on-line. Incentiva às pessoas para que escrevam no chat de qual cidade participam do culto. A imagem do chat é projetada na tela, no templo físico, e o líder lê alguns comentários citando o nome e a cidade de onde a pessoa está assistindo ao culto. No final da ministração, o pregador também pede para as pessoas que se decidiram por Cristo, ou que voltaram para o Evangelho, escrever no chat “eu aceito” e “eu volto”. Várias pessoas escrevem. Há conversões e reconciliações com Jesus Cristo via internet. Quando o culto está terminando, o dirigente volta-se para uma

---

<sup>384</sup> NIGHTBOT. Ferramenta útil de bate-papo do Twitch. **Softonic**, [S./], [s.d.]. Disponível em: <https://nightbot.softonic.com.br/online>. Acesso em: 18 dez. 2023.

<sup>385</sup> PADILHA, Adriano. Emoji. **Enciclopédia Significados**, [S./], c2023. Disponível em: <https://www.significados.com.br/emoji/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

câmera específica e dá uma mensagem final para os internautas, despedindo-se deles.

A equipe que trabalha na transmissão do culto às vezes coloca na tela a letra das músicas, mas nem sempre isso acontece. É frequente esse serviço de projeção das letras das canções ser suprimido o que dificulta a participação das pessoas no momento do louvor porque nem todas conhecem a letra da música cantada. A leitura bíblica também fica prejudicada quando o texto não é projetado na tela. A igreja oferece o serviço de interpretação do culto para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Um intérprete aparece na tela do computador interpretando o culto. Esse serviço também é oferecido dentro do templo. Mas o serviço tem falhas. A pesquisadora observou que nem todos os domingos, no culto das 17 horas, há intérprete para as pessoas que participam via culto on-line. A pesquisadora participou de um culto que não teve a interpretação.

Na descrição do vídeo, no YouTube, a Igreja do Amor coloca poucas informações como o título da mensagem, a data e o horário do culto. No YouTube a igreja não disponibiliza os demais meios de comunicação como endereço das redes sociais, acesso ao WhatsApp, endereço do site, telefone e endereço da igreja. Não existe uma comunicação integrada entre todos os meios de comunicação que a Igreja do Amor utiliza (WhatsApp, site e redes sociais). O serviço do WhatsApp também não é eficiente. O acesso ao WhatsApp está disponível no site, mas o usuário não recebe retorno satisfatório quando envia mensagem. A pesquisadora testou esse serviço. A secretaria da igreja iniciou o atendimento, mas depois parou de responder e não atendeu pelo WhatsApp.

No culto de ano-novo que iniciou às 22 horas, dia 31 de dezembro de 2023, em vídeo de retrospectiva, a liderança fez um balanço das atividades e informou que, naquele ano, se converteram 9.509 pessoas em todas as congregações do ministério, houve 3.048 batismo e aclamações, com 1.187 células espalhadas pelo Brasil, Estados Unidos da América e pelo mundo, e a Igreja do Amor recebeu mais de 593 mil pessoas. Uma atenção especial aos números do campus on-line que cresceu e teve 900 mil pessoas. A transmissão do culto pelo YouTube tem gerado aumento no número de pessoas que participam, ao vivo, dos cultos. O lema da Igreja do Amor é

“de Paulista (Recife) para o mundo”.<sup>386</sup> Em vários cultos foi possível ouvir os líderes incentivando as pessoas a curtir o canal do YouTube. O objetivo dessa campanha é atingir 1 milhão de inscritos.

A Igreja Memorial Batista de Brasília, presidida pelo pastor David Pereira, também investe na transmissão do culto on-line por meio do canal no YouTube. No domingo, 5 de março de 2023, a transmissão do culto noturno teve 1.931 visualizações.<sup>387</sup> A página tem 12,8 mil inscritos e 1,7 mil vídeos publicados, até o fechamento desta pesquisa.

Um grupo de voluntários atende às pessoas que mandam perguntas e comentários pelo chat durante a transmissão do culto on-line. É comum tirar dúvidas sobre as atividades e receber pedidos de oração. De acordo com os voluntários que atendem virtualmente, os pedidos de oração são enviados para a equipe de intercessão. O dirigente do culto, algumas vezes, fala diretamente com os internautas, mas com menos frequência do que o da Igreja do Amor. A equipe projeta na tela as letras das músicas cantadas o que facilita para os internautas também cantar porque nem todas as pessoas estão familiarizadas com as letras das canções. A igreja não solicita que as pessoas escrevam no chat se estão aceitando a Jesus como Salvador ou se reconciliando. Por isso, não há evidências para afirmar que existem conversões por meio do serviço de transmissão do culto on-line.

A Igreja Memorial Batista de Brasília faz conexão entre os diversos meios de comunicação. Por exemplo, no perfil do YouTube, disponibiliza o endereço do site onde outros dados (como telefone e e-mails) podem ser obtidos. Também atende pelo WhatsApp e o serviço é eficiente porque a equipe que gerencia esse meio sempre respondeu às mensagens enviadas pela pesquisadora.<sup>388</sup>

Ao realizar uma comparação entre ambas as comunidades, Igreja do Amor e Igreja Memorial Batista de Brasília, percebe-se que o serviço on-line, oferecido pela

---

<sup>386</sup> CULTO da virada – Nós somos | Pr. Arthur Pereira. [S.l.], 31 dez. 2023. **Youtube**: publicado pelo canal Igreja do Amor, 1 vídeo (56min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=jqs2A95byR8&list=RDCMUCj9EdDivyWEQ\\_Nf6gyUy99Q&index=1](https://www.youtube.com/watch?v=jqs2A95byR8&list=RDCMUCj9EdDivyWEQ_Nf6gyUy99Q&index=1). Acesso em: 1 jan. 2024.

<sup>387</sup> CULTO da Noite - 05/03/2023 - 19h (horário de Brasília). Brasília, 13 mar. 2023. **Youtube**: publicado pelo canal Igreja Memorial Batista de Brasília, 1 vídeo (123min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=PIgBlxRZTJI&ab\\_channel=IgrejaMemorialBatistadeBras%C3%ADlia](https://www.youtube.com/watch?v=PIgBlxRZTJI&ab_channel=IgrejaMemorialBatistadeBras%C3%ADlia). Acesso em: 6 mar. 2023.

<sup>388</sup> O site da Igreja Memorial Batista de Brasília é [www.imbb.org.br](http://www.imbb.org.br). O endereço do YouTube é [youtube.com/c/IgrejaMemorialBatistadeBrasilia](https://www.youtube.com/c/IgrejaMemorialBatistadeBrasilia).

Igreja do Amor, é mais interativo, pois dá mais opções para o internauta participar, o que ajuda no engajamento virtual. O líder do culto também faz mais citações às pessoas que estão on-line dando maior atenção a esse público. Quanto à interação das pessoas, também há mais participação do público no chat da Igreja do Amor. No chat, os voluntários da congregação escrevem mais informações para o público como, por exemplo, os textos bíblicos lidos durante a ministração. O serviço oferecido de interpretação de LIBRAS também é um diferencial. No total, a igreja-sede faz mais transmissões de cultos, sendo quatro. Mas sabe-se que a Igreja do Amor em Orlando também transmite o culto pelo Instagram. O número de seguidores na página do YouTube é maior do que a outra igreja analisada. A Igreja do Amor transmite o culto no YouTube e Instagram, enquanto a Memorial Batista somente no YouTube.

Dois pontos que necessitam melhoria na Igreja do Amor são o atendimento via WhatsApp e a conexão entre todos os canais de comunicação que precisam dialogar. Ou seja, no YouTube deve ter as informações de todos os demais meios de comunicação da igreja e assim também deve ser nas demais mídias.

Por fim, a movimentação de câmera, durante as transmissões, é pouca o que causa imagens paradas, sem movimento, por um longo período de tempo. Essa questão técnica é importante porque o movimento das imagens captadas pelas câmeras ajuda a tornar a transmissão menos monótona. Esse problema de imagem sem ou com pouco movimento é percebido em ambas as igrejas.

A Igreja Memorial Batista de Brasília é mais eficiente em responder ao público nos serviços de atendimento e prestação de informação pelo WhatsApp e e-mail, por exemplo. A Memorial Batista faz uma melhor comunicação integrada entre os diversos canais de comunicação oferecidos ao público. A Memorial Batista precisa melhorar quanto à interação do dirigente do culto com o público virtual. Poucas vezes a pesquisadora viu, por exemplo, o pastor que pregava se dirigindo às pessoas que acompanham pela internet. A movimentação de câmera também é outro ponto que precisa melhorar. Os cinegrafistas e o diretor de imagem precisam fazer mais cortes de imagem para oferecer uma transmissão com mais movimento de câmera. As imagens transmitidas ficam paradas, estáticas, por muito tempo, o que torna monótona a transmissão para quem assiste.

## 5.8 INTOLERÂNCIA DOS EVANGÉLICOS PARA COM AS PESSOAS DESIGREJADAS

Por criticar a liderança e os membros em geral, por não querer ser membro da comunidade de fé e por gerar evasão eclesial, as pessoas desigrejadas sofrem intolerância e preconceito por parte de pessoas evangélicas, uma ação onde se percebe o corpo de Cristo atacando o próprio corpo.

Silva e Ribeiro, ao dar o conceito de intolerância religiosa, dizem que é a “atitude de não aceitar a prática religiosa do outro usando violência física, psicológica, escrita ou verbal com a finalidade de combatê-la.”<sup>389</sup> Para Nogueira,<sup>390</sup> a expressão intolerância tem sido utilizada para descrever um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas consideradas não hegemônicas. Práticas estas que, somadas à falta de habilidade ou à vontade em reconhecer e respeitar diferentes crenças de terceiros, podem ser consideradas crimes de ódio que ferem a liberdade e a dignidade humanas. O autor diz que o preconceito e a discriminação aparecem em forma de julgamentos que estigmatizam um grupo e exaltam outro, valorizam um grupo (as pessoas membros das igrejas, por exemplo) e desvalorizam outro (as pessoas desigrejadas, por exemplo). Acontece o julgamento baseado na ignorância, no moralismo, no conservadorismo e no poder político que se exerce. O resultado é prejudicial para quem é discriminado.

A intolerância gera a estigmatização do outro. Uma parte se considera padrão, correta e normal. E o grupo estigmatizado, como as pessoas desigrejadas, são taxados como anormal, fora do padrão e rebelde. Nogueira<sup>391</sup> afirma que estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio. Diz ainda que o estigma é uma construção social, em que os atributos particulares que desqualificam

---

<sup>389</sup> SILVA, Clemildo Anacleto; RIBEIRO, Mario Bueno. **Intolerância religiosa e direitos humanos: mapeamentos de intolerância**. Porto Alegre: Editora Sulina; Editora Universitária Metodista, 2007. p. 9.

<sup>390</sup> NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa** [livro eletrônico]. Coord. Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020. (Série Feminismos Plurais). p. 21. Disponível em: [https://www.academia.edu/43376161/INTOLER%C3%82NCIA\\_RELIGIOSA\\_Sidnei\\_Nogueira](https://www.academia.edu/43376161/INTOLER%C3%82NCIA_RELIGIOSA_Sidnei_Nogueira). Acesso em: 1 jan. 2024.

<sup>391</sup> NOGUEIRA, 2020, p. 19.

as pessoas variam de acordo com os períodos históricos e a cultura, não lhes propiciando uma aceitação plena social.

Já o sentido de tolerar significa desenvolver uma atitude que consiste em admitir no outro maneiras diferentes de pensar e de agir. Ser tolerante não implica em ser indiferente à perspectiva distinta do outro. A tolerância tem a ver com uma atitude de respeito à liberdade do outro de poder pensar e agir de modo diferente.<sup>392</sup> Tolerar não é concordar com as ideias alheias, mas respeitar o direito do outro de pensar diferente.

Silva e Ribeiro afirmam que, de modo geral, as pessoas querem se associar com quem pensa de forma semelhante. Mas essa percepção deve ser reavaliada porque a tolerância mostra que é preciso conviver com o outro exatamente porque existem diferenças de opiniões. “Um dos grandes desafios para a convivência social é encontrar maneiras de diálogo com o diferente.”<sup>393</sup> A liberdade de religião está ligada à garantia de manifestar a sua religiosidade e de não sofrer discriminação por parte do Estado, instituições ou grupos. “Inclusive a intolerância se dá entre grupos da mesma vertente ou fundamentação religiosa.”<sup>394</sup>

Exemplos desses grupos da mesma vertente são os protagonistas desta pesquisa que são as pessoas desigrejadas e também os membros das igrejas institucionais, que criticam os primeiros. São dois grupos que precisam entender que têm a mesma fé, apesar de pontos de vista distintos e de prática diferente da religiosidade. Silva e Ribeiro dizem que o fator que pode explicar esse embate é o desejo que cada grupo tem de ser o detentor dos valores sociais e virtudes morais que julgam ser os melhores. Os autores comentam ainda que “a tolerância precisa ser entendida como a harmonia na diferença.”<sup>395</sup>

A consequência da estigmatização, do preconceito e da intolerância é ainda mais afastamento das pessoas desigrejadas da comunidade de fé. Estigmatizar é um

---

<sup>392</sup> HAHN, Noli B.; CRUZ, Francieli Borchardt da; BOHNENBERGER, Gustavo Wohlfahrt. Tolerância e Intolerância Religiosa: apontamentos conceituais e históricos em diálogo com autores clássicos. *In*: GABATZ, Celso; ANGELIN, Rosângela (org.). **As configurações das identidades em tempos de intolerâncias e fundamentalismos** [e-book]. Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2021. p. 13-28. p. 17. Disponível em: <https://claec.org/editora/wp-content/uploads/sites/3/2021/02/As-configuracoes-das-identidades-em-tempos-de-intolerancias-e-fundamentalismos.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2024.

<sup>393</sup> SILVA; RIBEIRO, 2007, p. 13.

<sup>394</sup> SILVA; RIBEIRO, 2007, p. 18.

<sup>395</sup> SILVA; RIBEIRO, 2007, p. 25.

exercício comum para a manutenção de poder. Não aceitar e não dialogar com as pessoas desigrejadas ajuda a manter a exclusão do grupo, separa, gera violência verbal, espiritual e emocional, condena e mantém o controle dos que cometem o preconceito. A intolerância revela a falta de habilidade ou vontade em reconhecer ou respeitar diferenças ou crenças religiosas de outros. É preciso repensar essa discriminação para com as pessoas desigrejadas pelos membros das igrejas, pois sabe-se que a “religião pode funcionar tanto para a promoção da paz quanto para a promoção da violência.”<sup>396</sup>

Há tipos diferentes de violência, segundo o Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil, dos anos de 2011-2015, da Secretaria Especial de Direitos Humanos, que faz parte do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos. Entre os seis tipos de violência religiosa mostrada no relatório, destaque para três, observando que as pessoas desigrejadas reclamam que sofrem esses tipos de violência quando deixam de frequentar a igreja institucional.<sup>397</sup>

1. Violência psicológica por motivação religiosa - Caracteriza por qualquer conduta que cause danos emocionais, diminuição da autoestima, que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da pessoa, que vise degradar ou controlar as crenças e os comportamentos mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação, tendo como motivação a crença religiosa da vítima;
2. Violência institucional por motivação religiosa - Motivada por divergências de crenças ou convicções (religiões) predominantes em diferentes sociedades, ao se formalizarem e institucionalizarem nas diferentes organizações privadas ou

---

<sup>396</sup> SILVA; RIBEIRO, 2007, p. 44.

<sup>397</sup> MINISTÉRIO DAS MULHERES, DA IGUALDADE RACIAL, DA JUVENTUDE E DOS DIREITOS HUMANOS. **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011- 2015)**: resultados preliminares. Organizado por Alexandre Brasil Fonseca e Clara Jane Adad. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016. p. 31-33. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/cnrdr/pdfs/relatorio-de-intolerancia-e-violencia-religiosa-rivir-2015>. Acesso em: 31 jan. 2024.

públicas. Instituição deve ser entendida em sentido amplo, como qualquer organização ou estrutura social estabelecida pela lei ou pelos costumes;

3. Negligência por motivação religiosa – Caracteriza-se pelo abandono, descuido, desamparo, falta de responsabilidade e descompromisso com o cuidado e o afeto, tendo como motivação a crença religiosa da vítima. Situações em que a pessoa age com indiferença em relação a outra que necessita de seus cuidados ou atenção são incluídos nessa categoria.

Comentando sobre a intolerância da liderança das igrejas para com as pessoas desigrejadas, Bomilcar disse que as pessoas não têm diálogo sobre o tema mesmo existindo literatura explicando a questão. O desinteresse é grande para promover um debate para conversar sobre o movimento. Bomilcar listou quatro causas para o desinteresse eclesiástico:<sup>398</sup>

- 1) Não se organiza seminários para dialogar sobre as pessoas desigrejadas;
- 2) Há intolerância e polarização. Não existe a intenção de ouvir o outro, mas as pessoas já opinam com seus conceitos e preconceitos;
- 3) Só existe maior sensibilidade para entender o movimento quando as pessoas passam pela experiência de ter algum amigo ou familiar deixando a experiência comunitária;
- 4) Há desinteresse das lideranças por discutir o assunto, pois são os principais alvos das críticas. Os líderes podem ser os abusadores espirituais.

Os que observam o movimento afirmam que os evangélicos estão abandonando a igreja e que grande parte dos pastores ainda não tomou medidas para buscar solução para o fenômeno do desigrejamento.<sup>399</sup> Diante do impasse entre as partes, pessoas desigrejadas e lideranças, Oliveira propõe diálogo.

Por um lado, deve ser protagonizado pelos pastores no sentido de fazer uma autocrítica e buscar a ovelha perdida. Por outro, deve ser correspondido pelos desigrejados, no sentido de rever seus conceitos (e preconceitos) sobre o valor da igreja local e o desafio comunitário de ser igreja.<sup>400</sup>

---

<sup>398</sup> BLOG DA ULTIMATO, 2018.

<sup>399</sup> CAPLER, Rodolfo. Por que milhões de evangélicos estão abandonando suas igrejas. **Veja**, [S.l.], 9 maio 2022. [Blog Matheus Leitão]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/por-que-milhoes-de-evangelicos-estao-abandonando-suas-igrejas/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

<sup>400</sup> OLIVEIRA, Francisco Alves de. O desafio comunitário de ser igreja e a busca da reversão do êxodo eclesial. **Via Teológica**, Curitiba, v. 21, n. 41, p. 11-46, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/166>. Acesso em: 23 set. 2022.

Fazendo um chamado à tolerância e ao amor, Burke descortina os problemas encontrados nas pessoas - as que estão dentro das igrejas e as que não estão, e também chama os líderes à responsabilidade e à reflexão. Entre as citações, afirma que os líderes que pretendem atuar com as novas gerações precisam criar uma cultura na qual “as pessoas desajustadas sejam bem-vindas e haja espaço para a cura. Pessoas desajustadas são pessoas feridas. Por isso, a igreja deve ser a esperança delas.”<sup>401</sup> O autor afirma que os líderes precisam entender o mundo arrasado em que se vive hoje. A igreja deve estar preparada para oferecer a esperança e a cura que Jesus ofereceu a Zaqueu, o cobrador de impostos que roubava.

Burke<sup>402</sup> diz ainda que, na era atual, a “geração do eu”, a era do “se algo o faz sentir bem, faça-o”, atravessa cinco batalhas sociológicas que precisam ser superadas para as pessoas viverem a fé, participando da igreja. São elas: a batalha com a confiança (porque as pessoas estão perdendo a confiança nos outros e nas instituições), a da tolerância, a da verdade (que tornou relativa e não mais absoluta), a do quebrantamento e a da solidão. Ele diz que essa geração anseia por uma profunda união, ainda que geralmente estabeleça formas de relacionamentos superficiais. Diz que isolamento e desconfiança andam juntos. Quando uma pessoa cresce isolada e solitária, vive uma desconfiança a respeito de relacionamentos.

Cabe à igreja gerar uma cultura de envolvimento para essa geração solitária, porque a falta de união é dolorosa. Burke entende que a cultura atual é mais uma oportunidade do que uma ameaça para a igreja. Ele diz que o pensamento de hoje tornou a busca espiritual culturalmente aceitável. Isso é uma oportunidade que as gerações anteriores não viram. Hoje a igreja tem a chance de nutrir a alma de uma geração espiritualmente faminta. É por meio da igreja, corpo de Cristo, que as pessoas terão a oportunidade de voltar-se para o plano de Deus. Para isso acontecer, a igreja precisa ser sal e luz.

Não há desafio e oportunidade maiores para a igreja do que lidar com os esmagadores sofrimentos emocionais que conduzem nossa geração a inúmeros comportamentos de dependência. Se os líderes cristãos não se prepararem, organizarem e orarem para que as feridas causadas pela

---

<sup>401</sup> BURKE, John. **Proibida a entrada de pessoas perfeitas**: um chamado à tolerância na igreja. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 56.

<sup>402</sup> BURKE, 2006, p. 55.

experiência pós-moderna sejam curadas, correremos o risco de perder pessoas desta geração.<sup>403</sup>

Nogueira diz que a intolerância “nega o direito à existência autônoma do que é diferente dos padrões construídos socialmente. Há uma linha entre o mais e o menos aceitável.”<sup>404</sup> Respeito às pessoas desigrejadas é o mínimo que deve existir entre uma comunidade que se diz irmã. “A proposta cristã nunca foi a da violência, mas da tolerância para com os pensamentos divergentes. (...) O cristianismo é chamado à tolerância porque Deus é tolerante para conosco.”<sup>405</sup> Tolerar não é concordar, mas respeitar. O desafio é passar da intolerância para a empatia e o diálogo que ajudam a construir ponte com as pessoas desigrejadas.

O diálogo é procurar entender-se com outras pessoas e grupos. Nisso reside o uso daquilo que chamamos de empatia (en pathos), que quer dizer sofrer em se colocar no lugar do outro, assumindo a sua dor. Sem empatia não há diálogo. A busca do entendimento a respeito da posição do outro implica em atentar para o que outro tem a dizer sobre determinado assunto, na tentativa de compreender seus pontos de partidas, caminhos e chegada.<sup>406</sup>

Há problemas dos dois lados. O problema da violência religiosa, da discriminação e do desrespeito também é cometido pelas pessoas desigrejadas que praticam crime contra a honra (injúria, calúnia e difamação) contra líderes, principalmente pastores famosos que têm programa na televisão. No Facebook é comum postagens com xingamento e prática de crime contra a honra dos pastores. Fotografias e vídeos dos líderes são postados nas redes sociais sem provas materiais das acusações feitas. Há postagens fazendo sugestão desonesta e sem prova quanto ao uso que os pastores fazem do dinheiro doado pelos fiéis,<sup>407</sup> entre outros problemas. Diante desse quadro, é preciso respeito. A questão da intolerância e da violência religiosa acontece em ambos os públicos: para com as pessoas desigrejadas e para com os pastores. Segundo Silva e Ribeiro, praticar a tolerância não é renunciar às próprias convicções. Praticar a tolerância é “entender que todos têm a livre escolha

<sup>403</sup> BURKE, 2006, p. 55.

<sup>404</sup> NOGUEIRA, 2020, p. 19.

<sup>405</sup> VELIQ, Fabrício. Da intolerância ao diálogo: um caminho necessário. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 24, n. 1, p. 126-136, jan./jun. 2019. p. 133. Disponível em: file:///C:/Users/jorna/Downloads/3597-14035-1-PB%20(1).pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

<sup>406</sup> VELIQ, 2019, p. 135.

<sup>407</sup> ALVES, Arleu. **Carro forte se preparando para levar dinheiro para o céu**. Barro Alto, BA, 30 jan. 2024. Facebook: arleu.alves.1. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1104979093975408&set=gm.7558601290816802&idortvanti=2394891527187830>. Acesso em: 1 fev. 2024.

de suas convicções e aceitar que o outro possa desfrutar da mesma liberdade.”<sup>408</sup> Lembrando que intolerância religiosa é crime no Brasil.

A proposta é os cristãos praticar a tolerância religiosa para viver a comunhão e a mutualidade. Quando se fala em comunhão, também deve-se falar em mutualidade. Como explica Bailey, a relação entre comunhão e mutualidade é de causa e efeito. Onde existe a comunhão (causa), ela se manifesta por meio da mutualidade (efeito). “Uma igreja (...) que não está manifestando a comunhão por meio da mutualidade precisa examinar-se para verificar se está ou não em íntima comunhão com o Senhor Jesus.”<sup>409</sup>

Mutualidade é um mandamento recíproco. É a obrigação mútua de um cristão agir em relação ao outro. É a maneira de expressar amor e unidade.<sup>410</sup> Mutualidade diz sobre o que fazer e o que não fazer em relação às pessoas. A expressão conhecida sobre mutualidade é “uns aos outros”. Exemplos de mutualidade são os mandamentos recíprocos que não são opcionais, são obrigatórios para os cristãos, tais como: amem-se uns aos outros, aceitem-se uns aos outros, saúdem-se uns aos outros, tenham cuidado uns pelos outros, sujeitem-se uns aos outros, suportem-se uns aos outros, não tenham inveja uns dos outros, deixem de julgar uns aos outros, não se queixem uns dos outros, não falem mal uns dos outros, não provoquem uns aos outros, não mintam uns aos outros, confessem os seus pecados uns aos outros, perdoem-se mutuamente, edifiquem-se uns aos outros, ensinem uns aos outros, encorajem uns aos outros, aconselhem uns aos outros, sirvam uns aos outros, levem os fardos pesados uns dos outros, sejam mutuamente hospitaleiros e bondosos e orem uns pelos outros.<sup>411</sup> Praticar a tolerância implica defender a comunhão e a mutualidade.

Os principais tópicos abordados neste capítulo foram a Teologia Prática como meio para analisar a igreja atual, o contraponto dos teólogos quanto ao movimento, o apontamento de cinco possíveis saídas para a liderança enfrentar o desigrejamento, as vantagens e desvantagens do culto on-line, a importância de se superar a resistência de parte dos evangélicos sobre a transmissão do culto pela internet, dicas

---

<sup>408</sup> SILVA; RIBEIRO, 2007, p. 26.

<sup>409</sup> BAILEY, 2004, p. 25.

<sup>410</sup> BAILEY, 2004, p. 24.

<sup>411</sup> BAILEY, 2004, p. 27.

para realizar culto on-line, exemplos de duas igrejas que investem no culto on-line e a intolerância religiosa sofrida pelas pessoas desigrejadas.

## 6 CONCLUSÃO

A tese aborda o movimento das pessoas desigrejadas brasileiras. Esse movimento é afetado pela crise de pertencimento religioso que a igreja evangélica e protestante atravessa o que gera evasão na comunidade de fé e desinstitucionalização. As redes sociais foram estudadas por ser um espaço onde as pessoas desigrejadas criticam a igreja institucional. A tese apresenta cinco possíveis caminhos para a liderança da igreja dialogar com os desigrejados: autoanálise da liderança para corrigir problemas na igreja que levam as pessoas a deixar a comunidade, educação religiosa, busca ativa dos membros que abandonaram a congregação, reunião em casa para proporcionar cuidado entre as pessoas e o engajamento das igrejas na transmissão do culto on-line como uma forma de ajudar às pessoas desigrejadas a não perder de vez o vínculo com a comunidade de fé.

A pesquisa mostrou as vantagens e desvantagens do culto on-line que foi abordado na pesquisa porque é um espaço no qual as pessoas desigrejadas já se comunicam. A realização desse tipo de reunião virtual pode ser uma das respostas à evasão. O culto on-line é uma opção, mas não é a solução única para o desigrejamento que é o resultado de um grande movimento de crise axiológica (crise de valores). Essa crise afeta a igreja, a família e várias outras esferas da vida humana. É necessária uma alteração na postura dos líderes. De nada adianta ter culto on-line ou presencial se a liderança continuar cometendo os mesmos abusos que levam pessoas a abandonar a comunidade de fé.

Por uma parte de evangélicos, existe resistência à transmissão do culto on-line. Esta pesquisa mostrou a necessidade de superar essa resistência porque, para a comunidade de fé, há mais pontos favoráveis do que desfavoráveis no uso desse meio de comunicação. Como exemplo, foram descritos dois ministérios que investem na internet fazendo transmissões dos cultos ao vivo que são a Igreja Memorial Batista, em Brasília, Distrito Federal, e a Igreja do Amor, em Paulista, Pernambuco.

A pesquisa analisou a igreja evangélica tendo a Teologia Prática como base, pois a mesma julga se a prática da igreja é coerente com os postulados e com o discurso religioso que ela emite. Cabe à Teologia Prática ouvir as pessoas de dentro e de fora da igreja e mostrar a coerência ou a incoerência de suas práticas e de refletir

teologicamente sobre essas práticas. À luz da Teologia Prática, a pesquisa respondeu à pergunta principal: por que as pessoas se tornam desigrejadas e formam comunidades, nas redes sociais, para criticar a igreja institucional?

As considerações finais a que se chegou a pesquisa foi que as pessoas se tornaram desigrejadas por diversos motivos como a justificativa de que a igreja perdeu a sua missão, por ter sido machucadas por causa do abuso espiritual sofrido pela liderança, por estar decepcionadas, porque o paganismo teria se infiltrado na igreja. As pessoas desigrejadas afirmam que, por influência romana, a igreja é resultado do desvio de seu estado puro, no século I, para a religião sincretista e institucionalizada que hoje se chama cristianismo. Assim, dizem que tudo o que entende como igreja - sermão, prédio, pastor liturgia, oferta e coral, está influenciado pelo paganismo.

A pesquisa também chegou à conclusão que as pessoas afirmam que abandonaram a comunidade de fé porque entendem que não é bíblica a visão de igreja institucional. As pessoas dizem ainda que abandonaram a igreja porque a instituição é superprotetora, superficial, anticientífica e repressora. A lista inclui também o surgimento de muitas denominações evangélicas, o poder apostólico das igrejas neopentecostais, a institucionalização e secularização das denominações históricas, a profissionalização do ministério pastoral, a busca de diplomas teológicos reconhecidos pelo Estado, a variedade de métodos de crescimento das igrejas tradicionais e o fracasso das igrejas emergentes. A pesquisa mostrou a discriminação que as pessoas desigrejadas sofrem enfocando que existe desconhecimento sobre as ideias desse grupo e falta de estudo para entender melhor o movimento. Diante da desinformação, acontece a intolerância religiosa.

Os objetivos eram dois: primeiro, analisar os motivos que levam as pessoas a se tornarem desigrejadas. O segundo objetivo era observar as críticas que as pessoas desigrejadas fazem à igreja. Para que esse objetivo fosse atingido, a pesquisa abrangeu as redes sociais, Facebook e YouTube, para perceber o uso que as pessoas desigrejadas fazem desse meio de comunicação formando comunidades e criticando publicamente a igreja evangélica institucionalizada. A análise das redes sociais mostrou os espaços sociais usados pelas pessoas desigrejadas para manter diálogo, trocar informação mundial, publicar as ideias. As redes são espaços livres que não exigem comprometimento e vínculo eclesiástico.

Ainda foram citados os comentários que os evangélicos fazem ao desigrejamento por discordar das principais ideias desse grupo como a visão que as pessoas desigrejadas defendem de que não precisam ir à igreja institucional porque “são a igreja”, a visão de que o cristianismo foi influenciado pelo paganismo, a crítica das pessoas desigrejadas à construção de templos e a maneira institucionalizada de organização dos evangélicos, os erros históricos que o movimento comete ao justificar o desigrejamento baseado em como era a igreja primitiva, no século I, que, segundo as pessoas desigrejadas, não era institucionalizada. Ainda foi citada a diferença entre pessoas desigrejadas, pessoas desviadas e as pessoas sem religião que são três grupos distintos que são entendidos erroneamente como se fossem o mesmo.

O estudo teve algumas lacunas como a falta de dados oficiais, divulgados pelos órgãos governamentais, para que se construa um panorama da quantidade de pessoas no Brasil que se consideram desigrejadas. Apesar de pesquisar sobre religião em geral e sobre o segmento evangélico, os dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ainda são insuficientes para mostrar um retrato fiel do movimento. Os pesquisadores do IBGE não colocaram, até o Censo 2010, a opção de as pessoas responderem se são desigrejadas.

Outra lacuna é a ausência dos dados sobre religião, do Censo 2022, do IBGE, que não foram divulgados até o fechamento desta pesquisa. Por isso, esses dados não puderam ser analisados. As igrejas evangélicas também não têm a cultura de encomendar pesquisas às empresas especializadas para mostrar um cenário para a melhor compreensão do grupo. A falta de pesquisa pagas, por parte das igrejas, limita o estudo porque não têm dados que mostrem o cenário analisado.

Diante desse quadro, recomenda-se, futuramente, estudar os dados do Censo 2022, as ações práticas que as igrejas evangélicas estão fazendo para resolver a crise da evasão e a crise do pertencimento religioso e em que medida projetos colocados em prática atendem às pessoas desigrejadas. Para futuros estudos sobre o tema, é necessário fazer pesquisa de campo para conhecer quantas pessoas desigrejadas existem e as razões para o desigrejamento. Essa pesquisa pode ser encomendada às empresas profissionais. Outra sugestão é que os futuros estudos sobre as pessoas desigrejadas analisem o fenômeno em outras redes sociais. Nesta pesquisa foram analisados o Facebook e o YouTube. Futuras pesquisas poderiam estudar o

desigrejamento em redes como Instagram, Tik Tok, LinkedIn, X/antigo Twitter, Telegram, Snapchat, WhatsApp, entre outras.

Outra lacuna desta pesquisa é que não enfocou a polarização política que também pode ser causa de desentendimento entre as pessoas. É necessário realizar uma pesquisa para analisar se a polaridade política nas igrejas evangélicas, durante as eleições de 2022, contribuiu para a evasão dos membros. Outra necessidade é analisar se o culto on-line ajuda a diminuir o desigrejamento ou aumenta o número de pessoas desigrejadas que preferem participar da transmissão on-line do que ir à reunião presencial. Não existem dados estatísticos para afirmar se os cultos on-line ajudam ou não no desigrejamento, pois o segmento evangélico não tem pesquisa nesse assunto. Com a inexistência de dados estatísticos, toda análise se torna subjetiva e empírica. A opinião é baseada no empirismo. A pessoa comenta com base na experiência de vida que tem e na experiência que já teve ao se conectar a um culto pela internet.

Também é necessário analisar as críticas que as pessoas desigrejadas fazem aos pastores, principalmente aqueles com alto níveis de audiência e engajamento, como os que têm programas na televisão, porque estão mais expostos e são mais famosos nacionalmente. Muitas vezes, as pessoas incorrem em crime contra a honra ao difamar, injuriar e caluniar os pastores nas redes sociais.

Esta pesquisa contribuiu para a liderança eclesiástica refletir sobre a questão do desigrejamento, da crise do pertencimento religioso e da evasão das igrejas. Existe hoje a recusa de fazer parte da igreja institucional. Isso remete também à questão do pertencer e do não pertencer, pois as pessoas sem igreja recusam a instituição, não aceitam que a instituição cumpra seu papel de regular a crença, negam-se a pertencer à comunidade local e institucional. Pertencer é ser membro, fazer parte. Membro é uma das pessoas que compõe uma comunidade. O não pertencer é a não filiação, não ser membro, distanciar-se da instituição. Esta pesquisa se soma a outros livros e artigos que analisam o fenômeno da crise do pertencimento à luz do cenário nacional. Isso é importante porque grande parte da literatura existente hoje somente aborda o assunto do desigrejamento analisando-o internacionalmente. Sabe-se que o fenômeno é mundial, mas a igreja nacional precisa de mais informações e análise sobre o desigrejamento brasileiro.

Outro ponto crucial que esta pesquisa abordou foi descrever o desigrejamento nas redes sociais. Esse é um diferencial deste estudo porque os livros não apresentam esse aspecto. É inovador estudar as pessoas desigrejadas nas comunidades do Facebook. Por ser um campo de atuação das pessoas desigrejadas, o espaço on-line é também um vasto campo de pesquisa que os líderes evangélicos não podem desconsiderar.

As pessoas desigrejadas precisam ser melhor compreendidas pela liderança da igreja evangélica brasileira. Esse grupo ainda é mal estudado, criticado, incompreendido, confundido com os desviados e com as pessoas sem religião e que carrega muita decepção com os membros da comunidade de fé. Observou-se que chegou o tempo de os evangélicos cuidarem melhor dos próprios evangélicos. Muita atenção é dada à evangelização que gera novas conversões, mas é importante voltar-se para acolher e cuidar mais das pessoas que já estão nas igrejas e para aquelas que abandonaram o templo.

Os líderes precisam se autoanalisar para ver em que aspecto o ministério precisa melhorar. As pessoas desigrejadas também devem se observar para saber quais são as reais motivações do afastamento das reuniões. Existe crescimento mútuo quando os evangélicos se ajudam como corpo de Cristo. O afastamento impede esse relacionamento e a disciplina em amor. Mesmo entendendo que esse tornou-se um novo modelo de ser igreja, a preocupação é que as pessoas desigrejadas se afastem definitivamente da fé em Jesus Cristo o que comprometeria a salvação pessoal.



## REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César. Batismo e iniciação cristã frente à desinstitucionalização da religião. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 390-402, 2012. p. 392-393. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/977>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes femininas nos avivamentos**: Europa e Estados Unidos: séculos 18, 19 e início do século 20. Viçosa: Ultimato, 2020.

ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro**: a religiosidade, o papel feminino, as denominações e suas pioneiras. Viçosa: Ultimato, 2022.

ALVES, Arleu. **Carro forte se preparando para levar dinheiro para o céu**. Barro Alto, BA, 30 jan. 2024. Facebook: arleu.alves.1. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1104979093975408&set=gm.7558601290816802&id=2394891527187830>. Acesso em: 1 fev. 2024.

AQUINO, João Paulo T. Culto on-line, sim. Ceia virtual não. Batismo presencial individual pode. Batismo virtual não. **Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper**, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: [https://cpaj.mackenzie.br/recursos/blog-andrew-jumper/artigo?tx\\_news\\_pi1%5Baction%5D=detail&tx\\_news\\_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx\\_news\\_pi1%5Bnews%5D=23975&cHash=7711fe3fc6c7acca6735cc8d02c20b6c](https://cpaj.mackenzie.br/recursos/blog-andrew-jumper/artigo?tx_news_pi1%5Baction%5D=detail&tx_news_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx_news_pi1%5Bnews%5D=23975&cHash=7711fe3fc6c7acca6735cc8d02c20b6c). Acesso em: 17 ago. 2022.

BAILEY, Lowell. **Vinte e cinco segredos para derrotar a crise da comunhão**. 2a. edição. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP Editora, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARNA, George. **Revolução**. Cansado da igreja? Encontre uma fé vibrante além das paredes do santuário. São Paulo: Editora Abba Press, 2007.

BARTZ, Alessandro; BOBSIN, Oneide; SINNER, Rudolf von. Mobilidade religiosa no Brasil: conversão ou trânsito religioso? *In*: REBLIN, Iuri; SINNER, Rudolf von (org.). **Religião e Sociedade**: desafios contemporâneos. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2012.

BARTZ, Alessandro. Múltiplas pertencas, desinstitucionalização e desregulação da crença: refletindo a modernidade religiosa no Brasil. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 25, p. 8-18, 2011. p. 18. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/139>. Acesso em: 29 nov. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Entre cruz e a cultura pop: mídia evangélica no Brasil. *In*: FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). **Novas Perspectivas sobre o Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

Bereianos Apologética e Teologia Reformada. **Os desigrejados**. 27 de setembro de 2013. Disponível em: <https://bereianos.blogspot.com/2013/09/os-desigrejados.html>. Acesso em: 29 abr. 2018.

BERLINCK, Fernanda; OLIVEIRA, Marih. Como o Brasil saiu do mapa da fome em 2014, mas voltou a ter índices elevados de miséria. **G1**, [S.l.], 27 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/11/27/como-o-brasil-saiu-do-mapa-da-fome-em-2014-mas-voltou-a-ter-indices-elevados-de-miseria.ghtml>. Acesso em: 4 dez. 2023.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. 1728p.

BINALVES, César Lucas. **Desigrejados e a desinstitucionalização**. São Paulo: Editora Fiel, 2021.

Blog da Ultimato. **Desigrejismo**: “anomalia” ou opção? Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2018/11/13/desigrejismo-anomalia-ou-opcao/>. Acesso em: 21 set. 2022.

BOMILCAR, Nelson. **Os sem igreja**: buscando caminhos de esperança na experiência comunitária. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

BRABO, Paulo. **Bacia das almas**: confissões de um ex-dependente de igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

BRASIL CONTRA A CORRUPÇÃO RELIGIOSA. c2018. Facebook: @brasilcontraacorrupcaoreligiosa. Disponível em: <https://m.facebook.com/Brasil-Contra-a-Corrupt%C3%A7%C3%A3o-Religiosa-303224403122719/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

BURITY, Joanildo. Religião e Política na Fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. **REVER** – Revista de Estudos da Religião, São Paulo, n. 4, p. 27-45, 2001.

BURKE, John. **Proibida a entrada de pessoas perfeitas**: um chamado à tolerância na igreja. São Paulo: Editora Vida, 2006.

CAIRNS, Earle. **O cristianismo através dos séculos**. Uma história da igreja cristã. 3ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMBA, Tomás. A importância dos cultos online em época de isolamento social. **Estadão**, São Paulo, 8 maio 2020. [Blog Fausto Macedo]. [n.p.]. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/a-importancia-dos-cultos-online-em-epoca-de-isolamento-social/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

CAMPOS, Idauro. **Desigrejados**. Teoria, história e contradições do niilismo eclesiástico. Rio de Janeiro: Bvbooks, 2017.

CAPLER, Rodolfo. Por que milhões de evangélicos estão abandonando suas igrejas. **Veja**, [S.l.], 9 maio 2022. [Blog Matheus Leitão]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/por-que-milhoes-de-evangelicos-estao-abandonando-suas-igrejas/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

CARSON, Donald A. (org.). **As escrituras dão testemunho de mim: Jesus e o evangelho no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

CASTRO, Napoleão de. Cristãos desigrejados. Disponível em: <https://adalagoas.com.br/blogs/pr-napoleao-de-castro/12401/cristaos-desigrejados>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CÉSAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

CINCO motivos para transmitir o seu culto online! **ISBRASIL**, Rio de Janeiro, 8 jul. 2016. Disponível em: <https://www.isbrasil.info/blog/5-motivos-para-transmitir-o-seu-culto-online.html>. Acesso em: 17 ago. 2022.

Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas. Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 de agosto de 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1508201102.htm>. Acesso em: 21 abr. 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil**. Documentos da CNBB 99. 4. ed. atualizada. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CORAZZA, Delana; TOSTES, Angelica; FERNANDES, Marco. Cultos online e as fissuras do fundamentalismo religioso no Brasil. **Tricontinental**, [S.l.], 26 jun. 2020. [n.p.]. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/evangelicos-e-o-coronachoque-cultos-online-e-as-fissuras-do-fundamentalismo-religioso-no-brasil/#:~:text=Em%20um%20levantamento%20de%20dados,para%20o%20enfrentamento%20do%20v%C3%ADrus>. Acesso em: 17 ago. 2022.

CORBÍ, Marià. La gran crisis de las religion y el auge de los integristas. *In*: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (org.). **O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CULTO da noite - 05/03/2023 - 19h (horário de Brasília). Brasília, 13 mar. 2023. **Youtube**: publicado pelo canal Igreja Memorial Batista de Brasília, 1 vídeo (123min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=PIgBlxRZTJI&ab\\_channel=IgrejaMemorialBatistaDeBras%C3%ADlia](https://www.youtube.com/watch?v=PIgBlxRZTJI&ab_channel=IgrejaMemorialBatistaDeBras%C3%ADlia). Acesso em: 6 mar. 2023.

CULTO da virada – Nós somos | Pr. Arthur Pereira. [S./], 31 dez. 2023. **Youtube**: publicado pelo canal Igreja do Amor, 1 vídeo (56min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=jqs2A95byR8&list=RDCMUCj9EdDivyWEQ\\_Nf6gyUy99Q&index=1](https://www.youtube.com/watch?v=jqs2A95byR8&list=RDCMUCj9EdDivyWEQ_Nf6gyUy99Q&index=1). Acesso em: 1 jan. 2024.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Acompanhe o Papo de Graça ao vivo, ao meio-dia, de terça a sexta, no portal [...]**. [S./], 12 ago. 2022. Facebook: @caiofabio.vvtv, 1 vídeo (6min7s). [n.p.]. Disponível em: [https://www.facebook.com/watch/?v=4892009094233471&extid=CL-UNK-UNK-UNK-AN\\_GK0T-GK1C-GK2C&ref=sharing](https://www.facebook.com/watch/?v=4892009094233471&extid=CL-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C-GK2C&ref=sharing). Acesso em: 15 ago. 2022.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. Os homens primitivos, na Bíblia, não davam dízimo com a lógica de hoje! Templo nem havia. **Youtube**, 21 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3jwEzi108gs>. Acesso em: 27 abr. 2018.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Quem somos**. [S./], c2018. [n.p.]. Disponível em: <https://caiofabio.net/quem-somos>. Acesso em: 29 abr. 2018.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **OS DESIGREJADOS. Resposta a uma Entrevista. 1) Como líder cristão com larga trajetória [...]**. [S./], 14 ago. 2013. Facebook: @caiofabio.vvtv. Disponível em: <https://www.facebook.com/caiofabio.vvtv/photos/a.405308182853944.106127.405107339540695/587230071328420/?type=1&theater>. Acesso em: 12 abr. 2018.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Exortação do Caio aos "desigrejados" que chegam à Vem e Vê TV**. [S./], 26 jun. 2014. Youtube: publicado pelo canal Caio Fabio, 1 vídeo (10min23s). [n.p.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=88P2MKT8W-l>. Acesso em: 29 abr. 2018.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fabio. **Igreja não é uma palavra que veio do céu**. Desigrejado é uma palavra que eu não uso! [S./], 25 set. 2017. Youtube: publicado pelo canal Caio Fabio, 1 vídeo (6min56s). [n.p.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xnBKf-5sxe4>. Acesso em: 29 abr. 2018.

DAVIS, John. **Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Hagnos, 2005.

DESIGREJADOS DAS DENOMINAÇÕES LIVRES E DO SISTEMA RELIGIOSO. **Sejamos livres desse sistema religioso denominacional que só divide o verdadeiro corpo de Cristo [...]**. c2018. Facebook: @desigrejadosdosistemareligioso. Disponível em: <https://www.facebook.com/Desigrejados-do-Sistema-Religioso-Institui%C3%A7%C3%B5es-954178121412051/>. Acesso em: 27 abr. 2018.

DESIGREJADOS EM CRISTO. C2018. **Facebook**: @desigrejadosemcristo. Disponível em: <https://www.facebook.com/desigrejadosemcristo/>. Acesso em: 16. out. 2024.

DESIGREJADOS VERSUS IGREJADOS. C2020. **Facebook**: @desigrejadosversusigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/209728187481391/>. Acesso em: 21 out. 2024.

DEYOUNG, Kevin; KLUCK, Ted. **Porque amamos a igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

DOMINGO ESPETACULAR. Cavernas da Turquia serviam de abrigo durante perseguição religiosa. **YouTube**, 25 de junho de 2018. Disponível em: Cavernas da Turquia serviam de abrigo durante perseguição religiosa. <https://www.youtube.com/watch?v=6s-l28R1sX0>. Acesso em: 2 jul. 2022.

DYRNESS, William A.; KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. **Dicionário Global de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2016.

BUTZKE, Paulo Afonso. Espiritualidade. In: BORTOLLETO, Fernando Filho Bortolletto (org.) **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: Aste, 2008.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

ELKINS, David N. **Além da religião**: um programa personalizado para o desenvolvimento de uma vida espiritualizada fora dos quadros da religião tradicional. São Paulo: Editora Pensamento, 11ª edição, 2005.

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS. **Significado de Axiologia**. c2023. Disponível em: <https://www.significados.com.br/axiologia/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo, Vida Nova, 2015.

FÁBIO, Caio. Os homens primitivos, na Bíblia, não davam dízimo com a lógica de hoje! Templo nem havia. **Youtube**, 21 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3jwEzi108gs>. Acesso em: 27 abr. 2018.

FERREIRA, Elis Amâncio. **Mídias sociais na igreja**: usando o meio digital para o Reino. Belo Horizonte: Promove Artes Gráficas, 2018.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**. Uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). **Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

FOLEY, John P.; PASTORE, Pierfranco. Pontifício conselho para as comunicações sociais: Igreja e Internet. **Vaticano**, Cidade do Vaticano, 22 fev. 2002. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_20020228\\_church-internet\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html). Acesso em: 1 jan. 2024.

GAYS CRISTÃOS DESIGREJADOS DE BRASÍLIA E ENTORNO. c2018. **Facebook:** @gayscristaosdesigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/636846066716558/>. Acesso em: 16 out. 2024.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática Atual e Exaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GERONE JUNIOR, Acyr de. **Evangelicalismo brasileiro**. In: Apostila da Pós-Graduação em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão. Apostila. Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil/FABAT - Faculdade Batista do Rio de Janeiro (s.d).

GOIS, Antônio; SCHWARTSMAN, Hélio. **Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 de agosto de 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1508201102.htm>. Acesso em: 21 de abr. 2018.

HAHN, Noli B.; CRUZ, Francieli Borchardt da; BOHNENBERGER, Gustavo Wohlfahrt. Tolerância e Intolerância Religiosa: apontamentos conceituais e históricos em diálogo com autores clássicos. In: GABATZ, Celso; ANGELIN, Rosângela (org.). **As configurações das identidades em tempos de intolerâncias e fundamentalismos** [e-book]. Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2021. p. 13-28. p. 17. Disponível em: <https://claec.org/editora/wp-content/uploads/sites/3/2021/02/As-configuracoes-das-identidades-em-tempos-de-intolerancias-e-fundamentalismos.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2024.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2ª edição, 2017.

HARPPRECHT, Christoph Schneider; ZWETSCH, Roberto E. (org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. 3 ed. rev. e ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticialBGE>. Acesso em: 20 abr. 2022.

JACOBSEN, Wayne; COLEMAN, Dave. **Por que você não quer mais ir à igreja?** Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2017.

KIMBALL, Dan. **Eles gostam de Jesus, mas não da igreja: insights das gerações emergentes sobre a igreja**. São Paulo: Editora Vida, 2011.

KINNAMAN, David; LYONS, Gabe. **Descrentes**: o que a nova geração realmente pensa sobre o cristianismo e porque isso é importante. Pompeia: Universidade da Família, 2012.

KINNAMAN, David. **Geração perdida**: por que os jovens estão abandonando a igreja e repensando a fé. Pompeia: Universidade da família, 2014.

KIRST, Nelson. **A liturgia toda**: parte por parte. 2ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

KRAYBILL, Donald B. **O reino de ponta cabeça**. Bragança Paulista: Jesus Copy, 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNIO, 1998 *apud* ADAM, Júlio C.; SCHMIEDT, Valburga Streck; HERBES, Nilton E. Teologia Prática na Escola Superior de Teologia: um legado a ser explorado.

**Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 227-248, jul./dez. 2016.

Disponível em:

[http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/2868/pdf](http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2868/pdf).

Acesso em: 22 mar. 2024.

LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LOPES, Augustus Nicodemus. Se eu sou a igreja, por que tenho que ir a templos?

**Youtube**, 23 de julho de 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=u39kGAYGHUU>. Acesso em: 1 set. 2022.

LOPES, Augustus Nicodemus. Os Desigrejados. **Tempora! Mores!** 2010. Disponível em: <http://tempora-mores.blogspot.com.br/2010/04/os-desigrejados.html>. Acesso em: 22 abr. 2018.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Uma igreja complicada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

MACARTHUR, John. **Com vergonha do evangelho**: quando a igreja se torna como o mundo. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2016.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010.

**Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 129, jul./dez. 2013. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/43696/27488>. Acesso em: 3 dez. 2023.

MCGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MEDEIROS, Lenildo. Culto ao vivo online: algumas reflexões sobre ser igreja virtual.

**Agência Soma**, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.soma.org.br/tecnologia/210-cultos-ao-vivo-online-igreja-virtual>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MELLO, Emanuelle. Cinco aspectos da igreja on-line para além do culto. **Atos6**, [S./], 29 mar. 2021. [n.p.]. Disponível em: <https://blog.atos6.com/2021/03/29/igreja-on-line-para-alem-do-culto/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

MINISTÉRIO DAS MULHERES, DA IGUALDADE RACIAL, DA JUVENTUDE E DOS DIREITOS HUMANOS. **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011- 2015)**: resultados preliminares. Organizado por Alexandre Brasil Fonseca e Clara Jane Adad. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016. p. 31-33. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/cnrdr/pdfs/relatorio-de-intolerancia-e-violencia-religiosa-rivir-2015>. Acesso em: 31 jan. 2024.

MOSCHELLA, Mary Clark. **Living devotions**: Reflections on immigration, identity, and religious imagination. Wipf and Stock Publishers, 2008.

MOTTA, Rodrigo. **Igreja digital?** A missão da igreja no mundo pós-digital. São Paulo: Quitanda, 2020.

MOVIMENTO DESIGREJADOS. c2018. **Facebook**: @movimentodesigrejados. [n.p.]. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/520552838320532>. Acesso em: 18 abr. 2018.

NEE, Watchman. **O Mistério de Cristo**. São Paulo: Árvore da Vida, 2004.

NERY, Carmen. **Internet foi acessada em 72,5 milhões de domicílios do país em 2023**. Agência IBGE Notícias, [S./], 16 ago. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41024-internet-foi-acesada-em-72-5-milhoes-de-domicilios-do-pais-em-2023>. Acesso em: 19 ago. 2024.

NIGHTBOT. Ferramenta útil de bate-papo do Twitch. **Softonic**, [S./], [s.d.]. Disponível em: <https://nightbot.softonic.com.br/online>. Acesso em: 18 dez. 2023.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa** [livro eletrônico]. Coord. Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020. (Série Feminismos Plurais). p. 21. Disponível em: [https://www.academia.edu/43376161/INTOLER%C3%82NCIA\\_RELIGIOSA\\_Sidnei\\_Nogueira](https://www.academia.edu/43376161/INTOLER%C3%82NCIA_RELIGIOSA_Sidnei_Nogueira). Acesso em: 1 jan. 2024.

NOSSA causa. **Mocidade Para Cristo**, Belo Horizonte. Disponível em: <https://mpc.org.br/nossa-causa/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

NÚCLEO DE PRODUÇÃO DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO. Uma Igreja Complicada - Resenha 16. **YouTube**, 3 de julho de 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=w99yWBs0t\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=w99yWBs0t_c). Acesso em: 5 jul. 2022.

OLIVEIRA, Francisco Alves de. O desafio comunitário de ser igreja e a busca da reversão do êxodo eclesial. **Via Teológica**, Curitiba, v. 21, n. 41, p. 11-46, jun. 2020.

Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/166>. Acesso em: 23 set. 2022.

OLIVEIRA, Jairo de. Os novos rumos na pregação do evangelho. In: LOPEZ, Neri Lopez (org.) **Cristianismo pós-pandemia: impacto e oportunidades**. São Paulo: Vida, 2020.

OS DESIGREJADOS. c2018. **Facebook**: @osdesigrejados. Disponível em: <https://www.facebook.com/osdesigrejados/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

OSTROWSKI, Carla Irina. Culto cristão. In: BORTOLLETO, Fernando Filho Bortolletto (org.) **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: Aste, 2008.

PADILHA, Adriano. Emoji. **Enciclopédia Significados**, [S./], c2023. Disponível em: <https://www.significados.com.br/emoji/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

PFEIFFER, F. Charles; VOS, Howard F; REA, John. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2ª edição, 2023.

PIB Curitiba. Casas de glórias. Disponível em: <https://www.e-inscricao.com/pibcuritiba/casasdegloria24#about-section>. Acesso em: 04 ago. 2024.

PINOTTI, Fernanda. Brasil tem 33 milhões passando fome, como disse Lula? Entenda divergências de números. **CNN**, São Paulo, 6 fev. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-tem-33-milhoes-passando-fome-como-disse-lula-entenda-a-divergencias-de-numeros/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, Brasília/DF, n. 3, p. 61-71, 2014.

PRIBERAM [Dicionário da Língua Portuguesa]. **Abuso**. c2018. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/abuso>. Acesso em: 12 abr. 2018.

QUARENTA e cinco por cento dos que professam alguma fé estão acompanhando cultos pela TV ou internet. **Poder360**, [S./], 20 out. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/45-dos-que-professam-alguma-fe-estao-acompanhando-cultos-pela-tv-ou-internet/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

RAÇA DE VÍBORAS. c2018. **Facebook**: @racadeviboras123. Disponível em: <https://www.facebook.com/racadeviboras123/>. Acesso em: 4 mai. 2018.

RAINER, Thom S. **A igreja pós-quarentena: seis desafios e oportunidades urgentes que determinarão o futuro de sua congregação**. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

RAINER, Thom S.; RAINER III, Sam S. **Igreja essencial: resgatando uma geração que está abandonando a fé**. Brasília: Palavra, 2014.

RECUERO, Raquel. **A conversa em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REINKE, Tony. **A guerra dos espetáculos**: o cristão na era da mídia. Trad. Vinicius Silva Pimentel. São José dos Campos: Editora Fiel, 2020.

RIBEIRO, Flávio Augusto Senra. Crise e emancipação no horizonte das espiritualidades não religiosas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 654-657, jul./set. 2014. p. 654. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2014v12n35p654>. Acesso em: 21 set. 2024.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Religiosos sem igreja: um mergulho na categoria censitária dos sem religião, **Rever** Revista de Estudos da Religião. Ano 7, p. 31-56. dezembro 2007.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Liberdade de afirmar-se sem religião: reflexo de transformações no Brasil contemporâneo. **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, vol. 2, nº 1, p. 49-64, jan.- jun. 2011.

ROOS, Jonas. Religião. In: BORTOLLETO, Fernando Filho Bortolletto (org.) **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: Aste, 2008.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **Igreja do cansaço**: desafios do cristianismo no mundo atual. Curitiba: Esperança, 2024.

SANTOS, Douglas Souza. **Desigrejados**: um caso de reconfiguração religiosa entre os evangélicos brasileiros no contexto da modernidade radicalizada. Rio de Janeiro: Bonecker, 2018.

SARANAM, Sankara. **Deus sem religião**. São Paulo: Vida e Consciência Editora, 2008.

SBARDELOTTO, Moisés. Entrevista [concedida ao Comitê Editorial]. **Último Andar**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 5-18, 2016. p. 6. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/31305/21805>. Acesso em: 31 dez. 2023.

SBARDELOTTO, Moisés (et al). **Influenciadores digitais católicos**: efeitos e perspectivas. São Paulo: Ideias e Letras/Paulus, 2024.

SBARDELOTTO, Moisés. Religião e internet. Entrevista com Moisés Sbardelotto. **Último Andar**, São Paulo, n. 28, p. 5-18, 2016. p. 8. Disponível em: [https://www.academia.edu/30706574/Religi%C3%A3o\\_e\\_internet\\_Entrevista\\_com\\_Mois%C3%A9s\\_Sbardelotto?email\\_work\\_card=view-paper](https://www.academia.edu/30706574/Religi%C3%A3o_e_internet_Entrevista_com_Mois%C3%A9s_Sbardelotto?email_work_card=view-paper). Acesso em: 31 dez. 2023.

SCHLEMPER, Glaudir. Por que transmitir o meu culto ao vivo? **DIGILAB**, Florianópolis, 18 jan. 2017. [n.p.]. Disponível em: <https://www.digilab.com.br/blog/culto-ao-vivo/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SENRA, Flávio. Espiritualidade sem-religião: o cultivo da qualidade humana. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 47, n. 149, p. 605-633, set-dez, 2020.

SENRA, Flávio. Pessoas sem religião: considerações sobre o fenômeno das pessoas sem religião com crença. **Faje**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=13B8DVglbkY>. Acesso em: 26 nov. 2024.

SILVA, Clemildo Anacleto; RIBEIRO, Mario Bueno. **Intolerância religiosa e direitos humanos**: mapeamentos de intolerância. Porto Alegre: Editora Sulina; Editora Universitária Metodista, 2007.

SILVA, Rodrigo. A falsa teologia dos desigrejados. **Youtube**, 2 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTYiUTakOFM>. Acesso em: 14 set. 2024.

SOUTO, Luane; REIS, Phelipe. Há riscos para as igrejas imersas no ambiente digital? **SEPAL**, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://sepal.org.br/ha-riscos-para-as-igrejas-imersas-no-ambiente-digital/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SPADARO, Antonio. **Web 2.0**: Redes sociais. São Paulo: Paulinas, 2013.

STETZER, Ed. Uma igreja online é realmente uma igreja? Trad. Moisés Sbardelotto. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 25 abr. 2014. [n.p.]. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/530617-uma-igreja-online-e-realmente-uma-igreja>. Acesso em: 17 ago. 2022.

TWENGE, Jean M. **iGen**: porque as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a idade adulta. São Paulo: NVersos, 2018.

ULTIMATO. **O que afasta as pessoas da Igreja?** Diálogos de Esperança. Participantes: Fernanda Salviano e Ricardo Agreste. Mediador: Valdir Steuernagel. [S.l.], 14 jun. 2022. Youtube: publicado pelo canal Editora Ultimato, 1 vídeo (60min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0wle-uRZGAA>. Acesso em: 21 set. 2022.

VELIQ, Fabrício. Da intolerância ao diálogo: um caminho necessário. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 24, n. 1, p. 126-136, jan./jun. 2019. p. 133. Disponível em: [file:///C:/Users/jorna/Downloads/3597-14035-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/jorna/Downloads/3597-14035-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 16 jan. 2024.

VIEIRA, José Álvaro Campos. **Os sem-religião**: aurora de uma espiritualidade não religiosa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

VIOLA, Frank. **Reimaginando a igreja**. Brasília: Editora Palavra, 2009.

WASHER, Paul. **Dez acusações sobre a igreja moderna**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013. E-book.

WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais. In: FERREIRA, Cesário Leonel Ferreira (org.). **Novas Perspectivas sobre o Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

XAVIER, Mizael. **Decepcionados com a igreja: 70 razões e desculpas para a evasão nas igrejas cristãs**. Parnamirim: Editora 5S, 2020. E-book.

YANCEY, Philip. **Alma sobrevivente: sou cristão, apesar da igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

YANCEY, Philip. **Igreja por que me importar?** Redescobrimo o prazer da vida em comunidade. São Paulo: Vida Nova, 2014.

ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da Teologia Prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.